

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Luísa Arantes Bahia

Revisitando o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus:
internacionalizando a literatura brasileira através da retradução

Juiz de Fora
2026

Luísa Arantes Bahia

Revisitando o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus:
internacionalizando a literatura brasileira através da retradução

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção de título de doutor.

Orientadora: Prof. Dr^a. Carolina Alves Magaldi

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bahia, Luísa Arantes.

Revisitando o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus : internacionalizando a literatura brasileira através da retradução / Luísa Arantes Bahia. -- 2026.
338 f. : il.

Orientadora: Carolina Alves Magaldi

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2026.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Quarto de despejo. 3. tradução literária. 4. retradução. 5. literatura brasileira. I. Alves Magaldi, Carolina, orient. II. Título.

Luísa Arantes Bahia

Revisitando o Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus: internacionalizando a literatura brasileira através da retradução

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 14 de julho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Carolina Alves Magaldi - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Thiago Mattos de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Raffaella Andrea Fernandez
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Felipe Fanuel Xavier Rodrigues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Margaret Weeks
Universidade da Florida (University of Florida)

Juiz de Fora, 09/06/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Alves Magaldi, Professor(a)**, em 14/07/2026, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Fanuel Xavier Rodrigues, Usuário Externo**, em 14/07/2026, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Margaret Weeks, Usuário Externo**, em 14/07/2026, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Mattos de Oliveira, Professor(a)**, em 15/07/2026, às 15:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raffaella Andréa Fernandez, Usuário Externo**, em 24/07/2026, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **3020289** e o código CRC **487A10BA**.

À minha mãe, meu maior exemplo, pelo apoio constante, pelos conselhos e pela confiança inabalável no meu caminho. Desde os primeiros momentos em que comecei a pesquisar a obra de Carolina Maria de Jesus, foi ela quem, com sua sensibilidade e intuição, insistia que eu deveria realizar uma retradução — muito antes de eu mesma considerar que isso poderia se tornar um projeto real. Hoje, com este trabalho concluído, vejo que foi a sua fé e a sua crença em mim, mesmo quando eu própria não via essa possibilidade, que tornaram este percurso possível. Amo você infinitamente.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade e a Deus por toda proteção e força durante esses anos, que vocês possam continuar guiando o meu caminho.

À minha família, pelo amor incondicional que sempre me sustentou ao longo deste caminho. Em especial, ao meu padrinho Rubens, meu pai de coração, pela presença constante, pelo cuidado e pelo apoio em todos os momentos. Ao meu afilhado Thor, que é, ao mesmo tempo, meu irmão mais novo e meu filho de coração, e que me ensina muito mais do que imagina. Amo vocês.

Aos meus avós, Lecy (*in memoriam*) e Carlos Rubens (*in memoriam*), pelo legado de afeto e cuidado. Tenho a certeza de que, mesmo ausentes fisicamente, acompanham e se alegram com cada uma das minhas conquistas, espero que tenham orgulho de mim. À minha vó Maria, por compartilhar comigo a alegria de cada passo dado, por mais simples que pareça, e por me ensinar, com sua própria história, a cultivar a força mesmo diante das adversidades.

Ao meu namorado, Wallef, pelo apoio constante, pelo carinho, pela paciência e por estar ao meu lado em todos os momentos deste percurso. Obrigada também por responder às minhas perguntas mais doidas quando eu estava tentando lembrar palavras ou encontrar a melhor forma de dizer algo. Sua presença comigo tornou esse caminho mais leve e possível.

Aos amigos que a vida me deu e aos amigos que a Letras me proporcionou, pelo apoio constante, pelas trocas — e especialmente nos momentos de pausa, nas conversas longas e nas saídas para beber que tantas vezes renovaram minhas energias.

À minha orientadora, Carolina Magaldi, por ter abraçado comigo esta empreitada e a grande responsabilidade que foi a construção desta tese. Agradeço pela confiança nesse projeto, pela parceria intensa ao longo de tantos anos de trabalho conjunto e pelo acompanhamento em cada etapa deste percurso. Já são sete anos de orientação, trocas, aprendizados e construção compartilhada, pelos quais sou profundamente grata.

Aos (Às) professores(as) e funcionários(as) da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação, pelas aulas, pelos ensinamentos e pelas contribuições fundamentais para a minha formação ao longo deste percurso. Em especial, à Daniele Molina, que faz sempre tudo e muito mais por nós. Sua disponibilidade, cuidado e

empenho foram essenciais em diversos momentos, inclusive para tornar possível uma das experiências mais marcantes da minha trajetória acadêmica: a realização do meu doutorado sanduíche. Serei eternamente grata.

Ao professor Edimilson de Almeida Pereira, a quem jamais serei grata o suficiente, por ter me apresentado à obra de Carolina Maria de Jesus ainda no início da graduação. Esse encontro foi decisivo e transformou profundamente a minha trajetória acadêmica e pessoal.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade, pela leitura e pelas contribuições fundamentais para o aprimoramento deste trabalho. Em especial, aos professores Thiago Mattos e Raffaella Fernandez, que participaram da banca de qualificação e cujas observações e sugestões foram essenciais para o desenvolvimento desta tese.

Agradeço à comunidade da Georgetown University, que me recebeu de forma tão acolhedora durante minha estadia em Washington, principalmente aos amigos que fiz durante meu tempo na universidade. Em especial, ao professor Vivaldo Santos, meu orientador no doutorado sanduíche, pelo acompanhamento, pelas conversas enriquecedoras e pelas contribuições fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À tradutora Lily Meyer, pelos workshops de tradução e pela generosidade em ler uma parte da minha versão e compartilhar sugestões valiosas. Ao tradutor John Keene, pela disponibilidade na troca de e-mails e por dividir comigo sua experiência e reflexões sobre o trabalho tradutório.

À Library of Congress, pelo ambiente excepcional de estudo e pesquisa. Em especial, ao Henry Widener, por toda a ajuda, pelos materiais compartilhados e pelas conversas e percepções sobre o meu projeto.

Aos leitores e leitoras betas que participaram desta pesquisa, pela disponibilidade, pelo cuidado na leitura e pelas contribuições generosas, fundamentais para o amadurecimento desta tradução e para o desenvolvimento das reflexões apresentadas nesta tese.

Às minhas amigas do Thompson-Markward Hall, pelo incentivo constante, pela companhia e por terem tornado meu tempo em Washington mais leve, feliz e inesquecível.

À SOMOS Educação e à sua equipe, pela autorização concedida para a realização desta tradução, condição essencial para o desenvolvimento e a concretização desta

pesquisa. Agradeço pela atenção, pela disponibilidade ao longo do processo e pela confiança no projeto, tornando viável um trabalho que mobiliza não apenas questões acadêmicas, mas também o compromisso com a circulação e a recepção da obra de Carolina Maria de Jesus em outros contextos linguísticos e culturais.

À FAPEMIG, pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa, e à CAPES, pelo apoio financeiro por meio da bolsa de doutorado sanduíche, que tornou possível a realização de parte desta trajetória acadêmica no exterior.

[...] a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é nada. (Berman, 2002, p. 17)

RESUMO

Esta tese tem como objetivo geral propor uma nova tradução comentada para a língua inglesa da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus, a partir da análise de elementos culturais e estilísticos da obra-fonte. Como objetivos específicos, discutiremos os aspectos extratextuais da tradução, com base principalmente na Teoria dos Polissistemas e no conceito de retradução, e os aspectos intratextuais, a partir da análise estilística e linguística do texto caroliniano, considerando questões como oralidade, variação linguística, construção da voz narrativa e prosódia semântica, além do debate e proposição de um projeto tradutório. Por meio dessa nova tradução, buscamos trazer contribuições para a área de criação literária ao propor soluções para problemas identificados na tradução anterior para a língua inglesa e colaborar com a circulação internacional da literatura brasileira, de modo a problematizar estereótipos e equívocos interpretativos historicamente construídos. Como aporte teórico, utilizaremos a Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (2013 [1979]), e o conceito de retradução discutido por autores como Gambier (1994), Berman (1999), Chevrel (2010), Ladmiral (2012), Li (2013) e Faleiros e Mattos (2017). Abordaremos também a dimensão da consagração e da reescrita literária no circuito internacional, a partir de Pascale Casanova (2010) e André Lefevere (1992), bem como reflexões sobre autoria em Roland Barthes (2004 [1968]), Michel Foucault (2009 [1969]) e Giorgio Agamben (2007). A discussão estilística será desenvolvida com base nos estudos de Efim Etkind (1967), Juliane House (1977/1981; 1997; 2001; 2009), Mona Baker (2000) e Gabriela Saldanha (2011), além das contribuições de Paulo Henriques Britto (2012) sobre tradução literária e versão. Por fim, apresentaremos o projeto tradutório fundamentado na teoria funcionalista de Christiane Nord (2016), bem como a nova versão comentada para a língua inglesa, realizada a partir da edição de *Quarto de Despejo* autorizada pela editora SOMOS Educação, acompanhada da análise das escolhas tradutórias e da recepção da tradução por leitores-beta.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; tradução literária; retradução; literatura brasileira.

ABSTRACT

This doctoral dissertation aims to propose a new annotated English translation of *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* by Carolina Maria de Jesus, based on the analysis of cultural and stylistic elements in the source text. As specific objectives, this study discusses the extratextual aspects of translation, drawing mainly on Polysystem Theory and the concept of retranslation, as well as the intratextual aspects, through a stylistic and linguistic analysis of Carolina Maria de Jesus's writing. This analysis considers issues such as orality, linguistic variation, the construction of narrative voice, and semantic prosody, in addition to debating and proposing a translation project. Through this new translation, the doctoral dissertation seeks to contribute to the field of Creative Writing by proposing solutions to problems identified in the previous English translation and by fostering the international circulation of Brazilian literature in ways that challenge historically constructed stereotypes and interpretative misconceptions. The theoretical framework is grounded in Polysystem Theory, developed by Itamar Even-Zohar (2013 [1979]), and in the concept of retranslation discussed by scholars such as Yves Gambier (1994), Antoine Berman (1999), Yves Chevrel (2010), Jean-René Ladmiral (2012), Li (2013), Faleiros and Mattos (2017). The doctoral dissertation also addresses the dimensions of literary consecration and rewriting within the international literary circuit through the work of Pascale Casanova (2010) and André Lefevere (1992), as well as discussions on authorship, using the work of Roland Barthes (2004 [1968]), Michel Foucault (2009 [1969]), and Giorgio Agamben (2007). The stylistic discussion is developed based on the studies of Efim Etkind (1967), Juliane House (1977/1981; 1997; 2001; 2009), Mona Baker (2000), and Gabriela Saldanha (2011), in addition to the contributions of Paulo Henriques Britto (2012) to literary translation and the concept of version. Finally, the doctoral dissertation presents a translation project grounded in the functionalist theory of Christiane Nord (2016), as well as a new annotated English version of *Quarto de Despejo*, produced from the edition authorized by SOMOS Educação, accompanied by an analysis of translation choices and the reception of the translation by beta readers.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; literary translation; retranslation; Brazilian literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ranking dos livros mais vendidos em 1960	39
Figura 2 - Foto tirada na exposição <i>Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros</i>	47
Figura 3 - Participantes do formulário.....	305

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ranking dos livros mais vendidos de setembro a dezembro de 1960	40
Quadro 2 - Traduções de <i>Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada</i>	49
Quadro 3 - Notas de rodapé <i>Child of the Dark</i>	97
Quadro 4 - Acréscimos e alterações na caracterização das personagens em <i>Child of the Dark</i>	98
Quadro 5 - erros de interpretação em <i>Child of the Dark</i>	99
Quadro 6 - Negro e Preto qualificando substantivos	148
Quadro 7 - Metáfora “Quarto de Despejo”	153
Quadro 8 - Uso de <i>revolt</i> e <i>outrage</i> na tradução	160
Quadro 9 - Tradução de texto em verso	174
Quadro 10 - Tradução de texto em verso	175
Quadro 11 - Tradução de texto em verso	176

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A OBRA E SUA REESCRITA EM LÍNGUA INGLESA	27
2.1	DAS FAVELAS AO MUNDO: ECOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS	27
2.2	A PALAVRA QUE ROMPE MUROS: A TRAJETÓRIA EDITORIAL DE QUARTO DE DESPEJO	38
2.3	O MUNDO TRADUZ CAROLINA: AS (RE)ESCRITAS DE QUARTO DE DESPEJO, COM FOCO NA LÍNGUA INGLESA.....	45
3	EM OUTRAS PALAVRAS: REFLEXÕES TEÓRICAS E CRÍTICAS SOBRE OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO	77
3.1	O POLISSISTEMA DE QUARTO DE DESPEJO	78
3.2	JOGOS DE ESPELHOS: O CONCEITO DE RETRADUÇÃO	84
4	UMA QUESTÃO DE ESTILO: A VOZ DA AUTORA E DA TRADUTORA	102
4.1	PERSPECTIVAS TRADUTÓRIAS: DESAFIOS NO ESTILO DE ESCRITA E NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	103
4.2	CARTOGRAFIAS DA AUTORIA: ENTRE VERSÕES, MEDIAÇÕES E OBRAS-FONTE	115
5	VERSÃO COMENTADA	123
5.1	A TRADUÇÃO EM CONSTRUÇÃO.....	123
5.2	O PROJETO DE VERSÃO: UM PRÓLOGO AO LEITOR.....	130
5.2.1	Marcadores raciais e tradução	132
5.2.2	(In)formalidade, oralidade, metáfora e tradução	149
5.2.3	Aspectos linguísticos: substantivos, pronomes, expressões e verbos	154
5.2.4	Tradução de rimas e estruturas poéticas.....	174
5.3	RETRADUZINDO QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS	177
6	CONSIDERAÇÕES TRADUTÓRIAS FINAIS.....	303
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	313

REFERÊNCIAS	316
ANEXO A – Autorização	327
APÊNDICE A – Formulário	330

1 INTRODUÇÃO

Esta tese tem por objetivo propor uma retradução de *Quarto de Despejo* que dialogue criticamente com a tradução de 1962, considerando tanto seus limites históricos quanto suas escolhas linguísticas e culturais. Parte-se do entendimento de que a tradução desempenha um papel central na construção da imagem autoral de Carolina Maria de Jesus no contexto internacional, de modo que a nova tradução busca corrigir problemas de interpretação, preservar o estilo e a voz da autora e refletir de forma mais consistente as marcas culturais, sociais e raciais presentes no texto original, à luz de debates contemporâneos sobre ética, retradução e representação.

Carolina Maria de Jesus, nascida em Minas Gerais, em 1914¹, apresentou ao Brasil, em 1960, seu primeiro e mais conhecido livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. O livro é uma compilação dos diários da autora, no qual ela narra os desafios e dificuldades enfrentados durante seu tempo na favela do Canindé, oferecendo um retrato vívido da vida nas periferias urbanas.

O impacto do livro foi imediato, vendendo 10 mil exemplares na primeira semana após seu lançamento. No entanto, sua recepção foi mista, refletindo as divisões sociais e raciais da época. Muitas críticas foram direcionadas à Carolina por ser negra e por sua condição de favelada, em vez de serem centradas na qualidade literária ou na relevância da obra.

Apesar das controvérsias, *Quarto de Despejo* conquistou reconhecimento nacional e internacional. Pouco tempo após sua publicação, o livro começou a ser traduzido para outros idiomas e, até o momento da publicação desta tese, conseguimos encontrá-lo disponível em 19 línguas e distribuído em 40 países.

No cenário estadunidense, a tradução ficou a cargo de Gayle Lee St. Clair (1932-1991), conhecido como David St. Clair. Era conferencista, jornalista, romancista e místico. Morou por um tempo no Rio de Janeiro e seu círculo de amigos e colegas era grande e variado, incluindo o ex-presidente João Goulart, sua esposa Maria Teresa e o cantor e compositor Antônio Carlos Jobim.

¹ Há uma controvérsia com relação à data de nascimento de Carolina, inclusive em sua autobiografia ela comenta: “Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914 (Jesus, 2017, p. 123)”.

No cenário brasileiro, *Quarto de Despejo* já foi amplamente estudado no viés da língua portuguesa, mas pouco trabalhado na questão tradutória, principalmente para a língua inglesa, que é o objeto de pesquisa dessa tese. Em sua maioria, os trabalhos analisam questões feministas, raciais, geográficas, históricas ou relacionadas à língua e cultura do livro original. Entretanto, vale ressaltar algumas publicações, artigos, dissertações e teses que trabalham com a questão internacional de *Quarto de Despejo*.

A dissertação de Lilian Passos Wichert Feitosa, *Brazilian Women Writers in English: Translation of Culture and Gender in Works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus and Ana Maria Machado*, 2008, a qual tivemos acesso apenas em 2025 durante o doutorado sanduíche na Georgetown University, tem como objetivo examinar como escritoras brasileiras são traduzidas para o inglês, analisando de que forma a transposição de elementos culturais e de gênero influencia a recepção dessas autoras no sistema literário norte-americano. Seu foco recai sobre a tradução de termos culturalmente específicos (CSTs) e termos marcados por gênero (GMTs), avaliando tanto as estratégias tradutórias quanto o papel dos fatores sistêmicos que determinam quais obras são consagradas internacionalmente.

Mais especificamente no capítulo dedicado a Carolina Maria de Jesus, Feitosa realiza uma leitura de *Child of the Dark* (1962), tradução de David St. Clair para *Quarto de Despejo*, identificando 506 estratégias de tradução utilizadas para verter 464 CSTs, reconhecendo que mais de uma estratégia pode ser acionada por termo. Seus dados demonstram que, embora a tradução seja amplamente considerada “estrangeirizante”, essa classificação exige nuance: mais de 50% dos CSTs são nomes próprios, e a simples repetição desses nomes leva a um índice elevado de estratégias estrangeirizantes. Além dos nomes de pessoas, Feitosa (2008) categoriza os CSTs encontrados em designações regionais e religiosas, marcas comerciais, alimentos, bebidas, moeda, expressões idiomáticas, referências literárias, musicais, históricas, religiosas e políticas. Segundo seus levantamentos, 58% das estratégias empregadas são estrangeirizantes, sobretudo porque St. Clair opta pela repetição de termos em português, frequentemente acompanhados de notas de rodapé (extra-textual gloss) ou explicações no corpo do texto (intra-textual gloss). Esse uso expressivo de paratextos torna o tradutor particularmente visível na superfície do texto.

No entanto, Feitosa (2008) demonstra que essa estrangeirização convive com um processo contínuo de normalização da linguagem de Carolina Maria de Jesus. St. Clair ajusta construções não padrão, suaviza ou acentua expressões, substitui termos, altera registros e, em certos casos, recorre a escolhas mais vulgares ou racialmente carregadas do que aquelas presentes no original. Além disso, observa que 32% dos GMTs foram neutralizados, e alguns até traduzidos com marcação de gênero oposta, gerando confusão interpretativa.

Feitosa (2008) conclui que, mesmo não sendo um tradutor renomado ou especialista, St. Clair produziu uma tradução continuamente reeditada e bem-sucedida, resultado menos de seu desempenho individual e mais da força sistêmica da obra, seu caráter pioneiro e sua relevância interdisciplinar, que atravessa estudos latino-americanos, história, estudos de gênero e sociologia. A autora (2008) também retoma a noção de Marisa Lajolo sobre o “North American accent”, argumentando que a aceitabilidade da versão inglesa — mais fluida, mais uniforme e menos marcada linguisticamente — pode ter facilitado a revalorização posterior de Carolina no Brasil, por meio de um processo indireto de retroalimentação crítica.

Feitosa (2008) ainda destaca que, embora *Child of the Dark* apresente traços estrangeirizantes, a normalização do estilo de Carolina, aliada às mudanças de registro e tom, contribui para uma recepção diferente daquela permitida pelo texto original. Assim, a tradução, ao mesmo tempo que torna a obra mais acessível ao público anglófono, também molda uma imagem distinta da autora. Nesse sentido, sua conclusão aponta para o impacto sistêmico da tradução na construção de reputações literárias e no modo como obras marginalizadas circulam internacionalmente — um aspecto que se articula diretamente com pesquisas contemporâneas sobre autoria, recepção e retradução.

Posteriormente, o artigo *A tradução francesa da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus*, em 2011, escrito pela autora Germana Henriques Pereira de Sousa, trabalha com os textos de acompanhamento e a verbalização da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus em francês com vistas à descrição da apresentação da obra ao público francês e à análise das estratégias tradutórias que operam no texto traduzido.

Destacamos também a dissertação *Análise de marcadores culturais em quarto de Despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da*

tradução baseados em corpus escrita por Patrícia Capelett e publicada em 2016. O trabalho analisa a tradução de marcadores culturais presentes nas duas obras da escritora Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*, nos aspectos referentes à tendência de explicitação e simplificação com base nos Estudos da Tradução baseada em Corpus, através do programa *WordSmith Tools*.

Ainda em 2016, com relação à análise das obras em alemão, temos a pesquisa *Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, na Alemanha*, dissertação de mestrado da pesquisadora Raquel Nascimento. Nessa pesquisa, ela demonstra, entre outras informações, que os artigos em alemão apresentam distinções da crítica brasileira, com tentativas de aproximar Carolina de Jesus dos leitores e do contexto alemão, inclusive, recriando fatos sobre a vida da autora e ligando sua figura a personagens e autores emblemáticos da literatura alemã como *Cinderela* dos irmãos Grimm, *Mãe Coragem* de Brecht e o próprio Kafka. Segundo Nascimento (2016), há, em alguns dos artigos analisados, afirmações inventadas, por exemplo, de que Carolina foi casada e tinha um marido doente. Seguindo sua pesquisa na língua alemã, Nascimento publicou também, em 2022, sua tese de doutorado *Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha: Mesma Tradução, Diferentes Leituras - Uma Análise a partir dos Paratextos das Diversas Edições sob a Ótica da Linguística de Corpus*.

Em 2019, destacamos também a publicação do artigo *A construção do outro nas edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus*, da autora Ana Cláudia dos Santos São Bernardo, que investiga como as diferentes traduções e edições da obra da escritora foram usadas para compor uma imagem específica do Brasil da década de 1960 para audiências estrangeiras. A autora analisa o poder da representação e das manipulações no processo de publicação sobre o qual certos autores têm capacidade de decisão limitada, comparando as estratégias de edição e tradução utilizadas em *Quarto de Despejo* (1960) e na tradução feita por David St. Clair intitulada *Child of the Dark* (1962) às estratégias usadas em *Meu estranho diário* (1996) e *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999), traduzido por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens. Vale destacar a informação que a autora pontua:

Sobre a tradução é interessante que uma obra ao mesmo tempo tão importante e tão desafiadora não possua um prefácio ou comentário das tradutoras, como fez David St. Clair. No entanto, os editores afirmam que o livro é “uma tradução fiel das entradas do diário

encontrado entre os materiais entregues a nós por Vera Eunice de Jesus Lima” (Jesus, 1999, p. 3, tradução nossa). A falta de um comentário das tradutoras pode ter sido uma decisão da editora, mas em se tratando de uma tradução tão complexa acho que os responsáveis poderiam ser persuadidos a incluir pelo menos algumas notas. (São Bernardo, 2019, p. 8)

Em 2021, pontuamos o artigo *Uma leitura das traduções cubana e argentina de Quarto de Despejo sob a perspectiva da crítica feminista decolonial de tradução*, escrito por Penélope Serafina Chaves Bruera, que busca indagar como raça, classe e gênero conformaram um entramado estreito e indissolúvel que condicionou tanto a recepção da autora na América Latina e no Caribe, quanto o tratamento que os/as tradutores/as deram a sua obra, através da análise das traduções para o espanhol de *Quarto de Despejo*, *Quarto de Despejo - diario de uma mujer que tenía hambre*, publicada em 1961, na Argentina, e *Favela*, publicada em 1965 em Cuba.

Destacamos também o artigo *Carolina Maria de Jesus: três poemas vertidos para o inglês*, publicado em 2022 pela autora desta tese em parceria com a orientadora Carolina Alves Magaldi e com a pesquisadora Larissa Daroda. O artigo apresenta a versão comentada de três poemas da coletânea *Antologia pessoal* (1996), de Carolina Maria de Jesus, para a língua inglesa. São delineados o projeto e o processo tradutório, com destaques para os pontos de dificuldade e de atenção durante a versão dos poemas, apresentados em paralelo com o texto fonte, sendo o primeiro “Saudades de mãe” (Longing for mom); o segundo, “O exilado” (The exiled); e o terceiro, “O lírio” (The lily). Tais poemas apresentam intertextualidade com poetas românticos brasileiros e temáticas que variam do nacionalismo ao amor não correspondido.

Ainda em 2022, destacamos o artigo *Demystifying the Stigma in the Writings of Carolina Maria de Jesus: translation strategies in translating “Favela”*, de Ana Cláudia Suriani da Silva, Elton Uliana e Raffaella Andréa Fernandez, que relata uma oficina que propôs a tradução do conto *Favela* de Carolina. A intenção dos autores com a tradução foi captar as muitas nuances e complexidades do estilo linguístico de Carolina, bem como o tom emocional cativante do conto, sem permitir que a linguagem se desintegrasse ou perdesse musicalidade, ritmo, força e convicção.

Em 2023, pontuamos também a tese *Carolina Maria de Jesus: uma análise social e cultural da tradução*, da pesquisadora Poliana Soares, que tem como objetivo investigar paratextos, reportagens nacionais e internacionais dos principais periódicos

impressos brasileiros e estrangeiros, relacionando e atualizando a lista de traduções das obras da autora e analisando as três traduções *Child of the Dark*; *I'm Going to Have a Little House* e *The Unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*, a fim de comparar as estratégias e escolhas tradutórias com ênfase analítica na tradução de *Meu Estranho Diário* sob a ótica dos estudos da cultura.

Também em 2023, temos o Trabalho de Conclusão de Curso de Tracy da Silva Carvalho, intitulado *Trechos de Quarto de Despejo: experimentando uma tradução comentada* (UFBA, 2023), que propõe uma tradução comentada de trechos selecionados da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. O objetivo é oferecer soluções tradutórias que respeitem as características do texto original, especialmente no que tange à identidade da autora como mulher negra, buscando uma tradução ética e responsável. É importante destacar que, embora Carvalho mencione pesquisas anteriores, incluindo a minha e a de Feitosa (2008), como referências para propor soluções tradutórias, optei por não consultar diretamente os trechos e soluções propostas por ela. Essa decisão foi tomada para evitar qualquer possibilidade de sobreposição de ideias ou questões relacionadas ao plágio, garantindo a originalidade e integridade da presente pesquisa. Adicionalmente, Carvalho (2023) observa que nenhuma das autoras citadas teria proposto soluções para os problemas encontrados nas traduções anteriores. É relevante destacar que a presente pesquisa de doutorado (2022–2026) está precisamente focada em desenvolver e apresentar tais soluções, que vêm sendo trabalhadas desde a realização desse mapeamento nas pesquisas anteriores. Naturalmente que, no momento da elaboração do TCC de Carvalho, essas informações ainda não estavam disponíveis.

Minha trajetória com a autora Carolina Maria de Jesus começou na disciplina “Literatura Afro-Brasileira em Sala de Aula” do professor Edimilson de Almeida Pereira no 4º período do curso de Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Fiquei impressionada com a história de vida de Carolina e com seu livro *Quarto de Despejo*, o qual descobri, na época, já havia sido traduzido para vários idiomas. Isso me levou a questionar: “Como uma obra tão rica e intrinsecamente brasileira foi traduzida para tantas línguas?” e “Como esses processos de tradução foram realizados?”. Adquiri então a versão em inglês, *Child of the Dark*, e, ao lê-la, fui surpreendida por várias nuances de tradução. Esse interesse inicial moldou o tema

do meu trabalho de conclusão de curso, que, por sua vez, orientou meu percurso no mestrado e agora no doutorado, aprofundando minha pesquisa sobre a tradução das obras de Carolina.

Com relação à questão tradutória para o inglês, através do trabalho de conclusão de curso *Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de Despejo*² (2019) e da dissertação de mestrado *Exportando literatura brasileira: Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria em língua inglesa*³ (2022), ambos defendidos na faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, conseguimos observar como alguns aspectos dessa obra e dessa escrita foram recriados na obra em língua inglesa, contribuindo para uma manutenção e, até mesmo, criação do estereótipo da cultura brasileira.

Nos trabalhos previamente mencionados, analisamos o contexto da obra (nome da obra, aspectos da oralidade, questões socioculturais); nomes próprios (pessoas e toponímia) e honoríficos; aspectos de domesticação e a imagem do país (notas de rodapé e a cultura negra); e equívocos e manipulações detrimenais (omissões, erros de interpretação e inconsistências) (Bahia, 2019). Ao final, foi possível verificar que as características analisadas presentes no original, de modo geral, não foram mantidas na tradução. Alguns dos resultados obtidos nessas pesquisas anteriores, especialmente os relacionados a erros de interpretação, omissões, inconsistências e alterações de natureza cultural e estilística, serão retomados na seção 3.2, por constituírem parte da justificativa para a retradução proposta nesta tese.

A tradução mencionada, única tradução da obra para a língua inglesa até o momento, continua a ser lida e é amplamente utilizada em universidades nos países de língua inglesa. Ao entrar no site da *Amazon*⁴, por exemplo, e acessar a aba de

² BAHIA, L. A. *Traduzindo Culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de Despejo*. 79 f. TCC - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

³ BAHIA, L. A. *Exportando literatura brasileira: Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria em língua inglesa*. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 117p. 2022.

⁴Fonte: https://www.amazon.com/Child-Dark-Diary-Carolina-Maria/dp/0451529103/ref=sr_1_1?adgrpid=190179830607&dib=eyJ2ljoMSJ9.r7t33mxZscVQ87jg5tVqOTYURAOVSdSur3Wss5KD82RHYK7wx_cGx5N94JOrAu-pi0QsTug4Qca6eXdEUL_5TUwBVLfOFh70mAzJbFXXACvycECpjUxboGto8RBTP0ytQicHvzZ1UKHWobymBrYyn6EqAJkaSMmC0lcw9rISKrB7uK6gWxc7QaBVABAXjUdKUJlqnBEuP7Y0PagrTII1gZaMcrthK60UpPNMtBbMTTA.V23bVgxl8sLGaozcocIIHMhAUeSQzjqZGGcaowg

comentários sobre livro *Quarto de Despejo*, em inglês, encontramos comentários como “Tive que ler este livro para uma disciplina de História Mundial no nível de mestrado (sou professor de história).”⁵, publicado em 17 de abril de 2019 e “Fiquei sabendo deste livro depois de ouvir um interessante documentário de rádio sobre a autora e sua vida.”⁶, publicado em 7 de junho de 2021.

Pretendemos, portanto, como objetivo geral deste trabalho, propor uma nova tradução para a língua inglesa a partir da análise de elementos culturais e estilísticos da obra-fonte. Como objetivos específicos, discutiremos os aspectos extratextuais da tradução, principalmente a partir da Teoria dos Polissistemas e do conceito de retradução, e os aspectos intratextuais, com a análise estilística e linguística do texto caroliniano, considerando questões de oralidade, variação linguística, prosódia semântica e construção da voz narrativa. Buscaremos ainda refletir sobre os processos de edição, adaptação e circulação internacional da obra, problematizando a noção de autoria e as reescritas de *Quarto de Despejo* em diferentes contextos culturais. Por fim, apresentaremos e comentaremos o projeto tradutório desenvolvido, justificando as escolhas metodológicas e lexicais adotadas na retradução, bem como analisando a recepção da versão proposta a partir do diálogo com leitores-beta.

Por meio dessa nova tradução, buscamos trazer contribuições para a área de criação literária ao propor soluções para os problemas encontrados anteriormente na tradução para a língua inglesa, buscando colaborar com a exportação da literatura brasileira de forma a eliminar estereótipos e erros anteriormente construídos. Este trabalho, também por inserir-se na área de tradução, busca apontar a importância da formação acadêmica do tradutor e da elaboração de um projeto de tradução.

A fim de cumprir os objetivos propostos, no primeiro capítulo, apresentaremos a introdução da tese. No segundo capítulo, analisaremos a trajetória de Carolina Maria de Jesus e a importância de sua obra *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*. Perpassaremos por detalhes da biografia da autora e os diversos desafios enfrentados

SQTY&dib_tag=se&hvadid=779630696386&hvdev=c&hvexpln=0&hvlocphy=9007526&hvnetw=g&hvocijid=17867298076259675442--

&hvmqmt=e&hvrand=17867298076259675442&hvtargid=kwd-314709024216&hydadcr=24658_13626626_8521&keywords=child+of+the+dark&mcid=119385463a70383aa5f00c55c2063a97&qid=1766772926&sr=8-1 Acesso em: 27 abr. 2024

⁵ Original: Had to read this for a Masters World History survey (I'm history faculty)

⁶ Original: I heard about this book after listening to an interesting radio documentary about the author and her life.

por ela. A publicação de sua primeira obra em 1960, editada por Audálio Dantas, trouxe notoriedade à Carolina, permitindo-lhe melhorar suas condições de vida, mas ela continuou a enfrentar dificuldades financeiras e discriminação. Abordaremos ainda a tradução da obra para o inglês, feita por David St. Clair, intitulada *Child of the Dark*, nos EUA, e sua recepção internacional. Após seu lançamento em 1960, a obra foi amplamente divulgada e traduzida em vários países, tornando Carolina Maria de Jesus uma das autoras brasileiras mais traduzidas.

No terceiro capítulo, abordaremos as reflexões tradutórias, nos centrando nas discussões sobre a Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (2013[1979]) e sobre o conceito de retradução amplamente discutido por vários autores. No capítulo 3.1, utilizaremos a Teoria dos Polissistemas para entender as interações culturais através da tradução. Abordaremos os três aspectos principais da Teoria dos Polissistemas, sendo eles: hierarquia, flexibilidade e dinamismo. Discutiremos como o sistema literário estadunidense recebeu a obra *Quarto de Despejo* e a utilização, internacionalmente, da obra como material de estudo em disciplinas de estudos brasileiros devido ao seu rico conteúdo cultural sobre a vida nas favelas brasileiras. Discutiremos, também, como a nova tradução busca contribuir para um deslocamento da obra de Carolina Maria de Jesus em direção ao centro do polissistema literário, em diálogo com eventos, publicações e uma atenção editorial crescente no Brasil e no exterior.

Abordaremos, ainda, na seção 3.2, o conceito de retradução, que apresenta diferentes abordagens, mostrando que retradução e tradução estão em constantes redefinições. Utilizaremos as definições de autores como Gambier (1994), Berman (1999), Chevrel (2010), Ladmira (2012), Li (2013) e Faleiros e Mattos (2017). Discutiremos, ainda, a complexidade do ato de retraduzir, que pode ser motivado por várias razões, como melhorar a qualidade, atualizar o texto, refletir avanços tecnológicos, ressignificar culturalmente o autor ou texto, e atender a motivações editoriais e comerciais.

No quarto capítulo, nos debruçaremos sobre os universos tradutórios específicos da proposta, focando na análise estilística e na variação linguística em tradução. Ao analisar *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, observa-se inicialmente a linguagem coloquial próxima da fala cotidiana. Contudo, uma leitura mais atenta revela uma flutuação significativa no nível de formalidade. Esse hibridismo

estilístico resulta da convivência entre a linguagem culta e a linguagem da favela, refletindo a posição de Carolina entre dois mundos culturais e semânticos. Discutiremos os aspectos estilísticos, fundamentais para o projeto tradutório, baseado nos autores Efim Etkind (1967), Juliane House (1977/1981, 1997, 2001, 2009), Mona Baker (2000) e Gabriela Saldanha (2011), além do conceito de “pretuguês” de Lélia Gonzalez (1988).

Dando continuidade às discussões sobre estilo e variação linguística, a seção 4.2 problematiza a própria noção de texto de partida e de autoria em *Quarto de despejo*, considerando as múltiplas edições, adaptações e reinterpretações pelas quais a obra passou desde 1960. A partir desse panorama, discute-se a mediação editorial de Audálio Dantas e seus impactos na construção da voz narrativa e na recepção crítica da obra, propondo a ideia de uma autoria tensionada ou compartilhada. Para refletir teoricamente sobre essas questões, utilizamos as noções de autoria formuladas por Roland Barthes (2004 [1968]), Michel Foucault (2009 [1969]) e Giorgio Agamben (2007), que permitem compreender a autoria como construção discursiva, função institucional e gesto ético-estético. Em seguida, a discussão se articula ao conceito de versão literária, a partir das reflexões de Paulo Henriques Britto (2012), e à dimensão política da tradução de vozes negras no cenário internacional, conforme proposto por John Keene (2016), evidenciando como a circulação internacional de Carolina Maria de Jesus implica processos contínuos de reconfiguração de sua obra e de sua imagem autoral.

Na sequência, o capítulo 5 apresenta a dimensão prática da pesquisa, voltada à construção da retradução e à explicitação do projeto tradutório adotado. Na seção 5.1, discutimos a aplicação do modelo funcionalista de Christiane Nord (2016), especialmente no que se refere ao papel do iniciador, ao *skopos*, à análise textual e à noção de lealdade, articulando essas reflexões às perspectivas éticas e políticas da tradução propostas por autoras como Oliveira (2011), Carrascosa (2017), Reis (2017) e Campos (2017), que concebem a tradução como mediação cultural, performatividade identitária e prática decolonial. Já na seção 5.2 são apresentadas as escolhas metodológicas e linguísticas que orientam a retradução, o tratamento da oralidade e da variação linguística, a recusa da equivalência direta com o AAVE, o uso de paratextos explicativos e a discussão de soluções tradutórias fundamentadas em critérios semânticos, históricos e culturais. Por fim, a seção 5.3 reúne a própria

tradução comentada de *Quarto de Despejo*, na qual se materializam as decisões teóricas e estratégicas desenvolvidas ao longo da tese.

2 A OBRA E SUA REESCRITA EM LÍNGUA INGLESA

Neste capítulo, abordaremos a biografia da autora Carolina Maria de Jesus bem como os dados mais importantes de sua trajetória como escritora. Nos deteremos com mais detalhes na obra aqui analisada, *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*, sua repercussão no cenário nacional e internacional com foco na primeira e única tradução até o momento para a língua inglesa, realizada por David St. Clair.

2.1 DAS FAVELAS AO MUNDO: ECOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS⁷

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), também apelidada Bitita, nasceu na cidade de Sacramento (Minas Gerais), vivia em uma casa recoberta de sapé, com paredes de adobe cobertas com capim. Era filha de Maria Carolina de Jesus, doméstica, e João Cândido Veloso, que ela descreve como tocador de violão que não gostava de trabalhar, também conhecido como “poeta boêmio” e “encantador de mulheres”. Morou durante algum tempo com mais um meio-irmão, Jerônimo. Carolina tinha muito orgulho do avô que, segundo ela, era filho da última remessa de negros que vieram em um navio negreiro para o Brasil, os negros cabindas.

Por intermédio da patroa de sua mãe, Carolina frequentou por apenas dois anos o Colégio Allan Kardec, a primeira escola espírita do Brasil, fundado por Eurípedes Barsanulfo. Ela relata que, no início, não gostava de estudar, sofria muito preconceito e tinha dificuldade para aprender a ler e escrever. Passado um tempo, e por incentivo da professora, foi alfabetizada e começou a gostar da escola. Carolina começou a pedir livros emprestados para os vizinhos, já que não possuíam em casa devido à pobreza e ao fato de sua família não saber ler. Sua primeira leitura foi *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães:

A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão,

⁷ Utilizamos como referência para essa seção o livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, publicada em 2015; a autobiografia de Carolina Maria de Jesus *Diário de Bitita* (3ª ed. 2017) e os dados da exposição do Museu de Arte do Rio (MAR) “Carolina Maria de Jesus: um brasil para os brasileiros” (curadoria: Raquel Barreto e Hélio Menezes). É relevante destacar que há grandes desencontros de informações biográficas e bibliográficas nos sites e trabalhos que narram sua história.

decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. (Jesus, 2017, p. 129)

Na seção sobre a biografia de Carolina, no site do Instituto Moreira Salles, temos a informação de que seu avô Benedito a letrou, “assim como o Sr. Nogueira, que se sentava na praça aos domingos para ler o jornal para as pessoas negras em Sacramento, no contexto de analfabetismo estrutural das décadas seguintes à abolição da escravidão.”⁸ Ainda segundo o site, Carolina se formou “nas leituras literárias e nas leituras de mundo que fez ao longo de sua vida. Nunca foi semialfabetizada, portanto, e sim plurialfabetizada.”⁹

Em 1923, Carolina teve que abandonar a escola e se mudar para Uberaba. Sua mãe, Maria Carolina, havia conhecido um senhor que as convidou para morar com ele e para trabalhar como colonos em uma fazenda. Com o tempo, Carolina conta que começou a apreciar a vida silenciosa do campo e que gostava de cuidar da terra, porém, passados quatro anos, o dono da fazenda se arrependeu e expulsou todos de lá. Assim, Carolina e a família regressam para Sacramento.

Nos anos que se seguiram, Carolina e sua mãe trabalharam em vários empregos, como serviços domésticos, de colheita e plantação, lavadeiras, tudo para conseguirem sobreviver.

Carolina resolve então deixar Sacramento; ela conta que apareceram feridas nas suas pernas que não cicatrizavam e, por isso, ninguém queria contratá-la. Passou por várias cidades tanto para buscar tratamento quanto para procurar emprego. Esteve novamente em Uberaba, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Sales de Oliveira e Orlândia. Chegou a trabalhar na casa São Vicente de Paulo lavando roupa dos doentes.

Não encontrando solução, resolveu voltar para Sacramento. Nessa época, por volta de 1929, a economia brasileira e mundial passava por uma crise com a Grande Depressão e a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que levou à crise do café no Brasil, prejudicando vários fazendeiros e gerando altas taxas de desemprego na população em geral.

Carolina tinha uma personalidade forte e o fato de saber ler deixava as pessoas desconfiadas, por isso era alvo de impicância de muitos. Em sua autobiografia, ela

⁸ Fonte: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/> Acesso em: 27 abr. 2024

⁹ Fonte: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/> Acesso em: 27 abr. 2024

relata que uma vez estava sentada na porta de casa e um garoto pediu para ver qual livro ela estava lendo. Era o *Dicionário Prosódico*, de João de Deus, mas como não sabia ler e o livro era grosso e pesado, o menino espalhou pela cidade que ela estava lendo o livro de “São Cipriano” (conhecido por feitiçaria). A polícia foi atrás dela, que acabou presa junto com sua mãe que tentou defendê-la das acusações inventadas de feitiçaria e de maldizer a polícia. As duas tiveram de fazer serviços braçais na cadeia e foram submetidas a condições desumanas, sem comer por aproximadamente quatro dias, além dos abusos físicos que resultaram em uma fratura no braço de sua mãe.

Após alguns dias, conseguiram que um primo pagasse a fiança e as duas decidiram deixar Sacramento. Passaram a residir de favor em um circo na cidade de Franca, já que apenas a mãe de Carolina conseguiu emprego e o dinheiro era escasso. Carolina nunca parava em um emprego, por diversos motivos. Segundo ela, ficava escrevendo e esquecia da vida, deixava o feijão queimar, a acusavam apenas porque era negra, não lhe pagavam o salário corretamente e as patroas não tinham paciência com ela.

A situação estava cada vez pior e, por isso, a mãe de Carolina decidiu voltar para Sacramento. Em 1937, Carolina, no entanto, conseguiu a oportunidade que sempre quis: um emprego para trabalhar em uma casa em São Paulo. Apesar de sonhar muito com a cidade, sempre ouvindo as pessoas falarem bem, ao chegar lá, percebeu que não estava preparada para viver em uma cidade grande, onde não conhecia ninguém:

Nunca havia visto tantas pessoas reunidas. Pensei: “será que hoje é dia de festa?” Fiquei preocupada com o corre-corre dos paulistanos. Olhares ansiosos, inquietos a espera das conduções. Uns empurrando os outros e ninguém reclamava, aquilo era normal? (Jesus, 2014a, p. 214)

Não demorou para decepcionar-se e, por volta de 1940, decidiu ir para o Rio de Janeiro. Segundo Tom Farias (2017), Carolina residiu lá por cerca de dois anos, trabalhando em casas de famílias e sempre indo a editoras e rádios para tentar ser publicada. Conseguiu, certa vez, espaço no jornal *Folha da Manhã*, no qual conheceu o jornalista Willy Aureli (1898-1968), que tirou uma fotografia de Carolina e publicou uma entrevista chamando-a de “caso exótico”. Conseguiu, também, a publicação de algumas poesias no jornal *A Noite*.

Em 1942, voltou para São Paulo e continuou sua busca pelas editoras até conseguir publicar seus poemas em alguns jornais como *Época*, *O Dia* e *O Defensor*, do qual se tornou colaboradora. Nessa época, ficou conhecida como “poetisa negra” e sua escrita era voltada para temas políticos, exaltando personalidades como Getúlio Vargas que, na época, tentava a reeleição. Ao engravidar de seu primeiro filho, João José, ela teve que sair do jornal e teve muita dificuldade para conseguir um emprego, muitas vezes dormia na rua ou embaixo de viadutos.

No início da década de 1940, São Paulo vivenciou um intenso crescimento populacional, o que resultou em um grave déficit habitacional e no consequente aumento do custo dos aluguéis. Paralelamente, o apoio do Brasil aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial contribuiu para a elevação do custo de vida, especialmente dos alimentos, além de agravar os índices de desemprego. Carolina e uma grande parcela da população enfrentavam extremas dificuldades. Nessa época, ao engravidar novamente, ela não possuía um emprego fixo e tinha que dormir na rua muitas vezes, por isso, a criança nasceu morta.

Carolina buscava trabalhar em vários lugares como arrumadeira de hotel, lavadeira, cozinheira, babá e empregada doméstica, fazia apresentações em circos, como artista, malabarista, cantora e poeta.

Nos anos seguintes, dormia nos empregos, quando tinha, em pensões e embaixo de viadutos, ou nos cortiços, que tinham se tornado muito comuns em São Paulo devido à especulação imobiliária, mas quando ficavam sabendo, os donos dos terrenos pediam às autoridades para retomarem os imóveis. Por isso, as pessoas que moravam nesses locais, assim como Carolina, procuraram o político Dr. Adhemar de Barros (1901-1969), conhecido por ajudar aqueles que necessitavam. Em conversa com o prefeito, ele conseguiu que o terreno às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, fosse destinado para essas pessoas morarem.

Os terrenos doados pela prefeitura eram extremamente pequenos para abrigar uma família inteira, possuíam seis metros de frente e doze de fundos. O local não possuía água nem esgoto encanados, todos os dias os moradores precisavam buscar água em um poço, além de não receberem nenhuma ajuda financeira ou material para a construção dos chamados “barracos”. Nessa época, Carolina ainda estava grávida de seu primeiro filho e, por isso, aceitou o pequeno pedaço de terra. Mesmo grávida, ela precisou construir seu barraco sozinha, utilizando restos de tábuas doados por

uma igreja. Todos os dias, ao chegar do trabalho, ela ia à igreja de bonde e voltava a pé, caminhando por 10 quilômetros, com as tábuas na cabeça:

Todas as noites eu dava duas viagens. Eu ia de bonde, e voltava a pé com as tabuas na cabeça. Treis dias eu carreguei tabuas dando duas viagens. Dêitava as duas horas da manhã. Eu ficava tão cansada que não conseguia dormir. Eu mesma fiz o meu barracozinho. 1 metro e meio por um metro e meio. (Jesus, 2014a, p. 25)

Na favela, Carolina sustentava a si mesma e a seus filhos catando papel, ferro e outros materiais para vender: era mãe solteira, provedora da família e escritora nas poucas horas vagas. Nas publicações que conseguiu com os jornais, ficou conhecida pelo título de “Poetisa Negra” ou “Poetisa Preta”.

Carolina tinha muita dificuldade em trabalhar com filho pequeno, então, às vezes, o deixava sozinho em casa ou, quando tinha dinheiro, pagava alguma vizinha para tomar conta. Tempos mais tarde, ela conseguiu um emprego em uma rádio, mas oito dias depois foi demitida porque estava grávida do seu segundo filho: José Carlos. Ela conta que ele era filho de um namorado de nacionalidade espanhola, que visitou a criança apenas uma vez depois do nascimento.

Em 1953, Carolina tem sua terceira filha, Vera Eunice. O pai da criança, outro espanhol, disse para Carolina não o procurar. Em um curto espaço de tempo depois de dar à luz, ela já teve que voltar a trabalhar, pois não tinham o que comer. Nas horas vagas, ela mantinha uma espécie de diário a partir dos cadernos que encontrava no lixo em que ela contava seu dia a dia na favela.

Em 1958, Audálio Dantas, repórter do jornal *Folha da Noite*, foi à favela do Canindé fazer uma reportagem sobre um parquinho que havia sido instalado para as crianças. Dantas encontrou-se com Carolina, que brigava com os adultos e os ameaçava dizendo que iria colocá-los em seu livro:

Carolina estava perto da balança dos meninos que os grandes tomaram. E, protestava, aonde já se viu uma coisa dessas, uns homens grandes tomando brinquedo de criança! Carolina, negra alta, voz forte, protestava. Os homens continuavam no bem-bom do balanço e ela advertia: Deixa estar que eu vou botar vocês todos no meu livro! (Dantas, 1960, s/p)

O jornalista conhece, assim, os 35 cadernos de anotações diárias, além de poemas, contos e diversos outros textos escritos por ela durante esses anos. Dantas

demonstra grande interesse pelos diários e, em 1958, publica no jornal *Folha da Noite*¹⁰ a matéria “O drama da favela escrito por uma favelada”, em que conta sobre Carolina e publica alguns trechos dos cadernos, começando, assim, a fazer uma projeção da autora que culminaria com o lançamento de seu primeiro livro.

O dia da assinatura do contrato para a publicação da obra na livraria Francisco Alves foi noticiado em diversos meios de comunicação, o que abriu portas para a participação de Carolina em várias reportagens e entrevistas na televisão, além de ser convidada para diversas solenidades. Carolina recebeu visitas de jornalistas de outros países, uma delas inclusive comentando a leitura de um artigo sobre a autora em alemão, todo esse cenário antes mesmo do lançamento do livro.

Carolina relata que, com o adiantamento que recebeu pelo livro, ela e os filhos não precisavam mais se preocupar com comida e conseguiam comprar roupas. Entretanto, também passou por decepções quando recebeu de volta um de seus livros, *Cliris*, com a negativa para publicação. Ela tinha a esperança do aceite com o envio aos Estados Unidos para a editora *The Reader's Digest*.

Em 1960, através da edição de Audálio Dantas, seus diários se transformaram no livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* lançado com grande sucesso e, em apenas quatro meses após a publicação, Carolina e seus três filhos conseguiram sair da favela do Canindé. Como noticiado pela imprensa da época, a saída foi muito difícil, já que os moradores gritavam, jogavam pedras e a ofendiam dizendo que ela “tinha ficado rica escrevendo sobre a favela, mas se recusou a compartilhar o dinheiro com eles”¹¹.

A autora foi para um quarto oferecido por Antônio Soeiro, que se aproximou dela durante o lançamento de *Quarto de Despejo*. Localizada em Osasco, a casa tinha água encanada e luz elétrica. A família estava muito satisfeita com o novo local, porém, em pouco tempo, passou a enfrentar problemas com os vizinhos, principalmente por conta dos filhos, que constantemente reclamavam de brigas e agressões físicas, contavam que as outras famílias não deixavam as crianças brincarem com eles, pois não queriam que se misturassem com “gente favelada”.

Outro “problema” foram as viagens ocasionadas pelo sucesso da obra, gerando grandes gastos pessoais, além da ajuda oferecida a todos que a procuravam contando

¹⁰ *Folha da Noite* – Edição de 09/05/1958

¹¹ LEVINE, R. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Miami, v. 29, n. 1, p. 55-83, 1994.

uma história triste. Carolina tinha pouco controle sobre seu dinheiro, situação muito criticada por Dantas, que pedia a ela mais comedimento.

Algum tempo depois, ainda em 1960, Carolina passou a viver em sua tão sonhada casa própria, comprada no bairro de Santana, e mantinha um novo diário com registros do que acontecia por ali. Em 1961, novamente editados por Dantas, transformaram-se no seu segundo livro publicado *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*, que teve uma triagem inicial de 30 mil exemplares.

Nessa obra, Carolina relata que, com a imprensa sempre a seguindo, logo seu endereço foi divulgado, o que levou diversas pessoas a baterem em sua porta novamente. A família não tinha sossego na nova casa, sempre chegavam pedintes em sua porta, cada um com uma história diferente. Audálio Dantas, que sempre a aconselhava, pedia mais uma vez cautela e controle por parte de Carolina, para que ela não gastasse dinheiro demais.

Entretanto, o segundo livro não teve o mesmo sucesso que o primeiro. Os convites e honrarias ainda eram advindos da primeira publicação, Carolina recebeu um diploma de membro honorário da academia de letras da faculdade de direito da USP, homenagem que seria de Jean Paul Sartre (Farias, 2017, p. 303). Na votação de “Homem do Ano”, realizada pelo jornal *Última Hora*, de São Paulo, Carolina foi nomeada e chegou a empatar com o então prefeito de São Paulo no número de votos e desbancar outras personalidades que estavam concorrendo. Entretanto, o vencedor foi José Bonifácio.

Ainda em 1961, Carolina decide pagar do próprio bolso o lançamento de um *Long play* pela RCA Victor intitulado *Quarto de Despejo*, arranjado musicalmente pelo conjunto *Titulares do Ritmo*. O disco era composto por 11 faixas de canções compostas por ela¹².

Em uma coluna da revista *Mundo Ilustrado*, um crítico, que assinava anonimamente, proferiu comentários severos sobre ela e sobre o disco:

E a voz é de uma taquara rachada apregoando guloseimas na camelotagem das ruas [para logo a seguir dizer]. Vamos respeitar essa mulher e dizer-lhe a realidade de um mundo que positivamente não é o seu, por mais que o tentem em contrário os industriais de suas limitações (Farias, 2017, p. 317).

¹² Para saber mais: BAHIA, Luísa Arantes; MAGALDI, Carolina Alves. Carolina Maria de Jesus e a música: o samba nas composições de *Quarto de Despejo*. *Jangada*, v. 11, n. 2, e110223, 2024.

Ainda no mesmo ano, 1961, Carolina viaja para Argentina, Uruguai e Chile para divulgar seu primeiro livro. Em 1962, apenas um ano depois, Carolina passa a frequentar o sítio que comprou em Parelheiros, a 40 quilômetros de São Paulo, o que colaborou para o início do esquecimento da autora nos grandes centros:

[...] Mal acostumada a receber, onde quer que chegasse, o carinho das pessoas, conhecidas ou não, sobretudo nas ruas, Carolina foi percebendo, que todo aquele afã havia diminuído bastante. Ainda era reconhecida, mas pouco. A imprensa já não dava mais grande importância para os fatos relacionados à sua vida, a menos que fosse algo surpreendente pela sua natureza, algo que produzisse alguma sensação, que chocasse a opinião pública (Farias, 2017, p. 320).

Ao final de 1962, Carolina relata que não tinha mais como comprar comida para os filhos e voltou a catar ferros. Voltar a essa vida não foi fácil, como relata seu biógrafo: “Nessas ocasiões tentava se camuflar, pois os demais catadores enxotavam ela, dizendo que ela não precisa, batendo na mesma tecla que estava rica” (Farias, 2017, p. 340). Tempos depois, surge uma matéria na imprensa mostrando que Carolina voltou para a vida de catadora, além de criar animais no sítio para seu sustento e dos filhos.

Em 1963, Carolina resolveu publicar seu romance *Felizarda*, que foi lançado como *Pedaços da Fome*. Novamente, o livro teve pouco apoio da editora, *Aquila Ltda*, e não teve sucesso. Publicou também o livro *Provérbios* de forma independente. Nessa mesma época, escreveu também *Um Brasil para Brasileiros*¹³ e, algum tempo depois, recebeu a visita de duas jornalistas, uma francesa e outra brasileira, que queriam ouvir sua história para publicar um livro sobre mulheres brasileiras. Carolina entrega a elas esses dois cadernos de anotações que seriam transformados no *Diário de Bitita*, publicado na França, após sua morte, em 1982, como *Journal de Bitita*. Em dezembro de 1976, foi lançada a edição de bolso de *Quarto de Despejo* nas bancas de jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1963, pela dificuldade encontrada em Santana, a autora decidiu sair de vez da cidade e mudou-se para o sítio. Nesse período, já esquecida

¹³ Na obra de Elzira Divina Perpétua, *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*, a obra aparece com o nome de *Um Brasil para Brasileiros*. Segundo a autora, o texto “Minha Vida”, que podemos encontrar no livro *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*, é um texto original de Carolina Maria de Jesus, que teve uma versão posterior intitulada “Brasil para os brasileiros”, publicado na França e depois integrou a versão do *Diário de Bitita*.

pela imprensa e passando novamente por problemas financeiros, ela via o sítio como algo que pudesse amenizar os custos de vida no futuro próximo, como descrito na exposição sobre a autora no MAR:

Não sendo possível manter o padrão de vida, decidiu mudar-se, no final de 1963, para o sítio que havia comprado em Parelheiros, região sul da cidade. O plano era viver com maior tranquilidade, plantando para o seu sustento e retomando uma vida rural. [...] A mudança contribuiu para o seu esquecimento em vida, embora eventualmente a imprensa lhe procurasse, no geral, em um tom de curiosidade e passadismo. Carolina nunca deixou de escrever; dessa fase, destacam-se a criação de alguns romances ainda inéditos, como *Dr. Silvio*.

Foi também nesse período que a autora começou a apresentar graves problemas nos rins e sentir muitas dores, gastando ainda mais dinheiro com médicos e remédios. Inclusive, em um determinado momento, precisou se mudar para a casa de José Carlos, agora casado, para tentar melhorar.

Em 1977, com 63 anos, a escritora Carolina faleceu vítima de uma crise violenta de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica. Seu enterro é relatado como simples e, com exceção de Audálio Dantas e um representante da livraria Francisco Alves, nenhuma figura pública compareceu. Entretanto, novamente com uma divergência de informação, na seção sobre a biografia de Carolina no site do Instituto Moreira Salles, seu enterro é descrito como o de grandes nomes da literatura brasileira: “como Luís Gama e Machado de Assis, seu velório reuniu uma multidão de pessoas pelas ruas, em derradeira despedida.”¹⁴

Hoje, Carolina de Jesus é considerada uma das primeiras escritoras negras do Brasil e uma das mais importantes do país. Seus livros continuam a ser pesquisados e reeditados e seu nome divulgado pelo país. Em 2014, é lançado o livro *Onde estaes felicidade?* pela editora Me Parió Revolução, com organização de Dinha Maria Nilda e Raffaella Fernandez, o qual reúne textos originais de Carolina Maria de Jesus e ensaios críticos sobre sua obra. Em 2016, é publicada a biografia em quadrinhos *Carolina*, de João Pinheiro e Sirlene Barbosa, premiado no Festival Internacional de Quadrinhos Angoulême e finalista do prêmio Jabuti 2017. Em 2018 é lançado o livro *Meu sonho é escrever...* pela editora Ciclo Contínuo Editorial e organizado pela

¹⁴ Fonte: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/> Acesso em 27 abr. 2024

pesquisadora Raffaella Fernandez. Em 2019, acontece a publicação de *Clíris: poemas recolhidos* com organização de Raffaella Fernandez e Ary Pimentel. No mesmo ano a escola de samba Mangueira desfila o enredo “História para ninar gente grande” em homenagem a Marielle Franco, Carolina Maria de Jesus e outras personalidades populares apagadas da história oficial.

Em fevereiro de 2021, Carolina recebe o título de doutora honoris causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No mesmo ano, a editora Companhia das Letras publicou uma nova edição de Casa de Alvenaria. Dividido em dois volumes, *Volume 1: Osasco* e *Volume 2: Santana*, os livros trazem a obra “refeita e ampliada, com texto transcrito e estabelecido integralmente a partir dos manuscritos originais da autora”. Os livros contam com imagens exclusivas dos diários e apresentam as partes que Audálio Dantas retirou durante a primeira publicação em 1961. Segundo a sinopse do livro, “com esse trabalho, espera-se restituir por completo a voz de Carolina, uma mulher brilhante que desafiou as barreiras impostas por uma sociedade racista e desigual”.

Além disso, em 2022 a escola de samba paulista Colorado do Brás fez um desfile em homenagem à escritora com o título “Carolina, a Cinderela Negra do Canindé”. No mesmo ano, a prefeitura de São Paulo inaugurou uma estátua da escritora na Praça Júlio César de Campos em Parelheiros, na Zona Sul da capital¹⁵. Já em 2023, o Ministério da Cultura lançou o Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres, para incentivar a produção literária feminina brasileira. No mesmo ano, no mês de dezembro, aconteceu o lançamento de *O escravo*, romance inédito de Carolina Maria de Jesus.

Em 2024 acontece o lançamento do site Carolina Maria de Jesus no Instituto Moreira Salles, na data do aniversário da autora, com o intuito de “celebrar e preservar sua memória e legado, conectar aqueles/as que por ela são tocados/as, reunir materiais, informações, arquivos, análises, afetos, para reverberar sua voz viva: esse site nasce como um presente para Carolina.”¹⁶

¹⁵ Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/28/estatua-de-escritora-carolina-maria-de-jesus-e-inaugurada-em-sao-paulo.ghtml> Acesso em: 23 maio 2023

¹⁶ Fonte: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br> Acesso em: 27 abr. 2024

No final de 2024, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei que inscreve o nome de Carolina Maria de Jesus no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria¹⁷. Segundo Erika Hilton, autora do projeto:

Reconhecer Carolina Maria de Jesus como uma Heroína da nossa Pátria é fazer justiça com sua história e o que ela representa para a literatura, para as mulheres negras e o nosso povo, que assim como ela, é cotidianamente excluído e marginalizado em nosso país.¹⁸

Em 2025 foi anunciada a produção de um filme baseado em *Quarto de Despejo*. A notícia da CNN Brasil¹⁹ informa que o livro ganhará uma adaptação cinematográfica dirigida por Jeferson De, com roteiro de Maíra Oliveira e produção de Clélia Bessa. A atriz Maria Gal interpretará Carolina, ao lado de um elenco que inclui Raphael Logam, Clayton Nascimento e Fábio Assunção, entre outros. As gravações estão previstas para começar em novembro nos estúdios *Quanta Rio* (no Rio de Janeiro), que serão transformados para recriar a favela do Canindé dos anos 50.

No Carnaval de 2026, a Unidos da Tijuca apresentou um enredo em homenagem a Carolina Maria de Jesus que destacou sua trajetória como mulher negra, escritora e símbolo de resistência social. A temática do desfile foi construída de forma biográfica e política, acompanhando diferentes fases da vida da autora — da infância como “menina Bitita” às experiências na favela do Canindé e ao reconhecimento literário após a publicação de *Quarto de Despejo*. As alas representaram essas múltiplas “Carolinas”: a catadora de papel, a mãe solo, a moradora da periferia, a intelectual e a voz de denúncia contra a fome e a desigualdade. Um dos carros alegóricos utilizou materiais recicláveis, evocando o universo da escrita feita em meio à precariedade e transformando a palavra em instrumento de luta.

A própria escola ressaltou que o objetivo era reafirmar Carolina como “a ‘escritora que foi favelada’ ao invés da ‘favelada que escrevia²⁰’”, reposicionando sua figura no imaginário cultural brasileiro. O samba-enredo reforçou esse caráter

¹⁷ Fonte: <https://www.camara.leg.br/noticias/1115186-camara-aprova-nome-da-escritora-carolina-maria-de-jesus-no-livro-dos-herois-e-heroínas-da-patria/> Acesso em 12 mar. 2025

¹⁸ Fonte: <https://x.com/ErikakHilton/status/1862098639755112517> Acesso em 12 mar. 2025

¹⁹ Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/quarto-de-despejo-obra-de-carolina-maria-de-jesus-vai-ganhar-filme/> Acesso em: 18 nov. 2025

²⁰ Fonte: <https://www.fmodia.com.br/holofote/carnaval-2026-unidos-da-tijuca-levara-historia-da-escritora-carolina-maria-de-jesus-para-a-avenida/?posttypedir=holofote> Acesso em: 24 mar. 2026

combativo e poético ao trazer versos que associavam literatura e resistência, como no trecho que exaltava sua força diante da exclusão social e a potência de sua voz narrativa. Assim, o desfile construiu uma homenagem que uniu memória, denúncia e celebração, evidenciando a centralidade da escrita de Carolina Maria de Jesus como expressão artística e política no carnaval.

2.2 A PALAVRA QUE ROMPE MUROS: A TRAJETÓRIA EDITORIAL DE QUARTO DE DESPEJO

Audálio Dantas, em 1958, deu início ao processo de transcrição²¹ das partes selecionadas por ele dentre os 35 cadernos de Carolina de Jesus para transformá-las no livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. O jornalista fechou o acordo de publicação com o editor da Livraria Francisco Alves.

Muito tem sido discutido sobre o processo de edição feito por Audálio Dantas. A tese de doutorado da pesquisadora Verônica Flôr, *“Esta claro que ele estando na sala de jantar não vae ver o que presta no Quarto de Despêjo”: edição de manuscritos referentes a Quarto de Despejo: diario de uma favelada Tomo 1*, apresenta uma edição sinóptica dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus, relativos aos anos de 1955, 1958 e 1959, que formaram a base de sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. O estudo teve como objetivo comparar os manuscritos com a edição publicada em 1960 por Audálio Dantas, destacando as diferenças entre os textos e a influência do processo editorial. A pesquisa conclui que a versão publicada em 1960 apresenta uma imagem da autora significativamente diferente da retratada em seus manuscritos, sugerindo a existência de intervenções editoriais que reforçaram estereótipos, silenciando aspectos importantes da voz autoral de Jesus e outras autoras negras:

As substituições contribuíram para o desenho de uma personagem desde o início pensada por Audálio Dantas que excluía a intelectual, a pensadora contemporânea incomodada com um cenário marcadamente injusto. [...] Essas substituições ocorreram no plano gramatical e as escolhas apresentadas na edição sinalizam características atribuídas a grupos com baixo ou nenhum acesso escolar, possibilitando interpretar Carolina Maria de Jesus sempre como a sujeita neste lugar. Outras marcas linguísticas que

²¹ Para saber mais sobre o processo de editoração ver PERPÉTUA, Elzira Divina. Os Manuscritos. In: A vida escrita de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. cap. 3, p. 141-215.

expusessem a sua erudição foram também negadas. No momento em que são acessadas estas substituições no seu plano linguístico, identifico uma tendência a reduzir a competência linguística dessa escritora a um lugar estereotipado, em razão de seus outros atravessamentos sociais e condicionando a recepção a confiar nessa formatação. (Flôr, 2023, p. 329)

Na semana em que assinou o contrato com a livraria, Carolina foi convidada para entrevistas em programas de TV, jornais e revistas locais. Diariamente, recebia visitas de pessoas interessadas em conversar sobre seu livro, uma delas mencionando ter lido um artigo em alemão. Durante esse período, Carolina compartilhou que, com o adiantamento que recebeu pelo livro, ela e seus filhos deixaram de se preocupar com a comida e puderam comprar roupas.

Dois anos depois, em 1960, Carolina tem o seu tão esperado livro publicado. Segundo informações da biografia (Farias, 2017), no dia do lançamento, a livraria estava lotada, tanto que a sessão de autógrafos teve que iniciar mais cedo. Dentre os que compareceram ao evento, temos ex-patrões de Carolina, escritores e diversas celebridades, inclusive Edson Arantes, mais conhecido como Pelé. Apenas durante o primeiro dia de autógrafos, Carolina já havia vendido quase 800 exemplares e uma semana após o lançamento a editora já havia alcançado a marca de 10 mil livros vendidos.

Em agosto do mesmo ano, o jornal *Estado de S. Paulo* trazia publicado o *ranking* dos livros mais vendidos no momento. Em primeiro lugar, estava Carolina de Jesus com sua obra *Quarto de Despejo*.

Figura 1 - Ranking dos livros mais vendidos em 1960

<i>Os mais vendidos</i>	
LIVROS	
1 —	Quarto de despejo — Carolina Maria de Jesus
2 —	Porque não sou cristão — Bertrand Russell
3 —	Memórias — Marechal Montgomery (1)
4 —	Trem de Istambul — Graham Greene
5 —	Reflexões sobre o racismo — Jean Paul Sartre (5)
DISCOS DE 78 RPM	
1 —	Tema de amor do filme "Amores Clandestinos" — Billy Vaughn
2 —	Noite cheia de estrelas — Polly e sua guitarra havaiana (3)
3 —	Alguém me disse — Anísio Silva
4 —	Meu dilema — Nelson Gonçalves (4)
5 —	Não voltarei amar — Johnny Ray
DISCOS DE 33 RPM	
1 —	S'Concert n.º 2 — Ray Conniff (1)
2 —	Sempre Alerta — Trio Irakitan
3 —	Holiday for Spring — David Rose
4 —	As 2 faces de Juca Chaves — Juca Chaves
5 —	Voltei — Maisa
(*) Posição na semana passada.	

Fonte: O ESTADO DE S. PAULO: 21 de agosto de 1960 - p. 13.

Acompanhando os meses seguintes do jornal *O Estado de S. Paulo* é possível observar que a obra está sempre no topo:

Quadro 1 - Ranking dos livros mais vendidos de setembro a dezembro de 1960

<i>Os mais vendidos</i> LIVROS 1 — Quarto de despejo — Carolina Maria de Jesus (1)^x 2 — O segundo sexo — Simone de Beauvoir 3 — Memórias — Marechal Montgomery (3) 4 — Clotilde — Cecil de Saint Laurent (2) 5 — O agente confidencial — Graham Greene (5)	Fonte: O ESTADO DE S. PAULO: 11 de setembro de 1960
<i>Os mais vendidos</i> LIVROS NACIONAIS 1 — Quarto de Despejo — Carolina Maria de Jesus (1)[*] 2 — Gabriela, Cravo e Canela — Jorge Amado (3) 3 — O Retrato — Osvaldo Peralva (2) 4 — Depois da Política — Gilberto Amado 5 — João Classe Média — Macedo Dantas	Fonte: O ESTADO DE S. PAULO: 9 de outubro de 1960
<i>Os mais vendidos</i> LIVROS NACIONAIS 1 — Quarto de Despejo — Carolina Maria de Jesus (1) [*] 2 — Café na Cama — Marcos Rey (5) 3 — Quando eu era Menino — Nelson Palma Travassos 4 — Gabriela, Cravo e Canela — Jorge Amado (3) 5 — O Retrato — Osvaldo Peralva (4)	Fonte: O ESTADO DE S. PAULO: 13 de novembro de 1960

<i>Os mais vendidos</i> LIVROS NACIONAIS 1 — <i>Quarto de Despejo</i> — Carolina Maria de Jesus (1)* 2 — <i>Gabriela Cravo e Canela</i> — Jorge Amado (2) 3 — <i>Terra de Caruaru</i> — José Condé 4 — <i>Café na Cama</i> — Marcos Rey (4) 5 — <i>O Retrato</i> — Osvaldo Peralva (3)	Fonte: O ESTADO DE S. PAULO: 18 de dezembro de 1960
---	--

Fonte: Elaboração própria (2026).

A demanda por livros na livraria Francisco Alves era tão alta que eles não conseguiam atender todos os pedidos provenientes de diversas regiões do Brasil. Os 10 mil exemplares, mencionados anteriormente, foram completamente vendidos em apenas uma semana. Diante desse sucesso, no mesmo ano, a livraria iniciou a segunda tiragem para suprir os pedidos de outros estados. Uma matéria publicada no jornal *Estado de S. Paulo* comenta o sucesso:

Verificamos que o livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, continua sendo um “record” comercial. Duas livrarias da cidade nos informaram que da primeira edição foram vendidos 10 vezes mais exemplares do que se vende comumente quando aparece um romance de grande interesse. A Exposição do Livro informou que, normalmente, quando surge uma obra de ficção de sucesso, vende, em primeira edição, 40 ou 50 exemplares. “Quarto de Despejo” vendeu 500. Na Livraria Pedro Siciliano soubemos que dos romances de grande interesse vendem, em geral, 200 exemplares em primeira edição. De “Gabriela, Cravo e Canela” que superou, por ocasião do seu lançamento, todos os limites, venderam-se 500 exemplares. Do livro da autora favelada venderam-se 2.000 exemplares. A segunda edição já se encontra nas livrarias. (Estado de S. Paulo edição de 23 de setembro de 1960 p. 39)

Carolina foi convidada para receber condecorações, participar de coroações de misses e rainhas, jantares, homenagens, além do recebimento do título de “cidadã paulistana”. Devido a todo o sucesso, já havia um interesse por grande parte das editoras estrangeiras em traduzir o livro. Segundo o *Jornal do Brasil*, de 28 de setembro, *Quarto de Despejo* já entrava em sua terceira edição, com 50 mil exemplares, chegando a ser comparado pelo *Time* com *Lolita*, de Vladimir Nabokov, que vendeu 80 mil exemplares em um mês nos Estados Unidos.

Após a obra ter alcançado uma ampla repercussão na mídia, surgiram diversos comentários que se dividiam entre apoio e elogios, assim como críticas e desvalorizações ao trabalho. Muitas das críticas direcionadas à Carolina não estavam

necessariamente relacionadas à obra, mas sim ao fato de ser negra e favelada. Como exemplo, o comentário feito por Casmurro Assis (pseudônimo) em *A Voz de São Paulo*²²:

[...] ...Não é Carolina uma intelectual ...É mesmo uma marginal da favela do Canindé. Escreve o seu diário como se estivesse escrevendo uma carta para outra marginal sua comadre da Favela do Esqueleto. Sem qualquer intenção. Sem objetivo. Sem literatura. ...O perigo é que Carolina Maria de Jesus queira se tornar escritora. Que aconteça com ela o que está acontecendo com esses negros que Marcel Camus recolheu nos morros e colocou no filme *Orfeu do Carnaval* e que andam por aí agora com banca de artistas.

O mesmo acontece com Sebastião Pagano, em *Correio Paulistano*²³, que também não compreendeu a relevância dos temas tratados em *Quarto de Despejo*, tanto como relato de uma situação vivida por muitas pessoas naquela época quanto como obra literária:

O sucesso “literário” (literário ou de livraria?) de certo livro composto de um tumulto revoltoso de ideias sem nexos. escrito por pessoa analfabeta que alinhou em garranchos todas as suas vinganças sociais, deu muito dinheiro ao autor e ao editor que não procurou no caso, comercialmente, senão ganhar mais e mais dinheiro, sem prestar, com isso, um serviço à cultura. É vergonhoso que, numa cidade que se supõe culta, como é São Paulo, isso aconteça em primeiro lugar, porque, quem escreveu livro apenas visou uma vingança contra a sociedade. Em segundo, porque o livro não vale mesmo nada, nem mesmo como pesquisa social e, nada literalmente falando.

Já Rutília da Gloria Santos, na seção “Cartas à Redação” do jornal *Folha de S. Paulo*²⁴, ao tecer o seguinte comentário, trata Carolina como uma pessoa “sem cultura”, considerando o livro dela como “sem valor”. Inclusive, o título do comentário é “Contra Quarto de Despejo”:

O “best-seller” de sra. Maria de Jesus não apresenta nenhuma novidade. É fraco, menos que infantil, monótono e desprovido mesmo de qualquer sentido de observação profunda, que ele empresta as características de um trabalho eminentemente documental. Vale, quando muito, como um “teste” que vem pôr de calva à mostra a fraqueza cultural do povo em geral.

²² *A voz de São Paulo*, 20 ago. 1960 apud Silva (2010, p. 114)

²³ *Correio Paulistano*, 21 set. 1960 (Edição 32052)

²⁴ *Folha de S. Paulo*, 22 set. 1960.

Ao longo de sua vida, Carolina foi alvo desses comentários, que persistiram. Até mesmo anos mais tarde, em 1993, quando a edição de bolso da obra foi lançada, o crítico literário Wilson Martins não apenas criticou o livro, mas também colocou em dúvida sua autenticidade, atribuindo a autoria a Audálio Dantas.

Dentre as pessoas que apoiaram Carolina, temos Helena Silveira, em comentário à *Folha de S.Paulo*, que teceu duras críticas ao fato de os escritores “boicotarem” Carolina, afirmando que há um “preconceito de que por ser favelada não pode ser escritora”²⁵. Manuel Bandeira, no *Jornal do Brasil*, também comentou que Carolina tinha “bastante talento literário para não fazer literatura, para dizer as coisas pão-pão, queijo-queijo, para não ser senão a copista da humilde verdade”²⁶.

Mesmo cercada de críticos, o sucesso da obra e da autora continuavam. As tiragens passavam de 5 mil para 10 mil exemplares e assim por diante. Com isso, Carolina recebeu homenagens: um soneto sem assinatura e um samba-canção assinado pelo músico Benedito Lobo e gravado pela cantora Ruth Amaral.

Quarto de Despejo

*Nas folhas brancas que do lixo recolhia
Ela escrevia o drama de sua gente
Sua própria história de tristeza
E a pobreza de todo aquele ambiente
Deus satisfaz o seu desejo
Do teu “Quarto de despejo”
Viu seu dia de ventura
Hoje todo mundo fala nela
Não mora mais na favela
Mora na literatura*

(B. LOBO, Quarto de despejo, gravado por Ruth Amaral)

A quantidade de eventos na agenda só aumentava e o livro continuava a vender em média 500 exemplares por dia apenas na loja central da livraria Francisco Alves. Carolina realizou viagens para Recife e Caruaru, onde autografou os livros. No dia do lançamento, o trânsito teve que ser interrompido para a chegada da escritora devido à imensa quantidade de pessoas presentes.

²⁵ *Carolina, sabia cego?*, Helena Silveira. *Folha de S.Paulo*, 27 de agosto de 1960, p. 2.

²⁶ *A humilde verdade*, Manuel Bandeira. *Jornal do Brasil*, 27 de novembro de 1960, p. 3.

Quarto de Despejo também foi encenado, com adaptação da escritora Edy Lima. A atriz Ruth de Souza aceitou o papel de Carolina, que a auxiliou no figurino e na “imersão” na favela para entender melhor o papel. A trilha sonora da peça também foi composta por Carolina.

Em 1971, um documentário alemão sobre a autora, dirigido por Christa Gottmann-Elter, foi lançado. Carolina interpreta a si mesma, entretanto, no Brasil, a exibição foi censurada pelo regime militar. A obra restaurada posteriormente pelo Instituto Moreira Salles, sob o título *Favela: a vida na pobreza (Favela - Das Leben in Armut)*, foi exibida pela primeira vez no Brasil em comemoração ao centenário de nascimento da escritora, em 14 de março de 2014.²⁷

Cinco anos depois, em 1976, Carolina recebe um convite de diretores norte-americanos da *Scarpelli Film Company* que queriam filmar a obra *Quarto de Despejo* devido ao sucesso no exterior. A autora iria receber um adiantamento pelos direitos, mas faleceu durante as negociações.

A Rede Globo de Televisão, em 1983, produziu um especial chamado *Quarto de Despejo – de catadora de papéis a escritora famosa*. Anos depois, em 1991, uma roteirista norte-americana escreveu um roteiro para um longa-metragem sobre Carolina, *Passion Flower: The Story of Carolina de Jesus*, porém o projeto não foi levado adiante.

Conforme mencionado anteriormente, o livro *Quarto de Despejo* é uma reprodução do diário de Carolina de Jesus, no qual ela narra sua rotina na favela de São Paulo. Por meio de uma linguagem simples, objetiva e fortemente marcada pela oralidade, Carolina descreveu a dor, o sofrimento, a fome e as angústias vivenciadas pelos moradores da favela.

A autora relata a vergonha e humilhação que é ter que catar comida no lixo: “As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros... Até eu digo que é para os cachorros...” (Jesus, 2014b, p. 105). Outro aspecto fortemente demarcado em sua obra é a linguagem que, apesar de simples, carrega inúmeras metáforas. Ela compara, por exemplo, a dureza da vida que ela leva com a textura do pão que come e com a cama que dorme. Faz alusão à cor negra do feijão, que é negra como a vida dela e tudo o que a rodeia; e quem come não presta

²⁷ Disponível em: <https://blogdoims.com.br/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela/> Acesso em: 01 maio de 2019.

atenção a isso. Metaforicamente compara sua vida e seu trabalho com uma frase carregada de lirismo “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato felicidade.” (Jesus, 2014, p. 81).

Carolina evidencia em sua obra que, para enfrentar a dura realidade e sobreviver, era necessário cultivar sonhos, pois a amargura era uma constante. Em várias ocasiões, ela relata ter cogitado o suicídio, mas encontrou forças para persistir na vida. A escrita se torna, para Carolina, uma válvula de escape, uma maneira de expressar e liberar suas emoções:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2014, p. 58).

A autora trata também do descaso dos políticos, que só aparecem na favela em época de eleições para fazer campanhas e depois somem: “O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor público” (JESUS, 2014, p. 53). Durante o livro, vemos passagens em que a autora sofre com o preconceito, racismo e descaso das pessoas em relação a ela e à situação na qual estava.

Quarto de Despejo é cada vez mais amplamente pesquisado e discutido, aparece em questões de provas, redações, tema de eventos e discussões acadêmicas que buscam abordar a amplitude de questões que essa obra oferece. Inclusive, em 2020, a FLUP - Festa Literária das Periferias - fez uma edição em homenagem aos 60 anos da publicação do livro.

2.3 O MUNDO TRADUZ CAROLINA: AS (RE)ESCRITAS DE QUARTO DE DESPEJO, COM FOCO NA LÍNGUA INGLESA

Após o lançamento de *Quarto de Despejo*, em 1960, vários artigos foram publicados sobre a obra e sobre Carolina em outros países. A autora foi destaque nos jornais *The New York Times*, *The Herald Tribune* e *Chicago Daily Defender* e na revista *Time*. Apareceu também em publicações internacionais da *Clarín*, *Le Monde*, *Frankfurter Rundschau* e *Deutsches Allgemeines Sonntagsblatt*, que deram destaque

aos seus diários e a sua história. Em apenas um ano, Carolina já estava competindo com Jorge Amado como o(a) autor(a) brasileiro(a) mais amplamente traduzido(a)²⁸.

No ano de 1961, Carolina recebeu um convite para viajar à Argentina. A primeira edição, de 10 mil exemplares, esgotou-se em apenas quatro dias, e a segunda tiragem teve 20 mil exemplares que, também, se esgotaram rapidamente. Durante sua estadia, além do lançamento de seu livro, ela foi convidada para participar de dois filmes: o primeiro era baseado em sua própria obra, enquanto o segundo era uma comédia intitulada *Os Vagabundos*. A presença de Carolina ganhou destaque, aparecendo na capa de revistas e jornais do país, incluindo o *El Mundo* com o título “Carolina em Buenos Aires” e o *Clarín*. Esse último, inclusive, publicou uma de suas músicas chamada “O pobre e o rico”, especialmente composta para a adaptação teatral de *Quarto de Despejo*.

A autora também esteve em Montevideú, Uruguai, e foi recebida pelo então presidente Eduardo Víctor Haedo; além de visitar o Chile logo depois.

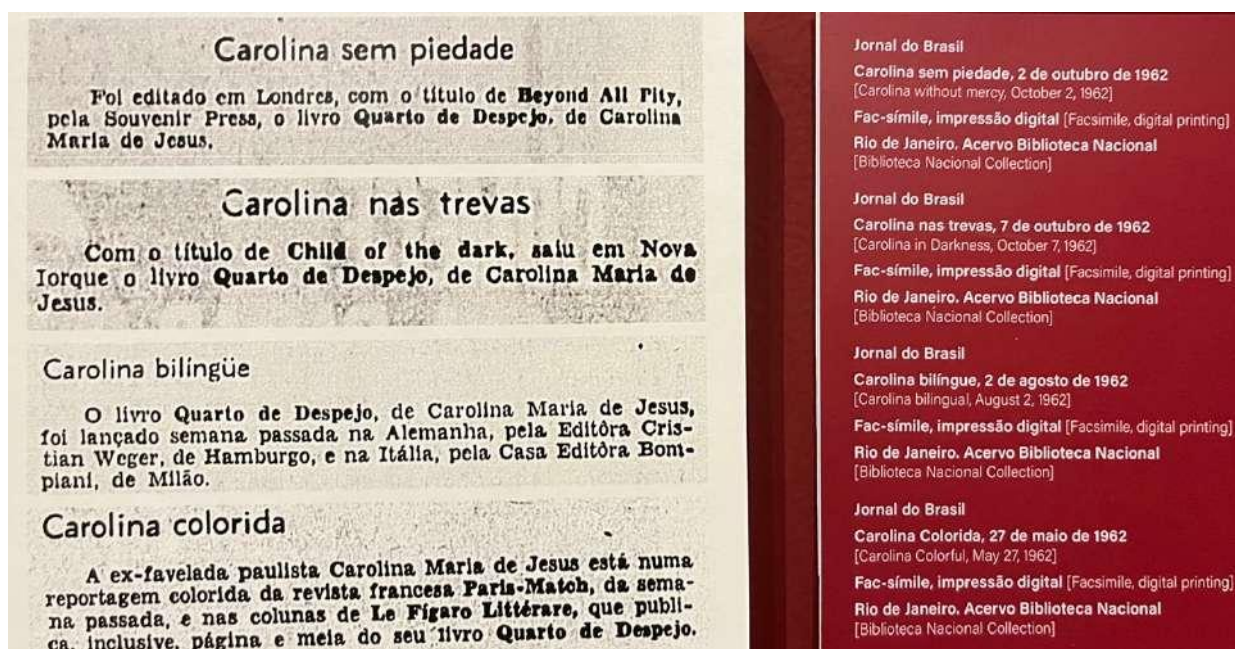
As traduções de *Quarto de Despejo* surgiram, em sua maioria, entre os anos de 1961 e 1965. A primeira tradução foi feita na Dinamarca, seguida por Holanda e Argentina. No ano de 1962, o livro foi lançado na França, Alemanha Ocidental, Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos e Japão. Porém, em Portugal, o livro foi proibido pelo Regime ditatorial de Oliveira Salazar e só lançado no país no ano de 2021 pela Editora VS.

Apenas no exterior, estima-se que mais de um milhão de cópias foram vendidas. Muitos países fizeram outras edições devido à grande procura, como a França (1962 e 1965), Inglaterra (1962 e 1964), Japão (1962 e 1964) e Cuba (1965 e 1989). A Alemanha teve um total de 7 edições.

A imprensa brasileira noticiava o sucesso da autora no exterior, como é possível observar nesse compilado exposto no MAR:

²⁸ LEVINE, R. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Miami, v. 29, n. 1, p. 55-83, 1994.

Figura 2 - Foto tirada na exposição *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*



Fonte: arquivo pessoal, foto tirada na exposição do Museu de Arte do Rio de Janeiro em 8 nov. 2023.

Sobre o valor recebido pelas traduções, não há clareza nas informações, segundo Farias:

Na verdade, autora e editora perderam a mão com relação as traduções, porque indícios indicam que, no estrangeiro, a editora de lá repassava, ela mesma, o direito de edição para outra, de outro país, como aconteceu com edição americana que saiu dos Estados Unidos para a inglesa, na Inglaterra, a Argentina que levou os livros para o Uruguai e o Chile etc., mas sob o fomento de um único contrato, ou seja, com a possibilidade de apenas um pagamento de direitos autorais (Farias, 2017, p. 314).

Ainda segundo ele:

Nos primeiros contratos com as editoras estrangeiras, entretanto, ficou previsto uma porcentagem para ele [Audalio Dantas]. O controle das contas passava pela Livraria Francisco Alves, através do Dr. Lélío e do sr. Miller. Mas os problemas com Carolina relativos ao dinheiro foram de tal ordem que, por volta de 1963, Audalio desistiu de sua parte e de qualquer relação com assunto. O gerenciamento ficou com a Livraria Francisco Alves. [...] [que] também tiveram problemas com os editores estrangeiros e com Carolina [...]. Por volta de 1965 a

livraria abandonou controle das traduções, possivelmente com prejuízos para todos. (Farias, 2017, p. 334).

Quarto de Despejo foi traduzido para dezenove línguas e publicado em quarenta países, incluindo a antiga União Soviética, tornando-se um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior. É importante ressaltar que esse dado não é um consenso entre os pesquisadores. O artigo *The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus* e a biografia *Cinderela Negra* apontam para 13 línguas, já a biografia de Tom Farias descreve 14, o prefácio de Mario Trejo para a tradução *La Favela*²⁹ (1965) afirma 16, porém, até o presente momento, já localizamos 19 traduções oficiais. Nos seus registros em *Casa de Alvenaria*, Carolina mesmo não sabe ao certo o número de traduções existentes como podemos observar nesses trechos: “Até aqui o livro já foi traduzido em 17 países.” (Jesus, 2021b, p. 451), “Porque o livro foi editado em 21 país - até na Rússia.” (Jesus, 2021b, p. 475) e “Todos ficaram admirados porque o livro foi publicado em 21 países, dizem os russos. 12 países, diz o Audalio Dantas.” (Jesus, 2021b, p. 495).

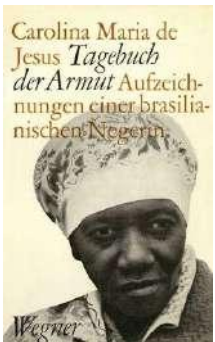
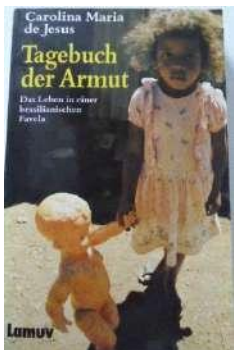
Carolina chega a mencionar também uma tradução russa: “Mostrei ao negociante a revista russo Ogoniok que traz uma reportagem minha, e citei-lhe que o livro está sendo traduzido em russo, e eu vou ser convidada para autografa-lo na Rússia [...]” (Jesus, 2021b, p. 482). Entretanto, não a encontramos. Os sites russos, como a *Wikipédia*, mostram apenas uma tradução ucraniana³⁰ publicada em 1964.

Sobre a repercussão da obra, José Carlos Sebe Bom Meihy, em texto publicado em 1998, afirma: “o livro em questão tem cerca de 1 milhão de cópias vendidas em todo o mundo, sendo, inclusive, o texto brasileiro mais publicado em todos os tempos.” (Meihy, 2020, p. 220). Fernanda Miranda afirma ainda que “ao livro também pertence o mérito de ter sido a primeira obra de uma autora negra brasileira traduzida.” (Miranda, 2020, p. 245). Dentre as traduções temos:

²⁹ TREJO, Mario. *Prólogo*. In: JESUS, Carolina Maria de. *La favela*. Havana: Casa de las Américas, 1965.

³⁰ Encontramos a tradução para o ucraniano publicada na revista *Всесвіт* com o título *Фавела* (favela), em 1964, mas não há como saber se é uma tradução oficial. Disponível em: <https://shron1.chtyvo.org.ua/Carolina_Maria_de_Jesus/Favela.pdf?PHPSESSID=iclkba06e9nhlbdg5itk6dbm4>. Acesso em: 2 fev. 2022.

Quadro 2 - Traduções de *Quarto de Despejo* – *Diário de uma Favelada*

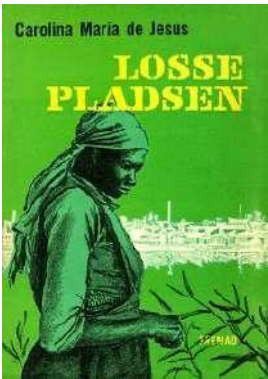
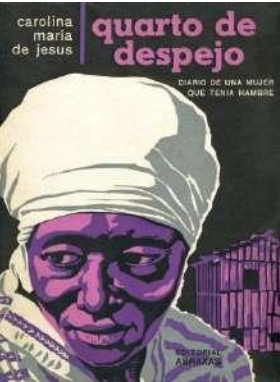
Idioma ³¹	Capas	Título	Tradução aproximada do título	Tradutor ³²	Edições ³³
Alemão		Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer Brasilianischen Negerin	Diário da Miséria: anotações de uma negra brasileira*	Johannes Gerold	1ª- 1962 1963 1965 1966 1968 1970 1979
Alemão		Tagebuch der Armut: Das Leben in einer Brasilianischen Favela	Diário da Miséria: a vida numa favela brasileira*	Johannes Gerold	1983 1984 1986 1988 1989 1991 1993

³¹ Existem evidências de que *Quarto de Despejo* foi publicado em russo, irlandês e hebraico, mas, até o presente momento, não conseguimos localizar as obras. As informações sobre as traduções para o Lituano e Marata foram retiradas de Soares (2023).

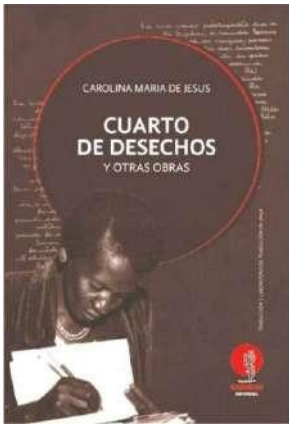
³² BARCELLOS, Sergio da Silva. *Vida por escrito: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. Sacramento. Bertolucci Editora, 2015.

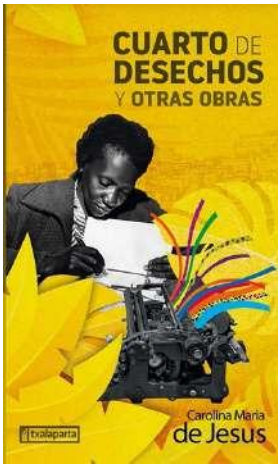
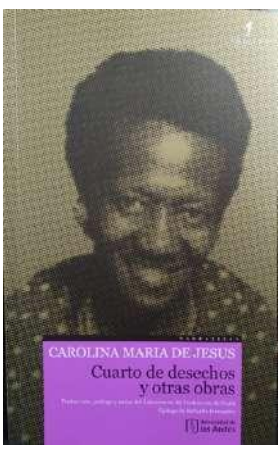
³³ Informações sobre reedições encontradas em: PERPÉtua, Elzira Divina. *A Vida Escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. 340p.

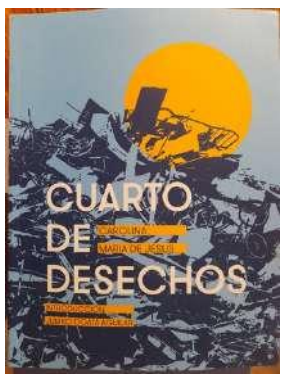
Catalão		Els mals endreços: Diari d'una dona de les barraques	As coisas ruins: Diário de uma mulher nas cabanas**	Francesc Vallverdú	1963
Chinês		杂物间：贫民窟妇女日记 Záwùjiān: Pín mínkū fù nǚ rìjì	Diário de um quarto de entulho de uma mulher da favela**	Zhang Jingwen — 张晶雯 Xu Jingxin — 徐景新	2026

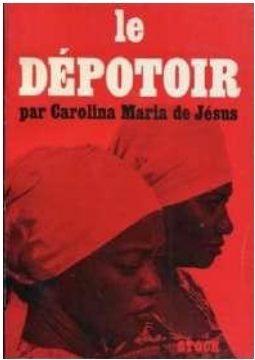
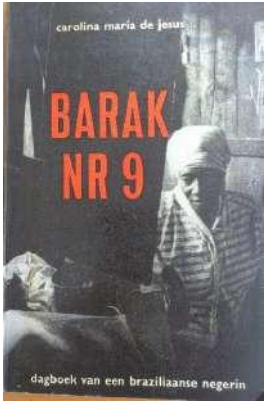
Dinamarquês		Lossepladsen	Lixo*	Borge Hansen	1961
Espanhol (Argentina)		La hambre es amarilla ³⁴	A fome é amarela**	-	-
Espanhol (Argentina)		Quarto de Despejo: diário de una mujer que tenía hambre	Quarto de Despejo: diário de uma mulher que tinha fome**	Beatriz Broide de Sahoaler	1ª- 1961 2ª- 1961 4ª- 1962

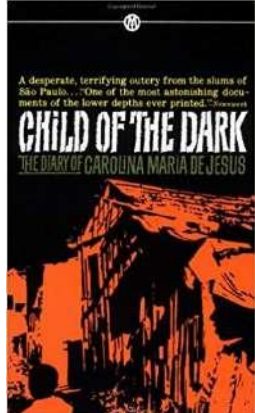
³⁴ Levine (1994) menciona uma publicação argentina de *Quarto de despejo* sob o título *La Hambre es Amarilla*, mas não apresenta informações sobre tradutor, editora ou ano de publicação. Como não foi localizado registro catalográfico ou exemplar que confirme a existência dessa edição, a referência não foi contabilizada entre as edições confirmadas neste levantamento.

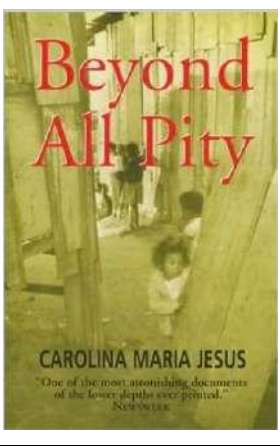
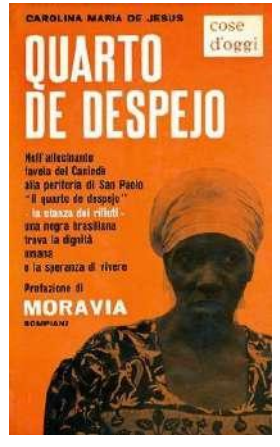
Espanhol (Cuba)		La favela: casa de desahogo	A favela: casa de desabafo**	-	1ª- 1965 1968 1989
Espanhol (Argentina)		Cuarto de desechos y otras obras	Cuarto de despejo e outras obras**	Laboratorio de Traducción UNILA	1ª- 2021

Espanhol (Espanha)		Cuarto de desechos y otras obras	Quarto de despejo e outras obras**	Laboratorio de Traducción UNILA	1ª- 2023
Espanhol (Colômbia)		Cuarto de desechos y otras obras	Quarto de despejo e outras obras**	Laboratorio de Traducción UNILA	2019

Espanhol (Chile)		Cuarto de Desechos. Diario de una Favelada & Cuarto de Ladrillos.	Quarto de Despejo. Diário de uma Favelada e Quarto de Alvenaria**	Laboratorio de Traducción UNILA	1ª - 2023
Espanhol (México)		Cuarto de Desechos	Quarto de Despejo**	Laboratorio de Traducción UNILA	1ª - 2023

Francês		Le Dépotoir	O Depósito*	Violante do Canto	1 ^a - 1962 1963 1965
Holandês		Barak nr 9: dagboek van een Braziliaanse negerin	Barracão n°9: Diário de uma negra brasileira*	J. van den Besselaar-van der Kallen	1961

Húngaro		Aki átment a szivárvány alatt: Egy barakklakó naplója	Quem passou sob o arco-íris: o diário de uma moradora de barraco**	Hargitai György	1964
Inglês (USA)		Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus	Filha da escuridão: o diário de Carolina Maria de Jesus*	David St. Clair	1 ^a - 1962 1963 2003

Inglês (Inglaterra)		Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus	Além da compaixão: o diário de Carolina Maria de Jesus*	David St. Clair	1ª- 1962 1970 1990 2005
Italiano		Quarto de Despejo	Quarto de Despejo**	Lidia Roccavilla	1962

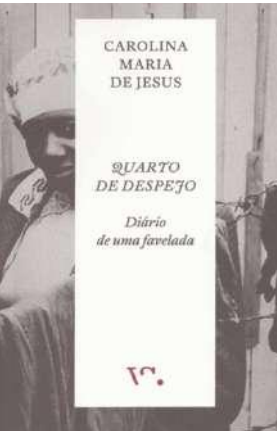
Italiano		La stanza dei rifiuti e altre opere	Quarto dos Rejeitos e outras obras**	Rita Ciotta Neves	2021
Japonês		Karorīna no nikki	O Diário de Carolina*	Nobuo Hamaguchi	1ª- 1962 3ª- 1964

Lituano		Sąslavynas. Dienoraštis.	Planícies. Diário.**	Linas Valbasys	1962
Marata (índia)		काळोखाची लेख	Artigo da escuridão**	Saritā Padakī	1986 2003

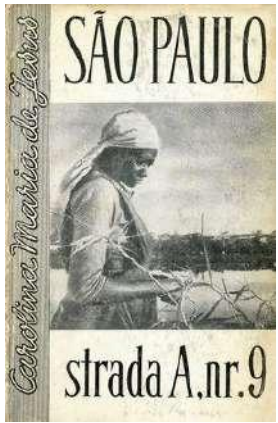
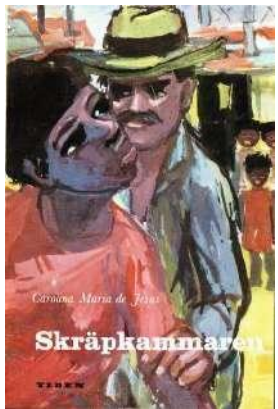
Persa		آشغال‌دونی — Āshghālduni	Lixeira**	Karim Keshavarz	1342[1963] ³⁵ 1351[1972] 1354[1975] 1364[1985]
Persa		فرزند تاریکی — Farzand-e Tārīki ³⁶	Filha da Escuridão**	Simin Dokht Chehareh Gosha	1369 [1990]

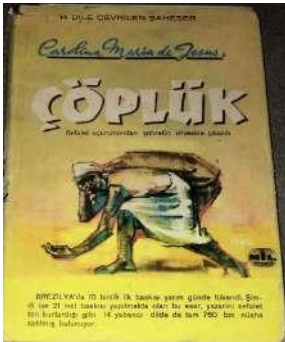
³⁵ As datas entre colchetes correspondem à conversão dos anos do calendário iraniano Solar Hijri para o calendário gregoriano. Como o ano iraniano se inicia por volta de 21 de março e se estende até março do ano seguinte, adotou-se como correspondência o ano gregoriano em que ele começa.

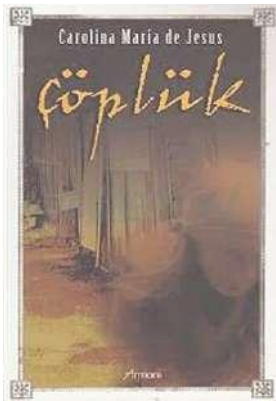
³⁶ Segundo o site <http://folhadepoesia.blogspot.com/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>; Acesso em: 20 set. 2019, essa edição foi traduzida a partir da tradução inglesa.

Polonês		Życie na Śmietniku	A vida numa lixeira/ À margem da vida*	Helena Czajka	1963
Português (Portugal) ³⁷		Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada	Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**	-	2021

³⁷ Colocamos a presente obra na tabela por se tratar de uma publicação internacional, apesar de não estarmos contando como uma tradução, já que o texto da obra é o mesmo do português do Brasil.

Romeno		São Paulo, Strada A, nr.9.	São Paulo, estrada A, n°9*	Romulus Vulpescu	1962
Sueco		Skräpkammaren: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus	Diário de anotações de Carolina Maria de Jesus*	Bengt Kyhle	1962

Tcheco		Smetišť: Deník ženy z favely	Mulheres no lixão de uma favela*	Vlasta Havlínová	1962 1964
Turco		çöplük	Lixeira**	Betül Öztoprak	1964

Turco		çöplük	Lixeira**	Hüsamettin Aydın	2002
-------	---	--------	-----------	------------------	------

Fonte: Elaboração própria (2022), corrigida e atualizada (2026).

* Traduções dos títulos presentes em Farias (2017, p. 301 e 302).

** Traduções dos títulos empreendidas pela autora, por meios digitais ou em consulta a outros tradutores.

Além das traduções já publicadas relacionadas no quadro 2, encontra-se em desenvolvimento uma tradução de *Quarto de despejo* para o guarani, realizada por Emília Espínola³⁸. Segundo informações fornecidas pela tradutora, o trabalho teve origem em um projeto independente apresentado a um edital da *Translation House Looren*, na Suíça, instituição em que Espínola esteve em fevereiro de 2025, e tem publicação prevista pela editora universitária da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). O processo de revisão conta com a colaboração de comunidades indígenas guarani com as quais a tradutora trabalha e busca tornar a obra acessível a diferentes grupos de falantes da língua, indígenas e urbanos, no Paraguai, no Brasil e na Argentina. Ainda de acordo com Espínola, a tradução não se orienta por uma variedade única, padronizada ou estritamente acadêmica do guarani, mas por uma configuração híbrida que articula as variedades Mbya, Avá e Kaiowá ao guarani paraguaio, incluindo formas acadêmicas e o *jopara*. Como o projeto ainda se encontra em andamento e não dispõe de publicação ou de dados bibliográficos consolidados, essa tradução não foi incluída no quadro 2.

É relevante ressaltar que durante os registros de *Casa de Alvenaria*, Carolina menciona uma possível tradução para o finlandês, contando que uma jornalista ficaria hospedada em sua casa para fazer a tradução: “A jornalista Filandêsa Eva Vastari, vae chegar do Rio. Eu a convidei para passar uns dias na minha casa. Ela vae tradusir o meu livro para o Filandês.” (Jesus, 2021b, p. 430), entretanto, mais à frente do diário ela confirma que a tradução não foi produzida: “A Eva Vastari saiu. Foi falar com o Dantas se há possibilidade de fazer a tradução do *Quarto de Despejo*. A tarde a Eva voltou dizendo que não vae traduzir o livro que não vêio pedido da Finlândia.” (Jesus, 2021b, p. 433)

A segunda obra, *Casa de Alvenaria* (1961), teve menos traduções, já que não alcançou o mesmo sucesso. É possível verificar publicações em alemão, espanhol, francês e inglês. É relevante destacar que, nessa segunda obra, dos dados disponíveis, apenas a tradução para língua inglesa mudou de tradutor; os outros livros permaneceram com os mesmos tradutores de *Quarto de Despejo*.

³⁸ Informações fornecidas por Emília Espínola à autora por meio de conversa no WhatsApp, em 03 de agosto de 2026.

Outra obra de Carolina que teve uma tradução para o inglês foi *Meu Estranho Diário*, publicado em 1996 e editado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. A tradução, publicada em 1999 com o título *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, foi realizada por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrrens. A obra apresenta uma tradução para o inglês de partes dos diários entre os anos de 1955-1966, que compreendem 1/3 do material original entregue pela filha de Carolina. Segundo as tradutoras:

The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus é uma tradução fiel dos registros diários encontrados entre os materiais que nos foram entregues por Vera Eunice de Jesus Lima. Como Dantas manteve inacessíveis os cadernos originais que encontrou no barraco de Carolina em 1958, até agora não foi possível verificar até que ponto sua edição alterou a escrita dela. *The Unedited Diaries*, oferece, então, a primeira oportunidade de comparar as entradas de Carolina com os diários publicados. A obra revela claramente que a extensa edição por exclusão de Dantas resultou em um retrato unidimensional de sua autora e de sua visão de vida. [...] Selecionamos entradas típicas de diário das centenas de páginas que Carolina copiou de próprio punho e reproduzimos cada uma delas na íntegra.³⁹ (p. 3)

A análise dessa tradução foi objeto de pesquisa da tese já mencionada (Soares, 2023) e, segundo a autora:

a tradução de *Meu Estranho Diário* [...] foi produzida no mesmo contexto social e político de Casa de Alvenaria, no entanto, há três principais fatores que mostram uma nova estratégia tradutória: 1) o principal foi a possibilidade de uma tradução vertida diretamente dos originais, dando liberdade de interpretação às tradutoras e, ao mesmo tempo, maior responsabilidade; 2) os paratextos incluídos na edição estadunidense buscaram revelar toda e qualquer informação disponível sobre a fortuna crítica internacional e brasileira com foco apenas social e político muito mais evidente do que as demais traduções; e, por último, 3) foi a primeira vez que duas

³⁹ Original: *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* is a faithful translation of the diary entries found among the materials handed over to us by Vera Eunice de Jesus Lima. Because Dantas has kept inaccessible the original notebooks he found in Carolina's favela shack in 1958, up to now it has been impossible to verify the extent to which his editing altered her writing. *The Unedited Diaries*, then, provide the first opportunity to compare Carolina's entries with the published diaries. They reveal clearly that Dantas's extensive editing-by-deletion resulted in a one-dimensional picture of their author and her outlook on life. [...] We have selected typical diary entries from the hundreds of pages that Carolina copied over in her own hand and have reproduced each one in its entirety.

mulheres assumiram a tarefa de traduzir os diários de Carolina Maria de Jesus para o inglês. (Soares, 2023, p. 174)

Com relação às editoras internacionais que publicaram *Quarto de Despejo*, segundo Fernandez e Soares (2024):

[...] em sua grande maioria, publicaram o livro como parte de séries e coleções relacionadas às questões sociais, como habitação, pobreza, ou relacionados à escrita documental, negra e periférica.

Assim, por exemplo, a tradução estadunidense de *Quarto de Despejo* foi gestada em um contexto que procurava vender o que se passava no território brasileiro ao gosto de um público claramente influenciado pelas premissas da segregação racial americana e que iniciava um movimento de combate ao avanço do comunismo em países europeus e em Cuba. (Fernandez; Soares, 2024, p. 318)

Para a língua inglesa, a tradução de *Quarto de Despejo* ficou a cargo de David St. Clair que, segundo Farias (2017), era amigo da escritora. Entretanto, ao ler os diários completos de *Casa de Alvenaria*, publicados pela Companhia das Letras, podemos observar que essa informação não procede, como veremos posteriormente.

Nos Estados Unidos, foi publicada sob o título *Child of the Dark: the Diary of Carolina Maria de Jesus* e, na Inglaterra, *Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus*. A mudança de título se deve, provavelmente, a questões editoriais, já que ambos contam com a mesma tradução⁴⁰. Segundo Perpétua (2014), a tradução nos EUA teve 313.000 exemplares publicados em edição de capa dura, mas não é possível precisar quantos na versão mais barata.

Gayle Lee St. Clair (1932-1991), conhecido também como David St. Clair, nasceu em Ohio, nos Estados Unidos. Ele frequentou a Warren G. Harding Senior High School, em Ohio, bem como a Columbia University e a New School for Social Research. St. Clair era autor, palestrante, jornalista, romancista e místico. Durante sua estadia no Rio de Janeiro, onde conheceu Carolina, ele desfrutou de um amplo e diversificado círculo de amigos e colegas, incluindo

40

Fonte:
https://books.google.com.br/books/about/Beyond_All_Pity.html?id=SsjZAAAAMAAJ&redir_esc=y Acesso em: 3 jan. 2024

personalidades como o presidente João Goulart e sua esposa Maria Teresa, além do cantor e compositor Antônio Carlos Jobim.

St. Clair é autor dos livros *Drum & Candle - First-hand Experiences and Accounts of Brazilian Voodoo & Spiritism* (1971), *Say You Love Satan* (1987), *The Devil Rocked her Cradle* (1987), *Child Possessed* (1979), *Mine to Kill* (1985) e *The mighty, mighty Amazon* (1968). Como é possível analisar, sua área de atuação era em temas da ordem do psiquismo/misticismo, uma temática diferente da obra *Quarto de Despejo*. Não foi possível localizar outros trabalhos feitos por ele na área de tradução. Assim como aponta Feitosa (2008, p. 263): “David St. Clair é uma figura obscura cujas publicações estão ligadas ao ocultismo, possessão satânica e percepção extrassensorial, e não consegui obter muitas informações sobre ele.”⁴¹.

St. Clair inclusive escreveu uma matéria⁴² sobre Carolina, que foi publicada na revista *Time*. No final de 1960, consta que Carolina abriu um processo contra a revista e contra o tradutor, alegando que a matéria era “altamente injuriosa”. O jornal *Tribuna da Imprensa* noticiou o fato alegando que “a notícia ‘atenta contra a moral [dela]’ e ‘refere-se em termos desprestigosos aos brasileiros em geral.’”. Na reportagem, Carolina também afirma que “David St. Clair, ou o *Time*, ou os dois, desvirtuaram ‘certas passagens do livro’, que sairá agora em terceira edição num total de 80 mil exemplares [...]”. No jornal consta, também, um resumo da reportagem da *Time* ressaltando os pontos que deram origem ao processo:

1°. que Carolina é uma preta alta, com três filhos ilegítimos, de três pais diferentes; 2°. que ela vivia entre pessoas barulhentas e que só pensava em sexo; 3°. que começou a escrever seu diário para que “os animais com os quais era obrigada a viver” não fossem esquecidos; 4°. que depois que escreveu o livro é que ela começou a comer três vezes ao dia; 5°. que as favelas são cidades isoladas, misteriosamente vivas, mas onde é melhor não ir; 6°. que Carolina perdeu sete empregos como criada porque vivia saindo das casas à noite para “fazer amor”; 7°. que uma mulher embriagada disse a ela quando sua mudança saía

⁴¹ Original: David St. Clair is an obscure figure whose publications are connected to occultism, satanic possession, and extra-sensory perception, and I have not been able to obtain much information about him.

⁴² Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,897607,00.html>
Acesso em: 12 abr. 2019.

da favela: “Você fez coisas piores do que eu fiz” (Tribuna da Imprensa, RJ, 25 de outubro de 1960, edição 02278).

Na exposição do MAR (Museu de Arte do Rio de Janeiro) sobre Carolina, esse ponto também é comentado ao abordar as matérias publicadas sobre ela na imprensa da época:

Essas matérias funcionaram como uma pré-recepção do livro, definindo-o erroneamente como um documento sociológico. Esse tratamento foi reproduzido em publicações sensacionalistas, que a tornaram objeto de curiosidade, sendo algumas publicações profundamente racistas. Nos EUA, a revista Time publicou um artigo em 1960 que se preocupou mais em evidenciar a biografia da autora do que o livro, tecendo comentários sexistas sobre a sua vida afetiva. Ainda hoje, apesar do reconhecimento internacional e da importância de sua literatura para o país e o mundo, o tratamento dado pela imprensa oscila entre o exotismo e a excepcionalidade, o classicismo e a fascinação.

Há relatos sobre o processo também nas edições completas de casa de alvenaria (2021a). Inicialmente Carolina se mostra indignada com a reportagem, buscando até um advogado como podemos observar na matéria da *Tribuna da Imprensa* e nas anotações de seu diário:

[...] Não é a idade. É a dessilusão! Citei-lhe que estou zangada com o David St Clair, porque as reportagens dele está desfavorecendo-me. Eu não sei ler o inglês. Eu olhava a reportagem com odio. Ela despediu-se dizendo que é duro ter que enfrentar a humanidade. A palavra que eu acho mais horrível de suportar é... a "vida". (Jesus, 2021a, p. 77)

Entretanto, os editores iniciaram um movimento de convencimento para levar Carolina a reconhecer que estava errada e pedir desculpas a David St. Clair:

[...] O advogado citou que a lei de imprensa é muito branda. Eu estava nervosa pensando nos aborrecimentos que estava proporcionando ao David St Clair.
 [...] Quando o reporter disse-me que eu devia levar o Time para o advogado ver o artigo, e publicar a tradução, pensei pedir a opinião do Audálio. [...]
 — O que que ha com o reporter do Time?
 — Acho que foi mal entendido da minha parte. O senhor acha que a reportagem do Time está prejudicando-me?

— Está beneficiando-te. Por intermédio da reportagem do Time você conseguindo 13 traduções. O jornalista David St Clair está beneficiando-te.

[...] O Audálio estava esperando-me, não peguei na mão dele porque estava nervosa e confusa com o meu gesto indelicado com o David [***] disse-lhe que mandei o João [***] a carta na Última-Hora porque eu li um artigo com uns comentários dessairosos. O Audalio disse-me que o David St Clair não é racista, que ele está traduzindo o meu livro. Que ele vem a São Paulo para esclarecer o mal entendido. (Jesus, 2021a, p. 80-81)

Ao apoiarem St. Clair, os editores fizeram Carolina acreditar que de fato estava errada, o que a levou a escrever um artigo pedindo desculpas ao tradutor e ao *Time*:

Eu estava nervosa, mas escrevi o artigo para o Taime. Peço desculpas ao Taime. Relatei que devido a minha deficiência de cultura provooco algumas falhas. Que o Taime divulgando-me na Europa consegui 13 traduções. É que o reporter David St. Clair está traduzindo o meu livro.

Que o Dr. Lélío de Castro Andrade disse-me, que as reportagens do Taime está beneficiando-me. Que eu não conheço o idioma inglês.

Mostrei a carta para o Dr. Lélío ele gostou e disse que esperava pelo meu gesto. Que eu vou longe. Agradeceu-me por ter incluído o seu nome no artigo. Despedimos do Dr. Lélío e saímos da livraria. (Jesus, 2021a, p. 87)

Farias (2017) menciona que St. Clair apresentava posições controversas, inclusive em um prefácio de uma das edições estadunidenses, que chegou a escrever:

Isso traz descontentamento entre as pessoas e isso leva ao comunismo. Os brasileiros de classes média e alta olham com medo crescente essa massa poderosa da fome no coração das suas cidades mais ricas. Se aparecesse um Fidel Castro brasileiro e se ele desse armas a esses famintos analfabetos... (Perpétua, 2014, p. 119)

Em uma entrevista com Audálio Dantas, Elzira Divina Perpétua também pergunta sobre a tradução para o inglês:

35. Sobre as traduções de *Quarto de despejo*, a primeira, segundo o livro do bom mehy (sic), foi para o inglês. Para Inglaterra ou Estados Unidos?

— Foi para os Estados Unidos, em 1961, foi do tradutor foi o David St. Clair ele morava no Rio de Janeiro. Era correspondente da revista Time /Life. Ele fez uma reportagem

aqui sobre o livro, **falava um português razoável**. Ele era muito jovem e foi uma das paixões da Carolina (Perpétua, 2014, p. 338, grifo nosso).

Vieira (1994) identifica no Tropicalismo dos anos 1960 a retomada da antropofagia cultural como fundamento de uma “estética tradutória pós-moderna” especificamente brasileira. Tal concepção compreende a tradução não como um processo orientado à equivalência entre línguas, mas como um gesto subversivo de devorar e transformar o texto de partida, produzindo algo novo a partir dele. Frans Weiser (2013) em seu artigo *Rewriting Carolina Maria de Jesus: Editing as Translating in Quarto de despejo*, aponta que é inegável o papel central que as traduções desempenharam na circulação da obra de Carolina Maria de Jesus, tanto no Brasil quanto internacionalmente. No entanto, segundo o autor (2013), ao contrário da postura autorreflexiva e irreverente descrita por Vieira, as traduções contemporâneas de *Quarto de despejo* não mobilizam tal dimensão crítica. Pelo contrário, as intervenções de Dantas e St. Clair revelam uma preocupação em produzir textos acessíveis e consumíveis por um público amplo, nacional e estrangeiro, e não em submeter o original a um procedimento antropofágico que interroge sua própria condição de objeto cultural. Por isso, Weiser (2013) questiona em que medida as operações realizadas por ambos podem de fato ser compreendidas como portadoras de uma estética tradutória, nos termos apontados por Vieira.

É relevante destacar também que pelo menos duas traduções do livro, nesse caso para o persa⁴³ e para o marata, foram feitas a partir da versão em inglês, ou seja, uma tradução indireta. No entanto, as outras obras não puderam ser analisadas devido à falta de supervisão adequada por parte da editora original no processo de tradução, além da diversidade de idiomas em que a obra está disponível.

Segundo Soares (2023):

[...] apesar de não ter acessado ao livro físico editado na Índia, as barreiras linguísticas podem me induzir a equívocos, mas, com auxílio da ferramenta Google de tradução e após buscas pelo ambiente virtual, acredito que a versão indiana, redigida em

⁴³ Segundo o site <http://folhadepoesia.blogspot.com/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>; Acesso em: 20 set. 2019 essa edição foi traduzida a partir da tradução para o inglês.

marata, também surgiu a partir da publicação em língua inglesa, pois o título, da mesma forma que a versão em persa, remete à escuridão - काळोखाची लेख - Kālokhācī leka (O Relato da Escuridão ou o Lago da Escuridão, tradução livre), e também por existir uma relação da tradutora com os Estados Unidos e o idioma inglês.

Destacamos também que o tradutor da segunda obra, Robert M. Levine⁴⁴, chegou a usar a tradução de *Quarto de Despejo* feita por David St. Clair em suas aulas, como ele mesmo conta em *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*:

Quando comecei a lecionar no outono de 1966, decidi adicionar o diário de bolso recentemente publicado, *Child of the Dark*, à lista de leitura de meu curso introdutório de história da América Latina. Eu o li enquanto preparava minhas aulas de graduação, e alguns de meus amigos, recém-nomeados para outras universidades como especialistas brasileiros, comentaram sobre sua adequação para uso em sala de aula. Fiquei impressionado com a forma como o diário descreveu a miséria da vida na favela e com a luta da autora. **Achei sua mensagem estranhamente contraditória: ela odiava sua miséria, ansiava por uma vida decente para ela e seus filhos, mas, ao mesmo tempo, punia seus vizinhos de favela, nutria preconceitos contra os nordestinos e insultava os outros negros.** Ela também era patriótica ao se referir à história e à literatura do Brasil (Levine; Meihy, 1995, p. 3, tradução e grifo nosso)⁴⁵.

Ao considerar o comentário feito por Levine, surge a dúvida se sua percepção “contraditória” de Carolina de Jesus foi derivada das próprias palavras da autora ou se essa interpretação se deve à forma como o livro foi traduzido

⁴⁴ Robert M. Levine (1941–2003) foi um historiador estadunidense especializado em história social e cultural do Brasil. Destacam-se suas obras *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus* (1995), que analisa a trajetória da escritora e a recepção de sua obra, e *Father of the Poor? Vargas and His Era* (1998), sobre Getúlio Vargas. Também estudou autoritarismo e cultura popular, utilizando fontes visuais em suas pesquisas.

⁴⁵ Original: When I started teaching in the autumn of 1966, I decided to add the recently published paperback diary, *Child of the Dark*, to the reading list of my introductory Latin American history course. I had read it while preparing my undergraduate classes, and some of my friends, newly appointed to other universities as Brazilian specialists, had commented on its suitability for classroom use. I was taken by how the diary described the misery of favela life and by the struggle of its author. I thought her message strangely contradictory: she hated her misery, she ached for decent life for herself and her children, but at the same time she castigated her favela neighbors, harbored prejudices against northeasterners, and reviled fellow blacks. She was also patriotic when referring to Brazil's history and literature.

nos Estados Unidos. Isso ocorre porque há várias divergências em relação à obra original.

Tal fato parece ter ocorrido também em *Diário de Bitita*, publicado na França, após sua morte, em 1982 como *Journal de Bitita*. Sobre essa obra, segundo Hélio Menezes e Raquel Barreto na exposição sobre Carolina realizada no MAR:

Uma versão deste manuscrito foi publicada primeiro na França, em 1982, sob o título *Journal de Bitita*, com o nome da autora alterado para “Maria Carolina de Jesus”. No Brasil, o livro saiu em 1986 como *Diário de Bitita*, uma tradução direta do francês, sem nenhuma relação com o título original. Entre o livro publicado e os originais, observam-se alterações profundas na estrutura do texto, como omissões e, até mesmo, a inclusão de trechos. Uma desautorização discursiva que permitiu que o texto da autora fosse profundamente modificado sem o seu consentimento.

É relevante destacar que até os dias atuais novas traduções de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* vêm sendo produzidas. Em 2021 a nova tradução de *Quarto de Despejo* para o italiano *La stanza dei rifiuti e altre opere* foi publicada juntamente com dois contos da autora *Dove sei felice?* e *Favela*. A tradução ficou a cargo da italiana Rita Ciotta Neves que comenta: “Com a publicação destas suas obras em italiano, gostaríamos, pelo contrário, que a sua figura e os seus escritos se estabelecessem como exemplares na nossa contemporaneidade (Neves, 2021, p. XVIII, tradução nossa⁴⁶)”. A tradutora também menciona o uso das traduções nos EUA: “O diário foi então divulgado nos Estados Unidos, onde ainda hoje é estudado em escolas e universidades, e em outros países latino-americanos, como Argentina e Chile (Neves, 2021, p. XIII, tradução nossa⁴⁷)”

Também em 2021 há a publicação de *Cuarto de Desechos y otras obras* em Buenos Aires, que conta com uma nova tradução para o espanhol das obras *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e os contos *Favela* e *Onde estaes felicidade?*, todos traduzidos pelo Laboratório de Tradução da UNILA.

⁴⁶ Original: Con la pubblicazione in lingua italiana di queste sue opere, vorremmo, al contrario, che la sua figura e i suoi scritti si imponessero come esemplari nella nostra contemporaneità.

⁴⁷ Original: Il diario è poi divulgato negli Stati Uniti, dove ancora oggi è studiato in scuole e Università, e in altri paesi dell'America Latina, come l'Argentina e il Cile.

Assim como a publicação de 2023, *Cuarto de Desechos. Diario de una Favelada & Cuarto de Ladrillos*, que conta com novas traduções (também feitas pelo Laboratório de Tradução da Unila) de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* para o espanhol, publicado no Chile:

A tradução foi realizada por membros do Laboratório de Tradução da Unila, um projeto de extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, localizada na cidade de Foz do Iguaçu (Brasil). O projeto, iniciado em 2016, baseia-se numa perspectiva socioconstrutivista, segundo a qual busca construir conhecimento de forma colaborativa, em uma relação de trabalho horizontal entre os professores coordenadores e os alunos do grupo, em que o Diálogo, experiências e trabalho conjunto são fundamentais no processo de formação e se refletem no resultado do produto traduzido.⁴⁸ (Epílogo de *Cuarto de Desechos*, 2023, p. 410)

Ao falar sobre a tradução em conjunto, feita no laboratório, na seção *Sobre la presente traducción* ao final do livro os tradutores comentam sobre a motivação para uma nova tradução:

Embora as traduções anteriores de *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria* sejam, em geral, cuidadosas, todas tendem a normalizar a escrita de Carolina e a preservar quase exclusivamente as irregularidades que permitem a associação da autora aos setores populares. (Epílogo de *Cuarto de Desechos*, 2023, p. 409, tradução nossa⁴⁹)

Além disso, eles discutem algumas escolhas tradutórias e o motivo de algumas mudanças das traduções anteriores:

No nosso caso, o desejo de evitar novamente rotular a autora como uma escritora favelada e sem instrução nos levou a não

⁴⁸ Original: La traducción fue realizada por integrantes del Laboratorio de Traducción de Unila, un proyecto de extensión de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana, ubicada en la ciudad de Foz do Iguaçu (Brasil). El proyecto, que inició en el 2016, se sustenta en una perspectiva socio-constructivista¹²⁹, según la cual se busca construir el conocimiento de una manera colaborativa, en una relación de trabajo horizontal entre los profesores coordinadores y los estudiantes del grupo, en la que el diálogo, las experiencias y el trabajo conjunto son fundamentales en el proceso formativo y se ven plasmados en el resultado del producto traducido.

⁴⁹ Original: A pesar de que las traducciones anteriores de *Quarto de despejo* y *Casa de alvenaria* son, en general, cuidadosas, todas ellas tienden a normalizar la escritura de Carolina y a conservar casi exclusivamente las irregularidades que permiten la asociación de la autora con los sectores populares.

reproduzir aqueles que pudessem ser interpretados como erros ortográficos e a apenas preservar algumas irregularidades de pontuação quando não comprometessem a leitura. (Epílogo de *Cuarto de Desechos*, 2023, p. 413, tradução nossa⁵⁰)

Mais recentemente, em julho de 2026, foi lançada em Macau uma tradução de *Quarto de Despejo* para o chinês, intitulada 《杂物间：贫民窟妇女日记》 (*Záwùjiān: Pínmínkū fùnǚ rìjì*), publicada pela LITS – Languages and IT Services. Fundada em 2012 como empresa de serviços linguísticos, a LITS passou a atuar também no setor editorial em 2020. A capa da edição mantém o título original em português e credita a tradução a Zhang Jingwen (张晶雯) e Xu Jingxin (徐景新). A edição foi contemplada pelo Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior de 2025, da Fundação Biblioteca Nacional. O resultado oficial identifica a China como país de publicação e a própria Fundação Biblioteca Nacional como responsável pelo pagamento do apoio. A capa foi divulgada pela própria LITS e o financiamento consta no resultado oficial da Fundação Biblioteca Nacional⁵¹.

A participação de Xu Jingxin nessa publicação também indica uma continuidade na circulação da literatura brasileira em língua chinesa por meio da mesma editora. O tradutor já havia realizado a tradução de *Contos novos*, de Mário de Andrade, e participado, com Yan Fei e Shu Yangyi, da tradução de *O Saci*, de Monteiro Lobato. Ambas as edições foram publicadas em chinês tradicional pela LITS⁵² com apoio da Fundação Biblioteca Nacional. Desse modo, a tradução de Carolina Maria de Jesus não constitui uma iniciativa isolada, mas se insere em um movimento editorial de apresentação de autores brasileiros ao público de língua chinesa.

⁵⁰ Original: En nuestro caso, el deseo de evitar volver a encasillar a la autora como escritora inculta de la favela nos llevó a no reproducir los que pudieran ser interpretados como errores ortográficos y apenas conservar algunas irregularidades de la puntuación cuando no comprometían la lectura.

⁵¹ Disponível em: https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/cooperacao-e-difusao/apoio-a-traducao/portugues/resultado/2024/confira-o-resultado-final-parcial-da-fase-de-habilitacao-do-programa-de-apoio-a-traducao/PAT_SELECIONADASEHABILITADAS_noluso20251107.cleaned.pdf Acesso em: 28 jul. 2026

⁵² Disponível em: <https://litsmacau.com/pt-pt/product/> Acesso em: 28 jul. 2026

Como ainda não tivemos acesso ao interior da edição, as observações possíveis neste momento se restringem aos paratextos digitais divulgados pela editora⁵³. Neles, foram identificadas duas informações biográficas equivocadas. A página do produto afirma que Carolina teria “nascido na favela⁵⁴” e, em outro texto de divulgação, afirma-se que ela registrava sua vida com quatro filhos, quando na verdade Carolina teve três⁵⁵.

Além dessas edições, há outras traduções recentes às quais não tivemos acesso integral, razão pela qual foram consideradas apenas nos limites dos dados bibliográficos e paratextuais disponíveis. A partir desses novos dados, compreendemos que o refazer da autoria de Carolina Maria de Jesus tem ocorrido por meio de diferentes arranjos coletivos e institucionais, desde laboratórios e duplas de tradutores até programas públicos de incentivo à tradução e à publicação internacional, em contraste com o trabalho predominantemente individual das traduções produzidas na década de 1960. Nesse contexto, nossa pesquisa se aproxima da abordagem italiana, que conta com uma tradutora, mas se diferencia por estar menos orientada ao mercado.

No próximo capítulo, abordaremos as teorias referentes aos Estudos da Tradução, que servirão de base para a produção da nova versão comentada, ou retradução, de *Quarto de Despejo*.

⁵³ Para esta análise, foi consultada a versão em língua portuguesa disponibilizada pela própria LITS por meio do seletor de idiomas de seu site. Os trechos em português aqui mencionados não correspondem, portanto, a traduções realizadas pela autora desta tese. Acesso em: 28 jul. 2026.

⁵⁴ Disponível em: <https://litsmacau.com/pt-pt/book/quarto-de-despejo-diario-de-uma-favelada/> Acesso em: 28 jul. 2026

⁵⁵ Disponível em: <https://litsmacau.com/pt-pt/quarto-de-despejo-diario-de-uma-favelada/> Acesso em: 28 jul. 2026

3 EM OUTRAS PALAVRAS: REFLEXÕES TEÓRICAS E CRÍTICAS SOBRE OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

No capítulo 3, discutiremos algumas teorias relacionadas ao campo dos Estudos da Tradução, que se consolidou como área disciplinar a partir da segunda metade do século XX, reunindo diferentes perspectivas sobre a tradução, seus processos, agentes e contextos de circulação. A tradução de *Quarto de despejo* para a língua inglesa foi realizada nesse mesmo período histórico, quando o campo ainda se encontrava em processo de institucionalização. David St. Clair não possuía formação específica na área, mas esse dado não é tomado como critério para invalidar seu trabalho nem como explicação automática para as limitações identificadas. As críticas desenvolvidas nesta tese fundamentam-se na análise comparativa da tradução, especialmente nas omissões, nos acréscimos, nas alterações de sentido e nos erros mapeados em pesquisas anteriores. Nossa proposta, por sua vez, situa-se explicitamente no campo dos Estudos da Tradução e mobiliza diferentes contribuições teórico-metodológicas para articular o compromisso com os aspectos literários e estilísticos do texto-fonte, a finalidade da tradução e as condições de recepção pelo público-alvo. Esse embasamento não garante, por si só, a correção ou a superioridade da nova tradução, mas permite explicitar e justificar seus critérios, favorecendo um processo tradutório sistemático, consciente e aberto à avaliação crítica.

A consolidação dos Estudos da Tradução não ocorreu por meio de uma única perspectiva teórica, mas pela coexistência e pelo desenvolvimento de diferentes abordagens. As vertentes descritivas passaram a examinar as traduções como fatos das culturas receptoras, considerando as normas e as posições ocupadas pela literatura traduzida nos sistemas literários. As abordagens funcionalistas, por sua vez, enfatizaram a finalidade da tradução, sua situação comunicativa e as necessidades de seus destinatários. Posteriormente, a denominada “virada cultural” ampliou a atenção dedicada às dimensões históricas, ideológicas e institucionais da tradução.

Segundo Gentzler (2009), Itamar Even-Zohar, considerado mais um teórico da cultura do que especificamente um teórico da tradução, desenvolveu a hipótese dos polissistemas a partir de seus estudos sobre a literatura hebraica

israelense. Sua abordagem descritiva, concentrada principalmente na tradução literária, propõe examinar os sistemas literários da cultura receptora, suas normas e convenções, buscando compreender a posição ocupada pela literatura traduzida e os deslocamentos que podem ocorrer entre o centro e a periferia do polissistema.

A retradução, também abordada neste capítulo, é discutida com base nos autores Gambier (1994), Berman (1999), Chevrel (2010), Ladmiral (2012), Li (2013) e Faleiros e Mattos (2017). Discutiremos esse conceito como uma atualização, uma nova interpretação da obra *Quarto de Despejo*, sendo o conceito base da proposta apresentada nesta tese, que é uma retradução da obra para a língua inglesa.

Nossa proposta de retradução situa-se especificamente no campo da tradução literária. No primeiro capítulo de seu livro *A tradução literária*, Paulo Henriques Britto (2012) discute a importância desse campo da tradução, destacando que muitas vezes sua relevância é subestimada, apesar de sua presença indispensável em várias áreas da vida moderna, como na leitura de livros, manuais e no consumo de mídia estrangeira. O autor observa que, embora a tradução tenha se consolidado como campo de estudo desde os anos 1970, muitas discussões ainda têm surgido, como o advento de programas e ferramentas de tradução automática. O autor enfatiza a responsabilidade do tradutor em refletir sobre suas escolhas e garantir a coerência e qualidade do texto traduzido, especialmente no caso do tradutor literário, no qual é essencial internalizar certos princípios para produzir uma tradução que possa ser considerada uma representação coerente da obra original. Para Britto (2012), então, a tradução literária é vista como um processo complexo que vai além da simples transposição de palavras de uma língua para outra, não se resumindo apenas a reproduzir o significado das palavras, mas sim transmitir nuances culturais, estilísticas e emocionais presentes no texto original. O tradutor literário não é apenas um mero intermediário entre duas línguas, mas um mediador que busca capturar a essência e a beleza da obra original, recriando-a de forma que ressoe com os leitores da língua de chegada.

3.1 O POLISSISTEMA DE QUARTO DE DESPEJO

A Teoria dos Polissistemas, desenvolvida por Itamar Even-Zohar, é fundamental para a compreensão das interações culturais por meio da tradução. O autor parte da ideia de os modelos de comunicação humana serem considerados como sistema. Seu pressuposto é que as literaturas e culturas são compostas por sistemas literários e culturais, cada um com suas próprias características, normas e valores. Esses sistemas podem ser nacionais, regionais, étnicos ou até mesmo transnacionais.

Even-Zohar (2013[1979]) aponta que o enfoque funcionalista não é unificado, a teoria dos sistemas estáticos surge da escola de Genebra e a teoria dos sistemas dinâmicos vem dos formalistas russos e estruturalistas checos. Assim, o sistema semiótico pode ser concebido como uma estrutura heterogênea e aberta, ou seja, não é um monossistema. Para ele, polissistema pode ser definido como “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas com interseções e sobreposições mútuas, que usa diferentes opções concorrentes, mas que funciona como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes.” (Even-Zohar, 2013[1979], p. 3)

A teoria propõe a existência de polissistemas literários e culturais interconectados, nos quais várias literaturas e culturas estão inter-relacionadas por meio de traduções e influências recíprocas. O autor (2013[1979]) enfatiza que a literatura não deve ser vista como um fenômeno isolado, mas como parte integrante da cultura. Portanto, a tradução desempenha um papel fundamental na transmissão de ideias, valores e narrativas entre culturas.

Destacamos aqui, então, três aspectos da Teoria dos Polissistemas: a hierarquia, a flexibilidade e o dinamismo. Dentro de um polissistema, há uma hierarquia de status entre diferentes literaturas e gêneros, alguns são considerados dominantes, enquanto outros são subordinados. Por exemplo, a literatura de prestígio de uma cultura pode ter uma posição dominante em relação à literatura popular ou de nicho. No caso de *Quarto de Despejo*, a tradução pode levar ao interesse nas demais obras da autora e aumentar as traduções dos outros livros.

O polissistema é flexível e está sujeito a mudanças ao longo do tempo, ou seja, as relações de poder entre os diferentes sistemas literários podem se modificar, por exemplo, com literaturas que antes eram consideradas

marginais ganhando destaque. Dentro do polissistema estadunidense, *Quarto de Despejo* é visto mais como um texto sobre a cultura brasileira, a vida na favela, do que como literatura propriamente dita. E, por fim, o polissistema é dinâmico, pois está em constante evolução devido a influências internas e externas. Mudanças políticas, sociais, culturais e tecnológicas podem impactar a dinâmica do polissistema literário, levando a realocações de status e mudanças nas relações entre os sistemas literários. Assim, entendemos que a nova tradução é um dado novo que pode dinamizar as outras publicações, inclusive estimulando reedições para outras línguas e novos estudos em programas de pós-graduação, com discussões mais aprofundadas sobre o tema.

A Teoria dos Polissistemas também explora como certas obras literárias podem ser promovidas a partir de um sistema literário dominante para um sistema literário dominado, enquanto outras são marginalizadas ou ignoradas.

Para Even-Zohar (2013 [1979]), essas posições não são fixas, pois obras e modelos podem se deslocar entre o centro e a periferia de acordo com transformações históricas, sociais e culturais. Nesse processo, a distinção entre obras canonizadas e não canonizadas não corresponde a uma avaliação de suas qualidades intrínsecas, mas ao reconhecimento e à legitimidade que recebem nos círculos dominantes de determinada cultura. Por obras “canonizadas”, entendemos:

aquelas normas e obras literárias (isso é, tanto modelos como textos) que nos círculos dominantes de uma cultura são aceitas como legítimas e cujos produtos mais marcantes são preservados pela comunidade para que formem parte de sua herança histórica. “Não-canonizadas” quer dizer, pelo contrário, aquelas normas e textos que esses círculos rejeitam como ilegítimas e cujos produtos, em longo prazo, a comunidade esquece frequentemente (a não ser que seu status mude). (Even-Zohar, 2013 [1979], p. 7)

No caso do presente trabalho, podemos identificar *Quarto de despejo* (1960) como uma obra que, apesar de sua ampla circulação e de seu impacto inicial, permaneceu durante décadas em uma posição periférica no que se refere ao reconhecimento canônico, sobretudo em razão dos critérios sociais, literários e linguísticos que historicamente orientaram a constituição do cânone

brasileiro. Essa posição, entretanto, não é estática. A publicação de novas edições, a realização de exposições, a ampliação de sua fortuna crítica e o crescente interesse editorial pela produção de Carolina Maria de Jesus evidenciam uma reconfiguração de sua posição no polissistema literário. Trata-se de um deslocamento gradual em direção ao centro, e não de uma canonização necessariamente concluída ou definitiva.

É relevante destacar que a própria recepção de *Quarto de despejo* constitui um desafio tradutório, principalmente em razão da maneira como a obra tem sido lida e dos diferentes processos editoriais e tradutórios aos quais foi submetida.

Even-Zohar (2013[1979]) argumenta que a recepção de uma obra traduzida em um sistema literário depende de vários fatores, incluindo o status do autor original, a adequação da tradução às normas do sistema literário receptor e a disponibilidade de contextos culturais que tornem a obra relevante. No ano de publicação, *Quarto de Despejo* teve grande sucesso de vendas, inclusive internacionalmente, mas, após alguns anos, autora e obra caíram no esquecimento e só voltaram a ser discutidas recentemente. Como aponta Fernanda Miranda:

Incluída no cânone como margem, ela sempre esteve na periferia do centro. E essa posição tornou-se valorativa - isto é, estabeleceu seu valor como autora impondo limites à sua ampla significação ao mantê-la atrelada a um lócus circunscrito: da escritora favelada à favelada que escreve, sem muita variação além deste rígido contorno. (Miranda, 2020, p. 246)

Cabe destacar que a obra em questão foi bem recebida no polissistema literário estadunidense. Como pontuou Perpétua (2014), a tradução teve 313.000 exemplares publicados em edição de capa dura, mas não é possível precisar quantos na versão mais barata. Quando entramos em sites de compra de livros internacionais, como a *Amazon*, é possível observar as avaliações dos leitores de língua inglesa que comentam até os dias atuais: “Tive que ler este livro para uma aula de História do Brasil como leitura obrigatória. Eu não tinha ideia do que esperar porque não estava familiarizado com o país.”⁵⁶ – publicado

⁵⁶ Original: I had to read this book for a History of Brazil class as an assigned reading. I had no idea what to expect as I was unfamiliar with the country all together.

em 21 de junho de 2013; “Já se passaram anos desde que li esse livro, mas era obrigatório para uma aula de humanidades na faculdade e ainda me lembro da história, então sei que é um livro maravilhoso, cheio de percepções pessoais da autora e muito educativo para o leitor.”⁵⁷ – publicado em 29 de fevereiro de 2016; “Tive que ler isso para uma pesquisa de Mestrado em História Mundial (sou professor de história).”⁵⁸ – publicado em 17 de abril de 2019; “Eu ouvi sobre este livro depois de escutar um documentário de rádio interessante sobre a autora e sua vida.”⁵⁹ – publicado em 7 de junho de 2021⁶⁰.

Inclusive, Levine (2003), em seu posfácio, afirma que:

Hoje, *Child of the Dark* continua sendo leitura obrigatória em milhares de salas de aula de faculdades e universidades em Estudos Brasileiros e Latino-Americanos no Canadá e nos Estados Unidos, sendo mais conhecido fora do Brasil do que em seu país de origem. Quando os diários entram em debate, críticos brasileiros argumentam que sua importância reside em seu caráter de documento histórico, e não como obra literária.⁶¹ (p. 186)

O mesmo comentário aparece na obra *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*:

[O livro] está em publicação contínua desde 1962 e figura na lista de leitura obrigatória de cursos de estudos latino-americanos e estudos feministas nos Estados Unidos e Canadá para uma geração de estudantes universitários, fato que não passou despercebido pelos críticos brasileiros, que não consideram o livro autêntico (“Dantas ou outra pessoa deve tê-lo escrito”) ou significativo (“Afinal, o livro está desatualizado e exagera”). (Jesus, 1999, p. 8, tradução nossa⁶²)

⁵⁷ Original: It has been years since I read this but it was required for a college humanities class and I still remember the story so I know it is a wonderful book full of personal insights by the author and very educational for the reader.

⁵⁸ Original: Had to read this for a Masters World History survey (I'm history faculty)

⁵⁹ Original: I heard about this book after listening to an interesting radio documentary about the author and her life.

⁶⁰ Fonte: https://www.amazon.com.br/Child-Dark-Diary-Carolina-Maria/product-reviews/0451627318/ref=cm_cr_dp_d_show_all_btm?ie=UTF8&reviewerType=all_reviews Acesso em: 1 nov. 2021

⁶¹ Original: Today, *Child of the Dark* remains assigned reading in thousands of college and university classrooms in Brazilian and Latin American Studies in Canada and in the United States, better known outside of Brazil than in its country of origin. When the diaries do enter debate, Brazilian critics argue that its importance was that of a historical document, not as a work of literature. This may or may not be the case.

⁶² Original: It has been in print continuously since 1962 and has been on the assigned-reading list in Latin American studies courses and women's studies courses in the United

E novamente no posfácio:

Grande parte do interesse por Carolina nos Estados Unidos permanece restrito ao meio acadêmico. Cursos introdutórios sobre história da América Latina e do Brasil, em nível de graduação, geralmente contam com 40 ou 50 alunos matriculados, e algumas turmas em grandes universidades chegam a ter 150 alunos. O falecido E. Bradford Burns, da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles), sempre teve um grande número de alunos em seus cursos e frequentemente indicava "Child of the Dark" como leitura obrigatória. O livro também se manteve importante em cursos técnicos ou de nível superior. Craig Hendricks, por exemplo, o inclui regularmente em seus cursos de história comparada das Américas. (Jesus, 1999, p. 217-218, tradução nossa⁶³)

Como é possível observar, fora do Brasil, a obra também é lida não apenas como literatura, mas como material de estudo em disciplinas de estudos brasileiros. Como *Quarto de Despejo* apresenta um grande material cultural da vida nas favelas do Brasil e, um relato extremamente detalhado por ser um diário, é indispensável pensar que ele se torna um material de estudo e consulta sobre o cotidiano dessa realidade brasileira para outros países.

Podemos notar também, dentro do conceito de Even-Zohar (2013[1979]) sobre os sistemas literários dominantes, como a língua inglesa tem esse status de poder em que uma obra é valorizada por apenas estar em língua inglesa independentemente da qualidade da tradução, do autor da obra original e outros aspectos relevantes. Como exemplo disso, foi possível constatar que pelo menos duas traduções indiretas, para o persa e para o marata, que foram feitas a partir da obra em língua inglesa⁶⁴.

States and Canada of a generation of college-level students, a fact that has not been lost on Brazilian critics who do not consider the book authentic ("Dantas or someone else must have written it") or significant ("After all, the book is out of date and exaggerates")

⁶³ Original: Much of the interest in Carolina in the United States remains within academic confines. Survey courses on Latin American and on Brazilian history at the undergraduate level typically have 40 or 50 students enrolled, with some classes at large universities sometimes reaching 150. The late E. Bradford Burns of UCLA (University of California at Los Angeles) always had a large number of students in his courses, and he frequently assigned *Child of the Dark* as required reading. The book also has remained important at the two-year, or community college, level. Craig Hendricks, for example, has regularly assigned it to his students in courses on the comparative history of the Americas.

⁶⁴ Fonte: <http://folhadepoesia.blogspot.com/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>; Acesso em: 1 nov. 2021

Buscamos então, com essa nova tradução, “navegar” Carolina Maria de Jesus para o centro do polissistema. Como foi possível observar no capítulo 2, existem eventos, mostras, prêmios, exposições, novas publicações e edições completas da autora, com um tratamento editorial grande, favorecendo esse movimento em direção ao centro do polissistema. A retradução é feita, então, para contribuir com esse movimento, em um momento favorável no Brasil, e esperamos também que ela faça o mesmo movimento em língua inglesa.

3.2 JOGOS DE ESPELHOS: O CONCEITO DE RETRADUÇÃO

A tradução literária, mais do que um simples exercício de transferência linguística, desempenha um papel decisivo na circulação de autores, obras e formas literárias entre diferentes culturas. No contexto das desigualdades globais de poder simbólico, traduzir passa a ser também um gesto político e cultural, capaz de definir quem entra — e como entra — no sistema literário internacional.

Esse capítulo parte de reflexões teóricas que entendem a tradução como uma prática estratégica de mediação e reconhecimento, especialmente relevante no caso de autores oriundos de línguas periféricas ou de contextos historicamente marginalizados. Ao considerar a tradução como um processo que envolve ideologia, agência e disputas por legitimidade, torna-se fundamental refletir também sobre seus desdobramentos e reiteraões: as retraduições.

No capítulo *Translation as Unequal Exchange*, Pascale Casanova (2010) argumenta que a tradução desempenha um papel central na consagração de autores, obras e gêneros, especialmente para aqueles oriundos de línguas e culturas periféricas. Para escritores de países com menor prestígio literário internacional, a tradução para línguas centrais (como inglês ou francês) levaria ao reconhecimento global, inserindo-se no cânone literário mundial. Assim, a tradução atua como um dos principais meios de consagração, permitindo que autores e gêneros literários ganhem visibilidade e autoridade no campo literário internacional. Casanova (2010) destaca que, nesse contexto, a tradução não é apenas uma transposição linguística, mas uma forma de ascensão simbólica e cultural.

André Lefevere, em sua obra *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame* (1992), argumenta que a tradução é a forma mais influente de reescrita, pois tem o poder de projetar a imagem de um autor e/ou de suas obras em outra cultura, ultrapassando os limites de sua cultura de origem. Ele afirma que a tradução é o tipo de reescrita mais reconhecível e potencialmente mais influente, pois é capaz de projetar a imagem de um autor e/ou de uma obra em outra cultura, elevando-os além das fronteiras de sua cultura original.

Ao entender a tradução como uma forma de reescrita com potencial de construir imagens autorais e moldar trajetórias literárias, como afirmam Casanova (2010) e Lefevere (1992), abre-se espaço para pensar não apenas as primeiras traduções, mas também as retraduições como novos atos de reconfiguração simbólica. Se a tradução inicial já marca uma entrada no sistema literário global, a retradução pode reafirmar, corrigir, reposicionar ou até subverter esse gesto inicial, tornando-se uma etapa igualmente estratégica na consolidação ou renovação de uma obra no circuito internacional.

A prática da retradução se apresenta como um recurso fundamental para revisitar obras literárias, especialmente nos casos em que a cultura, a linguagem, e os contextos sociopolíticos mudam significativamente ao longo do tempo. No caso de Carolina Maria de Jesus, que escreve a partir de uma perspectiva marginalizada e com forte conteúdo social, a retradução levanta questões específicas sobre como preservar a autenticidade da voz e das experiências relatadas, ao mesmo tempo em que se adapta a novas tendências e públicos.

Faleiros e Mattos (2017), em seu livro *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert*, discutem os princípios da retradução. Em sua análise, os autores comentam que a retradução como prática é antiga, mas como noção teórica ela é recente. Citando diversos autores de renome que se dedicaram ao tema como Antoine Berman, Jean-René Ladmiral, Yves Gambier, Yves Chevrel, Elzbieta Skibinska e Enrico Monti, os autores mostram a diversidade de abordagens, nos levando a refletir que tanto a retradução quanto a tradução estão em constante processo de redefinição.

Ladmiral (2012), Chevrel (2010) e Gambier (2012) são destacados por eles como autores que exploram a polissemia do termo “retradução”. A partir dessas reflexões, são identificados cinco sentidos distintos da retradução (Faleiros e Mattos, 2017), que se revelam como regiões fluidas de possíveis

significados, em oposição a significados rígidos e inalteráveis: (i) a retradução como iteração (Ladmiral, 2012), que implica realizar uma nova tradução de um mesmo texto de partida, ou seja, o sentido mais comumente atribuído à retradução nos estudos de tradução mais recentes; (ii) a revisão de uma tradução prévia, que envolve a reavaliação e modificação de uma tradução que já foi realizada; (iii) a retrotradução (Chevrel, 2010), que significa retraduzir, na mesma língua do “original”, uma tradução desse “original”, um exemplo seria quando um texto foi perdido por muito tempo e é lido em um idioma através de uma retradução a partir de uma tradução anterior em outro idioma; (iv) a tradução de uma tradução, que pode ser chamada de metatradução, tradução-pivô (Ladmiral, 2012) ou tradução intermediária (Gambier, 2012), em que, nesse caso, uma tradução anterior é usada como base; e, por fim, (v) toda tradução como retradução (Chevrel, 2010), a ideia de que qualquer tradução pode ser considerada uma retradução, sugerindo que o texto original não traduzido em outra língua poderia ser visto como uma tentativa do autor de encontrar sua própria linguagem.

A obra de Carolina Maria de Jesus pode ser compreendida a partir desses diferentes sentidos atribuídos ao termo retradução. Primeiramente, a presente proposta se insere no sentido mais tradicional de retraduzir como iteração, já que se trata de uma nova tradução de *Quarto de Despejo* partindo do texto original, aqui considerado não apenas como o livro publicado em 1960, mas como uma obra em constante reelaboração textual e editorial. Em segundo lugar, há um aspecto que aproxima essa retradução da tradução intermediária, na medida em que a edição original da obra passou por forte intervenção editorial de Audálio Dantas, constituindo uma espécie de “tradução” intralingual dos diários originais de Carolina.

A nova tradução, portanto, parte de um texto já mediado, o que coloca o projeto em diálogo com a ideia de tradução-pivô ou metatradução, como discutido por Gambier (2012). Por fim, é possível articular essa proposta com a concepção mais ampla segundo a qual toda tradução é uma retradução, pois mesmo antes de sua circulação internacional, a voz de Carolina já havia sido moldada, condensada e parcialmente filtrada no processo de edição, um gesto tradutório que, embora realizado na mesma língua, operou deslocamentos de sentido e construção de autoria. Assim, a retradução aqui proposta carrega o

desafio de lidar com múltiplas camadas de mediação e reinterpretação, reconhecendo que o texto que hoje se traduz já é, em si, resultado de processos sucessivos de reescrita e reconfiguração cultural.

Yves Gambier (1994) define retradução como uma nova tradução, realizada na mesma língua, de um texto previamente traduzido, seja integralmente ou em parte. Tal conceito está relacionado à ideia de atualizar textos devido à evolução dos receptores, seus gostos, necessidades e competências. No entanto, desde 1994, as contribuições práticas e teóricas têm levado a uma relativização dessa definição. No início do século XIX, Goethe (1819) fez uma reflexão inicial sobre a retradução, especialmente em relação à (re)tradução poética. Ele identificou três formas de tradução: a tradução que apresenta o estrangeiro à nossa maneira, nesse caso, uma tradução simples em prosa, pois elimina as características da poesia, tornando-a acessível para iniciantes; a tradução parodística, na qual busca-se adaptar o texto estrangeiro às condições locais, aproveitando o sentido desconhecido e recriando-o com um significado próprio; e a tradução idêntica ao original, essa terceira forma é a mais elevada, cujo objetivo é fazer com que a tradução seja idêntica ao original, não como um substituto, mas como uma coexistência com o original. Essas perspectivas de Goethe sobre tradução e retradução destacam a complexidade envolvida na recriação de textos em diferentes contextos culturais e linguísticos ao longo do tempo.

No presente trabalho, a necessidade de uma retradução vai além da mera atualização cronológica do texto. Aqui, não se trata apenas de corrigir a tradução anterior, mas de evidenciar suas contradições e os trechos que foram silenciados, algo que se torna ainda mais evidente diante da dificuldade de se encontrar informações sobre essa versão. Como demonstrado, os dados analisados de *Quarto de Despejo* possuem grande relevância no cenário da língua inglesa, especialmente por se tratar de uma língua franca.

Berman (1999) destaca a necessidade de distinguir entre “dois espaços (e dois tempos) de tradução”: o das primeiras traduções e o das retraduições. Ele enfatiza que essa distinção é fundamental para refletir sobre a temporalidade da tradução, uma ideia que também é explorada por Goethe e Benjamin, mas de maneira mais preliminar. Berman argumenta que um tradutor lida não apenas com o texto original, mas também com as traduções prévias. Para Berman

([1990] 2017), em seu artigo *A retradução como espaço da tradução*, a retradução ocorre em benefício do texto original e em oposição às traduções já existentes, muitas vezes resultando em obras-primas. Ele ressalta que as primeiras traduções não são necessariamente as melhores, enfatizando que traduzimos porque as traduções envelhecem:

É preciso retraduzir porque as traduções envelhecem, e porque nenhuma é a tradução: assim percebemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo, e uma atividade que possui uma temporalidade própria: a da caducidade e da incompletude (Berman, 1990 [2017], p. 1).

Nessa citação de Berman reside uma das grandes motivações para a retradução: nenhuma tradução é completa e definitiva. Cada tradução é marcada pelas condições históricas, culturais e editoriais do momento em que foi produzida, e, com o tempo, pode perder sua eficácia comunicativa, sua relevância estética ou seu alinhamento com novas sensibilidades e leitores. Assim, a retradução surge como uma forma de reinscrever o texto-fonte em novos contextos e de permitir que outras vozes tradutórias se apropriem da obra, reafirmando o caráter processual, histórico e plural da tradução.

Para Berman ([1990] 2017) as primeiras traduções são mais domesticadoras, para que o público leitor tenha um primeiro contato com o autor e a obra, enquanto traduções posteriores são mais fiéis ao original, para retomar o estranhamento da obra na cultura-alvo. Essa ideia, embora influente e demonstrada em várias obras, foi refutada por Koskinen e Paloposki (2010), demonstrando que nem toda primeira tradução é domesticadora e que múltiplos fatores influenciam as decisões tradutórias, apontando que provavelmente a tradução inicial domesticante está mais ligada à época em que a tradução foi feita.

No caso de *Quarto de Despejo* essa é uma questão complexa, já que o tradutor, David St. Clair, não tinha uma postura uniforme quanto às decisões tradutórias. Uma tradução domesticante buscaria aproximar o texto da cultura do leitor, com adaptação do conteúdo e estilo ao sistema da língua-alvo além das marcas culturais serem muitas vezes substituídas por equivalentes culturais locais. É o que acontece com alguns marcadores culturais, aspectos da cultura negra, nomes próprios, toponímias, alimentos, nomes de pássaros etc. em que

ele substitui por palavras do inglês. Já uma tradução estrangeirizante buscaria aproximar o leitor da cultura de origem, preservando traços culturais e linguísticos do original e com marcas culturais mantidas e explicadas (às vezes com notas de rodapé). É, também, o que acontece em alguns trechos da tradução de St. Clair, em que ele deixa palavras em português na tradução com explicações no corpo do texto ou em notas de rodapé, como a manutenção do termo “favelados”, “pinga” e “guaraná” na tradução.

Essa alternância aponta para um projeto tradutório híbrido, em que não se pode afirmar com segurança se houve uma intenção consciente de domesticar ou estrangeirizar o texto. Por isso, a própria aplicação da hipótese da retradução de Berman torna-se problemática nesse caso. Como demonstrado por Koskinen e Paloposki (2010), as escolhas tradutórias estão ligadas a múltiplos fatores contextuais e editoriais — como o momento histórico, o perfil do público, os objetivos comerciais, o conhecimento do tradutor sobre a obra e o autor — e não apenas ao fato de ser uma “primeira” ou “segunda” tradução. No caso da tradução de St. Clair, essa indefinição impossibilita atribuir suas estratégias apenas à função introdutória da obra ou a um suposto caráter domesticador típico das primeiras traduções, como propõe Berman.

Berman ([1990] 2017) destaca também que, no campo da tradução, as retraduições são as únicas que ocasionalmente alcançam sucesso. A necessidade da retradução é, nesse caso, atribuída ao envelhecimento das traduções existentes, que deixam de responder ao estado atual da língua, da literatura e da cultura. Além disso, a retradução é vista como parte intrínseca da própria estrutura do ato de traduzir, uma vez que nenhuma tradução pode ser considerada como a única tradução verdadeira.

Para Berman ([1990] 2017), embora seja comum pensar que as traduções envelhecem enquanto os originais permanecem jovens, existem certas exceções notáveis, como as chamadas “grandes traduções”, que perduram tanto quanto os originais e, às vezes, são até mais “brilhantes”, como a “Vulgata” de São Jerônimo e a Bíblia de Lutero. Entretanto, é necessário estabelecer critérios para identificar uma “grande tradução”, dentre eles: ser um evento na língua de chegada, ser extremamente sistemática, estabelecer uma ligação intensa com o original e ter um impacto significativo na cultura de chegada.

Segundo Berman ([1990] 2017), todas as grandes traduções são retraduições. Contudo, tal afirmativa pode ser problematizada. Esse fato seria uma consequência do processo de retradução, do fato de obras canônicas terem quase sempre retraduições, ou do fato de que quem produz essas retraduições são normalmente tradutores renomados, com notório saber.

O autor também aborda o exemplo de Amyot, que fez uma primeira tradução de Plutarco em francês, mesmo que parte da obra ainda não tivesse sido traduzida, para complementar o conceito de retradução, que não se limita apenas a novas traduções de textos já traduzidos. Sendo assim, qualquer tradução subsequente de um autor já traduzido pode ser considerada uma retradução.

Nesse sentido, a nova tradução de *Quarto de Despejo* dialoga com a noção de que a retradução é parte essencial do próprio processo tradutório, possibilitando novas interpretações e ampliando o impacto da obra no contexto da língua inglesa. Essa proposta busca estabelecer um vínculo com o original, trazendo à tona nuances estilísticas e discursivas da autora que possam ter sido apagadas em versões anteriores. Dessa forma, a retradução não apenas revisita o texto de partida, mas também ressignifica sua recepção e circulação na cultura de chegada.

Na continuidade dessa reflexão, Berman ([1990] 2017) aborda a retradução a partir de dois “fatos fundamentais”: o *kairos* e a insuficiência. Para o autor, toda tradução é marcada por algum grau de insuficiência, pelo que Berman denomina “não-tradução”⁶⁵, condição que se mostra particularmente evidente nas primeiras traduções. A retradução surge, então, da necessidade de reduzir essa insuficiência e pode ser acompanhada por uma multiplicidade de

⁶⁵ Emprega-se aqui “não-tradução” na acepção específica de Berman ([1990] 2017, p. 266), como marca da falha ou insuficiência que afeta todo ato tradutório e que compreende tanto a incapacidade de traduzir quanto certa resistência ao traduzir. Segundo o autor, essa condição se manifesta mais intensamente nas primeiras traduções, enquanto a retradução procura reduzir, sem eliminar, essa falha original. Essa acepção não deve ser confundida com a “não-tradução” proposta por Jacques Brault em *Poèmes des quatre côtés* (1975), entendida como uma prática poética deliberada e autocrítica de reescrita, negociação e transformação do texto de partida, que problematiza as fronteiras entre tradução e criação (Brault, 1975; Stradioto-Casolato, 2022).

novas traduções. Em uma grande retradução, a insuficiência é contrabalanceada pela abundância, que se manifesta na riqueza da língua, na relação com o original e no significado textual. Mas para que se produza essa tradução, outro fator deve ser levado em conta: o *kairos*, ou seja, o momento favorável. A grande retradução só surge “no momento favorável”, quando a resistência à tradução é suspensão e a tradução se torna vital para a cultura.

Já em *La retraduction, retour et détournement*, de 1994, Yves Gambier introduz a noção de retradução com base na hipótese de Antoine Berman. A retradução é definida como uma nova tradução de um texto já traduzido na mesma língua, total ou parcialmente. Ela é vista como uma forma de reatualizar o texto devido à evolução dos receptores, seus gostos, necessidades e competências ao longo do tempo, incorporando, assim, uma dimensão histórica e sociocultural.

Gambier, então, embora filiado a Berman, começa a questionar a visão logocêntrica do texto e da imanência do sentido presente na proposta bermaniana. Ele sugere que os retradutores não podem se desvincular da ideologia, cultura, contexto e política. No entanto, Gambier, até então, não rompe completamente com a visão de Berman, pois continua a conceber a retradução como um meio de restituir a significância do texto e abrir espaço para as singularidades originais.

Posteriormente, o autor, em seu artigo de 2012, formula uma série de perguntas essenciais sobre a retradução: Por que um mesmo texto gera várias traduções? Por que algumas traduções envelhecem rapidamente, enquanto outras permanecem relevantes? A retradução é aplicável da mesma forma a diferentes gêneros? As autotraduções podem ser retraduzidas? Qual é o papel do tradutor em uma retradução?; destacando que a retradução visa dar visibilidade a partes omitidas do texto, corrigir contrassensos, aliviar aspectos indesejados no estilo, demonstrar a habilidade de um tradutor e atender a interesses comerciais.

Gambier (2012) também considera que as causas do envelhecimento das traduções são variadas, incluindo novas edições, evoluções nos métodos de interpretação, transformações socioculturais e teorias de tradução em mudança, bem como a qualidade das traduções ou retraduições. O autor observa que a retradução pode ser aplicada de maneira diferente a diferentes gêneros e depende de modificações tanto epistemológicas quanto das necessidades

específicas do texto, também destacando a importância do relacionamento do retradutor com traduções anteriores, já que isso afeta a abordagem e o alcance crítico da retradução.

Ao revisitar suas próprias ideias e as de Berman, Gambier (2012) questiona a visão de Berman de que as traduções envelhecem e argumenta que a retradução não é uma evolução linear, mas sim um processo complexo que pode ser influenciado por flutuações linguísticas, aspectos editoriais, comerciais e culturais. Ele introduz a ideia de retraduições endogenéticas e exogenéticas, e incorpora as teorias de polissistemas, mostrando que as retraduições podem ter significados e causalidades variáveis, dependendo do tempo, das funções e do nível de análise no sistema de tradução.

Gambier (2012) enfatiza que o estudo da retradução não pressupõe uma visão evolucionista, mas sim uma compreensão complexa que leva em consideração a historicidade e a dinâmica do sistema sociocultural e literário da cultura receptora. Isso implica a consideração de projetos tradutórios, tendências estéticas, interesses comerciais e influências pessoais, acadêmicas e literárias.

Assim, seguindo a perspectiva de Gambier (2012), o envelhecimento da tradução de *Quarto de Despejo* não se deve apenas à passagem do tempo, mas a mudanças socioculturais, novos métodos de interpretação e avanços nos Estudos da Tradução. Além disso, a crescente visibilidade da obra e sua importância no cenário literário internacional tornam necessária uma nova abordagem que dialogue com as teorias contemporâneas da tradução e com um olhar mais crítico sobre a representação da autora e de sua escrita.

Por isso, esta retradução não se justifica apenas pelo tempo decorrido desde a tradução anterior, de 1962, mas também pelas limitações inerentes a essa versão. Como já mencionado, a primeira tradução foi realizada por St. Clair, que não tinha formação específica em tradução, com um domínio limitado do português e sem acesso aos recursos tecnológicos e referenciais teóricos que temos hoje. Esses fatores comprometeram diretamente a preservação do estilo e da voz de Carolina Maria de Jesus, resultando em omissões, simplificações e distorções do texto original. Além disso, esta nova tradução propõe-se a corrigir erros de interpretação presentes na versão de St. Clair, os quais podem ser atribuídos, em parte, a uma compreensão insuficiente da cultura brasileira e das vivências periféricas que atravessam a obra. Assim, ao buscar maior rigor

interpretativo e respeito às marcas sociais, culturais e estilísticas do texto original, esta retradução pretende restituir a complexidade da escrita de Carolina e revalorizar sua autoria no cenário internacional.

Yanjie Li (2013) pertence ao grupo de trabalhos publicados posteriormente que discutem algumas definições de tradução e a importância da compreensão, interpretação e transformação no processo de tradução. O autor (2013) começa citando Catford (1965, p. 20), que define a tradução como: “A substituição de material textual em uma língua (*source language* - SL) por material textual equivalente em outra língua (*target language* - TL).” Catford (1965, p. 21) argumenta que “[o] problema central da prática tradutória é encontrar equivalentes de tradução em TL. Uma tarefa central da teoria da tradução é definir a natureza e a equivalência da tradução.” Assim, entendemos que Catford sublinha que o essencial da tradução é procurar “equivalentes de tradução em TL”, o que, segundo Li (2013), é altamente defendido pela maioria dos estudiosos da tradução no campo da tradução.

Para Ian F. Finlay (1971, p. 1), “Uma tradução deve ser definida como a apresentação de um texto em uma língua diferente daquela em que foi originalmente escrito.” Além disso, Finlay sustenta que “[n]ormalmente, é universalmente aceito que qualquer tradução digna desse nome deve reproduzir o sentido pleno do original, nada omitindo e nada acrescentando”. Outro ponto de Finlay é: “Idealmente, a tradução deveria dar o sentido do original de tal forma que o leitor não perceba que está lendo uma tradução”. (Finlay, 1971, p. 2). Para Finlay, a ideia de tradução seria “reproduzir o sentido completo do original, não omitir nada e não adicionar nada”.

Já Nida e Taber (1969, p. 12) defendem que: “Traduzir consiste em reproduzir na língua receptora o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua fonte, primeiro em termos de significado e depois em termos de estilo.” No sentido de “equivalência”, os pontos de vista de Catford e Nida têm algo em comum, mas Nida declara especificamente que a equivalência deve ser “primeiro em termos de significado e segundo em termos de estilo”.

Passando por todas essas definições, Li (2013) oferece sua própria definição de tradução a partir da perspectiva hermenêutica filosófica:

A tradução está inevitavelmente ligada à compreensão, à interpretação e à recriação. Durante o processo de tradução, o próprio tradutor, como leitor, ajusta continuamente seus preconceitos ao texto e conversa com o texto. Assim, finalmente, ele remove a alienação que é provocada pela distância temporal e atinge a “fusão dos horizontes”, por assim dizer, ele realiza o produto como uma tradução. (Li, 2013, p. 1909)

É relevante mencionar ainda que, dentro da tradução, encontramos subáreas como a tradução técnica e a tradução literária. Li (2013) discute igualmente as questões referentes à tradução literária, que também são objeto deste trabalho. Os tradutores literários, segundo Finlay (1971, p. 45), são:

[...] tradutores de todos os tipos de ficção e abrangem categorias como romances, peças de teatro, poesia, roteiros de filmes e similares, bem como, em muitos casos, biografias, livros de viagens e tipos semelhantes de não ficção, basicamente não técnicos.

A tradução literária exige requisitos ou tensões diferentes do trabalho de tradução técnica. Portanto, para Fang Ping (1998), devido ao compromisso de fazer a ponte entre diferentes culturas, os tradutores literários assumem a “fidelidade ao texto” como sua principal tarefa.

Voltando à retradução, Charles Kraszewski (1998) apresenta quatro estratégias relevantes. A tradução corretiva refere-se à retradução de uma obra já existente com o objetivo de proporcionar uma reprodução mais fiel do original; a tradução crítica envolve a retradução de uma obra literária já existente em uma tradução que é aceitável e livre de erros, com o propósito de lançar nova luz interpretativa sobre a obra original; a tradução de proselitismo consiste na retradução de uma obra já existente em uma forma aceitável na língua-alvo, com a intenção de enfatizar seu significado especial para um grupo específico de receptores, alinhando a interpretação do texto com os costumes, ideias ou visões de mundo desse grupo; e, por fim, a tradução neoconceitual que, nesta abordagem, visa retraduzir uma obra já existente de forma aceitável na língua-alvo, com o objetivo de eliminar a discriminação de gênero ou qualquer inclinação violenta refletida na tradução, buscando purificar a linguagem de tradução para evitar poluição linguística.

A proposta de retradução de *Quarto de Despejo* se alinha a diferentes estratégias descritas por Kraszewski (1998), revelando a complexidade e a

multiplicidade de motivações envolvidas nesse processo. Em primeiro lugar, assume um caráter de tradução corretiva, ao buscar corrigir distorções, omissões e escolhas problemáticas da primeira versão de David St. Clair, sobretudo no tratamento da língua portuguesa e da realidade sociocultural retratada por Carolina Maria de Jesus. Simultaneamente, nossa proposta pode ser compreendida também como uma tradução crítica, uma vez que propõe lançar nova luz interpretativa sobre a obra, recuperando a densidade estilística e política da voz de Carolina, frequentemente suavizada ou apagada na tradução anterior. Embora a proposta não se enquadre totalmente na tradução neoconceitual, ela dialoga com esse princípio ao buscar evitar apagamentos identitários, raciais ou de classe, garantindo que a linguagem usada na tradução não perpetue violências simbólicas nem distorça a autoria de Carolina.

No artigo *Retranslation in context*, Van Poucke e Sanz Gallego (2019) também discorrem sobre o conceito de retradução e seu significado no campo dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Literatura. Segundo os autores, a retradução não é um fenômeno novo e vem prevalecendo desde a Idade Média. Dessa forma, há a necessidade de mais pesquisas sobre a retradução, incluindo a história da retradução literária, o papel dos diferentes agentes envolvidos no processo, considerações econômicas e o impacto da retradução na canonização de obras da Literatura Mundial.

Para Van Poucke e Sanz Gallego (2019), o desenvolvimento dos estudos de retradução começa a partir de volumes especiais sobre o tema, como a revista *Palimpsestes*, em 1990, que introduziu o conceito da hipótese de retradução e a ideia de uma “grande tradução”. Os estudos subsequentes focaram na retradução literária, incluindo estudos de caso e artigos teóricos.

Ambos os pesquisadores (2019) questionam diversos aspectos sobre retraduições, por exemplo, se “cold retranslations” (feitas tempos depois da publicação do texto fonte) são fundamentalmente diferentes de “hot translations” (feitas imediatamente após sua publicação). Além disso, buscam refletir a importância de considerar os aspectos de nível macro da retradução, incluindo diferenças entre sistemas literários centrais e periféricos, a distinção entre retraduições e revisões, e questões de autoria e plágio. De acordo com Van Poucke e Sanz Gallego (2019), da mesma forma, a “não-retradução” também é

um aspecto igualmente significativo da retradução, que atraiu relativamente pouco interesse acadêmico até agora.

É certo que o conceito de retradução está intimamente relacionado com outro conceito – o de canonização. Quanto mais marcante um texto se torna, mais existem motivos para a retradução, desde a atualização da linguagem de uma tradução mais antiga até a censura e adaptação radical, para adequá-la às normas culturais ou políticas (Van Poucke e Sanz Gallego, 2019).

Van Poucke (2020), em seu artigo *The effect of previous translations on retranslation: a case study of russian-dutch literary translation* novamente discute o conceito de retradução e suas implicações no campo dos Estudos da Tradução. Segundo o autor, retraduzir seria produzir uma nova tradução de um texto no mesmo idioma em que já existe uma tradução anterior. As retraduições visam apresentar uma versão melhorada ou aprimorada da tradução anterior, muitas vezes anunciada como edições “novas” e “atualizadas”. Contudo, por vezes, a estratégia de marketing mascara o fato de ter ocorrido uma revisão ou uma mera atualização da tradução mais antiga.

O pesquisador aponta que a diferença crucial entre traduzir e retraduzir reside no fato de os tradutores, ao fazerem uma nova tradução, terem a oportunidade de utilizar a tradução anterior como referência e podem reutilizar seções que não apresentem deficiências óbvias. Segundo ele, esse fato levanta questões sobre a extensão das mudanças introduzidas em uma retradução, ou seja, quando uma retradução se torna uma “retradução propriamente dita” em vez de uma revisão ou simples atualização.

Esse ponto é relevante para o presente trabalho, uma vez que os problemas encontrados na tradução de St. Clair são variados, recorrentes e estruturais, não sendo possível realizar somente um ajuste da proposta original de tradução. Como mencionamos anteriormente, durante o trabalho de conclusão de curso do bacharelado em inglês da Universidade Federal de Juiz de Fora, conseguimos analisar os excertos da tradução para o inglês divididos nas categorias: (i) contexto da obra; (ii) nomes próprios e pronomes de tratamento; (iii) aspectos de domesticação e imagem do país; (iv) erros e manipulações detrimenais.

Dentro das categorias estabelecidas, o TCC identificou problemas que incidiam sobre diferentes níveis do texto, entre eles a normalização das marcas

de oralidade, a ausência de padronização no tratamento dos nomes próprios e das formas de tratamento, a oscilação entre estratégias domesticadoras e estrangeirizantes, as omissões, os acréscimos e os erros de interpretação. A própria categorização apresentou dificuldades, uma vez que alguns excertos reuniam duas ou mais incongruências tradutórias, demonstrando que as alterações não se restringiam a fenômenos isolados, mas frequentemente se sobrepunham em uma mesma passagem (Bahia, 2019).

No tratamento dos marcadores culturais, observou-se que St. Clair preservava determinados termos em português e recorria a notas de rodapé para apresentá-los ao público anglófono. A manutenção do vocábulo original, entretanto, nem sempre correspondia a uma explicação culturalmente precisa, como demonstra o quadro 3 a seguir.

Quadro 3 - Notas de rodapé *Child of the Dark*

Quentão: a drink of hot <i>pinga</i> sugarcane alcohol mixed with ginger (Jesus, 2003, p. 66). ⁶⁶
Guaraná: Brazilian Coca-Cola made from a tree in the Amazon jungle (Jesus, 2003, p. 104). ⁶⁷
Pinga: a white fiery liquor made from sugarcane. Powerful and potent it is the favorite drink of Brazil's poor , who can get drunk on it for less than ten cents a bottle (Jesus, 2003, p. 13). ⁶⁸

Fonte: Elaboração própria (2019), grifo nosso.

As notas referentes a *quentão*, *guaraná* e *pinga* demonstram que a preservação do termo em português não garante, por si só, a manutenção de sua dimensão cultural. A comparação do guaraná com a Coca-Cola, por exemplo, procura aproximar a bebida de um referente conhecido pelo leitor estadunidense, mas não explica adequadamente suas particularidades. De forma ainda mais problemática, a nota sobre a pinga associa seu consumo de maneira generalizante à população pobre brasileira. Desse modo, o paratexto

⁶⁶ Uma bebida de pinga, álcool de cana, quente misturada com gengibre (tradução nossa).

⁶⁷ Coca cola brasileira feita de uma árvore da selva amazônica (tradução nossa).

⁶⁸ Um licor ardente e branco feito de cana-de-açúcar. Poderosa e potente, é a bebida favorita dos pobres do Brasil, que podem ficar bêbados por menos de dez centavos de dólar por garrafa (tradução nossa).

não atua apenas como recurso explicativo, mas também interfere na construção da imagem do Brasil, ao introduzir avaliações e generalizações ausentes do texto de Carolina (Bahia, 2019).

A pesquisa também identificou acréscimos que modificam a caracterização das personagens e tornam a fala traduzida mais agressiva ou explícita. Em determinadas passagens, St. Clair insere insultos, atribui às personagens ações não mencionadas no original ou completa enunciados que Carolina havia deixado interrompidos. Essas intervenções não constituem simples explicitações, pois acrescentam avaliações e comportamentos que podem alterar a percepção do leitor acerca da narradora e das pessoas retratadas.

Quadro 4 - Acréscimos e alterações na caracterização das personagens em *Child of the Dark*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Então o porco já foi homem? — Não sei (Jesus, 1976, p. 159).	— Then the pig was a man? — I don't know! Stupid boy! (Jesus, 2003, p. 152).
A Aparecida veio dizer que o João mandou ela tomar no ... (Jesus, 1976, p. 169).	Aparecida came to tell me that my boy João told her to shove it up her ass (Jesus, 2003, p. 161).
Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar . Parece tambor (Jesus, 1976, p. 14).	I take on all kinds of work to keep them. And those women have to beg or even steal (Jesus, 2003, p. 8).
Disse que ela e José Carlos tinham ido pedir esmola. Ele estava com saco nas costas. Eu vinha na frente e dizia que ele deveria era fazer lições. Eu precisava ir na cidade (Jesus, 1976, p. 82).	She said that she and José Carlos had gone out begging. He had one of my sacks on his back. I walked ahead of them so they wouldn't see my smile but told him she should be studying his lessons. I had to go into the city (Jesus, 2003, p. 76).

Fonte: adaptado de Bahia (2019), grifos nossos.

Os exemplos evidenciam que os acréscimos interferem na construção da voz narrativa. Ao inserir um insulto, por exemplo, a tradução atribui a Carolina uma agressividade inexistente no texto de partida; em outra passagem, o acréscimo de uma ação ou reação modifica sua posição diante dos acontecimentos narrados. O trabalho de conclusão de curso identificou ainda

escolhas lexicais que intensificam o teor pejorativo de determinadas falas e traduções que introduzem conotações sexuais em situações que não as apresentavam no original (Bahia, 2019, p. 66-70). Em conjunto, essas ocorrências contribuem para a formação de uma voz mais agressiva, vulgarizada ou sexualizada na tradução, aproximando a obra de uma leitura sensacionalista.

Além dessas interferências de natureza estilística e discursiva, foram encontrados erros de compreensão que alteram informações objetivas, invertem relações entre as personagens ou modificam inteiramente o sentido dos enunciados.

Quadro 5 - erros de interpretação em *Child of the Dark*

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Treis vezes ela nos deu água (Jesus, 1976, p. 54).	Thirteen times she gave us water (Jesus, 2003, p. 49).
Eu fico admirada do senhor Alexandre temer o Valdemar (Jesus, 1976, p. 58).	I admire Alexandre's courage in facing Valdemar (Jesus, 2003, p. 52).
Porque a senhora não casou-se? Agora a senhora tinha um homem para ajudar (Jesus, 1976, p. 85).	Why don't you rest? Now you have a man to help you (Jesus, 2003, p. 79).

Fonte: adaptado de Bahia (2019), grifos nossos.

Diferentemente das escolhas que podem ser discutidas como estratégias tradutórias, os casos apresentados no Quadro 5 constituem erros de compreensão do texto de partida. A troca de três por treze altera uma informação objetiva; a transformação do temor de Alexandre em coragem inverte a relação entre as personagens; e a interpretação de “casou-se” como “descansar” modifica o conteúdo e a dinâmica do diálogo. A recorrência de ocorrências dessa natureza em diferentes momentos da obra indica que não se trata apenas de lapsos pontuais, mas de problemas de compreensão e revisão que afetam a consistência da tradução.

Os resultados do TCC demonstraram, portanto, que *Child of the Dark* alterna normalizações estilísticas, explicações culturais redutoras, acréscimos, omissões, intensificações lexicais e erros semânticos, sem que se

possa identificar um padrão tradutório estável. Esse diagnóstico foi posteriormente ampliado no mestrado, no qual a análise da circulação e das traduções inglesas das obras de Carolina permitiu relacionar essas escolhas à construção de sua imagem autoral no exterior (Bahia, 2022). As pesquisas anteriores forneceram, assim, parte da base empírica para a proposta de retradução desenvolvida nesta tese.

Finalizamos, então, com o questionamento de Faleiros e Mattos (2017): por que traduzir? Os autores argumentam que a retradução é um fenômeno complexo e que várias razões podem justificar sua ocorrência. Dentre elas, podemos destacar a melhora da qualidade, quando retraduzimos porque a tradução anterior não é considerada satisfatória. Os retradutores buscam restituir aspectos linguísticos, textuais ou estilísticos que foram considerados fundamentais na obra original, corrigindo erros, omissões ou desvios das traduções anteriores. A segunda opção seria traduzir diretamente do original: às vezes, as retraduições ocorrem porque os retradutores desejam traduzir diretamente do original, em vez de usar traduções intermediárias, tal fato pode ocorrer quando as traduções anteriores foram baseadas em traduções intermediárias. Uma terceira perspectiva seria o envelhecimento das traduções, como proposto por Berman, retraduzimos porque as traduções envelhecem, ou seja, a forma como um texto é interpretado e apreciado muda com o tempo, muitas vezes devido a mudanças nas perspectivas críticas, estilísticas e culturais. A retradução também pode decorrer de avanços tecnológicos, à medida que novas ferramentas tecnológicas, como memória de tradução, análise de corpora e recursos de pesquisa, se tornam disponíveis, retraduzimos para melhorar as traduções que não tinham acesso a esses recursos. Uma quinta hipótese seria a ressignificação cultural, retraduzimos para ressignificar um autor ou texto no sistema da cultura receptora, podendo envolver uma tentativa de reposicionar o autor ou o texto em um contexto cultural específico, tornando-os mais relevantes ou significativos. A sexta opção seria uma mera necessidade de tradução, já que, às vezes, os retradutores podem não estar cientes de traduções anteriores, ou podem escolher não as usar, simplesmente desejando realizar sua própria tradução. A sétima perspectiva seriam as motivações editoriais e comerciais, questões de mercado que também podem impulsionar retraduições. A publicidade e a promoção de um autor ou texto

podem desencadear retraduições com o objetivo de apresentar a obra de uma nova maneira ou torná-la mais comercialmente viável. E, por fim, a ressignificação pessoal e interpretativa, as retraduições podem ocorrer porque os retradutores têm uma leitura pessoal ou uma interpretação do texto que não foi contemplada nas traduções anteriores, tal retradução pode ser uma maneira de expressar uma interpretação diferente ou uma perspectiva única sobre a obra.

Sendo assim, entendemos que a retradução não se limita a uma única motivação, uma vez que diferentes razões podem coexistir e se articular em um mesmo projeto. Trata-se de um processo dinâmico, relacionado às transformações das interpretações e das condições culturais, literárias, linguísticas e tecnológicas ao longo do tempo. As contribuições de Gambier (1994, 2012) e Faleiros e Mattos (2017), embora apresentem ênfases distintas, são aqui compreendidas como perspectivas complementares, e não como explicações estanques. No presente trabalho, a retradução é motivada simultaneamente pela intenção de enfrentar limitações identificadas na tradução anterior, recuperar passagens omitidas, corrigir erros mapeados em pesquisas anteriores e considerar as mudanças temporais e culturais ocorridas desde a publicação da primeira tradução. Não buscamos, portanto, substituir a tradução anterior, mas acrescentar ao percurso tradutório da obra uma nova possibilidade de leitura: uma tradução que coexista e dialogue com a versão de St. Clair, tensionando suas escolhas, omissões e limitações, e que evidencie o intenso trabalho de elaboração literária realizado por Carolina Maria de Jesus em seus diários.

4 UMA QUESTÃO DE ESTILO: A VOZ DA AUTORA E DA TRADUTORA

Neste capítulo iremos propor, na seção 4.1, uma discussão reflexiva e analítica que explora diversas camadas da obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente no que tange à sua variabilidade estilística, sua complexidade linguística e cultural, bem como os desafios intrínsecos à tradução de um texto tão singular. Primeiramente, abordaremos o estilo híbrido da escrita de Carolina, ressaltando como a autora navega entre registros de linguagem aparentemente antagônicos — da informalidade cotidiana à formalidade clássica — resultado tanto de sua vivência na favela quanto de sua intensa prática leitora. A partir disso, discutiremos questões ético-culturais suscitadas pelo texto, investigando como preconceitos estruturais sobre autoria e legitimação literária se refletem nas interpretações e na recepção de sua obra. Por fim, analisaremos as questões estilísticas e tradutórias, abordando aspectos como a estilística comparativa, a relevância da voz e das escolhas do tradutor, e as estratégias para transmitir em outra língua o ritmo peculiar, a oralidade e as marcas culturais do original. Essas escolhas não são apenas metodológicas, mas buscam respeitar e refletir a riqueza estética e social que constitui a escrita de Carolina de Jesus.

Já na seção 4.2, abordaremos a relação entre obra-fonte e autoria, discutindo como *Quarto de Despejo* passou por diferentes processos de edição, adaptação e circulação que impactaram a construção da imagem autoral de Carolina Maria de Jesus. Serão discutidas as intervenções editoriais de Audálio Dantas e as diversas reescritas da obra em outros suportes e contextos, evidenciando como tais mediações tensionam a noção de autoria individual e permitem pensar o texto como resultado de negociações discursivas e institucionais. Para essa discussão, recorreremos às reflexões de Roland Barthes (2004 [1968]), Michel Foucault (2009 [1969]) e Giorgio Agamben (2007) sobre a autoria enquanto função, gesto e construção histórica. Além disso, proporemos uma reflexão sobre a circulação internacional da obra e sobre o conceito de versão literária, a partir de Paulo Henriques Britto (2012), compreendendo a tradução como recriação estética e mediação cultural. Dessa forma, o capítulo busca articular debates sobre autoria, edição e tradução para

compreender como a obra de Carolina se reinscreve continuamente em novos contextos de leitura e legitimação literária.

4.1 PERSPECTIVAS TRADUTÓRIAS: DESAFIOS NO ESTILO DE ESCRITA E NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Ao fazer uma primeira leitura de *Quarto de Despejo*, nos detemos na linguagem coloquial, próxima da fala cotidiana, utilizada por Carolina Maria de Jesus. Entretanto, com uma leitura mais atenta, é possível observar um alto grau de flutuação:

Consideramos que, na obra de Carolina, o hibridismo ocorre tanto na proliferação de gêneros narrativos, quanto na convivência estranha entre linguagem culta e linguagem do meio favelado, fato que possibilitou uma combinação inovadora na história de nossas letras. O elemento híbrido, no edifício textual de Carolina, é afirmado pelo fato de ela estar situada entre dois grupos culturais, entre dois conjuntos semânticos e vários gêneros de escrita, com base em duas formas de expressão: a norma culta da língua portuguesa e o desvio lingüístico da fala marginal. (Fernandez, 2008, p. 126)

A formalidade e sofisticação presentes na linguagem de Carolina Maria de Jesus podem ser atribuídas, em parte, à sua intensa prática de leitura, especialmente de obras clássicas. Apesar de ter apenas dois anos de escolaridade formal, Carolina era uma leitora ávida, o que influenciou significativamente seu estilo literário. Ela mesma expressava o desejo de escrever com a linguagem dos “gêneros elevados”:

É visível o esforço de Carolina em aproximar sua linguagem cotidiana, oral ou escrita, daquela que ela avaliava não apenas como superior à dos favelados, mas como “clássica”. Essa linguagem é, no seu entender, a que lhe possibilitaria atingir os gêneros elevados e, assim, a elevação social a que aspira e que lhe proporcionaria o meio de projetar-se, metafórica e literalmente, para fora da miséria que a rodeia. Tendo como meta os gêneros elevados, a escritora não reconhece a linguagem cotidiana como forma artística de expressão. Assim, ela distingue na linguagem duas manifestações antagônicas e estereotipadas: a clássica e a pornográfica. A primeira, no seu entender, seria a dos poemas; a segunda, a do diário. Ao almejar expressar-se pela primeira, acaba por produzir um estereótipo do clássico, e até de si mesma, enquanto tece, na escrita do

cotidiano, considerações metalinguísticas sobre sua produção.
(Silva; Perpétua, 2016, s/p)

Essa aspiração por uma expressão literária mais refinada reflete a influência das leituras que Carolina realizou ao longo da vida, especialmente de livros clássicos, dos quais derivam muitas das palavras e construções formais presentes em sua escrita; por isso, torna-se necessário discutir a estilística do texto caroliniano e de que maneira essa dimensão impacta as escolhas na retradução de sua obra.

Gabriela Saldanha (2011b), em seu artigo *Translator Style: Methodological Considerations*, destaca que as retraduições oferecem um método simplificado para estudar padrões estilísticos atribuíveis ao tradutor, mas sua aplicação é limitada, considerando fatores como escolhas linguísticas, antecedentes culturais e restrições metodológicas. Por isso, a autora defende a exploração de padrões consistentes em diversas obras traduzidas pelo mesmo tradutor para estabelecer padrões mais generalizados.

Efim Etkind (1967), em *La stylistique comparée, base de l'art de traduire*, coloca algumas ideias importantes sobre a relação entre língua e mentalidade, que foram formuladas por W. von Humboldt. Ele afirmou que cada língua é moldada pelo povo que a fala, criando um círculo impenetrável aos outros. A língua é considerada uma expressão do espírito de um povo, e é impossível traduzir completamente a mentalidade de uma língua para outra.

Tais ideias foram desenvolvidas por linguistas como Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, Leo Weisgerber e Jost Trier. Eles acreditavam que cada língua molda uma concepção única do mundo (Weltbild) e influencia a formação da mentalidade e das normas culturais de um povo. B. Whorf afirmou que as noções de tempo e espaço variam dependendo da língua, o que demonstra a influência da língua na maneira como as pessoas percebem o mundo.

Etkind (1967) aborda como alguns estudiosos, como H. Seidler, baseados nessa “metafísica linguística”, argumentaram que a tradução literária, especialmente da poesia, é essencialmente impossível. Eles afirmam que cada sistema linguístico está ligado à sua própria língua e possui um “espírito” específico, tornando difícil a transposição completa para outra língua. Segundo H. Seidler, a diferença é ainda maior entre línguas mais distantes, mas também apresenta problemas mesmo entre línguas aparentadas como são mostrados

em pesquisas em paralelos estilísticos, que demonstraram que a tradução pode ser problemática mesmo entre línguas mais próximas.

O contraposto dos pontos de vista de Leo Weisgerber e H. Seidler mostra que a teoria da tradução une problemas linguísticos com problemas literários e estéticos. Duas tendências surgiram na teoria da tradução: a linguística e a literária. Os defensores da teoria linguística consideram a tradução uma disciplina linguística, enquanto os defensores da teoria literária a veem como parte da estética, com papel primordial aos elementos artísticos.

O conceito de um estilo individual de tradução não é novo, como afirma Gabriela Saldanha (2011b) em seu artigo *Translator Style: Methodological Considerations*. Para a autora (2011b), desenvolver uma teoria coerente sobre o estilo do tradutor parece ser um passo lógico por pelo menos três motivos: (i) alguns pesquisadores que analisam normas e regularidades na tradução demonstraram que os números globais usados para indicar a frequência ou infrequência de certos padrões linguísticos em um corpus muitas vezes falham em revelar diferenças significativas entre tradutores individuais; (ii) essa teoria poderia complementar o estudo da ideologia na tradução; (iii) e ela tem o potencial de confirmar ou questionar afirmações feitas em estilística forense, especialmente em estudos de atribuição de autoria, acerca da presença de um componente inconsciente no estilo.

A tradução pode ser vista como uma criação literária de segundo grau, que enfrenta problemas linguísticos como a relação entre língua e linguagem e a correlação entre sistemas linguísticos e “mentalidades nacionais”, conforme discute Etkind (1967). Sem resolver esses problemas, é impossível abordar as questões estéticas, como a relação entre forma e conteúdo no original e na tradução, especialmente na poesia, e a reconstituição do original considerando aspectos históricos e culturais através de outro sistema linguístico. As contradições entre as tendências linguísticas e literárias na teoria da tradução podem ser superadas pela estilística comparativa, um ramo da estilística que busca estudar as leis que regem a arte da tradução.

A estilística comparativa (Etkind, 1967) confronta diversos níveis de sistemas linguísticos, sistemas estilísticos, estilos literários, sistemas prosódicos, tradições culturais e históricas de civilizações nacionais e sistemas estéticos individuais do autor do original e do tradutor. Por isso, a análise completa de uma

tradução deve abranger todos esses níveis de confronto, permitindo a compreensão e estudo detalhado da tradução. Assim, a teoria da tradução une de forma indissolúvel a linguística e a teoria da literatura, sendo essencial para a compreensão e prática da tradução literária.

Para Etkind (1967), a elaboração de uma teoria da tradução requer o confronto e a comparação dos recursos estilísticos das duas línguas envolvidas e essa abordagem é essencial para a tradução literária, pois cada língua possui seu próprio ritmo de mudanças estilísticas.

A primeira tentativa de delinear uma estrutura metodológica para investigar se tradutores literários individuais empregam estilos próprios distintos é proposta por Mona Baker (2000), em seu artigo *Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator*. A autora discute que houve tentativas feitas por estudiosos da tradução para integrar diferentes interpretações de estilo no estudo da tradução, principalmente com o objetivo de estabelecer critérios para avaliar a qualidade da tradução, sendo um dos trabalhos de maior destaque nessa área o de Juliane House (1977/1981, 1997).

O modelo proposto por Juliane House foi inicialmente publicado em 1977, no livro intitulado *A Model for Translation Quality Assessment*, baseado em sua tese de doutorado e reeditado em 1981. À medida que os estudos da tradução progrediram ao longo dos anos, a autora percebeu a necessidade de atualizar seu modelo publicado em 1997 como *Translation Quality Assessment: a Model Revisited*. Em 2009, como parte da série Oxford *Introductions to Language Study*, House escreveu um volume sobre tradução, abordando novamente seu modelo de análise de tradução, mas de forma mais simplificada.

Para House (2001), em *Translation Quality Assessment: linguistic description versus social evaluation*, para ser uma tradução de qualidade, o critério avaliativo seria a equivalência, já que “a tradução é vista como a recontextualização de um texto na [língua de partida] por um texto equivalente semântica e pragmaticamente na [língua de chegada]”⁶⁹ (2001, p. 247). Dentro desse modelo, a comparação entre o texto-fonte e o texto traduzido permite

⁶⁹ Original: translation is viewed as the recontextualization of a text in L1 by a semantically and pragmatically equivalent text in L2.

verificar em que medida os textos são funcionalmente equivalentes e indicar, por meios linguísticos, se a tradução foi realizada de maneira adequada.

A pesquisa de House gira em torno do desenvolvimento de um modelo abrangente para delinear idiossincrasias linguísticas e situacionais presentes no texto fonte, com foco na comparação entre esse texto e sua tradução e na produção de julgamentos informativos sobre sua correspondência relativa, conforme discorre Baker (2000). Esse processo avaliativo visa averiguar a qualidade da tradução, identificando correspondências e divergências entre o texto-fonte e o texto traduzido.

O estilo, na abordagem de House, é concebido como a combinação de duas interpretações predominantes: variação nos níveis de formalidade, baseada nas categorias de Joos, e escolhas sistemáticas entre diferentes níveis linguísticos. Para Baker (2000), embora o estudo de House não explore sistematicamente a totalidade do estilo como conceito, o seu objetivo principal é identificar onde os textos de origem e de tradução divergem ao longo das dimensões dos utilizadores da língua e do uso da língua, exclusivamente dentro desses parâmetros, ou seja, o trabalho oferece uma lista de verificação de recursos destinados a facilitar aos estudiosos a formulação de avaliações do alinhamento entre os textos fonte e os textos alvo, juntamente com a eficácia desses últimos na captura do “estilo” do original.

Dentro do método proposto por House, podemos analisar, em *Quarto de despejo*, os diferentes níveis de formalidade, cuja alternância constitui um traço recorrente da escrita de Carolina, embora não obedeça a uma distribuição fixa ou previsível. Outra questão é a maneira de referenciar tempo e espaço: “E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se.” (Jesus, 2007, p. 44), o uso de sinônimos para evitar repetir palavras e a forma de demonstrar o que é valioso para ela: “O meu barracão também está sendo visado. Duas noites que não saio para catar papel. Para evitar aborrecimentos, eu levei o rádio para a casa de D. Floreia.” (Jesus, 2007, p. 28). Nesses trechos, observam-se diferenças entre o texto-fonte e o texto-alvo, especialmente no que diz respeito aos usos da linguagem, resultantes das limitações do tradutor de língua inglesa.

Ao analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, a pesquisadora Raffaella Fernandez, em seu artigo *Cartografando uma literatura menor: a poética dos resíduos de Carolina Maria de Jesus*, introduz o conceito de “poética dos

resíduos” para descrever a singularidade estilística presente na obra de Carolina. Fernandez (2006) argumenta que a escrita de Carolina é marcada por uma mistura de estilos literários desterritorializados, capazes de ativar uma linha de fuga em relação às literaturas canonizadas, característica comum em países de formações culturais híbridas.

Essa abordagem híbrida é evidenciada na justaposição de diversos estilos de escrita na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. A autora observa que a narrativa é composta por uma combinação de elementos:

[...] o agenciamento coletivo dessa enunciação coloca em comunicação diversos estilos de escrita: o testemunho (intervenção de Audálio), a autobiografia (diário), a oralidade (linguagem falada na favela), a imitação da forma romanesca, o preciosismo da escrita clássica, os provérbios, os ditados populares e até passagens bíblicas. Um tipo de escrita que surge como contrapeso estilístico em relação à literatura produzida nos anos de 1950/60. (Fernandez, 2006, p. 203)

Fernandez (2006) também destaca que, assim como Carolina reciclava materiais para sobreviver, ela também reciclava discursos em sua escrita. Essa prática de reutilização e ressignificação de diferentes registros discursivos confere à sua obra uma potência rizomática, capaz de reformular elementos e sentidos no campo da arte escrita. Dessa forma, a “poética dos resíduos” não apenas reflete a realidade social de Carolina, mas também subverte as convenções literárias, criando uma narrativa única que emerge das margens da sociedade. Assim, para Fernandez (2006) sob a perspectiva da “poética dos resíduos”, Fernandez evidencia como a escritora construiu uma voz literária singular, que dialoga com múltiplas tradições e desafia as fronteiras entre os gêneros e estilos literários estabelecidos.

Esse aspecto também é analisado por Lajolo em seu texto *A leitora no quarto dos fundos*:

Nem as constantes infrações da gramática e da ortografia silenciam a força de uma linguagem que, se se equivoca acreditando literarizar-se no recurso ao léxico rebuscado — “várias pessoas afluiram-se” (p. 117), “deixei o leito as quatro da manhã” (p. 124), “perpassei o olhar no povo” (p. 144) —, intui corretamente a força da narração desataviada, dos períodos muito curtos, das imagens concretas e das reiteraões sintáticas [...]

Em Quarto de despejo, a protagonista não se lava, "ablui-se" (p. 9), o que "deslisa" no espaço é o "astro rei" e não o Sol (p. 9), ela não acorda, "desperta" (p. 82); tais lantejoulas desafinavam; e no desafino tinham de haver-se com os avessos da imagem de modernidade informal, avesso pouco palatável quando o polo de sua emissão era uma mulher negra e pobre, encarnação concreta, portanto, daqueles despossuídos de cuja imagem a literatura talvez quisesse aproximar-se, ao cotidianizar-se, popularizar-se e modernizar-se. (Lajolo, 2020, p. 209-210)

A autora (2020) comenta ainda sobre o valor da escrita e dos livros para Carolina:

Carolina parecia intuir os usos da escrita e o valor dos livros como fator de ascensão social, intuição à qual se soma o pragmatismo com que ela brande, a seus desafetos da favela, a ameaça de registrar-lhes os males feitos no livro que escreve: 19 de julho [1955]
[...] Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:
— Que crianças mal iducadas!
Eu digo:
— Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.
A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. ... (p. 17)
(Lajolo, 2020, p. 212)

Outra autora que notou a consciência de escrita e do uso da palavra na obra de Carolina de Jesus foi Conceição Evaristo, que relata no prefácio de *Casa de Alvenaria* o modo particular da escrita de Jesus:

[...] mostra um sujeito de criação consciente de que escrever é um exercício de linguagem, motivo pelo qual a autora se empenhava em fazer a escolha das palavras com tanto afincio. Ela arquitetou seu estilo a partir de um material linguístico variado, buscando os registros oferecidos pelos compêndios gramaticais da língua portuguesa, lendo os poetas parnasianos, deixando-se seduzir por expressões raras e algumas até arcaicas, como "abluir", "nívea", "promanar", "inciente" e outras. Seu estilo era capturado pelo sotaque mineiro e por termos muito usados nas Gerais — "minino", "ritira", "sugestã", "canseira", "escolado" —, denunciava trazer em si o "pretuguês", trocando o "l" pelo "r" ("impricante") — marca de línguas africanas aportadas no Brasil nas quais o som da letra "l" não existe -, e ainda incluía a criação de neologismos. Como Carolina mesmo afirmou, "Há lugares que os verbos são insuficientes!" (CA-Osasco, p. 204). (Evaristo; Jesus, 2021, p. 14)

Além do estudo abrangente desenvolvido por House, outros esforços buscaram aplicar conhecimentos dos estudos linguísticos e literários para elucidar as decisões tomadas por tradutores específicos, como aponta Baker (2000). Frequentemente, esses esforços visam fornecer orientações para a seleção de estratégias de tradução apropriadas com base em categorias estilísticas amplas formalizadas como tipos de texto ou registros. Essa prática decorre da associação de estilo dentro dos estudos linguísticos e literários com três aspectos principais: (i) o estilo de escritores/falantes individuais; (ii) atributos linguísticos conectados com textos produzidos por grupos específicos de usuários de línguas em ambientes institucionais; (iii) e características estilísticas de textos gerados em distintos períodos históricos. Esse aspecto nos mostra ainda mais a relevância dos estudos estilísticos para a tradução.

Baker (2000) discute, ainda, como os estudos da tradução tomaram emprestado, predominantemente dos estudos literários e da linguística, a noção de estilo associada à escrita original. Segundo ela, a falta de interesse em analisar o estilo dos tradutores, grupos de tradutores ou material traduzido de períodos históricos específicos pode ser atribuída à perspectiva tradicional que vê a tradução como um derivado e não como um esforço criativo. Essa perspectiva sugere que os tradutores devem concentrar-se na reprodução fiel do estilo do texto original, o que implica que não devem possuir um estilo próprio e individual. Para ela, tal visão é desafiada ao considerar a impossibilidade de produzir uma linguagem desprovida de influência pessoal, semelhante a manusear um objeto sem deixar impressões digitais.

Embora tenha havido apelos para uma maior visibilidade e reconhecimento dos tradutores nos últimos anos, Baker (2000) observa que pouco esforço tem sido direcionado para substanciar o impacto da marca individual de um tradutor nos textos que traduz. A noção da presença de um tradutor no texto e os vestígios deixados por essa presença têm recebido atenção limitada na literatura. Algumas discussões existentes abordam tendências para os tradutores enfatizarem a semântica do texto fonte em detrimento de idiossincrasias, ou casos de intervenção aberta do tradutor através de acréscimos como notas paratextuais ou glosas. A autora cita acadêmicos

proeminentes, como May (1994), Hermans (1996a, 1996b) e Gullin (1998), que exploraram a presença do tradutor em graus variados.

A ideia é aprofundada por Hermans (1996b), que reconhece que a voz do tradutor está inserida no texto e pondera se ela desaparece sem deixar qualquer vestígio textual. Ele se concentra particularmente nos casos em que a voz do tradutor é evidente, como nas notas paratextuais. Baker (2000) enfatiza o foco em características linguísticas mais alinhadas com a estilística forense, que examina hábitos linguísticos sutis além do controle consciente, em vez de uma estilística literária centrada em escolhas linguísticas conscientes, ou seja, uma análise que procura padrões de escolha em vez de decisões isoladas.

A compreensão tanto das motivações estilísticas quanto das atribuições desses padrões — tradutor individual, língua de origem, autor ou socioleto — é, então, defendida por Baker (2000), que enfatiza a interdependência entre esses objetivos e ressalta a complexidade de desemaranhar as variáveis na análise do texto traduzido.

Ao ler as obras de Carolina Maria de Jesus, é possível notar que os níveis de formalidade apresentam uma flutuação recorrente. Há momentos em que a autora emprega um vocabulário mais formal, literário ou rebuscado e outros em que incorpora formas associadas à oralidade e à linguagem cotidiana. Essa alternância não representa uma ausência de organização estilística, embora não obedeça a uma distribuição fixa ou previsível de acordo com o contexto ou o interlocutor. A partir das reflexões de Baker (2000), interessa-nos observar a recorrência dessas escolhas e compreender como elas participam da construção de uma voz autoral. Na escrita de Carolina, formas coloquiais e expressões associadas à tradição literária podem coexistir em um mesmo contexto discursivo. Seu desejo de “escrever bem” levava-a a mobilizar palavras e construções que não seriam necessariamente esperadas nas situações cotidianas narradas, produzindo, muitas vezes, um efeito de estranhamento no leitor.

Saldanha (2011a), em seu capítulo *Style of Translation: The Use of Foreign Words in Translations by Margaret Jull Costa and Peter Bush*, discute os conceitos de *distinctiveness* e *deviance*. Para ela, o estilo caracteriza-se pela distinção (*distinctiveness*), pela qual certas características linguísticas se destacam por se afastarem de uma norma relativa, isto é, por ocorrerem com

maior ou menor frequência em comparação com outros textos. Esse afastamento constitui a base do que Leech e Short denominam desvio (*deviance*), percebido pelo leitor como proeminência. Entretanto, na escrita de Carolina, marcada por variações de formalidade, em que medida determinadas construções se afastariam das expectativas linguísticas de seu contexto e se tornariam distintivas de sua prosa?

Definir ou até mesmo nomear a estilística de Carolina tem sido motivo de várias discussões acadêmicas. Há aqueles que consideram o texto de Carolina como informal e com erros gramaticais e aqueles que entendem como uma estética pensada e literária.

Durante a narrativa do diário, é possível observar quais são os aspectos que a autora valoriza, como o silêncio para escrever: “Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silêncio.” (Jesus, 2007, p. 38) e a educação dos filhos: “A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola.” (Jesus, 2007, p. 31). Além disso, é notável o poder que ela considera na palavra ao usar como ameaça “colocar o nome das pessoas em seu diário”.

Gilmar Penteado, em sua tese, afirma: “Carolina que usava dos recursos literários estilísticos de que dispunha, e que criava metáforas para definir seu local de calvário, que intercalava momentos de denúncia social com trechos de extremo lirismo.” (Penteado, 2018, p. 45). Inclusive, esse seria o motivo de críticos como Wilson Martins atribuírem a autoria da obra à Audálio Dantas:

O ponto que nos interessa fica mais para o final do artigo, quando Audálio contesta a afirmação de Martins de que Carolina era “estilisticamente uma preciosa”. O motivo seria o aparecimento, em Quarto de despejo, de expressões como “vida infausta”, “sinfonia matinal”, “galgando o sol”. Todas seriam de autoria de Audálio, segundo Martins (Penteado, 2018, p. 46)

Essa suspeita lançada sobre a autoria da obra — como a de Wilson Martins, que atribuiu a Audálio Dantas expressões mais elaboradas do texto — revela o preconceito estrutural que historicamente nega às mulheres negras o domínio de recursos literários complexos. Ao considerar determinadas imagens como incompatíveis com uma autora favelada, ignora-se a possibilidade de que Carolina, com sua vivência e inteligência sensível, fosse capaz de construir uma

linguagem própria que oscilasse entre o direto e o poético, o formal e o informal, o erudito e o coloquial.

Nesse sentido, Penteado (2018) destaca a importância de não reduzir *Quarto de Despejo* a uma leitura meramente antimoderna, que valorize apenas sua espontaneidade ou seu conteúdo social. Para ele, é fundamental reconhecer também sua qualidade artística, construída por meio de escolhas estilísticas conscientes. A força de sua narrativa não reside apenas na denúncia, mas no modo como Carolina articula lirismo e realismo para representar uma “estética da vida no limite”, oscilando entre o literal e o poético, especialmente quando aborda a experiência da fome.

A estética da vida no limite, segundo Penteado (2018), também se reflete na representação do belo, que está no ato de resistir às condições adversas. As virtudes valorizadas são aquelas necessárias para superar a exclusão, como calma, perseverança e força de vontade. Essa construção literária da vida no limite inclui elementos, como erros gramaticais, que se tornam vestígios do esforço da protagonista em superar suas limitações educacionais. O erro é visto como parte da estética que reforça a beleza do ato de resistência. O feio e o repulsivo compõem a degradação moral da favela, contrastando com a força e beleza da trajetória individual da protagonista.

Outra discussão relevante foi proposta por Lélia Gonzalez, que desafia o paradigma predominante e adota uma linguagem que diverge do padrão estabelecido para a produção acadêmica, isto é, sem se ater estritamente às demandas e regras da gramática normativa. Gonzalez mescla o português com elementos linguísticos de origem africana, buscando, de maneira consciente, evidenciar as raízes do preconceito racial presentes na própria definição da língua materna brasileira. Tal conceito foi denominado por ela como “pretuguês” ou “pretoquês”:

[...] aquilo que chamo de 'pretoguês' e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil [...], é facilmente constatável sobretudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o / ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos 'crioulos' do Caribe). (Gonzalez, 1988, p. 70)

Há aqueles que entendem a escrita de Carolina como “pretuguês”. Nascimento (2023), em seu artigo *O Pretuguês de Carolina Maria de Jesus e o Português de Regina Dalcastagne: carta aberta à escritora Conceição Evaristo*, defende que:

a língua de Carolina é o pretuguês, uma tecnologia linguística desenvolvida pela presença africana no Brasil por séculos. O pretuguês passa a ser discutido no país graças ao trabalho de Lélia González que, ao ver a forma como esse português era combatido, Conceição, entende-o como um falar afro-brasileiro. [...] Esse fenômeno nos diz que o português de Carolina vem de uma grande tradição que é de africanizar o português brasileiro por completo, levando com que falemos hoje formas de Pretuguês. (Nascimento, 2023, p. 9338)

Conceição Evaristo, em seu prefácio para a nova edição completa de *Casa de Alvenaria* (2021), utiliza essa questão como argumento para a manutenção da escrita de Carolina como consta no original, sem que os editores fizessem correções ortográficas:

Esse mesmo princípio de fidelidade à escrita manuscrita orientou a defesa de nosso ponto de vista: a publicação de Casa de alvenaria precisa trazer toda a engenhosidade de Carolina Maria de Jesus, representada em sua maneira de lidar com as palavras; suas construções frasais; seus modelos clássicos de linguagem, pelos quais a escritora tinha desejos e encantamentos; sua pertença aos lugares de falas populares; seu acento mineiro; seu estilo de pontuação; sua entonação oralizada, que ela intencionava transportar graficamente para o texto, e, por fim, sua fala nos moldes do “pretuguês” (Evaristo; Jesus, 2021, p. 13-14)

Essas questões nos levam também a refletir como traduzir essa linguagem híbrida de Carolina, já que a flutuação estilística da autora é notável. A mistura do português erudito com a oralidade, o uso de termos do pertencimento da cultura negra, da pobreza e da vida na favela, as metáforas e a linguagem poética como em: “Quando despertei o astro rei deslisava no espaço.” (Jesus, 2007, p. 11), com trechos que parecem ter saído de romances lidos por ela, além do uso de marcadores culturais. A famosa metáfora para o quarto de despejo: “...Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita.

A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (Jesus, 2007, p. 32). Discutiremos mais sobre essas questões no capítulo 5, dentro do projeto tradutório.

4.2 CARTOGRAFIAS DA AUTORIA: ENTRE VERSÕES, MEDIAÇÕES E OBRAS-FONTE

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, de Carolina Maria de Jesus, é uma obra que, desde sua publicação em 1960, passou por diversas edições — não conseguimos nem precisar quantas — e adaptações⁷⁰, cada uma influenciando a interpretação do texto original.

Sem contar as traduções, *Quarto de Despejo* ganhou uma edição publicada pela Editora Francisco Alves, com capa e ilustrações de Cyro del Nero. Em 1989 também ganhou uma edição especial pelo Círculo do Livro, que era um clube de livros por assinatura que existiu no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990, oferecendo aos seus associados edições exclusivas de obras literárias, muitas vezes em capa dura. Em 2020, também, a obra ganhou uma edição especial celebrando os 60 anos do lançamento, incluindo textos críticos de diversos autores.

Em 1961, Edy Lima adaptou o livro para o teatro, com Ruth de Souza interpretando Carolina e, em 1983, a Rede Globo exibiu um episódio da série “Caso Verdade” baseado na obra, novamente com Ruth de Souza no papel principal.

Em 2016 aconteceu também o lançamento da *graphic novel* intitulada *Carolina*, que embora não seja uma adaptação direta de *Quarto de Despejo*, inclui aspectos de sua obra e trajetória. O livro foi produzido por João Pinheiro e Sirlene Barbosa e retrata a vida de Carolina Maria de Jesus. Em 2019 também temos a publicação *Carolina – Carolina Maria de Jesus*, um livro infantojuvenil

⁷⁰ Neste trabalho, o termo *adaptação* é utilizado no sentido ligado à escrita criativa, referindo-se a processos de transposição da obra original para outros formatos, como o teatro, *graphic novels* ou outras linguagens artísticas. Diferencio, assim, essa noção de *adaptação* daquela vinculada à teoria da tradução — entendida como modificação do texto-fonte para atender à cultura de chegada — e da edição, cujo foco está na preparação técnica do texto. Aqui, adaptação implica recriação e reinterpretação da obra original em novos suportes e linguagens, frequentemente com liberdade formal e estética.

publicado pela Editora Mostarda como parte da coleção “Black Power”. Escrito por Orlando Nilha, a obra também apresenta a trajetória de Carolina.

Em 2024, em comemoração aos 110 anos de nascimento de Carolina Maria de Jesus, uma versão em HQ foi lançada. A adaptação de 90 páginas foi realizada pela roteirista Triscila Oliveira, com ilustrações de Vanessa Ferreira e arte-final de Hely de Brito e Emanuely Araujo. O objetivo dessa obra foi alcançar um público mais jovem, incentivando a leitura da obra original.

O processo de edição e adaptação da obra de Carolina Maria de Jesus levantou debates sobre possíveis alterações e omissões que poderiam ter impactado a autenticidade de sua voz. Como já comentamos, o jornalista Audálio Dantas, responsável pela edição original, realizou cortes e ajustes no texto, o que levou a questionamentos sobre a fidelidade ao manuscrito original.

Além disso, as adaptações, ao transpor a narrativa para diferentes mídias, colocam ênfase em certos aspectos em detrimento de outros, influenciando a percepção pública da obra e da autora. Essas reinterpretações demonstram a importância de uma abordagem cuidadosa ao adaptar ou editar obras que retratam experiências marginalizadas, para preservar a autenticidade e a integridade da voz original.

Quando foi publicado em 1960, *Quarto de Despejo* foi amplamente apresentado ao público sob uma ótica de exotismo: Carolina Maria de Jesus era descrita como uma “escritora favelada”, e sua obra era tratada mais como curiosidade social do que como produção literária legítima. Além disso, no exterior, o livro chegou a ser lido como um documento antropológico, servindo como objeto de estudo sobre a pobreza urbana brasileira, mais do que como expressão estética de uma autora consciente de seu fazer literário.

Apesar disso, nas últimas décadas, *Quarto de Despejo* passou por um processo de ressignificação crítica, sendo finalmente reconhecido como obra literária, dotada de estilo próprio e poética. A mediação editorial de Audálio Dantas, além da imprensa da época, contribuiu para limitar a autoria de Carolina a um papel de “informante” da favela, o que de certa forma reduziu a complexidade de sua escrita e a visibilidade de sua obra como literatura.

Nesse caso podemos compreender que *Quarto de Despejo* possui uma coautoria, entre Audálio e Carolina, como bem pontua no prólogo da tradução *Quarto de Desechos*:

[...] no caso de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* talvez seja mais apropriado falar em dupla autoria. Dizer que estes livros são apenas de Audálio seria reafirmar o preconceito daqueles que assumiam que a escrita de Carolina era uma invenção do jornalista, mas, ao mesmo tempo, não se pode deixar de reconhecer a mediação de Audálio que moldou os textos de acordo com o que considerava que teria maior impacto editorial —e não se pode negar que a sua escolha foi eficaz nesse sentido—. (Prólogo de *Cuarto de Desechos*, 2021, p. 17, tradução nossa⁷¹)

Embora *Quarto de Despejo* seja tradicionalmente enquadrado pela crítica no campo da literatura autobiográfica, optamos aqui por não seguir a teoria do pacto autobiográfico formulada por Philippe Lejeune, que pontua que: “o pacto autobiográfico é a declaração segundo a qual autor, narrador e personagem principal são uma só pessoa” (Lejeune, 1975, p. 14, tradução nossa⁷²). Sobretudo porque tal abordagem parte da suposição de uma coincidência plena entre autor empírico, narrador e personagem. No caso da obra de Carolina, essa tríade é tensionada pela mediação editorial de Dantas que interfere na constituição da voz narrativa. A presença de Audálio, responsável por selecionar e editar os diários de Carolina, coloca em pauta a transparência desse pacto. A relação entre os dois implica, como vimos, em uma forma de coautoria, ainda que assimétrica.

Por isso, teremos como foco o conceito de autoria de três grandes autores: Roland Barthes, Michel Foucault e Giorgio Agamben. Barthes em sua obra *A Morte do Autor* (2004 [1968]) propõe uma crítica radical à centralidade do autor na interpretação literária, argumentando que a tradição ocidental atribuiu ao autor um papel de autoridade sobre o texto, como se houvesse um significado fixo, intencional e controlado por essa figura. O autor considera que essa

⁷¹ Original: [...] en el caso de *Cuarto de desechos* y *Casa de ladrillos* tal vez lo más adecuado sea hablar de una doble autoría. Decir que estos libros son solo de Audálio sería reafirmar el prejuicio de los que supusieron que la escritura de Carolina era un invento del periodista, pero, al mismo tiempo, no se puede dejar de reconocer la mediación de Audálio que dio forma a los textos según lo que consideraba tendría un mayor impacto editorial — y no se puede negar que su elección fue eficaz en ese sentido —.

⁷² Original: Le pacte autobiographique est la déclaration selon laquelle l'auteur, le narrateur et le personnage principal ne font qu'un.

abordagem limita a pluralidade de sentidos possíveis e restringe a participação ativa do leitor.

Para Barthes (2004 [1968]), a escrita é um campo de múltiplas vozes, referências e códigos culturais que não podem ser reduzidos à biografia ou à intenção de quem escreve. O autor, nesse contexto, é uma construção histórica que passou a funcionar como uma fonte de autoridade interpretativa, mas que, em termos literários, deve ser superado em favor de uma leitura mais livre e aberta.

Dessa maneira, a “morte do autor” não deve ser entendida como o desaparecimento literal do escritor, mas a suspensão de sua soberania interpretativa. Assim, a figura que Barthes opõe ao autor é o leitor do texto, aquele que se torna o novo centro de sentido, já que é quem atualiza o texto por meio da leitura.

Já Michel Foucault, no ensaio *O que é um autor?* (1969), retoma o debate feito anteriormente por Barthes, sob outra perspectiva. Em vez de simplesmente decretar o desaparecimento do autor, Foucault desloca a análise para os modos pelos quais determinados discursos passam a ser atribuídos a uma instância autoral. Sua pergunta, portanto, não se limita a saber quem é o autor, mas a compreender quais efeitos discursivos, institucionais e jurídicos são produzidos quando um texto é relacionado a um nome de autor.

Foucault propõe então o conceito de função-autor:

A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (Foucault, 2009 [1969], p. 274)

Assim, entendemos que a função-autor não se aplica a todos os discursos; está ligada a sistemas de propriedade, responsabilidade e controle; e tem um papel jurídico e institucional como a propriedade autoral, a possibilidade de responsabilização pelo que é dito e os processos de reconhecimento e canonização.

Giorgio Agamben, em publicação mais recente, *O Autor como Gesto*, dentro da obra *Profanações* (2007), retoma sobretudo as reflexões de Foucault sobre a função-autor, inserindo-as em uma discussão própria sobre a relação entre vida, obra, linguagem e subjetividade. Em vez de compreender a autoria

como identidade fixa ou como expressão plena de uma interioridade criadora, Agamben (2007) propõe pensá-la a partir da noção de gesto: o autor não se confunde com o indivíduo empírico que escreve, tampouco desaparece completamente da obra; ele permanece nela como uma presença paradoxal, ao mesmo tempo necessária e irreduzível àquilo que é efetivamente dito.

Nesse sentido, a autoria não corresponde simplesmente à intenção consciente de um sujeito criador, mas ao ponto em que uma vida se coloca em jogo na obra, sem se realizar plenamente nela. O autor aparece, portanto, como aquele que possibilita a expressão justamente porque nela instala uma zona de inexpressividade, de suspensão e de abertura:

O autor marca o ponto em que uma vida foi jogada na obra. Jogada, não expressa; jogada, não realizada. Por isso, o autor nada pode fazer além de continuar, na obra, não realizado e não dito. Ele é o ilegível que torna possível a leitura, o vazio lendário de que procedem a escritura e o discurso. (Agamben, 2007, p. 55)

A partir disso, as contribuições de Barthes, Foucault e Agamben permitem compreender que a autoria não é um dado fixo, natural ou transparente, mas uma construção atravessada por disputas simbólicas, editoriais, institucionais e políticas. Em Barthes, a morte do autor desloca o centro da interpretação para a multiplicidade da leitura; em Foucault, a autoria aparece como função discursiva que regula, classifica e valoriza determinados enunciados; em Agamben, por sua vez, a autoria pode ser pensada como gesto, isto é, como uma forma de presença que não se esgota na identidade biográfica do autor nem no conteúdo expresso pela obra.

É a partir dessas perspectivas que podemos compreender como a figura de Carolina Maria de Jesus foi sendo construída e reconstruída enquanto autora de *Quarto de Despejo*. Desde sua publicação original em 1960, passando por reedições nacionais e traduções internacionais, tanto a imagem de Carolina como a concepção da obra enquanto “original” foram mediadas por intervenções editoriais, escolhas de paratextos e processos de tradução que reconfiguram sua autoria.

A obra-fonte, se pensarmos nessas várias edições e seleções dentro de diversos diários, não é um ponto de partida estável, mas um lugar de negociação

entre versões, discursos e regimes de valor. Do mesmo modo, a autora emerge menos como uma entidade unívoca e mais como um efeito de atribuição, circulação e leitura: uma função discursiva, nos termos de Foucault, e uma presença gestual que se reinscreve a cada nova forma de edição, recepção e circulação, como permite pensar Agamben.

Nesse sentido, a projeção internacional de Carolina Maria de Jesus, ainda que atravessada por silenciamentos ao longo das décadas, coloca em evidência o modo como sua obra vem sendo reinscrita em outros contextos culturais. Como autora que emergiu a partir de um cenário periférico e marginalizado dentro do próprio Brasil, sua circulação internacional implica não apenas sua tradução linguística, mas também processos de reconfiguração de sua imagem como autora.

Por isso, é necessário pensar Carolina como autora nacional, levada para um contexto internacional, através de uma reflexão sobre o conceito de versão literária, que discutiremos partindo de Paulo Henriques Britto em *A tradução literária* (2012). Britto, ao refletir sobre a prática da tradução literária, com ênfase particular na poesia, defende que o trabalho do tradutor exige uma atuação ética e criteriosa. O tradutor, segundo ele, deve buscar produzir um texto que, dentro dos limites e dos recursos disponíveis, mantenha uma correspondência razoável com o original. Isso implica reconhecer que a tradução não se baseia apenas na equivalência de significados, mas na hierarquização consciente dos elementos que compõem a literariedade da obra. Sintaxe, vocabulário, registros linguísticos, conotações e até a forma gráfica do texto são aspectos que não podem ser negligenciados, pois são responsáveis pelos efeitos estilísticos e estéticos da obra de partida.

Em se tratando da poesia, Britto reforça que, por vezes, o som, o ritmo e até a aparência visual do texto (como os cortes de versos) podem ter maior relevância que o próprio sentido literal. O autor também observa que, diante de obras originalmente difíceis ou estranhas à sua cultura de origem, o tradutor deve procurar manter esse efeito de estranhamento na cultura de chegada, respeitando o impacto do texto sobre seu público.

Embora Britto trate mais especificamente da tradução poética, suas reflexões contribuem para a análise aqui proposta desde que se preserve a distinção estabelecida pelo autor entre tradução e criação. Para Britto (2012), a

dimensão criativa do trabalho tradutório não elimina a centralidade da fidelidade ao texto original: embora uma correspondência absoluta seja inalcançável, cabe ao tradutor hierarquizar os elementos mais relevantes da obra e buscar recriá-los na medida do possível. Mobilizamos Britto, portanto, como fundamento para a atenção aos efeitos estilísticos, sintáticos e lexicais da escrita de Carolina Maria de Jesus, e não como justificativa para uma transformação livre do texto. A consideração de aspectos políticos, editoriais e culturais da circulação da obra constitui uma ampliação realizada por esta pesquisa a partir do diálogo com outras perspectivas teóricas.

Dessa maneira, adotamos a ideia de que o tradutor atua como mediador entre mundos culturais e linguísticos, tomando decisões que privilegiam certos efeitos em detrimento de outros, com o objetivo de produzir um texto que, embora nunca idêntico, possa provocar no leitor da cultura de chegada uma experiência equivalente, seja de beleza, estranheza ou desconforto. Assim como Britto observa que a perfeição não é atingível, mas deve ser buscada, entendemos que a versão literária é menos sobre fidelidade absoluta e mais sobre compromisso criativo e crítico com o texto-fonte e com o leitor da tradução. Trata-se, portanto, de uma versão que tensiona os limites entre “fidelidade” textual e construção discursiva, evidenciando que a circulação internacional de Carolina envolve não apenas sua obra, mas também questões em torno de sua autoria, recepção e pertencimento literário.

Em seu artigo, *Translating Poetry, Translating Blackness*, John Keene (2016) também discute as nuances da tradução literária, mais especificamente da poesia e narrativas negras, defendendo que a tradução de escritores negros não anglófonos é uma urgência literária e política. Ele denuncia o desequilíbrio brutal na publicação de traduções nos EUA: apenas 3% dos livros publicados anualmente nos EUA são traduções (dados do projeto Three Percent, da Universidade de Rochester). Dessas, a esmagadora maioria é de autores europeus e brancos, pouquíssimos autores negros do Brasil, Haiti, Cuba, África ou Caribe são traduzidos, apesar da ampla produção literária nesses lugares.

Mais especificamente sobre o Brasil, segundo Keene (2016), é um país com a maior população negra fora da África e com grande produção literária afrodescendente, mas com pouquíssimos autores negros traduzidos para o inglês. Mesmo entre os poucos traduzidos, são em geral escritores brancos. O

autor (2016) argumenta que traduzir vozes negras não-anglófonas amplia a compreensão global sobre negritude, opressão racial, história e cultura. Ele acredita que a ausência dessas vozes empobrece não apenas os leitores estadunidenses, mas o próprio entendimento da diáspora africana.

Keene (2016) defende que tradutores e editoras precisam reconfigurar suas prioridades: é preciso publicar mais traduções de autores negros, sobretudo feitas por tradutores negros, que possam lidar com as complexidades culturais, históricas e linguísticas do texto com empatia e experiência vivida.

Por isso compreendemos essas traduções contemporâneas das obras de Carolina de Jesus como reinterpretações, menos centradas na fidelidade literal e mais comprometidas com a recriação dos efeitos estéticos e da potência discursiva da autora. As recentes traduções da obra de Carolina, como mencionamos no capítulo 2, podem ser entendidas, assim, como versões que afirmam a especificidade de sua escrita, marcada por questões técnicas e literárias, ao mesmo tempo em que a inserem em debates globais sobre gênero, raça e cultura.

5 VERSÃO COMENTADA

Neste capítulo, apresentaremos o projeto tradutório da retradução da obra *Quarto de Despejo*, baseado principalmente nos pressupostos funcionalistas de Christiane Nord (2016) acerca da análise textual e do modelo circular de tradução orientado pelo *skopos*. Em seguida, apresentaremos o projeto de versão por meio de um prólogo ao leitor, no qual explicitamos os critérios metodológicos adotados, as escolhas estilísticas e culturais realizadas, bem como os procedimentos de pesquisa com leitores-beta que contribuíram para a avaliação da recepção da tradução. Serão discutidas ainda questões sensíveis como a preservação da oralidade e do estranhamento linguístico da autora, o posicionamento diante do uso do *African American Vernacular English*, o tratamento de marcadores culturais, vocabulário racial, honoríficos, metáforas estruturantes — como a de “Quarto de despejo” — e a tradução de elementos poéticos e lexicais recorrentes no diário. Por fim, apresentaremos a tradução comentada dos trechos selecionados da obra para a língua inglesa, aqui intitulada *Storage Room*, evidenciando o percurso tradutório e as soluções propostas ao longo do trabalho.

Britto (2012) e Nord (2016) são mobilizados neste trabalho em planos distintos, sem que suas perspectivas sejam tomadas como equivalentes. A reflexão de Britto orienta a identificação e a hierarquização dos elementos literários do texto-fonte cuja recriação consideramos prioritária, mantendo a fidelidade como horizonte do trabalho tradutório. Nord, por sua vez, permite situar essas decisões em uma ação comunicativa determinada por um propósito, um encargo e um público de chegada. O projeto tradutório desenvolve-se, assim, na tensão entre o compromisso estilístico com o texto de Carolina Maria de Jesus e as condições funcionais de sua circulação em língua inglesa. Essa articulação não elimina as diferenças entre os autores, mas permite empregá-los para responder a dimensões distintas da tradução proposta.

5.1 A TRADUÇÃO EM CONSTRUÇÃO

Christiane Nord em seu livro, *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*, de 2016, aborda a importância da análise textual

abrangente como uma etapa fundamental para garantir uma tradução precisa e completa. A autora destaca a diversidade de propostas de análise textual existentes, muitas das quais se baseiam em modelos desenvolvidos em campos do saber, como estudos literários, análise do discurso e teologia. No entanto, Nord (2016) ressalta que o que funciona para especialistas em outros campos nem sempre é adequado para tradutores, uma vez que suas necessidades e objetivos são distintos.

A autora (2016) argumenta, então, a necessidade de um modelo de análise textual voltado especificamente para tradução, que seja aplicável a qualquer tipo de texto, independentemente das línguas envolvidas. Esse modelo deve fornecer uma base sólida para as decisões do tradutor, levando em consideração não apenas as estruturas linguísticas e textuais, mas também os aspectos culturais e comunicativos dos textos, que será útil para estudantes, professores e profissionais da tradução. Para os estudantes, o modelo pode ajudar a sistematizar problemas de tradução e entender melhor as convenções de tradução. Já para os professores, oferece critérios para classificar textos e orientações para avaliar a qualidade das traduções. Por fim, para os tradutores profissionais, pode proporcionar novas ideias e estratégias que melhorem sua prática tradutória.

Nord (2016) aborda o conceito de tradução de forma funcional, com destaque para o papel do iniciador (proponente) e do tradutor, que são elementos fundamentais na produção de uma tradução. No processo de ação tradutória, geralmente iniciado por um cliente ou iniciador, o tradutor é contratado para produzir um texto alvo para um destinatário específico. O iniciador pode ser tanto alguém que necessita do texto alvo quanto alguém que deseja entender um texto fonte em outra língua. É importante distinguir entre o produtor do texto, que efetivamente o cria, e o emissor, que o transmite para comunicar uma mensagem. O emissor pode também ser o autor do texto.

Durante o processo de tradução, o tradutor se torna o receptor momentâneo do texto fonte, mesmo que não seja o destinatário pretendido. Os destinatários são importantes, já que suas características podem influenciar as escolhas linguísticas e estilísticas feitas pelo produtor do texto.

No contexto deste projeto de doutorado, que propõe uma nova tradução de *Quarto de Despejo* para o inglês, é possível aplicar diretamente os elementos

do modelo funcional de Christiane Nord. A figura do iniciador, neste caso, coincide com a própria tradutora-pesquisadora, que propôs a tradução não apenas como uma atividade prática, mas como parte integrante de uma reflexão crítica e acadêmica. Assim, a decisão de traduzir parte de uma motivação tanto pessoal quanto acadêmica, enraizada em um compromisso ético e estético com a obra de Carolina Maria de Jesus. A tradutora também assume o papel de produtora do texto-alvo, sendo responsável por todas as decisões tradutórias orientadas pelo *skopos* definido: tornar a obra acessível a leitores anglófonos sem apagar suas marcas de oralidade, marginalidade e resistência. O texto-fonte foi produzido por Carolina Maria de Jesus e mediado editorialmente por Audálio Dantas. No modelo de Nord (2016), Carolina pode ser compreendida como autora e produtora textual e, simultaneamente, como emissora de uma mensagem vinculada a um tempo e a um espaço específicos, mas dotada de amplo potencial de denúncia social e testemunho histórico. Audálio Dantas, por sua vez, atua como editor e mediador na conformação da obra publicada, uma vez que selecionou, organizou e editou os registros que constituíram a edição de 1960.

A definição do público-alvo neste projeto, por sua vez, exige uma atenção particular, pois não se restringe a falantes nativos do inglês. Uma vez que a versão será publicada em inglês, entendido aqui como língua franca, os leitores potenciais incluem pessoas de diferentes origens linguísticas e culturais, desde acadêmicos até leitoras e leitores interessados em literatura de resistência, estudos decoloniais, questões de gênero e raça, ou simplesmente em conhecer a voz singular de Carolina. Nesse sentido, a ideia de “cultura-alvo” tradicional é relativizada, e o trabalho tradutório exige uma pesquisa aprofundada sobre os contextos possíveis de recepção e circulação do texto. Para refinar essa compreensão, buscamos leitores-beta nos Estados Unidos, que tinham o inglês como primeira ou segunda língua, que nos ajudaram a avaliar o grau de inteligibilidade e recepção da linguagem utilizada na versão em inglês. Essa etapa reforça o compromisso com um projeto tradutório consciente, que leve em conta não apenas as nuances do texto-fonte, mas também os diversos modos de leitura e interpretação que ele pode suscitar no novo contexto linguístico e cultural.

Voltando para as funções desses papéis, Nord (2016) discute então o iniciador e o tradutor no processo de tradução. O iniciador desempenha um papel crucial ao ser responsável por iniciar o processo de tradução, que muitas vezes tem necessidades específicas que precisam ser atendidas através do texto alvo. Os encargos de tradução são determinados pelo propósito do iniciador, o que inclui uma definição prospectiva da situação alvo, conhecida como *skopos* do texto alvo. Embora o iniciador possa não ser um especialista em tradução e, portanto, incapaz de articular requisitos específicos, é o tradutor que converte as informações fornecidas pelo iniciador em uma definição viável do *skopos* do texto alvo.

A responsabilidade pela tradução recai, então, sobre o tradutor, que é o especialista em tradução. É o tradutor quem decide se a tradução solicitada pelo iniciador pode ser produzida a partir de um determinado texto fonte e de que maneira ela deve ser produzida. O encargo de tradução deve conter o maior número possível de informações sobre os fatores situacionais de recepção previstos do texto alvo, incluindo informações sobre o público-alvo, contexto sociocultural, expectativas para o texto, entre outros. Quanto mais claras e definitivas forem essas informações, mais fácil será para o tradutor tomar decisões durante o processo de tradução.

O tradutor está, dessa forma, em uma posição central, sendo tanto receptor do texto fonte quanto produtor do texto alvo. No entanto, os tradutores não são participantes comuns na comunicação, pois não pertencem ao grupo de destinatários para os quais o texto fonte é direcionado. Ao receber o texto fonte, o tradutor o interpreta com base nas necessidades comunicativas do iniciador ou do público do texto alvo. Eles leem o texto fonte com o propósito de traduzi-lo, influenciado pelo encargo de tradução, não para atender suas próprias necessidades pessoais, como informação ou entretenimento. Os tradutores profissionais leem o texto fonte de forma crítica e analítica utilizando sua experiência e integrando suas conclusões de cada nova recepção do texto fonte em seu quadro de referência profissional.

Segundo Nord (2016), idealmente, os tradutores são biculturais, dominando tanto a cultura fonte quanto a cultura alvo, incluindo as respectivas línguas. Eles possuem competências de recepção e produção de texto, além de habilidades de tradução e capacidade de antecipar as reações do público-alvo.

Assim, o tradutor não é o emissor da mensagem do texto alvo, mas sim um produtor do texto na cultura alvo, incorporando a intenção do emissor ou do iniciador para criar um instrumento comunicativo para a cultura alvo.

Ao discutir as possíveis relações entre o texto-fonte e o texto-alvo, Nord (2016) não toma a equivalência ou a fidelidade textual como critérios universais definidos antecipadamente. Na perspectiva funcionalista, a relação entre os dois textos depende do propósito atribuído à tradução: determinado *skopos* pode exigir maior proximidade com o texto-fonte, enquanto outro pode justificar mudanças mais significativas em função dos destinatários e da situação de chegada. Essa flexibilidade distingue sua abordagem de perspectivas que conferem primazia à correspondência com o original.

Isso não significa, contudo, que o propósito autorize qualquer intervenção. Nord introduz o princípio da lealdade como limite ético ao funcionalismo. Diferentemente da fidelidade, tradicionalmente entendida como uma relação entre texto-fonte e texto-alvo, a lealdade constitui uma responsabilidade interpessoal do tradutor perante os participantes da ação tradutória, incluindo a autora, o iniciador e os destinatários. Neste projeto, o *skopos* orienta a produção de uma tradução destinada à circulação entre leitores de língua inglesa. Como observado na análise das novas edições destinadas a leitores hispanofalantes, a forma como *Quarto de despejo* é traduzido interfere na recepção da obra e na construção da imagem autoral de Carolina Maria de Jesus. A lealdade exige, portanto, que a finalidade atribuída à tradução não resulte em apagamentos ou distorções de sua voz, mas considere as particularidades estilísticas, linguísticas e políticas de sua escrita.

A tradução precisa ser pensada aqui além do nível técnico, levando em conta um reposicionamento político e uma abordagem decolonial, ou seja, a linguagem de *Quarto de Despejo* não deve simplesmente adaptar-se ao inglês padrão para facilitar o consumo do público anglófono, mas sim manter as particularidades da autora de forma inteligível e respeitosa. Um projeto tradutório decolonial implica preservar a identidade da autora, sua oralidade e sua condição de marginalidade, sem forçá-la a se encaixar em um modelo linguístico anglófono que não corresponde à sua experiência. Assim, como veremos no projeto tradutório, buscamos um equilíbrio entre a inteligibilidade do texto para novos leitores e a preservação da identidade linguística e política da autora.

Nesse sentido, Oliveira (2011) discute que a tradução deve ser abordada como um ato político e cultural, em que o tradutor assume um papel ativo na mediação entre culturas assimétricas. A autora destaca que o tradutor não se limita a transferir palavras, mas constrói significados, influenciando a recepção da obra no contexto de chegada. Por isso, traduzir é construir sentido, e não apenas transpor palavras. Assim, ao traduzir Carolina, é imprescindível evitar qualquer estratégia que domestique sua linguagem, apagando os traços de sua identidade e resistência. A tradução de textos como *Quarto de Despejo* exige uma abordagem consciente, que mantenha a oralidade, o estranhamento e a potência do testemunho da autora como parte do projeto ético do tradutor.

Esse mesmo compromisso também está presente no que propõe Carrascosa (2017) em *Traduzindo no Atlântico Negro*, ao compreender a tradução como tarefa política, no sentido spivakiano, ou seja, como “trabalho forte com a linguagem como agente produtor de identidade, subalternidade e, ao mesmo tempo, em sua dimensão retórica, como potencial fator gerador de disseminação subversiva” (Carrascosa, 2017, p. 68).

A tradução, nesse contexto, ultrapassa a função instrumental da comunicação entre línguas. Segundo Carrascosa (2017), ela também é um ato de performatividade linguística e identitária, capaz de deslocar e rearticular sentidos contra-hegemônicos:

seu trabalho tradutório configura-se como exercício de uma performance de si, a partir da qual emergem subjetividades transformadas e transformadoras, ciosas de uma construção identitária ética em sua relação a si e sua abertura amorosa para a alteridade (Carrascosa, 2017, p. 73).

Paralelamente, Reis (2017) também reforça a impossibilidade de um modelo teórico que resolva por completo os impasses enfrentados pelo tradutor, especialmente diante de textos carregados de história, dor e resistência. “Por mais sofisticadas e complexas que sejam as teorias no campo dos estudos da tradução, pode-se afirmar que nenhuma apresentou uma solução que seja plenamente satisfatória aos desafios que são impostos ao tradutor” (Reis, 2017, p. 78).

Desse modo, entendemos a versão literária que propomos como um gesto tradutório que assume essa performatividade identitária e política, levando em

conta que a tradutora é também sujeito atravessado por experiências culturais, históricas e sociais. Como aponta Reis, a tradutora imprime na tradução seus valores, sua leitura do mundo, e sua escuta da alteridade. Isso exige o reconhecimento de que toda tradução é uma intervenção, uma escolha entre silenciar ou enfatizar, em quais instâncias explicar e em quais preservar o estranhamento.

Nesse sentido, torna-se também fundamental refletir sobre o que faz um texto ser traduzido e como ele circula. Reis (2017) lembra que, historicamente, as obras de autoras e autores negros, ou que trazem experiências subalternizadas, enfrentam barreiras para se tornarem legítimas no circuito editorial. Quando traduzidas, muitas vezes essas obras já chegam ao Brasil com a chancela do reconhecimento internacional, como é o caso de Toni Morrison ou Chimamanda Ngozi Adichie. Isso evidencia que o mercado editorial brasileiro tende a recepcionar essas vozes apenas quando validadas por outros contextos (Reis, 2017, p. 84).

Por fim, ao pensar em traduções de obras afrodiaspóricas como *Quarto de Despejo*, Campos (2017) nos propõe uma reflexão sobre o gesto tradutório ético e engajado: a tradutora deve tratar o leitor da cultura de chegada com respeito, oferecendo glossas, comentários e notas que possibilitem uma aproximação real com o contexto de produção do texto. Ela menciona o conceito de “tradução densa” de Appiah como possibilidade de pedagogia intercultural que, estranhando, educa, explicando sem domesticar (Campos, 2017, p. 134).

Voltando à teoria de Nord (2016), a ação tradutória, como vimos, é discutida como a produção de um transmissor de mensagem para objetivos comunicativos específicos em que o texto fonte pode ou não ser a base da tradução. A competência bicultural e de transferência do tradutor é então essencial na produção de um texto alvo funcional, mesmo sem um texto fonte claro. Por fim, ao abordar o funcionalismo e a lealdade, Nord (2016) destaca a importância da funcionalidade do texto alvo e da lealdade tanto ao texto fonte quanto à situação alvo e seus participantes. A fidelidade é considerada então em relação à semelhança entre TF e TA, mas o grau de adaptação varia de acordo com o *skopos* da tradução. Por isso, a análise do texto fonte é crucial para determinar a compatibilidade com o *skopos* e identificar quais elementos devem ser preservados ou adaptados na tradução.

Assim, Christiane Nord (2016) questiona em que momento a análise do texto-fonte se encaixa no processo de tradução, propondo uma alternativa aos modelos tradicionais de duas ou três fases — que compreendem a tradução como um processo sequencial entre análise, transferência e síntese. Em contraste, ela propõe o modelo circular, no qual a tradução é concebida como um processo recursivo e não linear, permitindo retornos constantes às etapas anteriores conforme surgem novas interpretações e decisões.

Nesse modelo de Nord (2016) o ponto de partida não é o texto-fonte, mas o *skopos*, ou seja, o propósito comunicativo da tradução. A partir dessa definição, o tradutor realiza uma análise geral e uma análise detalhada do texto-fonte, sempre guiado pelas necessidades e expectativas do texto-alvo. Esse movimento contínuo entre análise e síntese forma um ciclo dinâmico, alimentado pela leitura crítica e pela experiência acumulada do tradutor.

No presente trabalho, essa abordagem se mostra especialmente pertinente, uma vez que nosso projeto parte de um objetivo específico: tornar acessível a obra de Carolina Maria de Jesus a um público leitor internacional, preservando sua voz, sua oralidade e sua experiência enquanto autora marginalizada. Nesse sentido, adotamos o modelo circular como base metodológica e, a seguir, apresentamos o projeto tradutório, discutindo as decisões tomadas e os desafios enfrentados ao longo do processo, à luz das reflexões de Nord e de teóricos que abordam a tradução como uma prática ética, cultural e política.

5.2 O PROJETO DE VERSÃO: UM PRÓLOGO AO LEITOR

Durante o trabalho de conclusão de curso e o mestrado, conseguimos mapear, como mencionado, diversas questões tradutórias presentes em *Child of the Dark* e *I'm going to have a little house*. Partindo dessas análises, fizemos nossas próprias escolhas tradutórias para a retradução de *Quarto de Despejo*.

Nesta seção, apresentaremos nosso projeto para a versão, informando ao leitor as decisões tomadas e o porquê de cada escolha. Como vimos, a obra ainda é utilizada até os dias atuais em países de língua inglesa, mostrando o peso que carrega a narrativa de Carolina de Jesus como representante do Brasil em países estrangeiros. Apesar de haver as novas edições completas dos livros em português, que com certeza poderão contar com futuras traduções, faz-se

necessário apresentar uma tradução viável para essa primeira seleção de trechos que foi *Quarto de Despejo* de 1960.

Traduzir Carolina não é tarefa fácil. Seus livros apresentam a cultura brasileira em abundância. Nomes de comidas, aves, frases do dia a dia, provérbios, ditos populares, expressões, a vida na favela... Todas essas questões, que são tão específicas da cultura brasileira e, por isso, muito difíceis de serem passadas para um leitor de língua inglesa, juntamente com o estilo único de escrita da autora tornam essa uma tarefa complicada. Entretanto, como mencionado, faz-se necessária essa proposta de tradução para fins acadêmicos e autorizada pela editora SOMOS, uma vez que a obra de Carolina não se encontra em domínio público.

A obra aqui utilizada foi *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* da autora Carolina Maria de Jesus, com ilustração de Vinicius Rossignol Felipe, 10^a ed. publicada em São Paulo pela editora Ática em 2014 para a tese de doutorado, com fins didáticos e não comerciais.

O processo de retradução foi realizado com contato mínimo com a primeira versão em inglês, de modo a garantir autonomia interpretativa e um engajamento direto com o texto-fonte em português. O trabalho baseou-se na edição em língua original utilizada como texto de partida, organizada em formato colunado para facilitar a leitura atenta e a comparação lexical. A tradução foi conduzida como um processo contínuo, abrangendo o texto em sua totalidade, o que permitiu preservar a coerência de tom e estilo. Ao longo do projeto, utilizou-se um caderno de terminologia para assegurar que palavras-chave e expressões recorrentes recebessem traduções uniformes. Realizou-se, também, uma revisão minuciosa, envolvendo tanto a correção gramatical quanto a análise comparativa entre a tradução e o original, com o objetivo de verificar a precisão, a coerência e a fidelidade à voz narrativa de Carolina Maria de Jesus.

Por fim, durante o doutorado sanduíche na Georgetown University (EUA), sob orientação do Professor Dr. Vivaldo Andrade dos Santos, discutimos alguns aspectos para aprimorar a tradução e organizamos um questionário de leitura para reunir percepções de leitores sobre determinados trechos da tradução de *Quarto de Despejo* para o inglês.

Inicialmente, cabe ressaltar que a escrita de Carolina Maria de Jesus não se restringe à norma-padrão do português, apresentando construções sintáticas,

ortográficas e lexicais que divergem das convenções da escrita formal. Essas ocorrências, entretanto, não são compreendidas apenas como desvios decorrentes de sua pouca escolarização formal, mas como componentes de uma linguagem híbrida, construída na articulação entre oralidade popular, pretuguês, registros formais e poéticos, marcas regionais e o repertório literário adquirido pela autora por meio de suas leituras. Na tradução, optamos por não reproduzir mecanicamente essas formas como “erros” nem associá-las a uma variedade linguística já existente no contexto estadunidense. Buscamos, em vez disso, recriar os efeitos de oscilação, oralidade e estranhamento produzidos pela escrita caroliniana.

5.2.1 Marcadores raciais e tradução

É importante mencionar que muitas pesquisas que trabalham com tradução de obras de autores negros para o português brasileiro, como algumas apresentadas no livro *Traduzindo no Atlântico Negro*, estabelecem um paralelo entre o português afro-brasileiro e o *Black English*. Assim, podemos entender que no caso de versões, do português para o inglês, essa também seria uma opção.

O português afro-brasileiro⁷³ é uma variedade do português falado no Brasil, influenciada pelas línguas africanas trazidas pelos povos escravizados. Essa variedade linguística emergiu principalmente nos séculos XVIII e XIX em contextos de contato linguístico intenso, especialmente em comunidades de afrodescendentes.

O português escrito de Carolina Maria de Jesus não pode ser reduzido a uma variedade linguística única e estável. Como discutido anteriormente, sua escrita é marcada pela convivência entre registros diversos: a oralidade popular, o sotaque mineiro, as formas do pretuguês, construções que se afastam da norma-padrão, escolhas lexicais formais ou arcaizantes e recursos provenientes

⁷³ Para uma análise detalhada do português afro-brasileiro, baseada em amostras de fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas na Bahia ver LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan N.; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. 576 p. ISBN 978-85-232-0596-6. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/p5/pdf/lucchesi-9788523205966.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025

de seu repertório de leituras. Dessa maneira, embora não se pretenda classificar categoricamente toda a sua produção como uma manifestação uniforme do português afro-brasileiro, tampouco se pode desvinculá-la da presença africana na formação do português brasileiro e da experiência histórica e social de Carolina como mulher negra.

Sua escrita também não deve ser explicada predominantemente pela pouca escolarização formal ou pela condição de pobreza. Esses elementos atravessam sua trajetória, mas se articulam à sua formação autodidata, a seu projeto de tornar-se escritora e às escolhas estéticas por meio das quais Carolina constrói sua voz literária. Conforme discutido anteriormente a partir de Gonzalez (1988), Evaristo e Jesus (2021) e Nascimento (2023), as marcas do pretuguês presentes em sua escrita participam de uma tradição linguística afro-brasileira historicamente desvalorizada pela norma-padrão. A utilização da linguagem pela autora, portanto, também pode ser compreendida como forma de resistência, apropriação da palavra escrita e afirmação de uma autoria negra e periférica.

O reconhecimento dessa dimensão afro-brasileira, contudo, não implica estabelecer uma equivalência direta entre a linguagem de Carolina e o *African American Vernacular English*. Embora o AAVE e o pretuguês estejam relacionados a processos históricos da diáspora africana e ao preconceito linguístico dirigido às populações negras, constituíram-se em contextos sociolinguísticos distintos. O AAVE possui regras, trajetórias históricas e valores identitários específicos da experiência afro-americana. Sua utilização na tradução poderia, portanto, atribuir à voz de Carolina marcas regionais, históricas e culturais próprias dos Estados Unidos, produzindo uma domesticação e uma falsa correspondência entre experiências negras que, embora relacionadas pela diáspora, não são intercambiáveis.

A recusa do AAVE não significa, assim, negar o caráter negro, periférico ou resistente da escrita de Carolina. Significa evitar que sua resistência seja deslocada para uma tradição sociolinguística especificamente afro-americana. Em *Quarto de Despejo*, pobreza, favela, raça e gênero não constituem dimensões separadas: articulam-se na experiência narrada e na construção da voz autoral. A favela não é apresentada como um espaço social racialmente neutro, mas como parte de uma estrutura de marginalização vivenciada e

interpretada por uma mulher negra que transforma essa experiência em denúncia, elaboração estética e intervenção pela escrita.

Por isso, a escolha tradutória foi recriar, na medida do possível, o caráter híbrido e oscilante da escrita de Carolina, preservando a alternância entre construções diretas e oralizadas, registros formais, vocábulos pouco frequentes e passagens de maior elaboração poética, sem transferir sua voz para um socioleto específico já constituído na cultura de chegada. A opção por não empregar o AAVE não corresponde a uma neutralização racial da obra, uma vez que as marcas da experiência negra e periférica permanecem inscritas no vocabulário racial, nos elementos culturais, nas situações narradas e nos recursos paratextuais da tradução. Busca-se, assim, evitar uma falsa equivalência com a experiência afro-americana sem apagar a dimensão afro-brasileira, política e resistente da escrita caroliniana.

Essa decisão também cria uma base para lidar com outros elementos sensíveis da tradução, especialmente aqueles relacionados ao vocabulário racial. A partir desse princípio de não introduzir marcas sociolinguísticas externas ao texto-fonte, discutimos então as escolhas tradutórias para “preto” e “negro”, termos cuja carga histórica e social exige atenção particular no contexto do inglês estadunidense.

No português, as palavras “negro” e “preto” designam originalmente a cor escura (preto = “ausência de luz”, negro do latim *niger*). Como aponta Cardeira (2016), ambas já existem no português arcaico: desde o século XIII “negro” e “preto” constam de dicionários portugueses inicialmente como adjetivos cromáticos ou metafóricos (associados a tristeza, luto, etc.). Com a expansão ultramarina a partir do século XV, o termo “negro” passou a ser aplicado a pessoas de origem africana e, ao longo do período colonial português, “preto” gradualmente substituiu “negro” como sinônimo de escravo africano:

No dicionário português, francês e latim do final do século XVIII, preto é definido como “Negro” e “Escravo negro” (Costa e Sá, 1794: 285- 286.). O que se percebe, é que ao longo dos séculos, nos dicionários, o termo preto/prieto, em concordância com o termo negro, passou a fazer associação direta com a condição de escravo. (Oliveira, 2017, s/p)

Essa vinculação da cor da pele à escravidão criou as bases da hierarquização racial inicial no Brasil e reforçou sentidos negativos para essas palavras no imaginário colonial.

No século XIX brasileiro, no Império e início da República, a terminologia racial herdou essa tradição: os brasileiros ainda falavam popularmente de “pretos” e “pardos” para designar negros africanos e seus descendentes, enquanto em textos oficiais apareciam miscigenações (mulatos, caboclos) e referências a “raça” e a “cor”. De acordo com Prearo-Lima e Meira (2024):

Os resultados indicam primeiramente que, nos dicionários selecionados, as definições são, em sua maioria, ideologicamente marcadas por um tom racista quanto às definições de “preto” e “negro”, fruto de um discurso pró-escravidão presente na sociedade que incide na produção desses verbetes. Em segundo lugar, apesar do longo período de mais de três séculos entre as obras, constatamos que, com raras exceções, os registros mantiveram praticamente as mesmas ideias (p. 1)

Ou seja, até o século XX, as principais fontes lexicográficas mantiveram sentidos historicamente negativos associados a esses termos. A partir da segunda metade do século XX, entretanto, ocorreram importantes transformações nas formas de classificação e identificação racial no Brasil. Nos levantamentos censitários, o IBGE utiliza cinco categorias de cor ou raça: branca, preta, parda, amarela e indígena. Já a Lei nº 10.639/2003 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Posteriormente, o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288/2010⁷⁴, definiu “população negra” como o conjunto das pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito de cor ou raça utilizado pelo IBGE, ou que adotam autodefinição análoga.

É necessário, portanto, distinguir as categorias utilizadas para a autodeclaração nos censos da categoria abrangente empregada em análises estatísticas, legislações e políticas públicas. O IBGE não apresenta “negro” como uma categoria separada de resposta ao quesito de cor ou raça; entretanto,

⁷⁴ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm
Acesso em: 24 out. 2025

em análises sociais e políticas públicas, “população negra” é frequentemente utilizada para reunir as pessoas autodeclaradas pretas e pardas. Em orientações governamentais sobre linguagem, recomenda-se o emprego de “negro(a)” ou “preto(a)” para se referir a pessoas de ancestralidade africana, evitando-se eufemismos como “moreno(a)”:

Devido a um contexto de miscigenação e racismo enraizado na cultura brasileira, muitas pessoas entendem que utilizar o termo “negra” ou “negro”, ou mesmo ser visto como uma pessoa negra, é algo negativo ou pejorativo, de modo que utilizam termos como “morena”, “moreno”, “pardo” ou “parda” para, de certa forma, “suavizar” a descrição de uma pessoa negra. Contudo, o termo correto para descrever pessoas negras é mesmo “negro” ou “negra”, ou ainda “preto” ou “preta”, e deve-se evitar a utilização dos termos “morena” ou “moreno”⁷⁵.

Em relatórios acadêmicos e discussões de políticas públicas prevalece o emprego de “negro” (ou “afrodescendente”) como termo técnico, especialmente após a década de 1970. Alguns especialistas observam que essa escolha foi estratégica: movimentos sociais e intelectuais passaram a “positivar” a palavra negro como identidade comum, distanciando-o do estigma histórico, como aponta Conceição Evaristo:

“Sou de uma geração que assistiu esse esvaziamento negativo da palavra negro. A palavra negro era usada sempre no sentido pejorativo. Quando queria atingir uma pessoa negra, o termo era usado. Houve um trabalho, uma autonegação da palavra negro para esvaziar o sentido negativo dessa palavra. Foi criada uma semântica de positividade. Isso muito por meio da literatura”, afirma Conceição Evaristo.⁷⁶

No dia a dia, porém, a palavra preto aparece nos exemplos cotidianos, quando se diz “feijão preto”, “café preto”, “carro preto”. O ativista Nabby Clifford, em um vídeo viral, observou que o brasileiro associa negro a expressões negativas (“lista negra”, “humor negro”, etc.) e ao sentido “infeliz, maldito” no dicionário, preferindo preto sempre que algo é valorizado:

⁷⁵ Fonte: <https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/glossario-de-direitos-humanos/expressoes-racistas#:~:text=termos%20como%20%22morena%22%20%22moreno%22%20%22pardo%22>
Acesso em: 24 out. 2025

⁷⁶ Fonte: <https://www.sinjus.org.br/negro-ou-preto-uma-reflexao-sobre-o-uso-dos-termos/#:~:text=,muito%20por%20meio%20da%20literatura> Acesso em: 24 out. 2025

“Um país, o Brasil, usa palavras como lista negra, dia negro, magia negra, câmbio negro, vala negra, mercado negro, peste negra, buraco negro, ovelha negra, a fome negra, humor negro, seu passado negro, futuro negro. Não deveria chamar uma criança de negro (...). Pega o dicionário de língua portuguesa, está escrito: negro quer dizer infeliz, maldito. Brasileiro quando valoriza alguma coisa não fala negro, ele fala preto.”

“Ele não come feijão negro, come feijão preto, o carro dele não é carro negro, o carro dele é carro preto, ele não toma café negro, toma café preto, a fome é negra, quando ganha na loteria, ganha uma nota preta. Se branco não é negativo, preto também não é negativo.

Mas negro não, negro é palavra 100% negativa, e atrasa, isso causa morte, causa miséria, doenças. Já que o mundo mudou, vamos mudar nossa linguagem também”, diz Clifford, em um vídeo que está com quase seis milhões de visualizações na página TupiVox no Facebook.⁷⁷

De fato, algumas gírias e expressões populares reforçam uma carga estigmatizada – por exemplo “a coisa está preta” ou “coisa de preto” às vezes traz conotação negativa. Ao mesmo tempo, entre jovens e nos movimentos culturais (rap, samba, redes sociais), há crescente reapropriação de preto como termo legítimo e empoderador. Em contrapartida, fora das organizações negras alguns indivíduos ainda relutam em usar “preto” por ter sido palavra de ofensa; muitos preferem “pardo” ou “moreno”.

Nos últimos tempos, com o advento das redes sociais de comunicação, os termos “negro” e “preto” têm sido amplamente reproduzidos. Conforme observam Alcione Nawroski e Klaudia Chrzan (2024), as designações raciais não são fixas, mas sim expressões de disputas simbólicas e políticas que revelam diferentes modos de nomear e perceber a identidade negra em contextos socioculturais específicos.

Fazendo um paralelo com os Estados Unidos a palavra *Negro* também adquiriu conotações pejorativas nas últimas décadas, de forma semelhante ao que ocorre com “preto” no Brasil.

⁷⁷ Fonte: <https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semantico-por-sacramento/#:~:text=Um%20país%2C%20o%20Brasil%2C%20usa> Acesso em: 24 out. 2025

No texto *Negro ou preto? Uma reflexão sobre o uso dos termos*, juntamente com a opinião do historiador Cristiano Rodrigues, do ponto de vista semântico não há diferença intrínseca:

[...] a diferença no uso dos termos tem a ver com questões geracionais. Os movimentos negros, Movimento Negro Unificado (MNU), Cadernos Negros, passaram a adotar e reafirmar o sentido do termo negro na década de 70 e, com isso, influenciaram toda uma geração. As gerações que os antecederam usavam outras nomenclaturas e as gerações contemporâneas optam pelo termo preto. O uso pode ser tanto de um termo quanto outro. Cristiano destaca que os termos preto e negro são intercambiáveis. “Não vejo, do ponto de vista semântico, nenhuma diferença entre um e outro”. Para ele, o que a disputa de certo ou errado sobre o uso dos termos revela é muito mais discussões internas dos movimentos sociais e reflexo de mudança geracional⁷⁸

Desde os anos 1970, o Movimento Negro Unificado e outros coletivos empreenderam um esforço consciente de *ressignificar* “negro” como termo de orgulho e luta:

Para incentivar o negro a assumir sua condição racial, o MNU resolveu não só despojar o termo “negro” de sua conotação pejorativa, mas o adotou oficialmente para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país. Assim, ele deixou de ser considerado ofensivo e passou a ser usado com orgulho pelos ativistas, o que não acontecia tempos atrás. O termo “homem de cor”, por sua vez, foi praticamente proscrito. (Domingues, 2007, s/p)

Em contrapartida da ressignificação do termo “negro” outros intelectuais e ativistas atuais dão preferência a “preto”, porém enfatizam seu novo sentido. Como observa a ativista Mirtes Santos (Coletivo Negrada), muitos negros fora dos movimentos resistiam a “preto” por seu uso depreciativo antigo, mas o termo vem sendo “ressignificado” como forma de resistência: “Os negros que não estão no movimento e não compreendem o que o Clifford falou repudiam o ‘preto’, pois a palavra sempre foi usada como forma de agredir a identidade negra. O termo preto está sendo ressignificado⁷⁹”.

⁷⁸ Fonte: <https://www.sinjus.org.br/negro-ou-preto-uma-reflexao-sobre-o-uso-dos-terminos/#:~:text=Para%20o%20cientista%20político%20Cristiano,contemporâneas%20optam%20pelo%20termo%20preto> Acesso em: 24 out. 2025

⁷⁹ Fonte: <https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semantico-por-sacramento/> Acesso em: 24 out. 2025

Sacramento (2016) aponta, contudo, que esse processo não implica repulsa à palavra “negro” nos moldes que os norte-americanos fizeram com a *n-word*, que com o avanço das lutas dos movimentos pelos direitos civis foi desconstruída a ponto de se tornar tabu⁸⁰.

O antropólogo Kabengele Munanga explica que essa disputa reflete escolhas políticas: “a definição de negro no Brasil é uma definição política⁸¹”, resultado do movimento negro. Sinteticamente, observa-se um processo de reapropriação lexical: o termo “negro” adquiriu valor simbólico coletivo, associado a movimentos sociais e à produção acadêmica sobre a negritude, enquanto “preto” passou a designar uma forma de identificação cotidiana, afetiva e resistente, que reivindica visibilidade e positividade na linguagem.

Em síntese, a trajetória dos termos “negro” e “preto” no Brasil evidencia uma complexa construção histórica e sociocultural: enquanto “preto” foi tradicionalmente usado em censos e no cotidiano, muitas vezes com conotações negativas ligadas à escravidão, “negro” emergiu como marca de identidade coletiva e política, especialmente a partir da segunda metade do século XX, com o fortalecimento do Movimento Negro. Ambos os termos refletem escolhas lexicais carregadas de ideologia, disputas geracionais e estratégias de afirmação racial: “negro” consolidou-se como termo oficial e acadêmico, abrangendo pretos e pardos, enquanto “preto” vem sendo ressignificado em contextos cotidianos e culturais como forma de visibilidade e empoderamento. Essa evolução mostra que a linguagem não apenas descreve a realidade social, mas também atua na construção da identidade e na resistência simbólica frente a legados históricos de racismo e exclusão.

Já no cenário do inglês estadunidense, *Negro* e *Black* serviram como etnônimos para afrodescendentes norte-americanos, mas seus usos variaram ao longo do tempo. A palavra *Negro* (do espanhol/português *negro*, que significa

⁸⁰ Fonte: [https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semanticopor-sacramento/#:~:text=Em%20busca%20de%20respostas%20mais,está%20sendo%20ressignificado"%2C%20explica%20Mirtes](https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semanticopor-sacramento/#:~:text=Em%20busca%20de%20respostas%20mais,está%20sendo%20ressignificado) Acesso em: 24 out. 2025

⁸¹ Fonte: <https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-lutas-sem-abrir-mao-das-especificidades/#:~:text=algumas%20pessoas%20não%20têm%20consciência%C2%A0,E%20ela%20se%20identifica%20muito> Acesso em: 24 out. 2025

“black”⁸²) tornou-se o termo polido padrão para designar afro-americanos do século XVIII até meados do século XX. Em contraste, o adjetivo *black* (em minúsculas) foi por muito tempo evitado pela sociedade, mas foi posteriormente recuperado durante a era do *Black Power* na década de 1960 e, em seguida, normalizado.

Conforme aponta o dicionário Merriam-Webster:

os termos *Negro* e, em menor grau, *Negress* eram anteriormente de uso comum, mas começaram a cair em desuso na década de 1960 e, na década de 1980, foram amplamente substituídos, em contextos não históricos, por *Black* e *African American*. Algumas instituições ainda mantêm *Negro* em seus nomes, refletindo a preferência histórica pelo termo: o nome completo da UNCF, uma organização filantrópica educacional fundada em meados do século XX, é *United Negro College Fund*, também conhecida como *United Fund*; e a *Negro League Baseball Museum*, que documenta as ligas de beisebol negras ativas entre 1920 e o final da década de 1940, continua a utilizar o nome empregado na época. O uso de *Negro* nesses e em outros contextos similares não é considerado ofensivo. Ambos *Negro* e *Negress* são, por vezes, usados por pessoas negras em autorreferência, mas o uso por outros é considerado ofensivo.⁸³ (Merriam-Webster, 2025)

Nos séculos XVIII–XIX colonizadores europeus e americanos adotaram *Negro* (frequentemente capitalizado) para designar pessoas de ascendência africana. No final do século XIX, instituições e líderes dos Estados Unidos empregavam amplamente *Negro*: por exemplo, W.E.B. Du Bois intitulou

⁸²

Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/Negro#:~:text=Spanish%20or%20Portuguese%2C%20from%20Negro,niger> Acesso em: 23 out. 2025

⁸³ Original: The terms *Negro* and, to a lesser extent, *Negress* were formerly in common use, but began to fall out of favor in the 1960s, and by the 1980s had largely been replaced in nonhistorical contexts by *Black* and *African American*. A few organizations continue to use *Negro* in their names, reflecting the historical preference for the term: the full name of the UNCF, a philanthropic education organization founded in the mid-20th century, is the United Negro College Fund, also called the United Fund; and the Negro League Baseball Museum, which documents the Black baseball leagues active largely between 1920 and the late 1940s, continues to carry the name used by those leagues. The use of *Negro* in these contexts and others like them is not regarded as offensive. Both *Negro* and *Negress* are sometimes used by Black people in self-reference, but use of either term by others is offensive.

seu livro de 1899 *The Philadelphia Negro*⁸⁴. Durante esse período, *Negro* era considerado mais cortês do que o termo anterior *colored*. Como argumentou Du Bois em uma carta de 1928, *Negro* era “etimologicamente e foneticamente... muito melhor e mais lógico do que “African” ou “colored” ou qualquer uma das várias circunlocuções hifenizadas⁸⁵”. O *New York Times* e outros veículos passaram a capitalizar *Negro* como sinal de respeito, e figuras negras proeminentes, como Booker T. Washington e o próprio Du Bois, utilizavam rotineiramente o termo, como aponta o guia⁸⁶:

Negro: Use *African American* ou *Black*. Não use para descrever uma pessoa de ascendência africana. Não use *Negress*. (Veja *African American*, *Black* e *raça*.) Termo aceitável em nomes de organizações e referências históricas, por exemplo, *National Council of Negro Women* ou *Negro National Anthem*. A palavra *Negro* foi adotada do espanhol e do português e registrada pela primeira vez em meados do século XVI. Permaneceu como termo padrão entre os séculos XVII e XIX e foi usada por proeminentes ativistas negros americanos como W. E. B. Du Bois e Booker T. Washington no início do século XX. Desde o movimento *Black Power* da década de 1960, no entanto, quando *Black* foi favorecido como o termo para expressar orgulho racial, *Negro* e palavras relacionadas, como *Negress*, foram abandonadas e agora estão desatualizadas, são até mesmo ofensivas em alguns casos.⁸⁷

Já com referência a 1920–1950 o termo *Negro* atingiu seu auge como denominação aceita. Por cerca de quatro décadas, foi o rótulo convencional no

⁸⁴ Fonte: <https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/a-note-on-historical-language-is-negro-a-racial-slur#:~:text=Advancement%20of%20Colored%20People,1899> Acesso em: 23 out. 2025

⁸⁵ Original: etymologically and phonetically... much better and more logical than 'African' or 'colored' or any of the various hyphenated circumlocutions.

⁸⁶ Fonte: <https://nabjonline.org/news-media-center/styleguide/#styleguideno> Acesso em: 23 out. 2025

⁸⁷ Original: Negro: Use African American or Black. Do not use it to describe a person of African descent. Do not use Negress. (See African American, Black and race.) Term acceptable in organization names and historical references, for example, National Council of Negro Women or Negro National Anthem. The word Negro was adopted from the Spanish and Portuguese and first recorded in the mid-16th century. It remained the standard term between the 17th-19th centuries and was used by prominent Black American campaigners such as W. E. B. Du Bois and Booker T. Washington in the early 20th century. Since the Black Power movement of the 1960s, however, when Black was favored as the term to express racial pride, Negro and related words such as Negress were dropped and now are out of date, even offensive in some cases.

governo, na mídia, na academia e no uso cotidiano⁸⁸. A NAACP – fundada em 1909 – manteve *Colored* em seu nome institucional, mas referia-se a *Negroes* em outros contextos. Periódicos da imprensa afro-americana, como *The Crisis*, *Ebony* e *Jet*, também participaram dos debates sobre representação racial e acompanharam as transformações nas formas de nomeação da população negra, embora *Negro* e *Colored* não apareçam em seus títulos. Socialmente, *Negro* denotava uma identidade racial ampla, mas ainda era entendido como uma tradução de *black*. Alguns críticos questionavam sua adequação, como T. Thomas Fortune, em 1906, lamentava que *Negro* fosse tratado como mero substantivo de cor, e não como nome próprio, mas o termo manteve-se amplamente utilizado até meados do século XX:

É impossível fazer com que escritores na América, Europa ou Ásia o tratem como um nome próprio. Eles nunca o farão, porque não é um termo definidor de afinidades e unidades raciais, mas de peculiaridades físicas da raça, das quais a cor é o índice visível e invariável. Nenhum esforço de publicistas afro-americanos jamais conseguirá converter o termo “*Negro*” em um nome próprio, porque, filosoficamente, é um substantivo comum.⁸⁹

Já em 1950–1960, na era dos Direitos Civis, *Negro* ainda era comum em discursos e textos formais. Em 1963, Martin Luther King Jr. usou repetidamente “the Negro” em seu famoso discurso “I Have a Dream” (“*But 100 years later the Negro still is not free.*”⁹⁰). Entretanto, isso começou a mudar. Em meados da década de 1960, ativistas negros passaram a considerar *Negro* ultrapassado. Em um comício do *Black Power* em 1966, Stokely Carmichael declarou:

⁸⁸ SMITH, Tom W. Changing racial labels: from “colored” to “negro” to “black” to “African American”. *The Public Opinion Quarterly*, [S. l.], v. 56, n. 4, p. 496-514, Winter 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2749154>. Acesso em: 23 out. 2025.

⁸⁹ Original: It is impossible to get the writers in America, Europe or Asia to treat it as a proper noun. They never will do it, because it is not a term definitive of race affinities and unities, but of physical peculiarities of race, of which color is the visible and invariable index. No effort of Afro-American publicists will ever be able to convert the term Negro into a proper noun, because, philosophically, it is a common noun. Fonte: <https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/t-thomas-fortune-who-are-we-afro-americans-colored-people-or-negroes-essay-1906> Acesso em: 23 out. 2025

⁹⁰ Fonte: <https://www.gilderlehrman.org/sites/default/files/inline-pdfs/king.dreamspeech.excerpts.pdf#:~:text=to%20millions%20of%20Negro%20slaves,island%20of%20poverty%20in%20the> Acesso em: 23 out. 2025

Se disséssemos “Negro Power”, ninguém se assustaria. Todos apoiariam. Se disséssemos poder para pessoas de cor, todos apoiariam, mas é a palavra “black” que incomoda as pessoas neste país, e isso é problema delas, não meu. Essa é a mentira que diz que tudo que é *black* é ruim. (*Stokely Carmichael, 1966*⁹¹)

Carmichael (1966) e outros argumentaram que *Negro* implicava passividade ou inferioridade. Ao mesmo tempo, *Colored* já havia praticamente caído em desuso: “*Colored* era o termo preferido para negros americanos até que W.E.B. Du Bois, seguindo o exemplo de Booker T. Washington, defendeu uma mudança para *Negro* na década de 1920.”⁹²

Du Bois liderou uma campanha para que jornais capitalizassem o termo, assim como Tom W. Smith, que destaca que o New York Times tomou a decisão editorial de capitalizar a palavra *Negro* a partir de 1930: “Em nosso ‘manual de estilo, *Negro* agora é adicionado à lista de palavras que devem ser escritas com maiúscula. Não se trata apenas de uma mudança tipográfica; é um ato de reconhecimento do respeito próprio racial para aqueles que, por gerações, estiveram nas ‘letras minúsculas’.” (Singh *apud* Smith, 1992, p. 499⁹³).

Contudo, alguns afro-americanos sentiam que o termo era imposto por brancos e reduzia a identidade à cor. Na década de 1960, militantes como Carmichael, Malcolm X e os *Black Panthers* transformaram *Negro* em símbolo de passividade⁹⁴. No final da década de 1960 – 1970 a transição

⁹¹ Original: If we had said “Negro power” nobody would get scared. Everybody would support it. If we said power for colored people, everybody’d be for that, but it is the word “black” that bothers people in this country, and that’s their problem, not mine. That’s the lie that says anything black is bad. Fonte: <https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/a-note-on-historical-language-is-negro-a-racial-slur#:~:text=,%28Stokely%20Carmichael%2C%201966> Acesso em: 23 out. 2025

⁹² Original: *Colored* was the preferred term for black Americans until W.E.B. Du Bois, following the lead of Booker T. Washington, advocated for a switch to *Negro* in the 1920s. Fonte: <https://slate.com/news-and-politics/2010/01/how-old-was-harry-reid-when-the-word-negro-became-taboo.html> Acesso em: 23 out. 2025

⁹³ Original: In our ‘style book’ ‘Negro’ is now added to the list of words to be capitalized. It is not merely a typographical change; it is an act of recognition of racial self-respect for those who have been for generations in the ‘lower case’”. Fonte: <https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/a-note-on-historical-language-is-negro-a-racial-slur#:~:text=Capitalizing%20,letter> Acesso em: 23 out. 2025

⁹⁴ Fonte: <https://slate.com/news-and-politics/2010/01/how-old-was-harry-reid-when-the-word-negro-became-taboo.html> Acesso em: 23 out. 2025

de *Negro* para *Black* aumentou. Publicações afro-americanas começaram a usar *Black* por volta de 1969: “a acadêmica Zenobia Bell mostrou que revistas afro-americanas como *Ebony* e *Jet* começaram a usar consistentemente o termo “*Black*” em 1969, e o termo logo foi preferido pela geração mais jovem”⁹⁵.

Em 1970, o Censo dos EUA usava “*Negro or Black*”, refletindo a coexistência dos dois termos⁹⁶. Pesquisas da época mostram essa transição:

De acordo com uma pesquisa da *Newsweek* de 1968, mais de dois terços dos negros americanos ainda preferiam a palavra *Negro*, mas *black* já havia se tornado a preferência da maioria em 1974. Tanto a *Associated Press* quanto o *New York Times* abandonaram a palavra *Negro* na década de 1970 e, em meados da década de 1980, até mesmo as instituições mais conservadoras, como a Suprema Corte dos EUA, haviam parado de usar a palavra *Negro*.⁹⁷

Culturalmente, *Black* passou a carregar uma conotação positiva (como em slogans do tipo “Black is beautiful”), enquanto *Negro* passou a soar como linguagem de uma geração mais velha. Inclusive, nomes históricos do movimento dos Direitos Civis foram atualizados, como *Negro History Week*, que se tornou *Black History Month* em 1976.

De 1980 até o presente *Negro* tornou-se arcaico e frequentemente ofensivo. O governo e a mídia abandonaram seu uso; a última utilização não citacional pela Suprema Corte foi feita pelo juiz Thurgood Marshall em 1985. No

⁹⁵ Original: the scholar Zenobia Bell has shown that African American magazines like *Ebony* and *Jet* started consistently using the term “Black” by 1969, and the term was soon preferred by the younger generation. Fonte: <https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/a-note-on-historical-language-is-negro-a-racial-slur#:~:text=The%20movement%20was%20largely%20persuasive%3B,%28see%20Cohn%2C%202010> Acesso em: 23 out. 2025

⁹⁶ Fonte: <https://scalar.lehigh.edu/african-american-poetry-a-digital-anthology/external?link=https%3A%2F%2Fwww.pewresearch.org%2Fsocial-trends%2F2010%2F01%2F21%2Frace-and-the-census-the-negro-controversy%2F&prev=https%3A%2F%2Fscalar.lehigh.edu%2Fafrican-american-poetry-a-digital-anthology%2Fa-note-on-historical-language-is-negro-a-racial-slur> Acesso em: 23 out. 2025

⁹⁷ Original: According to a 1968 *Newsweek* poll, more than two-thirds of black Americans still preferred *Negro*, but *black* had become the majority preference by 1974. Both the *Associated Press* and the *New York Times* abandoned *Negro* in the 1970s, and by the mid-1980s, even the most hidebound institutions, like the U.S. Supreme Court, had largely stopped using *Negro*.

Fonte: <https://slate.com/news-and-politics/2010/01/how-old-was-harry-reid-when-the-word-negro-became-taboo.html> Acesso em: 23 out. 2025

entanto, algumas instituições (como a NAACP e o *United Negro College Fund*) mantiveram seus nomes históricos⁹⁸. Em 1988, Jesse Jackson promoveu o termo *African American*, que ganhou força como alternativa a *Black*. Pesquisas a partir da década de 1990 mostram que a maioria dos afro-americanos aceita ambos os termos:

Em diversas medições do Gallup nas três décadas seguintes, incluindo a mais recente em 2019, a grande maioria dos negros americanos afirmou que o uso de *Black* versus *African American* não lhes importa. Durante a maior parte desse tempo, os demais se dividiram entre os dois, mas de 2000 a 2007, *African American* teve uma ligeira vantagem.⁹⁹

Hoje, *Black* (com inicial maiúscula) é amplamente entendido como etnônimo neutro ou positivo para pessoas de ascendência africana. Muitos preferem *Black* por ser mais inclusivo da diáspora, enquanto *African American* pode excluir afrodescendentes caribenhos ou imigrantes africanos¹⁰⁰.

Mais recentemente, em um artigo de opinião de 2014 no *The New York Times*, a professora de jornalismo da Universidade Temple, Lori L. Tharps, afirmou o seguinte: “Ao falar de uma cultura, etnia ou grupo de pessoas, o nome deve ser escrito com letra maiúscula. *Black* com B maiúsculo refere-se a pessoas da diáspora africana. Já *black* minúsculo é simplesmente uma cor.”¹⁰¹

É relevante destacar também a pesquisa de Wiggins (2011, p. III) que, através de uma análise qualitativa, demonstrou que: “(a) *nigger* é um termo universalmente negativo e inaceitável, (b) *nigga* é aceitável quando usado por afro-americanos, e (c) o uso público de *nigga* é inapropriado.”

⁹⁸ Fonte: <https://slate.com/news-and-politics/2010/01/how-old-was-harry-reid-when-the-word-negro-became-taboo.html> Acesso em: 23 out. 2025

⁹⁹ Original: In several Gallup measurements over the next three decades, including the most recent in 2019, the large majority of Black Americans have said the use of Black vs. African American doesn't matter to them. For most of this time, the rest have been closely split between the two, but from 2000 to 2007, "African American" had the slight edge. Fonte: <https://news.gallup.com/vault/315566/gallup-vault-black-americans-preferred-racial-label.aspx#:~:text=In%20several%20Gallup%20measurements%20over, had%20the%20slight%20edge> Acesso em: 23 out. 2025

¹⁰⁰ Fonte: <https://www.brookings.edu/articles/a-public-letter-to-the-associated-press-listen-to-the-nation-and-capitalize-black/#:~:text=More%20recently%2C%20in%20a%202014,> Acesso em: 23 out. 2025

¹⁰¹ Fonte: <https://www.nytimes.com/2014/11/19/opinion/the-case-for-black-with-a-capital-b.html> Acesso em: 23 out. 2025

Assim, podemos concluir que *Negro* limita-se a contextos históricos ou nomes fixos, enquanto *Black* (com “B” maiúsculo) é o padrão atual. A evolução desses termos reflete transformações sociais mais amplas: *Negro* foi, outrora, o termo do “establishment”, enquanto *Black* emergiu como símbolo de orgulho coletivo. Hoje, tanto guias de estilo quanto a comunidade reconhecem *Black* como uma identidade cultural, e veem *Negro* como antiquado — respeitável apenas em contextos históricos como apontou o dicionário Merriam-Webster.

Feitosa (2008), ao analisar esses termos dentro da obra de Carolina, esclarece que, embora em português ambas as palavras signifiquem *black*, “preto” costuma designar a cor de objetos, enquanto “negro” tem usos mais literários; contudo, “O uso alternado de preto e negro por Carolina parece sugerir que ela tratava essas palavras como sinônimos.¹⁰²” (Feitosa, 2008, p. 293).

Entretanto, a análise lexical conduzida por Lacerda, Daroda e Bahia (no prelo) indica que o termo “preto” e suas variações são majoritariamente utilizados com prosódia semântica neutra, enquanto “negro” tende a apresentar conotação mais negativa. Pode-se argumentar que essa diferença no uso popular tenha influenciado a autora, resultando em escolhas lexicais que reproduzem, de maneira indireta, a associação de “negro” a sentidos mais carregados ou problemáticos em seu discurso. Dessa forma, a obra de Carolina parece refletir tanto o contexto social em que a autora vivia quanto as nuances históricas e simbólicas da linguagem racial no Brasil, revelando como a experiência pessoal e coletiva de negros e negras permeia a construção do texto literário (Lacerda; Daroda; Bahia, no prelo).

Como foi possível observar, no contexto histórico da década de 1950–1960, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, os termos raciais em circulação refletiam discursos institucionais e hierarquias sociais específicas. No Brasil, “preto” e “negro” eram empregados para designar pessoas de ascendência africana, frequentemente carregando sentidos associados à herança da escravidão e às estruturas raciais que se mantinham no período pós-abolição. Nos Estados Unidos, por sua vez, *Negro* era então o vocábulo amplamente

¹⁰² Original: Carolina’s alternating usage of preto and negro seems to suggest that she treated these words as synonyms

utilizado em registros oficiais, em jornais e em organizações políticas negras, como a NAACP, sendo considerado o termo socialmente legítimo e não pejorativo do período. Somente a partir do final da década de 1960 e início da de 1970, com a emergência dos movimentos *Black Power* e *Black Arts*, *Black* foi ressignificado como categoria afirmativa, substituindo *Negro* em discursos políticos e identitários. Dessa forma, o uso de *Black* como marcador identitário positivo é um desenvolvimento posterior e não corresponde automaticamente ao cenário discursivo de 1960.

À luz dessa historicidade, na tradução da obra de Carolina Maria de Jesus optou-se por traduzir “preto” como *black* e “negro” como *Negro*, preservando as distinções semânticas e conotativas observadas no texto original. É relevante destacar que o uso de *Black* com inicial maiúscula ganhou força a partir da década de 1960, durante o movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, como forma de reivindicar respeito e identidade coletiva para a população afro-americana. O termo passou a ser usado com maiúscula para marcar o pertencimento étnico e cultural, de modo semelhante ao uso de *Latino* ou *Asian*, e não apenas como designação de cor. Embora essa grafia tenha se consolidado na militância negra desde os anos 1970, seu reconhecimento institucional é mais recente: em 2020, grandes veículos como o *Associated Press* e o *New York Times* oficializaram o uso de *Black* com maiúscula, reconhecendo o termo como expressão de identidade e não apenas de aparência física. Por isso, por se tratar de uma obra originalmente publicada em 1960, a opção de não capitalizar *Black* na tradução busca preservar o contexto histórico e sociolinguístico do período a que o texto pertence. Capitalizar o termo *Black* numa obra ambientada nos anos 1950-60 produziria um anacronismo: introduziria no texto um marcador identitário que não existia ainda como convenção política, gráfica e cultural.

Como vimos, a análise lexical da obra (Lacerda; Daroda; Bahia, no prelo) evidencia que “preto” é empregado majoritariamente com prosódia semântica neutra e descritiva, ao passo que “negro” tende a aparecer em contextos de maior carga negativa ou valorativa, frequentemente marcada por tensão social ou julgamento. Essa diferença é relevante para a compreensão da construção discursiva de Carolina e de seu posicionamento frente às hierarquias raciais do espaço urbano que descreve.

Assim, traduzir “preto” como *black* permite manter uma referência racial cotidiana sem intensificação semântica indevida, enquanto a utilização de “negro” para *Negro* preserva a conotação mais marcada, mais densa historicamente, permitindo ao leitor em inglês perceber a diferença de valor e uso entre os dois vocábulos. Essa estratégia tradutória evita tanto o nivelamento semântico quanto o anacronismo histórico que ocorreria caso se substituísse automaticamente ambos os termos por *Black*, termo que em 1960 ainda não desempenhava o mesmo papel identitário que possui hoje.

Contudo, esse paralelismo não pôde ser mantido de maneira sistemática quando “preto” ou “negro” aparecem qualificando substantivos não humanos no texto original. Em português, Carolina emprega com frequência negro, e não preto, para caracterizar objetos, alimentos ou aspectos físicos (“feijão negro”, “cabelo negro”), ao passo que, em inglês, *Negro* é reservado à identidade etnorracial e não pode ser aplicado a elementos inanimados.

Dessa forma, em casos como feijão negro, pele negra ou cabelo negro, optamos por seguir o sentido contextual, e não uma correspondência lexical rígida. Como nos exemplos abaixo:

Quadro 6 - Negro e Preto qualificando substantivos

Original	Tradução
Comeram e não aludiram à cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.	They ate and didn't allude to the black color of the beans. Because black is our life. Black is everything that surrounds us.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico	They forget that I love my black skin and my rustic hair.

Fonte: Elaboração própria, 2026.

Nos trechos em que Carolina mobiliza preto ou negro para refletir dimensões existenciais, sociais ou simbólicas da negritude — “A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” — priorizamos a força semântica de suas afirmações, e não a diferença formal entre os dois termos, traduzindo como: “Mine, up until now, has been black. Black is

my skin. Black is the place where I live.” Esse procedimento permite preservar a repetição retórica e o peso temático da cor no texto original, ao mesmo tempo respeitando as restrições gramaticais e sociolinguísticas da língua inglesa.

Desse modo, a tradução visa respeitar o efeito discursivo, a intencionalidade social e a historicidade lexical do texto de Carolina Maria de Jesus, ao mesmo tempo em que oferece ao leitor em inglês os meios para compreender as sutilezas raciais e socioculturais implicadas em sua escolha vocabular.

5.2.2 (In)formalidade, oralidade, metáfora e tradução

Ainda sobre os aspectos linguísticos de formalidade e informalidade, que variam ao longo da narrativa, existe o estilo de escrita de Carolina com frases curtas como: “Liguei o radio.” “Tomei banho.” “Esquentei comida.” “Li um pouco.” “Não sei dormir sem ler.” “Gosto de manusear um livro”, entre outros; que também foi mantido sempre que possível. Entretanto, vale destacar que ao optar por manter esse estilo, na tradução para o inglês, a repetição do pronome “I” tornou-se inevitável. Esse recurso, embora necessário para preservar a construção sintática e a cadência da autora, pode soar maçante para leitores de língua inglesa, uma vez que o inglês exige a explicitação do sujeito em todas as orações — ao contrário do português, que permite o sujeito oculto. Assim, essa recorrência do “I” não é um erro de estilo ou limitação da tradução, mas uma consequência da tentativa de manter a estrutura original e a marca subjetiva da narrativa.

Optamos também por não utilizar *itálico* para as palavras e expressões mantidas em português ao longo da tradução, reservando esse recurso apenas aos casos em que ele já se encontrava presente no texto original, como títulos de jornais e outras marcações editoriais. Essa escolha decorreu do entendimento de que o *itálico* atua como um marcador visual de alteridade, destacando determinados termos como elementos estranhos ou externos ao texto. Em uma proposta tradutória que busca integrar aspectos culturais brasileiros ao universo da tradução sem tratá-los como exotismos, a manutenção dessas palavras sem destaque tipográfico contribui para sua naturalização no fluxo da leitura.

Outro recurso foi o uso seletivo das contrações em inglês com o objetivo de preservar a oralidade e a espontaneidade características da escrita diarística de Carolina Maria de Jesus, sem comprometer a clareza narrativa. Contrações amplamente naturalizadas no inglês contemporâneo — especialmente formas do verbo *to be* (*I'm, it's, we're*), auxiliares negativos (*don't, didn't, can't, isn't*) e construções no present perfect com *have* (*I've, we've*) — foram mantidas ao longo da narrativa, por contribuírem para uma voz mais fluida, íntima e próxima da oralidade. Nos diálogos, as contrações foram utilizadas de maneira mais livre, buscando reproduzir o ritmo e a informalidade da fala cotidiana.

Por outro lado, determinadas contrações foram empregadas com maior moderação, sobretudo aquelas envolvendo *had* e estruturas como *would have, could have* e *should have*. Em muitos trechos narrativos, optou-se por formas abertas como *she had lost* e *they would have liked*, evitando construções como *she'd lost* e *they'd have liked*, que podem soar excessivamente coloquiais ou gerar ambiguidades entre *had* e *would*. Assim, a contração *'d* foi utilizada predominantemente em construções de *would*, especialmente em diálogos ou momentos de maior carga emocional. Essa escolha buscou estabelecer um equilíbrio estilístico entre legibilidade literária e expressividade oral, preservando o tom reflexivo da narrativa de Carolina sem produzir um inglês excessivamente formal ou artificialmente oralizado.

Em determinados trechos da tradução, optou-se também por privilegiar construções mais naturais e correntes no inglês, especialmente em registros orais e coloquiais, em vez de seguir rigidamente estruturas associadas à gramática normativa tradicional. Essa escolha buscou preservar a espontaneidade, a oralidade e a simplicidade presentes no original. Assim, em comparações, por exemplo, formas como *happier than us* foram preferidas em lugar de *happier than we are*, por soarem mais naturais dentro do registro narrativo da obra. Da mesma forma, em construções hipotéticas introduzidas por *as if* ou em estruturas com *wish*, utilizou-se frequentemente *was* em vez de *were*, como em “As if he was accompanying a saint on a float”, “As if I was watching a dazzling spectacle” e “He says he wishes he was my son”. Embora *were* corresponda à forma prescrita pela gramática tradicional, o uso de *was* é amplamente recorrente no inglês oral e contribui para um tom mais íntimo e menos formal. Também foram mantidas estruturas populares como *Us black*

people ou *Us poor people*, comuns em registros coloquiais, ainda que a forma normativa previsse *We black people*. Em trechos como “But us, black people, didn’t have a prophet to pray for us”, essa escolha reforça a dimensão oral e social da voz narrativa, aproximando o texto traduzido de usos linguísticos efetivos do inglês contemporâneo.

Em certas passagens do diário, como vimos, a autora emprega um vocabulário que destoa do uso cotidiano, criando efeitos de estranhamento ou solenidade em situações corriqueiras. Esse é o caso da frase “Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me.” O uso da forma arcaica e pouco comum do verbo “abluir”, com sentido de lavar-se contrasta com a simplicidade da ação descrita. Já “aleitar-se”, em vez de “deitar-se”, confere à frase um tom cerimonioso ou até poético. Na tradução, optamos por recriar esse mesmo efeito por meio do uso de palavras pouco frequentes no inglês contemporâneo. Assim, traduzimos a frase como: “I abluted the children, settled them in bed, and abluted myself and settled myself in bed.” A escolha por *abluted*, forma arcaica e pouco usada do verbo *ablute* (lavar-se), busca preservar o tom do original, mantendo a surpresa lexical que a forma verbal “ablui” provoca no leitor. Essa opção permite que o leitor da tradução sinta o mesmo descompasso entre o registro da palavra e a banalidade da ação descrita. Para “aleitar”, que no texto original é usado de forma singular como autorreflexiva e sem relação com o aleitamento materno, não encontramos um termo com o mesmo nível de estranhamento no inglês. Como alternativa, optamos por *settle*, verbo que pode significar acomodar-se, deitar-se confortavelmente ou instalar-se, e que, embora não seja tão incomum quanto *ablute*, ainda carrega um tom mais deliberado e calmo do que simplesmente *lie down* ou *go to bed*. Ele também permite a repetição paralela: “settled them in bed / settled myself in bed” ecoando o ritmo e a estrutura duplicada da frase original. Dessa forma, o uso de *abluted* e *settled* não visa apenas traduzir o conteúdo referencial das ações (lavar-se e deitar-se), mas sobretudo reproduzir o efeito formal e expressivo de estranhamento linguístico, mantendo-se a voz literária de Carolina Maria de Jesus.

Nesse mesmo sentido, optamos, em determinados trechos, por empregar construções distintas em inglês para diferenciar usos narrativos que, embora semelhantes no texto-fonte, assumem funções linguísticas diversas ao longo da obra. Assim, formas como *I rose from bed*, *I stayed in bed* e *I got up* foram

utilizadas não como equivalentes fixos de palavras específicas do português, mas como escolhas estilísticas relacionadas ao contexto narrativo e ao grau de formalidade da enunciação. Em trechos como “Deixei o leito, fui buscar água”, empregou-se *I rose from bed*, construção mais literária e menos cotidiana em inglês, capaz de produzir um efeito narrativo distinto daquele presente em estruturas mais simples e coloquiais. Já em passagens como “Eu fiquei na cama pensando nos filhos”, utilizou-se *I stayed in bed*, preservando a referência concreta ao espaço físico da cama e ao estado de permanência da narradora. Por sua vez, em estruturas mais diretas e rotineiras, como “Levantei de manhã e fui buscar água”, optou-se pela forma idiomática e oral *I got up in the morning and went to fetch water*.

Em alguns trechos optamos pela manutenção de construções pouco usuais, como “Fui na bolacha”. No original, essa frase é uma formulação marcada por oralidade e simplificação sintática, típica do registro popular e da escrita diarística da autora. Embora, em português padrão, a construção esperada fosse “fui pegar bolacha” ou “fui na fábrica de bolacha”, o uso elíptico de “na bolacha” cria um efeito de condensação e informalidade que expressa a fala espontânea da narradora. Ao optar por manter a estrutura literal em inglês — *I went to the cookie* — a tradução conserva esse traço de oralidade e o afastamento da norma culta, evidenciando o modo particular como a narradora organiza sua experiência linguística. Assim, a manutenção foi feita como estratégia tradutória visando respeitar o ritmo e a voz de Carolina, transmitindo ao leitor estrangeiro a mesma sensação de estranhamento e autenticidade que o leitor brasileiro experimenta diante da forma original.

Outro aspecto importante da obra é o título *Quarto de Despejo* e, por extensão, a metáfora que Carolina usa para descrever a cidade de São Paulo.

Segundo Levine (1995) o título em português:

[...] refere-se não apenas ao lixo encontrado nas favelas, mas também ao nome dado a um cômodo nos fundos de muitas casas brasileiras, uma varanda fechada ou um espaço sob o alpendre dos fundos, usado para armazenar entulho antes de seu descarte. Nesse sentido, o título do diário publicado remete a um lugar desinteressante nos fundos onde objetos descartados e lixo eram permitidos acumular-se — assim como pessoas descartadas e consideradas lixo eram permitidas

acumular-se nas favelas em expansão das cidades brasileiras.
(p. 46, tradução nossa¹⁰³)

Frans Weiser (2013) também tenta justificar a troca do título no contexto estadunidense baseado nesse significado proposto por Levine:

A ausência de uma metáfora equivalente em inglês talvez explique a escolha da editora Dutton de alterar o título da edição americana para *Child of the Dark*, como forma de aludir à trajetória de origem humilde de De Jesus, mantendo, ao mesmo tempo, a sensação de marginalização presente no título em português. Essa alteração, contudo, reflete mais do que uma simples mudança de título; ela também é sintomática das maneiras marcadamente distintas pelas quais a obra de De Jesus foi consumida por seu público leitor, tanto nacional quanto internacional. (p. 334, tradução nossa¹⁰⁴)

Na obra a metáfora aparece algumas vezes durante o trecho como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 7 - Metáfora “Quarto de Despejo”

Original	Tradução
...Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.	...I classify São Paulo like this: The Palace is the living room. The City Hall is the dining room, and the city is the garden. And the favela is the backyard where they throw the trash.
Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus	When I'm in the city, I have the impression that I'm in the living room with its crystal chandeliers, its velvet

¹⁰³ Original: It refers to not only to the garbage found in favelas, but the name given to a back room in many Brazilian houses, an enclosed porch, or a space under the back stoop, used for storage of junk before its disposal. In this sense, the published diary's title refers to a nondescript place in the back where castoffs and garbage were allowed to accumulate - just as human castoffs and people considered rubbish were allowed to accumulate in the growing shantytowns of Brazil's cities.

¹⁰⁴ Original: The lack of an equivalent metaphor in English perhaps explains Dutton Publishing House's choice to shift the American edition's title to *Child of the Dark* as a means to allude to de Jesus's emergence from difficult origins while still maintaining the sense of marginalization present in the Portuguese title. This alteration reflects more than just a titular shift, however; it is also symptomatic of the markedly distinct manners in which de Jesus's work was consumed by her national and international reading audiences.

tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.	rugs, satin cushions. And when I'm in the favela, I have the impression that I'm an out-of-use object, worthy of being in a storage room.
---	---

Fonte: Elaboração própria, 2026

Apesar de algumas vezes Carolina utilizar a palavra “lixo” como vemos no primeiro exemplo do quadro 7 o que podemos observar, durante a leitura, é o uso mais consistente do conceito de “despejo” como no segundo exemplo e, por isso, as variações de Quarto de Despejo. Segundo o dicionário Michaelis: “Despejo: 9 Local onde são guardados objetos velhos ou de pouco uso; casa de despejo, quarto de despejo¹⁰⁵.” Com essa definição podemos ver que não necessariamente despejo quer dizer lixo, mas sim objetos fora de uso. Por esse motivo, optamos por utilizar em inglês o termo *storage room*, que segundo o Collins se refere a “um cômodo onde as coisas são armazenadas; um cômodo onde você guarda coisas até que sejam necessárias.”¹⁰⁶.

5.2.3 Aspectos linguísticos: substantivos, pronomes, expressões e verbos

Uma questão relevante na obra são os pronomes de tratamento e honoríficos, que compõem extensamente a obra de Carolina de Jesus. Termos como “seu”, “dona”, “senhor”, “senhora” e suas variações são muito comuns no Brasil e apresentam os mais diversos usos e significados. Optamos por deixá-los em português, visto que não há uma correspondência direta entre esses pronomes no inglês, como demonstrado a seguir.

Segundo o dicionário *Michaelis*, por exemplo, dona¹⁰⁷ pode se referir a 1 [geralmente com inicial maiúscula] Título de tratamento honorífico que precede os nomes próprios das senhoras. 2 [geralmente com inicial maiúscula] Título

¹⁰⁵ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/despejo> Acesso em: 3 dez. 2025

¹⁰⁶ Original: a room where things are stored; is a room in which you keep things until they are needed. Fonte: <https://www.collinsdictionary.com/us/dictionary/english/storeroom> Acesso em: 3 dez. 2025

¹⁰⁷ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dona> Acesso em: 19 mar. 2024

que, no Brasil e em Portugal, era usado como tratamento honorífico, precedendo o nome próprio de mulheres pertencentes às famílias reais. 3 por ext. Mulher que se acha no estado de matrimônio ou que vive maritalmente, independentemente de seu nível socioeconômico; mulher casada; esposa. 4 Proprietária de alguma coisa; senhora: 5 coloq, pej Mulher de quem se fala com pouca deferência, com raiva, desprezo etc.

Carolina utiliza o honorífico tanto por extenso (dona) quanto com a abreviatura (D.). Em inglês, padronizamos a grafia de todas as ocorrências abreviadas, mantendo, como mencionado, o honorífico em português. O mesmo acontece com “seu” que, além de pronome possessivo, pode ser usado como pronome de tratamento. Segundo a *Veja* ¹⁰⁸ “seu” é uma forma popular de abreviar a palavra “senhor”, que também possui a variação “seo”, usada sobretudo em autores da primeira metade do século XX. Na tradução, optamos por substituir pelo equivalente “senhor”.

Já “senhor” e “senhora”, tidos como pronomes de tratamento mais formais, também apresentam conotações diferentes de *Mister* e *Missus* (Mr. e Mrs.) em inglês. Segundo o dicionário *Michaelis*, dentre os significados de senhor¹⁰⁹ temos: 3 Dono da casa; amo, patrão; 7 Tratamento respeitoso e cerimonioso dado aos homens. Abreviatura: Sr.; 8 Homem idoso ou de meia-idade. 12 Qualquer homem indeterminado, desconhecido; 15 ant o marido em relação à esposa; e senhora¹¹⁰: 3 Dona da casa; ama, patroa; 6 Tratamento respeitoso e cerimonioso dado às mulheres casadas. Abreviatura: Sra; 7 A esposa em relação ao marido; 8 Mulher idosa, madura ou de meia-idade; 9 Mulher indeterminada, desconhecida ou cujo nome não se quer revelar.

Como é possível observar, “senhor” e “senhora” têm muitas acepções em português. Embora ambas as línguas empreguem títulos honoríficos antes do nome de uma pessoa para demonstrar respeito, em inglês, o título *Mrs.* é tradicionalmente utilizado antes do nome de mulheres casadas. Devido a essas diferenças culturais, optamos pela manutenção de todos os pronomes de

¹⁰⁸ Fonte: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/por-favor-seu-sergio-8230-ou-seo-sergio> Acesso em: 19 mar. 2024

¹⁰⁹ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=senhor> Acesso em: 19 mar. 2024

¹¹⁰ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=senhora> Acesso em: 19 mar. 2024

tratamento antes de nomes próprios, padronizando apenas a escrita abreviada. Os casos em que tais pronomes apareciam no meio do texto e havia uma tradução viável, utilizamos *lady*, *ma'am*, *sir*, *mister*, entre outros.

Optamos por manter, sempre que necessário, nomes de rua, locais, nomes próprios, moeda e questões específicas do cotidiano da autora no Brasil, com a explicação em nota de rodapé em inglês.

Assim como os nomes próprios, optamos por manter a maioria dos apelidos presentes no diário. No entanto, quando tal termo possuía um significado transparente que desempenhava uma função descritiva ou caracterizadora — como Bobo, que traduzimos como Dummy, ou Antônio Sapateiro, vertido como Shoemaker — optamos por traduzir para o inglês. Nesses casos específicos, o sentido semântico do apelido é parte integrante da caracterização do personagem e contribui para a compreensão imediata do leitor estrangeiro. A tradução, portanto, busca equilibrar a preservação da autenticidade sociocultural do texto com a inteligibilidade necessária para que o público anglófono compreenda plenamente as nuances atribuídas pela autora.

O termo “favela” foi deixado em português, uma vez que não há uma tradução direta para o inglês. Levine e Arrington Jr., tradutores de *Casa de Alvenaria* para o inglês, utilizam tanto “favela” em português quanto *slum*. Existe uma diferença entre os termos: “como substantivos, a diferença entre favela e ‘slum’ é que ‘slum’ é um bairro em ruínas onde muitas pessoas vivem em estado de pobreza”¹¹¹. Além disso, a favela “normalmente nasce quando posseiros ocupam terrenos baldios na periferia de uma cidade e constroem barracos com materiais recolhidos ou roubados.”¹¹². Por isso, entendemos que, mesmo que várias fontes considerem “favela” e *slum* como sinônimos, os termos apresentam diferenças. No Brasil atual, as favelas têm muito forte a questão da “comunidade”, além de nascer de terrenos baldios ou abandonados com construções precárias feitas com materiais reciclados. Já os *slums* podem surgir em bairros que vão empobrecendo ou são abandonados.

¹¹¹ Original: As nouns the difference between slum and favela is that slum is a dilapidated neighborhood where many people live in a state of poverty. Fonte: <https://wikidiff.com/slum/favela> Acesso em: 14 jan. 2022.

¹¹² Original: A favela typically comes into being when squatters occupy vacant land at the edge of a city and construct shanties of salvaged or stolen materials. Fonte: <https://www.britannica.com/topic/favela> Acesso em: 14 jan. 2022.

Agora vamos citar alguns exemplos de escolhas tradutórias que foram feitas com base em critérios semânticos e contextuais, priorizando a manutenção da expressividade e da coerência estilística do texto de Carolina Maria de Jesus. Utilizamos, como apoio, definições de dicionários de língua inglesa e portuguesa, e adotamos um critério funcionalista para assegurar que as nuances de significado fossem respeitadas de acordo com a situação comunicativa.

O uso de “perceber” em português como *realize* ou *notice* em inglês: a distinção entre os verbos *realize* e *notice* baseou-se aqui na natureza do ato perceptivo. Segundo o *Cambridge Dictionary*, *realize* significa “to understand a situation, sometimes suddenly¹¹³”, assim, utilizamos *realize* quando a percepção envolvia a compreensão interna ou cognitiva, como uma tomada de consciência súbita, por exemplo, “Percebi que estava resfriada. / I realized that I had a cold.” O reconhecimento da doença parte de uma interpretação interna dos sintomas, não de um dado sensorial direto. Enquanto *notice* é definido como “to see or become conscious of something or someone¹¹⁴” e, por isso, foi reservado a situações de percepção sensorial imediata, especialmente visual ou emocional, como em “Percebi que eles me dirigiam um olhar terno. / I noticed that they were giving me a tender look.”, caso em que se trata da observação visual de um comportamento.

“Passar” como *stop by* ou *pass by*: a escolha entre *stop by* e *pass by* considerou o grau de interação e intencionalidade no local referido. Utilizamos *stop by* quando havia parada com um propósito claro — comprar, conversar, entregar algo — e *pass by* quando a passagem era superficial ou lateral, sem ênfase em uma interação direta. O Cambridge define *stop by* como “to visit someone or somewhere for a short time, usually on the way to another place¹¹⁵”, enquanto *pass by* implica “go past it or near it on your way to another place¹¹⁶”. Por exemplo, “Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite... / I stopped by Arnaldo's.” Há múltiplas ações objetivas no local, o que indica parada com intenção clara,

¹¹³ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/realize> Acesso em: 3 dez. 2025

¹¹⁴ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/notice> Acesso em: 3 dez. 2025

¹¹⁵ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/stop-by> Acesso em: 3 dez. 2025

¹¹⁶ Fonte: <https://www.collinsdictionary.com/us/dictionary/english/pass-by> Acesso em: 3 dez. 2025

diferente de “Passei na fábrica (...) e catei uns tomates. / I passed by the factory (...) and picked some tomatoes.”, que apesar da ação (catar tomates), ela ocorre de forma marginal, fora da estrutura formal da fábrica, evocando deslocamento não intencional.

No português brasileiro, o verbo *discutir* apresenta uma polissemia que exige atenção na tradução para o inglês, pois ele pode significar tanto “debater, examinar, investigar, tendo em vista provas e razões pró e contra” quanto “Participar de uma discussão de forma exaltada.”¹¹⁷ Esse duplo valor explica a diferença de tradução nos exemplos apresentados.

No primeiro caso “*Enquanto o soldado discutia com o Alexandre eu fui catar pedras*”, o contexto narrativo mostra uma situação de conflito verbal, imediatamente seguida por uma agressão física (“*O soldado Edison deu-lhe um tapa no rosto*”). Nesse cenário, *discutir* não pode ser entendido como simples debate racional, mas sim como uma altercação carregada de tensão. Por isso, a escolha por *arguing* em inglês é a mais precisa, já que *to argue*, conforme o *Cambridge Dictionary*, significa “to speak angrily to someone because you disagree with them”¹¹⁸, enfatizando o aspecto conflitivo e emocional da fala.

No segundo caso “*E coisa que eu não discuto é religião. Terminei as roupas e deixei a discussão no auge*” a palavra se refere claramente ao sentido de debate ou troca de ideias, não necessariamente marcada pela raiva, mas pelo confronto de opiniões. Nesse contexto, *to discuss* e *discussion* são as opções adequadas, pois, segundo o *Cambridge Dictionary*, *discuss* significa “to talk about something to other people, often exchanging ideas or opinions.”¹¹⁹ A nuance aqui é mais racional e argumentativa, e não conflitiva.

Assim, a tradução alterna entre *argue* e *discuss* de acordo com o contexto, preservando a polissemia do verbo português sem gerar ambiguidades em inglês. Enquanto *argue* transmite a ideia de briga verbal ou disputa acalorada, *discuss* corresponde ao sentido de debate de ideias, permitindo que as duas camadas de *discutir* em português sejam mantidas no texto traduzido.

¹¹⁷ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=discutir> Acesso em: 3 dez. 2025

¹¹⁸ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/argue> Acesso em: 3 dez. 2025

¹¹⁹ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/discuss> Acesso em: 3 dez. 2025

Os verbos “voltar” e “retornar” como *come back* e *return*: mantivemos o paralelismo com o texto original, que varia entre “voltar” e “retornar”, usando *come back* para um tom mais coloquial ou pessoal, e *return* em contextos mais neutros ou descritivos. Por exemplo, “Quando eu voltava encontrei com o Nelson... / When I was coming back, I encountered Nelson...” e “Quando retornava encontrei o senhor Ismael... / When I was returning, I encountered Sr. Ismael...”. Essa distinção estilística visou respeitar o ritmo narrativo e a naturalidade do fluxo verbal de Carolina Maria de Jesus.

A necessidade de diferenciar “xingar” e “jogar praga” com *swear* e *curse*. Como ambas as ações poderiam ser traduzidas por *curse* em inglês, “to use a word or an expression that is not polite, usually when you are very angry.” e também “magic words that are intended to bring bad luck to someone: put a curse on¹²⁰”, foi necessário distingui-las para manter a precisão. Utilizamos *swear* para “xingar”: “to use words that are rude or offensive¹²¹” e reservamos *curse* para “praga”, associando ao sentido “mágico” como em “O que eu sei é que a praga dos favelados pega. / What I know is that the curse of the favelados works.” E “Nunca chinguei filhos de ninguém... / I never swear at anyone’s children...”. Como exemplo de contexto em que as duas palavras aparecem juntas temos: “Elas ficaram revoltadas e começaram chingar o assassino. E lhe rogar praga. / They were outraged and started to swear at the murderer. And to curse him.”.

“Encontrar” como *find* e *encounter*: a escolha entre *find* e *encounter* dependeu do tipo de encontro descrito. *Find* foi usado quando o foco está na constatação de alguém ou algo já presente, em situações afetivas ou neutras, como “Encontrei a Vera Eunice dormindo... / I found Vera Eunice sleeping...”. Nessa situação vemos uma observação carinhosa e familiar, já presente na cena. Já *Encounter* foi usado quando o encontro é inesperado, marcado por movimento, surpresa ou tensão. O Cambridge define *encounter* como “a meeting, especially one that happens by chance¹²²”, como “Fui no rio lavar as

¹²⁰ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/curse> Acesso em: 3 dez. 2025

¹²¹ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/swear> Acesso em: 3 dez. 2025

¹²² Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/encounter?q=encounter+> Acesso em: 3 dez. 2025

roupas e encontrei D. Mariana. / I went to the river to wash the clothes and encountered D. Mariana”. Ou seja, um encontro casual, não planejado, com elemento de surpresa.

“Revoltar” como *revolt* e *outrage*: revoltar é uma palavra que aparece em muitos momentos durante *Quarto de Despejo*, por isso, para traduzir “revoltar”, distinguimos os seguintes núcleos semânticos:

Quadro 8 - Uso de *revolt* e *outrage* na tradução

Revolt	Revolta pessoal ou existencial (com a vida, consigo mesmo, com escolhas)	“Tem hora que eu revolto contra Deus por ter posto gente pobre no mundo [...]”	“There are times when I revolt against God for having put poor people in the world [...]”
		“Tem hora que revolto-me.”	“There are times when I revolt.”
	Revolta direcionada a instituições ou sistemas	“Revoltei contra o tal Serviço Social [...]”	“I revolted against the so-called Social Service [...]”
	Revolta hipotética ou generalizada (reflexões morais ou sociais sobre revolta como resposta à opressão.)	“Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria?”	“If the majority revolts, what can the minority do?”
	Reações interpessoais cotidianas (casos em que uma pessoa se irrita ou reage negativamente a algo que o outro diz/faz.)	“Antes eu falava e ele revoltava.”	“Before, I’d speak and he’d revolt.”
Outrage[d]	Indignação moral diante de injustiças sociais ou crimes	“E li o crime do Deputado de Recife [...] Elas ficaram revoltadas e começaram chingar o assassino.	“And I read about the crime of the Congressman of Recife [...] They were outraged and started to swear at the murderer.”

		“Penso: se a miséria revolta até as crianças...”	“I think: if misery outrages even children...”
	Estado contínuo de indignação com a própria condição de vida	“Já percebi que minha filha é revoltada. Ela tem pavor de morar na favela.”	“I’ve already noticed that my daughter is outraged. She can’t stand living in the favela.”

Fonte: Elaboração própria (2026).

A escolha entre os verbos *earn*, *get* e *receive* para traduzir os verbos “ganhar” e “receber” foi guiada pelo critério da origem do ganho e pelo nível de formalidade da situação narrada. Essa diferenciação visa refletir, no texto traduzido, a complexidade das atividades econômicas da narradora e o valor simbólico ou prático de cada recurso obtido.

Utilizamos *earn* quando o ganho ocorre como resultado direto de um esforço laboral, alinhando-se ao sentido registrado no *Cambridge Dictionary*: “to receive money as payment for work that you do¹²³”. Como no exemplo: “Vendi as latas e os metais. Ganhei 31 cruzeiros. / I sold the cans and metals. I earned 31 cruzeiros”. Nesse caso, o verbo *earn* transmite com precisão a ideia de pagamento por uma ação de venda. Da mesma forma, em “Fui vender uns ferros e um pouco de estopa. Ganhei só 31 cruzeiros. / I went to sell some scrap metal and some oakum. I only earned 31 cruzeiros.” A escolha por *earn* reforça a conexão direta entre o trabalho e o dinheiro recebido, mantendo a lógica de esforço x recompensa.

Já o verbo *get* foi utilizado em contextos mais informais ou quando o ganho não está claramente ligado a uma atividade profissional, como em situações de doação, presente ou ajuda espontânea. De acordo com o *Cambridge Dictionary*, *get* pode significar genericamente “to receive or be given something¹²⁴”, sem especificar a origem. Por exemplo: “Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. / Yesterday I got half a pig’s head from the Meatpacking Plant.”. Aqui, não se trata de um pagamento, mas de um

¹²³ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/earn?q=earn+> Acesso em: 3 dez. 2025

¹²⁴ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/get?q=get+> Acesso em: 3 dez. 2025

presente ou doação, sendo *get* o vocábulo escolhido. Também optamos por *get* quando o contexto não permite afirmar se houve ou não prestação de serviço. Como: “Fui até o Depósito, ganhei 15 cruzeiros. / I went to the Warehouse, I got 15 cruzeiros.” A ausência de menção a trabalho justifica o uso de *get*, que mantém a ambiguidade da cena.

Por fim, empregamos *receive* em contextos que a autora utiliza o verbo “receber”, principalmente quando ela vai buscar um valor pelo “trabalho realizado”, evocando a ideia de “salário” ou retirada planejada de dinheiro. Segundo o *Cambridge Dictionary*, *receive* é “to get something that someone has given or sent to you¹²⁵”, frequentemente usado em registros mais neutros e no contexto de receber um salário, ou *to receive a paycheck*. Isso se evidencia em: “Na Avenida do Estado 1140 ganhei muito papel. Recebi 98 cruzeiros. / I got a lot of paper. I received 98 cruzeiros.”. Nessa frase, a escolha de *receive* destaca a formalização da transação. O mesmo raciocínio se aplica a: “Fui no depósito receber... 60 cruzeiros. / I went to the warehouse to receive... 60 cruzeiros.” Nestes casos, o uso de *receive* reforça a ideia de que o valor foi obtido como consequência de uma atividade anterior e que a ação de ir até o depósito tem um propósito funcional específico, mantendo também o paralelismo entre “receber” e *receive*.

A opção por traduzir o verbo “dizer” ora como *said*, ora como *told*, decorre da necessidade de adequar o texto às convenções sintáticas e semânticas do inglês, sem perder a simplicidade característica da escrita da autora. Em português, “dizer” abrange tanto o ato de proferir palavras quanto o de transmitir uma informação, funcionando como um verbo de uso amplo e neutro. Já em inglês, há uma distinção semântica mais precisa entre *say* e *tell*: segundo o *Cambridge Dictionary*, *say* significa “to speak or pronounce words¹²⁶”, ou seja, enfatiza o ato de falar e as palavras ditas; enquanto *tell* significa “to say something to someone, often giving them information or instructions¹²⁷”, destacando o ato de informar a um interlocutor.

¹²⁵ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/essential-british-english/receive> Acesso em: 3 dez. 2025

¹²⁶ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/say> Acesso em: 3 dez. 2025

¹²⁷ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/tell> Acesso em: 3 dez. 2025

Essa diferença impõe ao tradutor a necessidade de alternar os dois verbos conforme o contexto. Assim, em trechos de discurso direto, em que o foco recai sobre o que é dito, como em “José Carlos said: ‘It’s D. Teresinha Becker!’”, a escolha de *said* mantém a naturalidade e clareza da construção inglesa. Já em casos de discurso indireto, em que há um destinatário explícito da fala, como em “He told me that he was waiting for Binidito and Miguel to kill them, that they had beaten him up when he was drunk”, o verbo *tell* é mais apropriado, uma vez que explicita a relação comunicativa entre emissor e ouvinte.

Desse modo, a variação entre *said* e *told* não representa uma interferência estilística, mas uma adaptação necessária às normas da língua inglesa, que exige uma distinção que o português não marca morfologicamente. Essa escolha assegura que a tradução preserve a clareza e a naturalidade do texto, mantendo, ao mesmo tempo, a semelhança com o tom direto e coloquial do original.

Outra escolha que merece ser mencionada é referente ao verbo “aborrecer” que apresenta, no português, uma gama de sentidos que abrangem desde o incômodo causado por outrem até estados subjetivos de tédio ou irritação, conforme atesta o Houaiss, que registra as acepções “provocar ou sentir aborrecimento; chatear(-se), desgostar(-se), torrar(-se)” e também “provocar ou sentir tédio; enfadar(-se), enfastiar(-se), entediar(-se)”¹²⁸. Essa polissemia exigiu soluções tradutórias diferenciadas no inglês, a fim de preservar a naturalidade sem modificar a precisão semântica. Quando a narradora diz “Ele deixou de aborrecer-me porque eu chamei a rádio patrulha para ele, e ele ficou 4 horas detido”, a escolha recaiu sobre o verbo *annoy*, pois segundo o Cambridge Dictionary significa “to make someone slightly angry or upset”¹²⁹ e transmite a ideia de incômodo ativo, causado pela ação reiterada de outro indivíduo. Já na frase “Dança só os nortistas porque os paulistas aborreceram de ouvir e dançar Pisa na fulô”, a acepção não remete a perturbação, mas ao cansaço e ao tédio diante da repetição, motivo pelo qual optou-se pela tradução “to be bored”, definida pelo Cambridge como “feeling unhappy because

¹²⁸ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=aborrecer> Acesso em: 3 dez. 2025

¹²⁹ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/annoy> Acesso em: 3 dez. 2025

something is not interesting or because you have nothing to do¹³⁰”, o que corresponde com precisão ao valor empregado pela autora. Por fim, em “Teus filhos também aborrece-me. Abre as minhas gavetas e o que eles encontram carregam”, o incômodo se apresenta de forma menos agressiva, ligado a ações invasivas e inoportunas, mas sem o peso de insistência ou provocação. Nesse contexto, a solução com *bother* foi a mais adequada, pois segundo o Cambridge corresponde a “to make someone feel worried or upset, or to cause problems¹³¹”, traduzindo essa nuance de importunação cotidiana. A diversidade lexical adotada no inglês busca, portanto, refletir os diferentes matizes de sentido do verbo em português, respeitando a polissemia original e evitando uma tradução monolítica que apagaria a riqueza expressiva da autora.

É relevante destacar também o verbo *amanhecer* em português, que de uso mais corrente, refere-se ao nascer do dia, como se observa na construção como “Hoje amanheceu chovendo”. Trata-se de uma expressão impessoal, em que o sujeito subentendido é o próprio dia, e, nesse caso, a tradução para o inglês foi “Today, the day dawned rainy”, que preserva o valor meteorológico e temporal do verbo. No entanto, Carolina Maria de Jesus emprega o mesmo verbo em construções que se afastam desse padrão impessoal, atribuindo ao sujeito humano a ação de “amanhecer”, como em “Amanheci contente. Estou cantando.”. Essa formulação é menos típica no português corrente, mas não é incorreta, e carrega uma carga estilística de estranhamento, que confere à frase uma força poética particular.

Para verter essa nuance em inglês, optamos por “I woke up happy. I’m singing.”. O verbo *wake up*, definido pelo Cambridge Dictionary como “to (cause to) become conscious after sleeping¹³²”, é o equivalente mais direto para descrever a experiência humana de acordar. Embora não carregue a mesma singularidade estilística de *amanhecer* aplicado à pessoa, a escolha foi necessária para manter a naturalidade e a fluidez no inglês, uma vez que “to dawn” aplicado a um sujeito humano soaria excessivamente artificial e

¹³⁰ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bored> Acesso em: 3 dez. 2025

¹³¹ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bother> Acesso em: 3 dez. 2025

¹³² Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/wake-up?q=wake+%28someone%29+up#> Acesso em: 3 dez. 2025

comprometeria a clareza do texto. A tradução, portanto, busca equilibrar a fidelidade semântica com a recepção na língua de chegada: preserva-se o valor de início de um estado — acordar e começar o dia feliz — mesmo que se perca a marca de desvio de uso que o original comporta.

A distinção entre as traduções de “passar fome” e “faminto” foi mantida de forma sistemática, preservando o paralelismo lexical entre fome – *hunger* e faminto – *starving*, a fim de refletir as nuances semânticas e rítmicas do texto original. Em português, *passar fome* expressa uma situação processual ou experiencial, indicando a condição de quem sofre privação alimentar, mas sem necessariamente implicar um estado extremo de desnutrição. Já *faminto* funciona como um adjetivo de intensidade, descrevendo o estado de quem sente fome de modo agudo e prolongado.

De acordo com o Cambridge Dictionary, *to go hungry* significa “If you go hungry, you do not eat or do not eat as much as you need, especially because food or money is not available¹³³” enfatizando a experiência da privação. Esse sentido corresponde ao de *passar fome*, como no trecho “Quem passa fome aprende a pensar no próximo [...] / Those who go hungry learn to think about others [...]”.

Por outro lado, *starving* designa “dying because of not having enough food¹³⁴”, o que traduz a força expressiva de *faminto*. Assim, em “A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos / The color of hardship that is in the hearts of starving Brazilians”, a palavra *starving* reforça o tom emocional do original, associando a fome não apenas à carência material, mas à dor e à resistência coletiva.

Outra escolha tradutória se refere à palavra “espetáculo” em português, que apresenta uma amplitude semântica que varia entre o elogioso — ligado à beleza e à grandiosidade de uma cena — e o pejorativo — associado ao escândalo, à exposição negativa ou ao constrangimento público. Na tradução, optamos por “spectacle” nos contextos em que a narradora valoriza esteticamente uma cena ou experiência, e por “show” nos casos em que a

¹³³ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/go-hungry> Acesso em: 3 dez. 2025

¹³⁴ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/starving> Acesso em: 3 dez. 2025

palavra carrega uma carga negativa, como em “dar um show” (em português coloquial, significa fazer escândalo ou chamar atenção de forma inconveniente).

Segundo o *Cambridge Dictionary*, *spectacle* é definido como “an unusual or unexpected event or situation that attracts attention, interest, or disapproval; a public event or show that is exciting to watch¹³⁵”, frequentemente com conotação visual e estética. Já *show* pode ter o sentido informal de “to appear in a particular way; to give a theatrical performance¹³⁶”, sendo adequado para situações em que o comportamento dos personagens é visto de forma crítica ou irônica.

É importante ressaltar que essa diferenciação não pressupõe que *spectacle* e *show* apresentem polaridades semânticas fixas em inglês, uma vez que ambos podem assumir valores positivos ou negativos conforme o contexto. Trata-se, antes, de uma estratégia adotada no projeto tradutório para sistematizar a oposição contextual identificada nos usos de Carolina e preservar a alternância entre a contemplação estética e a exposição pública de caráter crítico ou irônico.

Por exemplo, quando a narradora descreve o comportamento dos vizinhos como algo constrangedor ou repetitivo, optamos por *show*, preservando o tom irônico ou crítico da autora: “A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. / Silvia and her husband have already started the outdoor show”. Aqui, o uso de *show* capta a ideia de exposição pública emocional ou escandalosa. O mesmo ocorre em: “Elas já deram o espetáculo. / They already put on the show.”

Em contraste, em passagens em que “espetáculo” surge carregado de admiração ou beleza visual, optamos por “*spectacle*”, respeitando o valor estético do termo original: “Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! / I fixed the food. I thought it was beautiful to see the shortening sizzling in the pan. What a dazzling spectacle!” Aqui, “*dazzling spectacle*” destaca a sensibilidade poética da narradora diante de um momento simples, mas significativo — a presença da comida. De modo semelhante: “Comecei a sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? / I started

¹³⁵ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/spectacle> Acesso em: 3 dez. 2025

¹³⁶ Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/show> Acesso em: 3 dez. 2025

to smile as if I was witnessing a beautiful spectacle. And is there a more beautiful spectacle than having something to eat?”.

Assim, a alternância entre *show* e *spectacle* busca traduzir não apenas o conteúdo referencial da palavra “espetáculo”, mas também sua função discursiva em cada ocorrência, ora irônica e crítica, ora lírica e contemplativa.

Outra expressão relevante é a tradução de “bate-fundos” por *brawls*. No trecho “Quando começam as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundos”, a palavra “brigas” já aponta para confrontos físicos, mas o acréscimo de “bate-fundos” não é redundante: o termo intensifica a ideia de conflito, sugerindo não apenas a luta em si, mas o seu caráter coletivo, barulhento e público, que se torna suficientemente chamativo a ponto de interromper o cotidiano da favela. O “bate-fundo” funciona, assim, quase como um espetáculo popular, um acontecimento social que mobiliza olhares e curiosidade.

Diante disso, a opção por *brawls* mostra-se a mais adequada. Segundo o *Cambridge Dictionary*, *brawl* é “a noisy, rough, uncontrolled fight; a physical fight involving a group of people, esp. in a public place¹³⁷”, definição que coincide de modo preciso com a cena descrita por Carolina Maria de Jesus: trata-se de uma briga ruidosa, intensa, frequentemente envolvendo mais de duas pessoas, e que se dá em espaço coletivo. A escolha não apenas transmite a dimensão física do embate, mas também seu aspecto sonoro e espetacular, preservando a densidade da expressão original.

Alternativas como *fight* ou *quarrel*, além de já terem sido utilizadas para outros termos do português, tenderiam a reduzir o termo ao conflito em si, sem carregar a conotação de desordem coletiva e barulhenta. Por outro lado, opções como *commotion* ou *ruckus* captariam o tumulto e o ruído, mas apagariam o elemento essencial da luta corporal. O vocábulo *brawls*, ao contrário, equilibra ambos os aspectos: mantém a fisicalidade do confronto e, ao mesmo tempo, realça seu caráter público e ruidoso. Dessa forma, a tradução preserva não apenas o sentido lexical, mas também o efeito social sugerido pelo original, isto

¹³⁷ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/brawl> Acesso em: 3 dez. 2025

é, o fascínio que tais eventos exercem sobre a comunidade a ponto de desviar as pessoas de suas tarefas cotidianas.

Outra questão se refere ao uso de *boys* ou *children* na tradução. No português, o plural masculino “meninos” pode funcionar de forma genérica e inclusiva, referindo-se a um grupo misto de crianças do sexo masculino e feminino. Esse uso, gramaticalmente masculino, mas sem especificação de gênero exato, gera ambiguidade — especialmente em contextos como os de Carolina Maria de Jesus, nos quais as ações maternas frequentemente envolvem todos os filhos, incluindo a filha, Vera Eunice. Ao traduzirmos para o inglês, essa ambiguidade precisa ser resolvida, já que a língua inglesa exige uma escolha entre termos com o gênero especificado como *boys/girls* ou neutros como *children*. Por esse motivo, optamos por usar *children* como forma padrão, pois preserva a abertura semântica do original e evita a exclusão implícita da filha da narradora. Por exemplo, na frase: “Chamei o Senhor Ireno Venancio da Silva para fazer um balanço para os meninos. / I called Sr. Ireno Venancio da Silva to make a swing for the children.”. Usamos *children* porque não há especificação de gênero, e sabemos que a filha também vive no mesmo espaço e participa das atividades familiares. O mesmo critério foi aplicado em: “Preparei Toddy para as crianças, arrumei os leitos, pus feijão no fogo [...] / I prepared chocolate milk for the children, made the beds, put the beans on the stove [...]” e “Avisei as crianças que não tinha pão. / I let the children know that we had no bread.”. Nestes casos, o uso de *children* mantém a naturalidade e o sentido inclusivo do original, sem tomar partido sobre o gênero dos filhos. Contudo, quando o texto especifica claramente que se trata de filhos do sexo masculino, como em: “Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. / I got home, made lunch for the two boys.” A opção por *boys* torna-se adequada, já que o número e o gênero estão definidos no enunciado. Essa distinção, portanto, busca preservar tanto a fluidez e naturalidade do inglês, quanto a ambiguidade do português, respeitando o estilo da autora e a composição familiar implícita em seu texto. Ao optar por *children* como solução predominante, garantimos um campo de significação mais amplo, que contempla a realidade cotidiana da narradora sem impor uma delimitação de gênero ausente no original.

Em português brasileiro, o termo “crente” possui uma carga semântica e cultural que vai além do simples equivalente literal de *believe*. De acordo com

o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, *crente* designa tanto “que ou aquele que acredita, que ou aquele que tem fé religiosa¹³⁸” quanto, em uso corrente no Brasil, “que ou aquele que professa uma religião protestante ou evangélica”. Essa segunda acepção é a mais relevante no contexto social brasileiro, em que a palavra não funciona apenas como designação genérica de alguém que acredita em Deus, mas como marcador identitário de pertencimento a comunidades evangélicas, em especial às vertentes pentecostais e neopentecostais.

Em contraste, em inglês, o termo *believer*, segundo o *Cambridge Dictionary*, significa “a person who has a religious belief or who strongly believes that something is right or good.¹³⁹” Trata-se, portanto, de uma palavra de sentido mais amplo e neutro, que pode se aplicar a qualquer pessoa que professe uma crença religiosa ou ideológica, sem especificar denominação ou contexto cultural. Por essa razão, traduzir “crente” por *believer* tende a diluir o valor culturalmente marcado do termo no português brasileiro, reduzindo-o a uma generalidade que não corresponde à sua função social no texto.

A opção por *evangelical*, ao contrário, preserva melhor o sentido cultural. O *Merriam-Webster Dictionary* define *evangelical* como “of, relating to, or being in agreement with the Christian gospel especially as it is presented in the four Gospels¹⁴⁰” e, em uso denominacional, como “one holding evangelical principles or belonging to an evangelical party or church.” Essa definição aproxima-se do uso de “crente” no Brasil, já que transmite não apenas a ideia de fé, mas também o pertencimento a um grupo específico dentro do cristianismo, caracterizado por práticas, comportamentos e valores sociais distintivos.

Assim, ao optar por traduzir “crente” como *evangelical*, mantém-se o vínculo entre os personagens e uma identidade socialmente marcada no Brasil, transmitindo ao leitor de língua inglesa não apenas a dimensão religiosa, mas também o contexto cultural e comunitário implicado na palavra.

¹³⁸ Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=crente> Acesso em: 3 dez. 2025

¹³⁹ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/believer> Acesso em: 3 dez. 2025

¹⁴⁰ Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/evangelical> Acesso em: 3 dez. 2025

A variação entre *unhappy* e *unfortunate* na tradução do termo “infeliz”: reflete uma diferenciação semântica necessária entre dois sentidos distintos que a palavra assume no português brasileiro. Embora ambos os adjetivos possam, em contextos específicos, traduzir “infeliz”, cada um deles privilegia um aspecto particular de significado — emocional no primeiro caso e social ou circunstancial no segundo.

No trecho “Parece que até a Natureza quer homenagear as mães que atualmente se sentem infeliz por não poder realizar os desejos dos seus filhos”, o termo “infeliz” expressa um estado emocional de tristeza ou frustração. De acordo com o Cambridge Dictionary, *unhappy* significa “sad or not satisfied¹⁴¹” o que corresponde ao sentimento de desânimo e impotência das mães descritas por Carolina. Assim, *feel unhappy* mantém o tom afetivo e introspectivo do original, preservando a dimensão pessoal da experiência emocional.

Já na passagem “E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados”, o uso de “infelizes” não se refere a um estado emocional, mas à condição social adversa e marginalizada dos moradores da favela. Nesse contexto, *unfortunate* — definido pelo *Merriam-Webster Dictionary* como “not favored by fortune, marked or accompanied by or resulting in misfortune¹⁴²” — traduz com mais precisão o valor social e empático do termo. *Unfortunate favelados* carrega a ideia de pessoas em situação de vulnerabilidade, vítimas das circunstâncias e da desigualdade, o que ecoa a crítica social implícita no texto.

Portanto, a alternância entre *unhappy* e *unfortunate* não rompe a unidade estilística da tradução, mas revela uma atenção à polissemia contextual de “infeliz”, ajustando a escolha lexical ao registro afetivo ou social de cada ocorrência. Essa distinção visa respeitar a densidade expressiva de Carolina, cuja linguagem combina emoção individual e denúncia coletiva.

O termo “marginal” apresenta, em português, dois eixos semânticos distintos que Carolina mobiliza em diferentes contextos. Segundo o dicionário, *marginal* pode significar “pessoa que vive à margem da sociedade; quem não

¹⁴¹ Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/unhappy> Acesso em: 3 dez. 2025

¹⁴² Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/unfortunate> Acesso em: 3 dez. 2025

aceita leis ou se opõe à moral; delinquente.¹⁴³”, sentido amplamente empregado no uso coloquial brasileiro com valor pejorativo, e “que foi excluído da sociedade ou prefere viver fora dela.”, acepção mais formal e frequentemente associada a discussões sociais e estruturais. No trecho em que Carolina critica o Serviço Social — “Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existencia infausta dos marginais.” — o sentido acionado é o segundo: trata-se das populações marginalizadas, excluídas e empurradas para fora das estruturas sociais, motivo pelo qual optamos por *marginalized*, que em inglês nomeia grupos socialmente excluídos. Já no trecho “ele com seus sapatos reluzentes. E eu suja parecendo um marginal de rua.”, o uso é claramente o primeiro, correspondente à noção coloquial de sujeito criminoso ou violento; por isso empregamos *street thug*, expressão que, embora também carregada de forte marca social, transmite apropriadamente o valor pejorativo e a conotação de criminalidade que o termo possui nesse uso específico. Dessa forma, a tradução busca respeitar a polissemia do original e preservar a diferenciação contextual a partir de um mesmo vocábulo.

As expressões “Zé qualquer” e “Zé Povinho”, embora compartilhem a referência a sujeitos sem destaque ou prestígio social, exigem soluções distintas em razão de seus usos pragmáticos. De acordo com o Merriam-Webster, John Doe é definido como “a party to legal proceedings whose true name is unknown” ou, ainda, como “an average man¹⁴⁴”, enquanto o Dictionary.com o descreve como “an anonymous, average man” e “a fictitious name used in legal proceedings for a male party whose true name is not known¹⁴⁵”. Embora essas definições incluam a ideia de homem comum, o uso mais convencional de John Doe no inglês estadunidense está associado a um nome fictício atribuído a um indivíduo cuja identidade é desconhecida, sobretudo em contextos jurídicos, administrativos ou médicos. Seu núcleo pragmático, portanto, encontra-se no apagamento ou desconhecimento da identidade individual.

¹⁴³ Fonte: <https://www.dicio.com.br/marginal/> Acesso em: 3 dez. 2025

¹⁴⁴ Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/John%20Doe> Acesso em: 25 mar. 2026

¹⁴⁵ Fonte: <https://www.dictionary.com/browse/john-doe> Acesso em: 25 mar. 2026

No português informal brasileiro, “Zé qualquer” pode assumir justamente esse sentido de indivíduo anônimo, genérico ou socialmente invisível. “Zé Povinho”, por sua vez, apresenta uma dimensão mais coletiva e social. Segundo o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, “Zé-Povinho” é a “figura que representa o homem comum, o povo¹⁴⁶”, remetendo ao cidadão simples e às camadas populares, muitas vezes em contextos marcados por ironia, crítica social ou leve depreciação. A expressão *Joe Schmo* não havia sido considerada inicialmente, pois não era conhecida por nós, não apareceu nas pesquisas lexicográficas realizadas antes da defesa nem foi mencionada pelos participantes do questionário. Sua utilização foi sugerida pela professora Meg Weeks, integrante da banca examinadora, durante a defesa da tese, portanto após a aplicação e a análise do questionário com os leitores-beta. A partir dessa sugestão, realizamos uma nova pesquisa e verificamos que o Merriam-Webster registra *Joe Schmo* como variante de *Joe Blow* e define a expressão como “an average or ordinary man¹⁴⁷”. Com base nessa correspondência, adotamos *Joe Schmo* para as ocorrências de “Zé Povinho”. Diferentemente de John Doe, *Joe Schmo* não pressupõe uma identidade efetivamente desconhecida, mas caracteriza uma pessoa comum, sem destaque ou prestígio, podendo adquirir uma tonalidade humorística ou depreciativa conforme o contexto. Essa dimensão aproxima a expressão dos usos de “Zé Povinho” na narrativa.

Assim, em “Foi sepultado como um Zé qualquer”, mantivemos a tradução *He was buried like a John Doe*, pois o contexto enfatiza a ausência de identificação e o apagamento identitário. Nas ocorrências de “Zé Povinho”, entretanto, empregamos *Joe Schmo* ou seu plural *Joe Schmoes*, conforme a construção: *I saw the Joe Schmoes running*, para “Eu vi os Zé Povinhos correndo”; *it’s a real show for the likes of Joe Schmo*, para “é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho”; e *And now the likes of Joe Schmoes are building shacks*, para “E agora os Zé Povinhos estão construindo barracos”. Desse modo, a tradução diferencia o anonimato individual expresso por “Zé qualquer” da

¹⁴⁶ Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/basico-ilustrado/zé-povinho> Acesso em: 25 mar. 2026

¹⁴⁷ Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/Joe%20Blow> Acesso em: 31 jul. 2026

representação informal e, por vezes, depreciativa das pessoas comuns presente em “Zé Povinho”.

Outra questão foi a tradução de “hospital das clínicas” para “university hospital”. Quando Carolina Maria de Jesus menciona o Hospital das Clínicas em seu diário, ela estabelece também uma associação explícita com a administração de Ademar de Barros. Essa referência histórica é significativa, pois Ademar teve papel central na consolidação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP) como grande obra de saúde pública. Inaugurado em 1944 e fortalecido a partir de 1947, durante sua gestão, o HCFMUSP se tornou o principal hospital universitário de São Paulo, ligado à Faculdade de Medicina da USP. Assim, ao mencionar o Hospital das Clínicas em conjunto com Ademar, Carolina não se refere a qualquer hospital genérico, mas justamente a essa instituição específica, que se destacava pela dupla função de centro de atendimento médico especializado e hospital-escola universitário.

Por esse motivo, optamos por traduzir “Hospital das Clínicas” como “University Hospital”, enfatizando seu vínculo com a USP e destacando o caráter formativo e de pesquisa que o diferenciava de outros hospitais da cidade. Essa escolha preserva o reconhecimento histórico-cultural implícito no texto original e assegura que o leitor em inglês compreenda o peso institucional da referência.

A tradução do termo “deputado” exigiu uma adaptação contextual e histórica, dado que o sistema político brasileiro apresenta distinções institucionais que não possuem equivalentes diretos no inglês estadunidense. Carolina utiliza predominantemente o termo genérico “deputado”, sem especificar se se trata de um representante estadual ou federal, e apenas em poucas passagens faz essa diferenciação explícita. Diante disso, optou-se por verificar, sempre que possível, a identidade das figuras políticas mencionadas e o cargo que ocupavam no período em que os diários foram escritos. Quando as referências correspondiam a figuras públicas conhecidas — como políticos efetivamente eleitos — foi possível determinar o nível de representação; em outros casos, especialmente quando se tratava de candidatos ou menções genéricas, essa distinção não pôde ser confirmada.

No inglês dos Estados Unidos, o termo *representative* designa genericamente membros da Câmara dos Representantes (nível federal), podendo ser substituído por *congressman* ou *congresswoman* em registros mais informais. Por outro lado, o cargo equivalente no nível estadual é chamado de *state representative*, denominação que já indica de forma clara sua jurisdição. No português brasileiro, entretanto, a palavra “deputado” é mais ambígua, podendo designar tanto deputados estaduais quanto federais, dependendo do contexto — uma diferença semântica e institucional que exige esclarecimento na tradução.

Por essa razão, optou-se por traduzir “deputado federal” simplesmente como *congressman*, uma vez que esse termo, no contexto estadunidense, já se refere a membros da Câmara dos Representantes do Congresso Federal. Essa escolha evita redundância e soa natural para o leitor de língua inglesa. Já “deputado estadual” foi traduzido como *state representative*, que corresponde ao uso estadunidense e comunica adequadamente a função legislativa regional. Nos casos em que Carolina se refere de modo geral a “os deputados”, sem especificar o nível, utilizamos *congressman*, que mantém o tom genérico do original, evitando sobrecarregar o texto com informações não verificáveis. Essa decisão tradutória, portanto, busca respeitar as diferenças estruturais entre os sistemas políticos do Brasil e dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que assegura clareza e consistência para o leitor em inglês.

5.2.4 Tradução de rimas e estruturas poéticas

Outra decisão tradutória importante refere-se aos textos em versos inseridos no texto. Muitas vezes, durante a narrativa, Carolina apresenta trechos de poemas, quadrinhas ou músicas que precisaram ser traduzidas para o inglês. Nos poemas e quadrinhas tentamos, sempre que possível, manter um esquema de rima como no trecho do quadro 9:

Quadro 9 – Tradução de texto em verso

Original	Tradução
Ouçõ o povo dizer	I hear people's speech
O Adhemar tem muito dinheiro	Adhemar is a wealthy civilian

Não tem direito de enriquecer Quem é nacional, quem é brasileiro?	He has no right to enrich Who is national, who is Brazilian?
--	---

Fonte: Elaboração própria 2026

No original temos um esquema de rima ABAB que foi possível ser reproduzido no inglês. A tradução buscou preservar a concisão, o ritmo e o tom crítico presentes no poema. Em “I hear people's speech”, manteve-se a noção de oralidade coletiva sugerida por “ouço o povo dizer”. No verso “Adhemar is a wealthy civilian”, evitou-se a literalidade prosaica (“has a lot of money”), optando por uma construção condensada que reforça o estranhamento e a crítica social do original. Já “He has no right to enrich” recupera o paralelismo verbal e o registro mais formal do verbo enriquecer, sem recorrer a expressões coloquiais como to get richer. Por fim, “Who is national, who is Brazilian?” reproduz o paralelismo retórico que questiona pertencimento e identidade. Assim, as escolhas priorizam a manutenção do ritmo, do impacto poético e da força argumentativa do original.

Quadro 10 - Tradução de texto em verso

Original	Tradução
Alguns homens em São Paulo Andam todos carimbados Traz um letreiro nas costas Dizendo onde é empregado	Some men in São Paulo Walk around like they're on display, With signs on their backs Where they work it's what they say.

Fonte: Elaboração própria 2026

Nesse segundo caso, o esquema de rima do original se configura como ABCB. Na tradução também buscamos manter o paralelismo com carimbado/empregado e display/say. A tradução também buscou preservar o tom crítico e a visualidade da imagem construída por Carolina. Em “walk around like they're on display”, optou-se por uma solução interpretativa que mantém a metáfora de exposição pública sugerida por “andam todos carimbados”, evitando uma literalidade que soaria artificial em inglês. O verso “with signs on their backs”

retoma diretamente a imagem do letreiro nas costas, garantindo clareza imagética. Por fim, “where they work it's what they say” reconfigura o enunciado final de modo a preservar o paralelismo e o ritmo, evitando um fechamento abrupto ou excessivamente literal. Assim, a tradução prioriza fluidez poética, naturalidade em inglês e manutenção do efeito crítico do original.

Quadro 11 - Tradução de texto em verso

Original	Tradução
Tenho nojo, tenho pavor	I'm disgusted, it's crummy
Do dinheiro de alumínio	The money of aluminum
O dinheiro sem valor	The worthless money
Dinheiro do Juscelino.	The money of Juscelino.

Fonte: Elaboração própria 2026

Por fim, no quadro 11 caso temos um esquema ABAB no original que foi reproduzido em parte na tradução. Embora crummy/money e aluminum/Juscelino não compartilhem terminações idênticas, optamos por empregar rimas aproximadas (*slant rhymes*) para preservar o ritmo e a musicalidade do trecho. Em poesia em inglês, rimas desse tipo são amplamente aceitas e exploradas, pois criam um eco sonoro suficiente para produzir coesão sem sacrificar o sentido. Assim, crummy/money formam uma rima consonantal parcial, enquanto aluminum/Juscelino funcionam como rima de assonância, aproximadas pelo padrão rítmico e pela cadência. Essa solução permite manter o efeito poético e satírico do original, respeitando tanto o conteúdo quanto a fluidez estilística em inglês.

Ao longo do texto, foi igualmente necessário distinguir os diferentes tipos de notas de rodapé. A edição original já incluía notas elaboradas pelo editor, preservadas aqui sob a designação *Editor's Note* (E.N.). As notas produzidas para esta tradução foram identificadas como *Translator's Note* (T.N.), destinadas a esclarecer elementos culturais específicos do contexto brasileiro, justificar escolhas tradutórias ou complementar, quando pertinente, as informações fornecidas pelo editor. Essa separação garante transparência e permite ao leitor compreender a origem e a função de cada intervenção paratextual.

5.3 RETRADUZINDO *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Quarto de Despejo: diário de uma favelada – Storage Room: diary of a favelada

July 15th, 1955 Birthday of my daughter Vera Eunice. I intended to buy her a pair of shoes. But the cost of foodstuffs prevents us from fulfilling our wishes. Nowadays we're slaves to the cost of living. I found a pair of shoes in the trash, I washed them and patched them for her to wear.

I didn't have a penny to buy bread. So, I washed 3 bottles¹⁴⁸ and exchanged them with Arnaldo. He kept the bottles and gave me bread. I went to receive the money from the papers. I received 65 cruzeiros¹⁴⁹. I spent 20 on meat. 1 kilo of pork belly¹⁵⁰ and 1 kilo of sugar and six cruzeiros worth of cheese. And the money ran out.

I spent the day indisposed. I realized that I had a cold. At night my chest hurt. I started to cough. I decided not to go out at night to pick up paper. I looked for my son João José. He was on Felisberto de Carvalho Street, close to the grocery store. The bus threw a boy onto the sidewalk and the crowd flocked. He was at the core. I gave him a few slaps and within five minutes he got home.

I abluted the children, settled them in bed, and abluted myself and settled myself in bed. I waited until 11 p.m. for a certain someone. He didn't come. I took a painkiller and lay down again. When I woke up, our brightest star was gliding in the sky. My daughter Vera Eunice said: "Go get some water, mommy!"

July 16th I woke up. I obeyed Vera Eunice. I went to fetch water. I made coffee. I let the children know that we had no bread. That they should drink plain

¹⁴⁸ Bottles here is the chosen translation for *litro*, commonly used to refer to the one-liter returnable glass bottles used for sodas and beer in Brazil. These bottles were reused multiple times, and customers received a small discount on their next purchase when returning the empty bottle. (T.N.)

¹⁴⁹ The *cruzeiro*, the official currency of Brazil from 1942 to 1986 (with some subsequent reforms), was in circulation during the period when Carolina Maria de Jesus wrote her diary. Between 1958 and 1960, Brazil experienced rising inflation, and the value of the cruzeiro against the US dollar fluctuated significantly. In 1958, 1 US dollar was worth approximately 65 cruzeiros; by 1960, the exchange rate had climbed to around 200 cruzeiros per dollar, reflecting a sharp decline in the purchasing power of the Brazilian currency during that time. (T.N.)

¹⁵⁰ *Toucinho* is a traditional Brazilian cut of pork taken from the pig's belly. It typically includes both fat and some meat, and is often used to season dishes like beans or greens. In English, the closest equivalent is *pork belly*, though *toucinho* may be salted or cured depending on regional preparation. (T.N.)

coffee and eat meat with flour¹⁵¹. I was indisposed, so I decided that I needed to bless¹⁵² myself. I opened my mouth twice, I saw that I had the evil eye. The indisposition disappeared, I left, and I went to Sr. Manoel¹⁵³ to take some cans to sell. Everything I find in the trash I pick up to sell. I received 13 cruzeiros. I kept thinking that I needed to buy bread, soap and milk for Vera Eunice. And the 13 cruzeiros wasn't enough! I got home, or rather, I got to my shack, nervous and exhausted. I thought about the hectic life I have. I pick up paper, wash clothes for two young men, I stay out on the street all day. And I always come up short. Vera has no shoes. And she doesn't like to walk barefoot. I've been meaning to buy a meat grinder for a couple of years now. And a sewing machine.

I got home, made lunch for the two boys. Rice, beans and meat. And I'm going out to pick up paper. I left the children. I advised them to play in the backyard and not go out on the street, because the terrible neighbors I have don't leave my children alone. I got out indisposed, wanting to lie down. But the poor don't rest. They don't have the privilege of enjoying resting. I was nervous inside, I was cursing my luck (...) I picked up two sacks of paper. Then I returned, picked up some iron, some cans, and firewood. I went along thinking. When I arrive in the favela¹⁵⁴ I'll find news. Perhaps D. Rosa¹⁵⁵ or the indolent Maria dos Anjos fought with my children. I found Vera Eunice sleeping and the boys were playing in the street. I thought: it's two o'clock. I believe I'm going to spend the day without news! João José came to tell me that the van that used to give out money was giving away supplies. I took the bag and went. It was the owner of the Spiritist Center at 103 Vergueiro Street. He gave me two kilos of rice, the same amount of beans and two kilos of noodles. I was glad. The van left. The inner nervousness I felt was gone. I made the most of my inner calm to read. I grabbed a magazine and sat on the grass, basking in the sun's rays to warm me. I read a short story. When I started another, the children appeared asking for bread. I wrote a note and gave it to my son João José to go to Arnaldo's to buy soap, two painkillers

¹⁵¹ Carolina is probably referring here to manioc flour, which is more traditional in the North, Northeast, and Southeast regions of Brazil. It can be toasted, raw, fine, or coarse, and is often used to "thicken" or "stretch" a dish. (T.N.)

¹⁵² Benzer (to bless) is the act of blessing someone or something, with the aim of warding off evil. (T.N.)

¹⁵³ *Senhor* is used in Brazilian Portuguese both as a formal address equivalent to "Mr." and as a respectful marker before a full name. In translation, we decided to leave the word in Portuguese, abbreviated as "Sr." to preserve the social nuance and cultural context, which can indicate age, respect, or social hierarchy. (T.N.)

¹⁵⁴ The term *favela* is kept in Portuguese because there is no exact English equivalent. Unlike a slum, which generally refers to a deteriorating urban neighborhood with widespread poverty, a favela typically originates when people occupy vacant land on the outskirts of a city and build improvised housing from collected or recycled materials. Additionally, favelas often have a strong sense of community, a nuance not fully captured by slum. (T.N.)

¹⁵⁵ *Dona* (D.) is a Portuguese honorific used before a woman's first name to express respect, often implying familiarity or status. We chose to keep D. in Portuguese to convey the subtle social and interpersonal nuances present in the original text. (T.N.)

and the rest of the money on bread. I boiled some water to make coffee. João returned. He said he had lost the painkillers. I went back with him to look for them. We didn't find them.

As I approached the gate, I found a crowd. Children and women, who came to complain that José Carlos had stoned their houses. They wanted me to scold him.

July 17th Sunday. A wonderful day. The blue sky was cloudless. The sun is tepid. I rose from bed at 6:30 a.m. I went to fetch water. I made coffee. Having only a piece of bread and 3 cruzeiros. I gave each one a piece, I put the beans on the stove, the ones that I got yesterday from the Spiritist Center at 103 Vergueiro Street. I went to wash my clothes. When I returned from the river the beans were already cooked. The children asked for bread. I gave the 3 cruzeiros to João José to go buy bread. Today it's Nair Mathias who started picking on my children. Silvia and her husband have already started the outdoor show. He's beating her up. And I'm outraged by what children witness. They hear foul language. Oh! If only I could move from here to a more decent place.

I went to D. Florela to ask for a garlic clove. And I went to D. Analia. And I got what I expected:

"I don't have it!"

I went to wring out my clothes. D. Aparecida asked me:

"Ma'am, are you pregnant?"

"No, ma'am," I replied kindly.

And I swear¹⁵⁶ at her silently. If I'm pregnant it's none of her business. I can't stand these favela women. They want to know everything! Their tongues are like chicken feet. Spread everything. There's a rumor going around that I'm pregnant! And I didn't know!

I went out at night to pick up paper. When I was passing close to the São Paulo field¹⁵⁷, several people were leaving the field. All white, only one black. And the black man started insulting me:

"Are you going to pick up paper, auntie? Careful with the hole, auntie."

I was feeling indisposed. I wanted to lie down. But I went on. I encountered several friendly people and stopped to talk. When I was going up Tiradentes Avenue I encountered some ladies. One asked me:

"Have your legs healed?"

After the operation, I got better, thank God. And I even got to dance at Carnival in my feather costume. The one who operated on me was Dr. José

¹⁵⁶ In Portuguese, *xingar* and *jogar praga* could both be rendered as "curse". To preserve the distinction, we translated *xingar* as *swear* ("to use rude or offensive words") and reserved *curse* for *jogar praga* in its superstitious sense ("to put a curse on someone") (T.N.)

¹⁵⁷ At the time, the field of São Paulo Soccer Club was located in the neighborhood of Canindé, where the Portuguesa de Desportos stadium is located today. (E.N.)

Torres Netto. A good doctor. And we talked about politicians. When a lady asked me what I think of Carlos Lacerda¹⁵⁸, I answered knowingly:

“Very intelligent. But he’s impolite. He’s a tenement politician. Who likes stirring up trouble. An agitator.”

One lady said it was a pity! The bullet that hit the major could have hit Carlos Lacerda.

“But his day... will come,” commented another.

Several people flocked. I was the focus of attention. I was apprehensive, because I was picking up paper, in rags (...) Afterwards, I didn't want to talk to anyone anymore, because I needed to pick up paper. I needed money. I had no money at home to buy bread. I worked until 11:30 p.m.. When I got home it was midnight. I heated up food, gave it to Vera Eunice, had dinner and lay down. When I woke up, the sun's rays penetrated through the cracks of the shack.

July 18th I got up at 7 o'clock. Cheerful and glad. After that came the annoyances. I went to the warehouse to receive... 60 cruzeiros. I stopped by Arnaldo's. I bought bread, milk, paid what I owed and set aside money to buy Cocoa Liqueur¹⁵⁹ for Vera Eunice. I arrived in hell. I opened the door and let the boys out. D. Rosa, as soon as she saw my son José Carlos, started picking on him. She didn't want the boy to go near her shack. She came out with a stick to beat him up. A 48-year-old woman fighting a child! Sometimes when I go out, she comes to my window and throws the pot of feces at the children. When I return, I find the pillows dirty and the children fetid. She hates me. She says that I'm preferred by handsome and distinguished men. And that I make more money than her.

D. Cecilia appeared. She came to scold my children. I spoke some truths, she withdrew. I said:

“There are women who say they know how to raise their children, but some have children in jail classified as a bad element.”

She withdrew. Then the indolent Maria dos Anjos came. I said:

“I was arguing with the bill, and the change has already started to arrive. The coins. I don't go to anyone's door. You're the ones who come to my door and annoy me. I never swear at anyone's children, I never went to your door to complain about your children. Don't assume they're saints. It's just that I tolerate children.”

D. Silvia came to complain about my children. That my children are ill-mannered. But I find no fault in children. Neither mine nor hers. I know that a child isn't born with sense. When I talk to children I say pleasant words to them. What annoys me is that they come to my door to disturb my meager inner tranquility (...) Even though they annoy me, I write. I know how to control my impulses. I

¹⁵⁸ Carlos Lacerda (1914-1977): politician from Rio de Janeiro, staunch opponent of the second government of Getúlio Vargas. In 1954, he suffered an attack in which Major Rubens Vaz died, a fact that triggered a serious political crisis in the country. (E.N.)

¹⁵⁹ Name of a medicine used to treat worms (T.N.)

have been to school for only two years, but I worked on shaping my character. The only thing that doesn't exist in the favela is solidarity.

The fishmonger, Sr. Antonio Lira, came and gave me some fish. I'll make lunch. The women went away, leaving me in peace for today. They already put on the show. My front door is currently a theater. All the children throw stones, but my children are the scapegoats. They allude that I'm not married. But I'm happier than them. They have husbands. But they're forced to ask for alms. They're supported by charities.

My children aren't fed on church bread. I face any kind of work to keep them. And they, they have to beg and still get a beating. Like a drum. At night, while they call for help, I quietly listen to Viennese waltzes in my shack. While the husbands break the boards of the shack, me and my children sleep peacefully. I don't envy the married women of the favela who lead the life of Indian slaves.

I didn't get married, and I'm not dissatisfied. Those who preferred me were obnoxious and the conditions they imposed on me were horrible.

There's Maria José, better known as Zefa, who resides in a shack on B Street, number 9. She's an alcoholic. When she's pregnant, she drinks too much. And her children are born and die before they turn twelve months old. She hates me because my kids thrive and because I have a radio. One day she asked me to borrow the radio. I told her I couldn't lend it. That she didn't have children, she could work and buy one. But it's known that people who are addicted to drunkenness don't buy anything. Not even clothes. The inebriated don't prosper. She sometimes throws water on my children. She alludes to the fact that I don't beat up my kids. I'm not given to violence. José Carlos said:

"Don't be sad, mommy! Our Lady of Aparecida¹⁶⁰ will have pity on you, ma'am. When I grow up, I'll buy you a brick house, ma'am."

I went to pick up paper and stayed out of the house for an hour. When I returned, I saw several people on the banks of the river. There was a man unconscious due to alcohol and the indolent men of the favela were searching his pockets. They stole the money and tore up the documents (...) It's 5 o'clock. Sr. Heitor has turned the light on now! And I'm going to wash the children to take them to bed, because I need to go out. I need money to pay for the light. Here it's like that. We don't use electricity, but we have to pay. I went out to pick up paper. I was walking quickly because it was already late. I encountered a lady. She was cursing her married life. I observed but I didn't say anything. (...) I tied the sacks, put the cans I had picked up in the other sack and came home. When I arrived, I turned on the radio to find out what time it was. It was 11:55 p.m.. I heated up some food, read, undressed and then lay down. Sleep came soon.

¹⁶⁰ Our Lady of Aparecida (Nossa Senhora Aparecida in Brazil) is the title given to the Virgin Mary as the patron saint of Brazil. According to Catholic tradition, her statue was miraculously found by fishermen in the Paraíba River in 1717. The devotion to Our Lady of Aparecida grew over the centuries, and she became a powerful symbol of faith, protection, and national identity, especially among marginalized communities. (T.N.)

July 19th I woke up at 7 a.m. with my children talking. I rose from bed, I went to fetch water. The women were already on the tap. The cans in a line. As soon as I arrived, Florenciana asked me:

“Whose party is that banner?”

I read P. S.B. and I replied that it was the Brazilian Social Party¹⁶¹. Sr. Germano passed by, she asked again:

“Sr. Germano, which party is this banner from?”

“Janio's!¹⁶²”

She rejoiced and began to say that Dr. Ademar de Barros¹⁶³ is a thief. That only worthless people appreciate and respect Dr. Adhemar. I, and D. Maria Puerta, a very good Spaniard, defended Dr. Adhemar. D. Maria said:

“I've always been a partisan. I like him very much, and D. Leonor¹⁶⁴.”

Florenciana asked:

“Has he already given you alms, ma'am?”

“Yes, the University Hospital.”

It was my turn, I put my can down to fill. Florenciana went on praising Janio. The water in the tap started to decrease. They started talking about Rosa. That she carried water since 4 a.m., that she washed all the clothes at home. That she needs to pay 20 cruzeiros a month. My can filled up. I left.

...I've been reviewing the annoyances I've had these days (...) I bear the contingencies of resolute life. I couldn't store to live, so I decided to store patience.

I've never hurt anyone. I have a lot of sense! I don't want to have lawsuits. My register number is 845.936.

I went to the warehouse to receive the money from the papers. 55 cruzeiros. I returned quickly, bought milk and bread. I prepared chocolate milk for the children, made the beds, put the beans on the stove, swept the shack. I called Sr. Ireno Venancio da Silva to make a swing for the children. To see if they stay in the backyard so the neighbors don't fight with them. I gave him 16 cruzeiros. While he was building the swing, I went to soap the clothes. When I returned, Sr. Ireno was finishing the swing. I made some repairs, and he finished. The children appreciated the swing only at that moment. Everyone wanted to swing at the same time!

¹⁶¹ In fact, the Brazilian Socialist Party, had supported Jânio Quadros in the governorship of the State of São Paulo the previous year and then supported Juarez Távora for the Presidency of the Republic. (E.N.)

¹⁶² Jânio Quadros (1917-1992) was a councilor and state representative for São Paulo; he was also mayor of the capital and governor of the state, before becoming President of the Republic in 1961, resigning seven months after taking office. (E.N.)

¹⁶³ Ademar de Barros (1901-1969) was a politician from São Paulo who served twice as state governor. (E.N.)

¹⁶⁴ Leonor Mendes de Barros (1905-1992) was the First Lady of the State of São Paulo and was the wife of Ademar de Barros. She was actively involved in philanthropic activities. (T.N.)

I closed the door and went to sell the cans. I took the children with me. The day is mild. And I like when they get the sun's rays. What an ordeal! Carrying Vera and taking the sack on my head. I sold the cans and metals. I earned 31 cruzeiros. I was glad. I asked:

"Sr. Manoel, didn't you make a mistake in the calculation?"

"No. Why?"

"Because the sack of cans didn't weigh that much, to earn 31 cruzeiros. That's the amount I need to pay the electric bill."

I said goodbye and returned. I got home, made lunch. While the pans boiled, I wrote a little. I gave lunch to the children and went to Klabin¹⁶⁵ to pick up paper. I left the kids playing in the backyard. There was a lot of paper. I worked quickly thinking that those human beasts are capable of invading my shack and mistreating my children. I worked apprehensively and agitated. My head started to hurt. They used to wait for me to leave to come to my shack and beat my children up. Precisely when I'm not at home. When my children are alone and can't defend themselves.

...In the favelas, 15-year-old girls stay out as long as they want. They mix with the harlots, tell their adventures (...) There are those who work. And there are those who take life as they please. Older people work, young people are the ones who forsake work. There are mothers who pick up fruits and vegetables at street markets. There are churches that give bread. There is São Francisco that every month gives away supplies, coffee, soap, etc..

...They go to the street market, pick up fish heads, everything they can use. Eat anything. They have a stomach made of reinforced concrete (...) Sometimes I turn on the radio and dance with the children, we simulate a boxing match. Today I bought marmalade for them. As soon as I gave each one a piece, I noticed that they were giving me a tender look. And my João José said:

"What a good mommy!"

When wild women invade my shack, my children throw stones at them. They say:

"Those ill-mannered children!"

I say:

"My children are defending me. You're uncultured, you can't comprehend. I'm going to write a book about the favela. I'll quote everything that goes on here. And everything you do to me. I want to write the book, and you, with these unpleasant scenes, provide me with the arguments."

Silvia asked me to remove her name from my book. She said:

"You really are a tramp. You used to sleep at the Night Shelter. Your fate was to end up at the maloca¹⁶⁶."

¹⁶⁵ Paper Manufacturer Company, founded by Maurício Klabin, one of the pioneers of industrialization in the country. (E.N.)

¹⁶⁶ Very poor house, generally rustic. It also designates a large tent for indigenous people to live in. (T.N.)

I said:

"It's true. Those who sleep at the Night Shelter are the indigents. They have no means, and the end is really in the malocas, but what about You, who say you've never slept in the Night Shelter, what did you come to do here in the maloca? You were supposed to be residing in a house of your own. Why did your life turn out like mine?"

She said:

"The only thing you know how to do is pick up paper."

I said:

"I pick up paper. I'm proving how I live!"

...I'm residing in the favela. But if God helps me, I'll move out of here. I hope that the politicians will extinguish the favelas. There are those who prevail in the environment in which they live, they demonstrate bravado to intimidate the weak ones. There's a house that has five children and the old woman is the one who walks around all day begging for alms. There are women whose husbands get sick and they, struggling with the illness, keep the home. The husbands, when they see that their wives keep the home, never heal again.

...Today I didn't go out to pick up paper. I'm going to lie down. I'm not tired and I'm not sleepy. Yesterday I had a beer. Today I feel like drinking again. But I won't drink. I don't want to be addicted. I have responsibilities. My children! And the money spent on beer will cost me the essentials. What I disapprove of in the favelas are the parents who send their children to buy pinga¹⁶⁷ and give it to the children to drink. And say:

"He has a roundworm."

My children disapprove of alcohol. My son João José says:

"Mommy, when I grow up, I won't drink. The man who drinks doesn't buy clothes. He doesn't have a radio, he doesn't build a brick house."

Today was a beneficial day to me. The whores of the favela are watching me write and they know it's against them. They decided to leave me alone. In the favelas, men are more tolerant, more sensitive. The rowdy ones are the women. Their scheming is the same as Carlos Lacerda's, which gets on one's nerves. And there are no nerves that bear this. But I'm strong! I don't let anything affect me deeply. I don't let anything bring me down.

July 20th I rose from bed at 4 a.m. to write. I opened the door and contemplated the starry sky. When our brightest star started to rise, I went to fetch water. I was lucky! The women weren't at the tap. I filled my can and set off. (...) I went to Arnaldo's to get milk and bread. When I was returning, I encountered Sr. Ismael with a knife measuring 30 centimeters or so. He told me that he was waiting for Binidito and Miguel to kill them, that they had beaten him up when he was drunk.

¹⁶⁷ *Pinga* is a popular and informal name for *Cachaça*, which is an alcoholic drink extracted from sugar cane. (T.N.)

I advised him not to fight, that crime doesn't bring advantages to anyone, it only distorts life. I smelled alcohol and gave up. I know that the inebriated don't understand. Sr. Ismael, when he isn't drunk, demonstrates his wisdom. He was once a telegraphist. And was part of the Esoteric Circle. He has biblical knowledge, he likes to give advice. But that's worthless. He let alcohol control him, although his advice is useful for those who like to lead a decent life.

I prepared the morning meal. Each child prefers a different thing. Vera, toasted wheat flour porridge. João José, black coffee. José Carlos, white milk. And I, oatmeal.

Since I can't give my children a decent house to reside in, I try to give them a decent meal.

They finished the meal. I washed the utensils. Then I went to wash clothes. I don't have a man at home. It's just me and my kids. But I don't intend to slack off. My dream was to walk around very clean, wear expensive clothes, reside in a comfortable house, but that's not possible. I'm not dissatisfied with the profession I practice. I'm used to being dirty. I've been picking up paper for eight years now. The sorrow I feel is residing in a favela.

...During the day, 15- and 18-year-olds sit on the grass and talk about theft. And they've already tried to rob Sr. Raymundo Guello's emporium. And one got stamped with a bullet. The robbery started at 4 a.m.. When the day dawned, the children were picking up money on the street and in the fields. There was a child who picked up twenty cruzeiros in coins. And smiled showing the money. But the judge was stern. He punished them mercilessly.

I went to the river to wash the clothes and encountered D. Mariana. A pleasant, decent woman. She has 9 children and an ideal home. She and her husband treat each other politely. They just want to live in peace. And raise their children. She was also going to wash clothes. She told me that every day D. Geralda's Binidito¹⁶⁸ was arrested. That Radio Motor Patrol got tired of coming to get him. They got him a job in jail. I thought it was funny. I laughed!... I hung the clothes quickly and went to pick up paper. What an ordeal it is to pick up paper these days! I have to take my daughter Vera Eunice. She's two years old and doesn't like to stay at home. I put the sack over my head and take her in my arms. I bear the weight of the sack on my head, and I bear the weight of Vera Eunice in my arms. There are times when I revolt. Then I control myself. It isn't her fault she's in this world.

I reflected on this: I need to be tolerant with my children. They have nobody in the world but me. How poignant is the condition of a woman alone without a man in the home.

¹⁶⁸ In Portuguese, it is common to use constructions like "o Binidito da D. Geralda" to refer to someone in a way that helps the reader remember or identify them. The exact relationship (son, husband, etc.) is not specified; therefore, the sentence cannot clarify or include it. In English, we chose to use the possessive 's ("D. Geralda's Binidito") to convey association without assuming the relationship, even though it is not a common construction. (T.N.)

Here, everyone picks on me. They say I speak very well. That I know how to attract men. (...) When I get nervous, I don't like to argue. I prefer to write. Every day I write. I sit in the backyard and write.

...I can't go out to pick up paper. Vera Eunice doesn't want to sleep, and neither does José Carlos. Silvia and her husband are arguing. She has 9 children, and they don't respect each other. They fight every day.

...I sold the paper, I earned 140 cruzeiros. I overworked, I felt ill. I took some life pills¹⁶⁹ and lay down. When I was almost sleeping, I woke up to the voice of Sr. Antonio Andrade arguing with his wife.

July 21st I woke up to the voice of D. Maria asking me if I wanted to buy bananas and lettuce. I looked at the children. They were sleeping. I didn't say anything. When they see the fruits, I'm obliged to buy them. (...) I sent my son João José to Arnaldo's to buy sugar and bread. Then I went to wash clothes. While the clothes were bleaching, I sat on the sidewalk to write. A man passed by and asked me:

"What are you writing?"

"All the messes made by the favelados¹⁷⁰, the would-be humans."

He said:

"Write it down and then give it to a critic to proofread."

He looked at the children around me and asked:

"Are these your children?"

I looked at the children. Only two were mine. But since they were all the same skin color, I said yes.

"Where does your husband work?"

"I don't have a husband, and I don't want one either!"

A lady who was watching me write said goodbye. I thought: maybe she didn't appreciate my answer.

"That's a lot of children to provide for."

He opened his wallet. I thought: now he's going to give money to any one of these kids thinking that they're all my children. I was reckless in lying.

But my daughter Vera Eunice raised her arm and said:

"Gimme, I buy shoe."

I said:

"She's saying she wants the money to buy shoes."

He said:

"Give it to your mother."

I lifted my eyes to observe him. Two little girls called him daddy! I know him by sight. I already spoke to him at the pharmacy when I took Vera for a flu shot. He left. I looked at the money he gave Vera. One hundred cruzeiros!

¹⁶⁹ Medicine indicated as laxative or purgative. (E.N.)

¹⁷⁰ Person whose home is located in a favela. (T.N.)

In a few minutes the rumor went around that Vera won a hundred cruzeiros. And I thought about the efficiency of the human tongue to convey news. The children crowded together. I got up and went to sit near D. Mariana's house. And asked her for some coffee. I'm already used to drinking coffee at Sr. Lino's house. Everything I ask them to borrow, they lend it. When I come back to pay, they don't accept it.

Then I went to wring out the clothes and came to prepare lunch. Today I'm singing. I'm cheerful and I've already asked the neighbors not to annoy me. We all have our cheerful days. Today is mine!

...The mother of a girl named Amalia is saying that a spirit catches her... She ran out to throw herself into the river. Several women stopped her. I spent the rest of the afternoon writing. Half past four, Sr. Heitor turned on the light. I bathed the children, and I got ready to go out. I went to pick up paper, but I was indisposed. I left because it was very cold. When I got home it was 10:30 p.m.. I turned on the radio. I bathed. I heated up the food. I read for a little bit. I can't sleep without reading. I like handling a book. The book is man's best invention.

July 22nd ...Sometimes I feel outraged by the hectic life I have. And there are times when I resign myself to it. I talked to a lady who raises a colored girl. And she's so good to the girl... She buys expensive dresses for her. I said:

"In the past, it was the blacks who raised the whites. Nowadays it's the whites who raise the blacks."

The lady said that she's been raising the girl since she was 9 months old. And that the Negro girl sleeps with her and calls her mother.

A young man appeared. He said he was her son. I told some anecdotes. They laughed and I went on singing.

I started picking up paper. I went up Tiradentes Street, greeted the ladies I know. The owner of the dye shop said:

"Poor thing! She's so nice."

I kept repeating in my head: "She's so nice!"

...I like to stay inside my house, with the doors closed. I don't like standing on street corners talking. I like being alone and reading. Or writing! I turned onto Frei Antonio Galvão Street. There was almost no paper. D. Nair Barros was at her window. (...) I said that I resided in a favela. That favela is the worst tenement that exists.

...I filled two sacks on Alfredo Maia Street. I took one to the stop and then came back to take another. I covered other streets. I talked a little with Sr. João Pedro. I went to a black woman's house to take some cans she had asked for. Large cans for planting flowers. I got to know a very clean black girl who spoke very well. She said she was a seamstress, but that she didn't like the profession. And that she admired me. Pick up paper and sing.

I'm a very cheerful person. Every morning, I sing. I'm like the birds, who sing only at dawn. In the morning I'm always cheerful. The first thing I do is open the window and contemplate the space.

July 23rd ...I turned on the radio to hear the drama¹⁷¹. I made lunch and lay down. I slept for an hour and a half. I didn't even hear the end of the play. But I already knew the play. I started writing in my diary. From time to time, I stopped to scold my children. There was a knock on the door. I told João José to open it and ask the person to enter. It was Sr. João. He asked me where he could find potato leaves for his daughter to treat her tooth. I said that it was possible to find it with the Portuguese lady. He wanted to know what I was writing. I said it was my diary.

"I've never seen a black woman who likes books as much as you."

Everyone has an ideal. Mine is enjoying reading. Sr. João gave fifty cents to each child. When he met me, I had only two children.

No one has annoyed me. Thank God.

July 24th I got up at five o'clock to fetch water. Today is Sunday, the favelados collect water later. But I'm already used to getting up early. I bought bread and soap. I put the beans on the stove and went to wash clothes. At the river, Adair Mathias arrived, lamenting that her mother had gone out, and she had to make lunch and wash clothes. She said that her mother was strong, but that now someone put a spell on her. That the healer said it was the sorceress. But the spell that invades Mathias' family is alcohol. This is my opinion.

D. Mariana was lamenting that her husband was taking so long to return. I put the clothes to bleach and came to make lunch. When I got home, I encountered D. Francisca fighting with my son João José. A forty-year-old woman arguing with a six-year-old child. I put the boy inside and closed the gate. She kept talking. To make her shut up you have to tell her:

"Shut up, TB woman!"

I don't like to allude to physical woes because nobody is to blame for contracting contagious diseases. But when we realize that we can't tolerate the teasing of the illiterate, we resort to infirmities.

Sr. João came to get the potato leaves. I told him:

"If only I could move out of this favela! I have the impression that I'm in hell."

...I sat down in the sun to write. Silvia's daughter, a six-year-old girl, would pass by and say:

"You're writing, you stinking Negro woman!"

The mother listened and didn't scold her. It's the mothers who instigate.

July 25th I woke up happy. I'm singing. The only time I have peace here in the favela is in the morning.

¹⁷¹ Reference to radio soap operas, radio dramas of great popularity in Brazil in the post-war period until the mid-1950s. (E.N.)

...Today D. Francisca sent her seven-year-old daughter to provoke me, but I was very sleepy. I closed the door and lay down. (...) I went to visit the newborn child of D. Maria Puerta, a first-class Spaniard. The gem of the favela. She's the gold in the midst of lead.

July 27th I got up in the morning and went to fetch water. I argued with Silvia's husband because he wouldn't let me fill my cans. There was no money at home. I heated stale food and gave it to the children.

...Sr. Ireno told me that last night there was a robbery in the favela. That someone stole clothes from D. Florela and a thousand cruzeiros from D. Paulina. My shack is also being targeted. It's been two nights that I haven't gone out to pick up paper. To avoid annoyances, I took the radio to D. Florela's house. Just when I'm looking to buy a sewing machine...

...Sr. Gino came to tell me to go to his bedroom. That I'm looking down on him. I told him: No!

It's just that I'm writing a book to sell it. I intend to use this money to buy land so I can leave the favela. I don't have time to go to anyone's house. Sr. Gino insisted. He said:

"Knock and I'll open the door."

But my heart doesn't ask me to go to his bedroom.

July 28th ...I was horrified! Someone had burned my five sacks of paper. D. Elvira's granddaughter, the one that has two girls and doesn't want more children because her husband earns little, said:

"We saw the smoke. But then again, you put the sacks in the way. Put them there in the fields where no one sees them. I heard that you people from the favela always rob each other."

When they talk, they don't know how to say anything other than robbery. I realized that she was the one who burned my sacks. I decided to withdraw, disgusted by them. In fact, I had already been told that they're evil Portuguese people. That D. Elvira never did anyone a favor. For me to be on guard. I'm not resentful. I'm already so used to human cruelty.

I know that the lack of those sacks will cost me.

END OF 1955 DIARY

May 2nd, 1958 I'm not indolent. I've wanted to keep my diary for some time now. But I thought it was worthless and thought it was a waste of time.

...I went through a self-renovation. I want to give more attention to the people I know. I want to give a lovely smile to children and workers.

...I was summoned to appear at 8 p.m. at the 12th Police Station. I spent the day picking up paper. At night my feet hurt so much that I couldn't walk. It

started raining. I was going to the Police Station, I was going to take José Carlos. The subpoena was for him. José Carlos is 9 years old.

May 3rd ...I went to the street market on Carlos de Campos Street, to pick up anything. I got a lot of greenery. But it had no effect, because I didn't have shortening. The children are nervous about not having anything to eat.

May 6th In the morning I didn't go fetch water. I told João to carry it. I was glad. I received another subpoena. I was inspired and the verses were beautiful, and I forgot to go to the Police Station. It was 11 o'clock when I remembered the invitation from the illustrious lieutenant of the 12th Police Station.

...What I warn the would-be politicians about is that people don't tolerate hunger. It's necessary to know hunger to know how to describe it.

They're building a circus here on Araguaia Street. Circus Theatro Nilo.

May 9th ...I pick up paper, but I don't like it. So, I think: Make believe I'm dreaming.

May 10th I went to the police station and spoke to the lieutenant. What a lovely man! If I had known he was so sweet, I'd have gone to the police station on the first subpoena. (...) The lieutenant took an interest in my children's education. He told me that the favela is an environment where people are more prone to committing crimes than to becoming useful to their homeland and country. I thought: If he knows this, why not make a report and send it to the politicians? Sr. Janio Quadros, Kubstchek¹⁷² and Dr. Adhemar de Barros? Well... he'd rather come tell me... a poor garbage woman. I can't even solve my own problems.

...Brazil needs to be governed by a person who has already gone hungry. Hunger is also a teacher.

Those who go hungry learn to think about others, and about the children.

May 11th Mother's Day. The sky is blue and white. It seems that even Nature wants to pay homage to mothers who currently feel unhappy about not being able to fulfill their children's wishes.

...The sun is ascending. Today it won't rain. Today is our day.

...D. Teresinha came to visit me. She gave me 15 cruzeiros. She told me it's to buy Vera a circus ticket. But I'm going to keep the money to buy bread tomorrow, because I only have 4 Cruzeiros.

...Yesterday I got half a pig's head from the Meatpacking Plant. We ate the meat, and I kept the bones. And today I put the bones on to boil. And with the

¹⁷² Juscelino Kubitschek (1902-1976): President of the Republic between 1956 and 1961. During his government, he sought the development of the country by opening it up to foreign investment and transferred the Federal District to Brasília. (E.N.)

broth I made the potatoes. My children are always hungry. When they're very hungry they aren't picky in taste.

...The night came. The stars lie concealed. The shack is full of mosquitoes. I'm going to light a sheet of newspaper and rub it on the walls. That's how favelados kill mosquitoes.

May 13th Today, the day dawned rainy. It's a nice day for me. It's Slavery Abolition Day. The day we celebrate the liberation of slaves.

...In prisons, the Negros were the scapegoats. But white people are more cultured now. And they don't treat us with disdain. May God enlighten white people so that black people may be happy.

It keeps raining. And I only have beans and salt. The rain is heavy. Still, I sent the boys to school. I'm writing until the rain stops, so I can go to Sr. Manuel to sell iron. With the money from the iron, I'm going to buy rice and sausage. The rain stopped a little. I'm going out.

...I feel so sorry for my children. When they see things to eat, they shout:

"Hurray, Mommy!"

The gesture pleases me. But I've already lost the habit of smiling. Ten minutes later they want more food. I sent João to ask D. Ida for some shortening. She hadn't any. I sent her a note like that:

"D. Ida, I ask if you can get me some shortening so I can make some soup for the kids. Today it rained and I couldn't go pick up paper. I appreciate it. Carolina."

...It rained, it got cold. It's the winter that comes. And in winter we eat more. Vera started asking for food. And I hadn't any. It was the rerun of the show. I had two cruzeiros. I intended to buy some flour to make a virado¹⁷³. I went to ask D. Alice for some lard. She gave me lard and rice. It was 9 p.m. when we ate.

And just like that, on May 13, 1958, I struggled against the current slavery — hunger!

May 15th There are nights when they improvise a drumming session and don't let anyone sleep. The masonry neighbors¹⁷⁴ have already tried with a petition to remove the favelados. But they couldn't. The neighbors of the brick houses say:

"The politicians protect the favelados."

It's the people and the Vincentians who protect us. Politicians only show up here during election season. Sr. Cantidio Sampaio, when he was a city council member in 1953, spent his Sundays here in the favela. He was so pleasant. He

¹⁷³ Brazilian dish originally made with beans thickened with corn or cassava flour and pork bacon. (T.N.)

¹⁷⁴ The expression used by Carolina Maria de Jesus, "masonry neighbors" or "brick house neighbors" refers to residents living outside the favela in houses built of brick or concrete block and mortar, permanent structures contrasted with the improvised shacks of the favela. (T.N.)

drank our coffee, drank from our cups. He addressed us with his velvet phrases. He played with our children. He left a good impression around here and when he ran for congressman he won. But in the House of Representatives, he didn't propose a bill to benefit the favelados. He didn't visit us anymore.

...I classify São Paulo like this: The Palace is the living room. The City Hall is the dining room, and the city is the garden. And the favela is the backyard where they throw the trash.

...The night is tepid. The sky is already sprinkled with stars. As an exotic person, I'd like to cut out a piece of the sky to make a dress. I start to hear some shouts. I go out into the street. It's Ramiro, who wants to hit Sr. Binidito. Misunderstanding. A lath fell on the light wire and turned off the light in Ramiro's house. That's why Ramiro wanted to hit Sr. Binidito. Because Ramiro is strong and Sr. Binidito is weak.

Ramiro was angry because I sided with Sr. Binidito. I tried to fix the wires. While I was trying to fix the wire, Ramiro wanted to beat up Binidito who was drunk and couldn't stand up. He was unconscious. I can't describe the effect of alcohol because I don't drink. I've had it once, on an experimental basis, but alcohol doesn't make me dizzy.

While I intended to fix the light, Ramiro said:

"Turn on the light, turn on the light or I'll punch you in the face."

The light wouldn't turn on because of the wire. It needed mending. I'm a lay person in electricity. I sent for Sr. Alfredo, who is currently in charge of the light. He was nervous. He looked at Sr. Binidito with disdain. Juana, who is Binidito's wife, gave Alfredo fifty cruzeiros. He took the money. He didn't smile. But he was cheerful. I noticed by his physiognomy. Finally, the money dissipated the nervousness.

May 16th I woke up feeling nervous. Because I wanted to stay at home, but I didn't have anything to eat.

...I wasn't going to eat because there wasn't much bread. Is it just me who leads this life? What can I hope for in the future? A bed in Campos do Jordão¹⁷⁵. When I'm hungry, I want to kill Janio, I want to hang Adhemar and burn Juscelino. The difficulties cut people's affection for politicians.

May 17th I got up nervous. Wanting to die. Since the poor are so badly off, why live? Do the poor from other Countries suffer the same as the poor in Brazil? I was so dissatisfied that I even got into a fight with my son José Carlos for no reason.

...A truck arrived here in the favela. The driver and his helper threw some cans. It's canned sausage. I think: This is how these insatiable merchants do it.

¹⁷⁵ Campos do Jordão: climatic resort in São Paulo, traditionally sought after for the treatment of tuberculosis. (E.N.)

They wait for prices to rise out of greed to earn more. And when it rots, they throw it away to the crows and the unfortunate favelados.

There was no fight. I'm even finding it monotonous here. I see the children opening the cans of sausage and exclaiming with satisfaction:

"Hmm! It's yummy!"

D. Alice gave me one to try. But the can is swollen. It's already rotten.

May 18th ...In the favela everything goes around in a minute. And the news has already gone around that D. Maria José passed away. Several people came to see her. The Vincentian who took care of her came. He came to visit her every Sunday. He isn't disgusted by favelados. He takes care of the miserable favelados with affection. This was the responsibility of the so-called Social Service.

...The coffin has arrived. Color purple. Color of the bitterness that surrounds the hearts of the favelados.

D. Maria was an evangelical¹⁷⁶ and used to say that evangelicals are already in heaven before they die. The burial is at 3 p.m.. The evangelicals are singing a hymn. The voices are in tune. I have the impression that angels are singing. I don't see anyone drunk. Maybe it's out of respect for the deceased. But I doubt it. I think it's because they don't have money.

The car arrived to conduct D. Maria José's lifeless body to the house she truly owns, which is her grave. D. Maria José was a good woman. They say the living should forgive the dead. Because we all have our moments of weakness. The hearse arrived. They're waiting for the time to leave for the burial.

I'll stop writing. I'm going to wring out the clothes I soaped yesterday. I don't like to see funerals.

May 19th I rose from bed at 5 a.m.. The sparrows are already beginning their morning symphony. The birds must be happier than us. Perhaps friendship and equality reign among them. (...) The world of birds must be better than that of favelados, who lie down and don't sleep because they lie down without eating.

...What Sr. Juscelino has that is usable is his voice. He sounds like a *sabiá*¹⁷⁷ and his voice is pleasant to the ears. And now, the *sabiá* is residing in the golden cage that is Catete¹⁷⁸. Be careful, *sabiá*, not to lose this cage, because when cats are hungry, they contemplate the birds in the cages. And the favelados are the cats. They're hungry.

¹⁷⁶ The term *crente* was translated as *evangelical*. In Brazilian Portuguese, *crente* colloquially refers not to *believers* in general, but specifically to members of Protestant and Pentecostal churches. The English equivalent *evangelical* was therefore chosen to convey this cultural and religious nuance, as well as the social connotations the term carries in the Brazilian context. (T.N.)

¹⁷⁷ *Sabiá* is a common bird in South America, identified by the rust color of its belly and its melodious song during the reproductive period. (T.N.)

¹⁷⁸ Reference to Palácio do Catete, located in Rio de Janeiro and at the time the official residence of the President of the Republic. (E.N.)

...I stopped meditating when I heard the baker's voice:
 "Here's sweet bread, it's time for breakfast!"

Little does he know that in the favela it's the minority who has breakfast. The favelados eat when they manage to find something to eat. All families residing in the favela have children. Here resided a Spaniard named D. Maria Puerta. She bought land and started saving to build the house. When the construction of the house was finished, her children were weak in the lungs. And there are eight children.

...There were people who visited us and said:
 "Gee, only pigs can live in such a place. This is São Paulo's pigsty."

...I'm starting to lose interest in my own existence. I begin to revolt. And my revolt is fair.

...I washed the floor because I'm expecting a visit from a future congressman, and he wants me to make some speeches for him. He said that he intends to know the favela, that if he's elected, he'll abolish the favelas.

...I was ecstatically contemplating the indigo sky. And I came to understand that I love my Brazil. My gaze rested on the grove at the beginning of Pedro Vicente Street. The leaves were moving. I thought: they're applauding my gesture of love for my homeland. (...) I pushed the cart and went to get more papers. Vera was smiling. And I thought of Casemiro de Abreu¹⁷⁹, who said: "Laugh, child. Life is beautiful." Maybe life was good at that time. Because now is the appropriate time to say: "Cry, child. Life is bitter."

...I've been so concerned that I haven't contemplated the city gardens yet. It's the season of white flowers, it's the predominant color. It's the month of Mary and the altars must be adorned with white flowers. We must thank God, or Nature, who has given us the stars to adorn the sky, and the flowers to adorn the meadows and the wetlands and the woods.

When I was walking along Cruzeiro do Sul Avenue, there was a lady with blue shoes and a blue purse. Vera said to me:

"Look, Mommy. What a beautiful woman! She'll go in my car."

It's just that my daughter Vera Eunice says she's going to buy a car just to carry beautiful people. The woman smiled and Vera continued:

"Ma'am, you smell very nice!"

I realized that my daughter knows how to flatter. The woman opened her purse and gave her 20 cruzeiros.

...Here in the favela almost everyone struggles with difficulties to live. But I'm the only one who expresses what I suffer. And I do this for the benefit of others. Many pick up shoes in the trash to put on. But the shoes are already weak and only last 6 days. In the old days, that is from 1950 to 1956, the favelados used to sing. They used to have drumming gatherings. 1957, 1958, life was

¹⁷⁹ Casimiro de Abreu (1839–1860) was a Brazilian poet of the Romantismo period, known for his work marked by nostalgia, nationalism and idealization of childhood. He died young, at the age of 21, of tuberculosis. (T.N.)

becoming scorching. There was no money left for them to buy pinga. The drumming started to fade until it became extinct. The other day I encountered a soldier. He asked me:

“Do you still live in the favela?”

“Why?”

“Because you guys left Radio Motor Patrol alone.”

“It's just that there's no money left for aguardente¹⁸⁰”

...I put João and Vera to bed and went looking for José Carlos. I called the Police Service. The phone doesn't always solve things. I took the tram and went. I didn't feel cold. My blood felt like it was 40 degrees. I went to talk to the Women's Police who gave me the news about José Carlos who was on Asdrubal Nascimento Street¹⁸¹. What a relief! Only those who are mothers can truly understand.

...I headed for Asdrubal Nascimento Street. I don't know how to walk at night. The fusion of the lights takes me off the route. I need to go asking people. I only like the night to contemplate the shining stars, to read and to write. During the night there's more silence.

I arrived at Asdrubal Nascimento Street, the guard told me to wait. I contemplated the children. Some wept, others were outraged by the interference of the Law that doesn't allow them to act as they wish. José Carlos was crying. When he heard my voice, he became cheerful. I noticed his contentment. He looked at me. And it was the most tender look I've ever received.

...At 8:30 p.m. I was already in the favela breathing the odor of excrement mixed with rotten mud. When I'm in the city, I have the impression that I'm in the living room with its crystal chandeliers, its velvet rugs, satin cushions. And when I'm in the favela, I have the impression that I'm an out-of-use object, worthy of being in a storage room.

May 20th The day was just breaking when I rose from bed. Vera woke up and sang. And she invited me to sing. We sang. João and José Carlos took part.

It dawned drizzling. The Sun is rising. But its heat doesn't dispel the cold. I keep thinking: there are times when the Sun prevails. There are times that it's the rain. There are times that it's the wind. Now it's the turn of the cold. And there should be no rivalry between them. Each one in its turn.

I opened the window and saw women passing by quickly in their faded and worn coats. After some time, these coats that they got from others and that should have been in a museum a long time ago, will be replaced by others. It's the politicians who will give it to us. I must include myself, because I'm also a favelada. I'm a reject. I'm in the storage room, and what's in the storage room is either burned or thrown in the trash.

¹⁸⁰ Synonym for *pinga*, cachaça (T.N.)

¹⁸¹ The Juvenile Court was at the time at Asdrúbal do Nascimento Street. (E.N.)

...The women I see passing by go to the churches to get bread for their children. That Friar Luiz gives them, while their husbands remain under the covers. Some because they can't find a job. Others because they're sick. Others because they get drunk.

...I don't worry about their men. If they throw dances, I don't attend because I don't like dancing. I only interfere in fights where I foresee a crime. I don't know the origin of this antipathy towards me. With men and women, I have a hard and cold look. My smile, my tender and gentle words, I reserve for children.

...There's a teenager named Julião who sometimes beats up his father. When he hits his father, it's with so much sadism and pleasure. He thinks he's invincible. He hits like he's hitting a drum. His father wanted him to study to be a lawyer (...) When Julião goes to prison, his father accompanies him with tears in his eyes. As if he was accompanying a saint on a float. Julião is outraged, but for no reason. He doesn't need to reside in the favela. He has a house in Alto de Vila Maria¹⁸².

...Sometimes families move to the favela, with children. At first, they're polite, friendly. A few days later they start using foul language, they're obnoxious and repulsive. They're diamonds that turn into lead. They turn into objects that were in the living room and went to the storage room.

...For me, the world, instead of evolving, is returning to primitiveness. Those who don't know hunger will say: "Whoever writes this is crazy." But those who go hungry will say:

"Very good, Carolina. Foodstuffs should be within everyone's reach."

How horrible it is to see a child eating and asking: "Is there more?"

This word "is there more" keeps oscillating inside the brain of a mother who looks at the pan and there isn't more.

...When a politician says in their speeches that they're on the side of the people, that they aim to become involved in politics to improve our living conditions, asking for our votes and promising to freeze prices, they're already aware that by addressing this serious problem they'll win at the polls. Then they divorce themselves from the people. They look at the people with half-closed eyes. With a pride that hurts our sensitivity.

...When I arrived from the palace, that is the city, my children came to tell me that they had found noodles in the trash. And there was little food, so I made some noodles with beans. And my son João José said to me:

"Well, ma'am, you told me you weren't going to eat anything from the trash anymore."

It was the first time I saw my words fail me. I said:

"It's just that I had faith in Kubstchek."

"Ma'am, you had faith and now you don't?"

¹⁸² Alto de Vila Maria is a neighborhood in the northern part of São Paulo. (T.N.)

“No, my son. Democracy is losing its supporters. In our country everything is weakening. Money is weak. Democracy is weak and the politicians are very weak. And everything that is weak, dies one day.”

...Politicians know that I'm a poet. And that a poet faces death when they see their people oppressed.

May 21st I had a horrible night. I dreamed I lived in a livable house, with a bathroom, kitchen, breakfast room and even a maid's room. I was going to celebrate my daughter Vera Eunice's birthday. I was going to buy her some toys that she had wanted for a long time. Because I was in a position to buy them. I sat down at the table to eat. The tablecloth was lily white. I ate steak, bread with butter, French fries and salad. When I was going to get another steak, I woke up. What a bitter reality! I didn't reside in the city. I was in the favela. In the mud, on the banks of the Tietê. And with only 9 cruzeiros. I don't have any sugar because yesterday I went out and the boys ate the little I had.

...Those who have the ability should lead. Those who have compassion and friendship for the people. Those who govern our country are those who have money, those who don't know what hunger, pain and the affliction of the poor are. If the majority revolts, what can the minority do? I'm on the side of the poor, who are the arm. A malnourished arm. We need to rid the country of hoarder politicians.

Yesterday I ate the noodles from the trash, afraid I might die, because back in 1953 I used to sell scrap metal at Zinho. There was a cute black boy. He used to sell scrap metal at Zinho. He was young and said that it was the old people who should pick up paper. One day I was going to sell scrap metal when I stopped on Bom Jardim Avenue. At the Dump, as the place is called. The garbage men had thrown meat in the trash. And he was choosing some pieces: He said to me:

“Take it, Carolina. It's still good to eat.”

He gave me a few pieces. I accepted so as not to hurt his feelings. I tried to convince him not to eat that meat. For him to eat the hard bread that had been chewed by the rats. He told me no. That he hadn't eaten for two days. He lit the fire and roasted the meat. He was so hungry that he couldn't let the meat roast. He heated it up and ate it. In order to avoid witnessing that scene, I left thinking: pretend I didn't witness this scene. This can't be real in a fertile country like mine. I revolted against the so-called Social Service that claims to have been created to readjust the maladjusted but takes no notice of the unfortunate existence of the marginalized. I sold scrap metal at Zinho and went back to São Paulo's backyard, the favela.

The next day they found the black boy dead. His toes had splayed apart. The space was twenty centimeters. He grew as if he were made of rubber. His toes looked like a fan. He had no documents. He was buried like a John Doe. No one tried to find out his name. The marginalized have no name.

...Every four years, new politicians take office, and they don't solve hunger, which has its headquarters in the favelas and branches in the workers' homes.

...When I went to fetch water, I saw an unfortunate woman lying near the tap because she went to bed without having dinner yesterday. She's malnourished. The doctors we have in politics know this.

...Now I'm going to D. Julita's house to work for her. I went picking up paper. Sr. Samuel weighed it. I received 12 cruzeiros. I went up Tiradentes Avenue picking up paper. I arrived at 17 Frei Antonio Santana de Galvão Street, to work for D. Julita. She told me not to fool myself with men, that I can have another child and that men don't contribute to raising a child. I smiled and thought: when it comes to men, I have bitter experiences. I'm already mature, a time in which reason has taken root.

...I found a yam in the trash, a sweet potato and batata solsa¹⁸³. When I arrived at the favela, my boys were gnawing on a piece of stale bread. I thought: to eat this bread they'd need to have electric teeth.

There was no shortening. I put the meat on the stove with some tomatoes that I picked up at the Fish Factory. I added the yam and the batata salsa. And water. As soon as it boiled, I put in the noodles that the boys had picked up from the trash. The favelados are gradually becoming convinced that in order to live they need to imitate crows. I don't see any efficiency in Social Services in relation to the favelados. Tomorrow I won't have bread. I'll cook the sweet potato.

May 22nd I'm sad today. I'm nervous. I don't know whether to cry or run around nonstop until I fall unconscious. It's just that it dawned raining. And I didn't go out to get money. I spent the day writing. There were some noodles left over, I'm going to heat it up for the children. I cooked the potatoes, they ate them. I have some scrap metal and a bit of scrap iron that I'm going to sell at Sr. Manuel. When João got home from school, I sent him to sell the iron. He received 13 cruzeiros. He bought a glass of mineral water, 2 cruzeiros. I got mad at him. Since when do favelados have such luxuries?

...The boys eat a lot of bread. They like soft bread. But when there's none, they eat hard bread.

Hard is the bread we eat. Hard is the bed we sleep in. Hard is the life of the favelado.

Oh! São Paulo, queen who vainly displays its golden crown, which is the skyscrapers. Who dresses velvet and silk and wears cotton socks, which is the favela.

...There wasn't enough money to buy meat, so I made noodles with carrots. There wasn't any shortening, it was horrible. Vera is the only one who complains and asks for more. And she asks:

¹⁸³ The correct word is *salsa*, which means salted. (E.N.) *Batata Salsa* is a starchy yellow root vegetable similar to parsnip, also known as arracacha in Latin America. (T.N.)

“Mommy, sell me to D. Julita, because the food there is delicious.”

I know that there are Brazilians here in São Paulo who suffer more than I do. In June 1957, I got sick and visited the Social Service offices. Due to carrying a lot of iron, I got kidney pain. To avoid seeing my children go hungry, I asked for help from the much-publicized Social Services. It was there that I saw tears flow from the eyes of the poor. How poignant it is to see the dramas that unfold there. The irony with which the poor are treated. The only thing they want to know is the names and addresses of the poor.

I went to the Palace, the Palace sent me to the headquarters on Brigadeiro Luís Antonio Avenue. Brigadeiro Avenue sent me to the Social Service of Santa Casa Hospital of São Paulo. I spoke to D. Maria Aparecida who listened to me and answered so many things and said nothing. I decided to go to the Palace and got in line. I spoke to Sr. Alcides. A man who isn't Nipponese but is yellow like spoiled butter. I spoke to Sr. Alcides:

“I came here to ask for help because I'm sick. You told me to go to Brigadeiro Luis Antonio Avenue, sir, I went. Brigadeiro Avenue told me to go to Santa Casa Hospital of São Paulo. And I spent the only money I had on transportation.”

“Arrest her!”

They didn't let me leave. And a soldier put his bayonet in my chest. I looked the soldier in the eyes and noticed he felt sorry for me. I told him:

“I'm poor, that's why I came here.”

Dr. Osvaldo de Barros, the fake philanthropist from São Paulo who is disguised as Saint Vincent de Paul, appeared and said:

“Call a paddy wagon!”

May 23rd I woke up in the morning feeling sad because it was raining. (...) The shack is in horrible disarray. It's just that I don't have soap to wash the dishes. I say dishes out of habit. But it's the cans. If I had soap, I'd wash my clothes. I'm not unkempt. If I walk around dirty, it's due to the upheaval in the favelados' lives. I've come to the conclusion that if you're not meant to go to heaven, there's no point in looking upwards. It's just like us, who don't like the favela, but are forced to reside in the favela.

...I fixed the food. I thought it was beautiful to see the shortening sizzling in the pan. What a dazzling spectacle! The children were smiling as they watched the food boiling in the pans. Especially when it's rice and beans, it's a day of celebration for them.

In the past, spaghetti was the most expensive dish. Now it's rice and beans that surpass spaghetti. They're the new rich. They've gone over to the side of the aristocrats. Even you, beans and rice, have abandoned us! You who were friends of the marginalized, the favelados, the indigents. Look at that. Even the beans have forgotten us. They're beyond the reach of the unfortunate people in the storage room. The one who didn't look down on us was the cornmeal. But children don't like cornmeal.

When I put the food down, João smiled. They ate and didn't allude to the black color of the beans. Because black is our life. Black is everything that surrounds us.

...In the streets and storefronts, you can already see the banners showing the names of future congressmen. Some names are already familiar. They're repeat candidates who were already unsuccessful at the polls. But the people aren't interested in the election, that is the Trojan horse that appears every four years.

...The sky is beautiful, worthy of contemplation because the clouds wander and form stunning landscapes. The gentle breezes drift by, carrying the fragrance of flowers. And our brightest star ever punctual in its rising and retreat. The birds roam the space showing contentment. At night the twinkling stars emerge to adorn the blue sky. There are many beautiful things in the world that can't be described. Only one thing makes us sad: the prices when we go shopping. It overshadows all the beauty that exists.

Theresa, Meyri's sister, drank caustic soda. And for no reason. She said she found a note from a woman in her beloved's pocket. She lost a lot of blood. The doctors say that if she recovers, she'll be left useless. She has two children, one is 4 years old, and the other is 9 months old.

May 26th It dawned raining. And I only have 4 cruzeiros, and some food left over from yesterday and some bones. I went to fetch some water to boil the bones. I still have some noodles left, I'll make some soup for the children. I saw a neighbor washing beans. I was envious. (...) It's been two weeks since I last washed clothes because I don't have soap. I sold some boards for 40 cruzeiros. The woman told me she'd pay today. If she pays, I'll buy soap.

...It had been days since the police last came to the favela, and today they did, because Julião hit his father. He struck him with such a violent blow that the old man cried and went to call the police.

May 27th ...I noticed that at the Meatpacking Plant they throw creolin in the trash, so that the favelados don't pick up the meat to eat. I didn't drink coffee, I was walking feeling a little dizzy. The dizziness from hunger is worse than the one from alcohol. The dizziness from alcohol compels us to sing. But the one from hunger makes us tremble. I realized how horrible it is to have nothing but air inside your stomach.

My mouth began to taste bitter. I thought: isn't life's bitterness enough? It seems that when I was born, destiny marked me to go hungry. I picked up a sack of paper. When I penetrated Paulino Guimarães Street, a lady gave me some newspapers. They were clean, I left and went to the warehouse. I went around picking up everything I could find. Iron, cans, coal, everything is useful to the favelado. Leon took the paper, I received six cruzeiros. I thought about saving the money to buy beans. But I saw that I couldn't because my stomach was complaining and torturing me.

...I decided to have a cup of coffee with milk and buy a loaf of bread. What a surprising effect food has on our organism! I, who before eating, saw the sky, the trees, the birds all in yellow, after eating, everything returned to normal before my eyes.

...Food in the stomach is like fuel in the machines. I started working faster. My body stopped feeling heavy. I started walking faster. I had the impression that I was gliding through space. I started to smile as if I was witnessing a beautiful spectacle. And is there a more beautiful spectacle than having something to eat? It felt like I was eating for the first time in my life.

...The Radio Motor Patrol arrived, they brought two Negro boys who were wandering around Luz Station¹⁸⁴. 4 and 6 years old. It's easy to notice that they're from the favela. They're the most ragged in the city. Whatever they find on the streets they eat. Banana peels, watermelon peels and even pineapple peels, that is so rustic, they grind. (...) Their pockets were full of aluminum coins, the new money in circulation¹⁸⁵.

May 28th It dawned raining. I only have three cruzeiros because I lent 5 to Leila so she could pick up her daughter from the hospital. I'm disoriented, not knowing where to begin. I want to write, I want to work, I want to wash clothes. I'm cold. And I don't have any shoes to wear. The children's shoes have holes.

...And the worst thing in the favela is what the children witness. All the children in the favela know what a woman's body is like. Because when drunk couples fight, the woman, to avoid getting beaten, goes out naked into the street. When fights break out, the favelados drop whatever they're doing to witness the brawls. So, when a woman runs out naked, it's a real show for the likes of Joe Schmo. Then the comments among the children begin:

"Fernanda ran out naked when Armin was beating her."

"I didn't see it. Oh! What a shame!"

"And what does a naked woman look like?"

And the other, to tell him, brings his mouth close to his ear. And boisterous laughter echoes. Everything obscene and pornographic the favelado learns quickly.

...There are shacks of harlots who perform their love scenes in the presence of children.

...The rich masonry neighbors say that we're protected by politicians. That's a mistake. Politicians only show up here in the storage room during election time. This year we already had a visit from the candidate for congressman Dr. Paulo de Campos Moura, who gave us beans and excellent blankets. They arrived at an opportune time, before the cold weather.

¹⁸⁴ *Estação da Luz*, Light Station in a literal translation, is one of the most important railway stations in the city of São Paulo. (T.N.)

¹⁸⁵ These coins did not indicate a "new money" or the replacement of the currency, but rather a change in the material and design of Cruzeiro coins to facilitate production and circulation. (T.N.)

...What I want to clarify about the people who reside in the favela is the following: those who benefit here are the northerners. They work and don't dissipate. They buy houses or return to the North.

...Here in the favela, there are those who build shacks to reside in and those who build them to rent out. And the rents are 500 to 700.00. And those who build shacks to sell. They spend 4 thousand cruzeiros and sell them for 11 thousand cruzeiros. The one who built many shacks to sell was Tiburcio.

May 29th Finally it stopped raining. The clouds glide toward the west. Only the cold lashes us. And many people in the favela don't have warm clothes. When some have shoes, they don't have a coat. And I feel heartbroken seeing the children step in the mud. (...) I noticed that new people have arrived in the favela. They're ragged and their faces are malnourished. They improvised a shack. I felt heartbroken seeing so many hardships reserved for the proletarians. I stared at the new companion in misfortune. She looked at the favela, its mud and its impoverished children. It was the saddest look I have ever witnessed. Maybe she no longer has any aspirations. She handed her life over to the care of life itself.

...There must be someone who, reading what I write, will say... this is a lie! But the miseries are real.

...What I revolt against is the greed of men who squeeze one another as if they were squeezing an orange.

May 30th ...I changed Vera and we left. I went on thinking: will God have pity on me? Will I manage to get money today? Does God know that the favelas exist and that the favelados go hungry?

...José Carlos arrived with a bag of crackers that he picked up in the trash. When I see them eating things from the trash I think: What if it's poisoned? It's just that children can't stand hunger. The crackers were delicious. I ate them thinking about that proverb: if you join the dance, you must dance. And since I'm hungry too, I must eat.

New people have arrived in the favela. They're in rags, walking hunched over, their eyes fixed on the ground as if thinking about their misfortune of residing in such an unappealing place. A place where you can't even plant a flower to breathe in its fragrance, to hear the buzz of bees or watch a hummingbird caress it with its delicate beak. The only scent exuded in the favela is that of rotten mud, excrement, and pinga.

...Today no one will sleep because the favelados who don't work are already starting with the drumming. Cans, frying pans, pots, everything serves to accompany the out-of-tune singing of the night wanderers.

May 31st Saturday — the day I almost go crazy because I need to find something to eat for Saturday and Sunday. (...) I made coffee and the bread I got yesterday. I put beans on the stove. When I was washing the beans, I thought:

today I almost feel like a proper person – I'm going to cook beans. It almost seems like a dream!

...I got bananas and cassava at the produce market on Guaporé Street. When I was coming back to the favela, at 728 Cruzeiro do Sul Avenue, a lady asked me to throw a dead dog into the Tietê River, and she'd give me 5 cruzeiros. I left Vera with the woman and went. The dog was inside a sack. The woman kept observing my paulistana steps. That is, walking fast. When I came back, she gave me 6 cruzeiros. When I received the 6 cruzeiros I thought: that's enough to buy soap.

...I arrived at the favela: I can't bring myself to say I arrived home. Home is home. Shack is shack. The shack, both inside and outside, was dirty. And that disarray annoyed me. I stared at the backyard, the rotten garbage exuded a bad smell. Only on Sundays I have time to clean.

I had bought an egg and 15 cruzeiros of lard from Sr. Eduardo. And I fried the egg to see if it'd stop the nausea. It did. I realized it was from weakness. The doctor told me to eat oil, but I can't afford to buy it. (...) I made dinner. Rice, beans, bell peppers and blood sausage and fried cassava. When Vera saw all that food, she said: It's a feast for Negro folks today!

...I asked a lady who I saw for the first time:

"Are you living here, ma'am?"

"I am. But pretend I'm not, because I'm deeply disgusted by this place. This is a place fit for pigs. But if they put pigs here, they'd protest and go on strike. I had always heard of the favela, but I've never imagined it was such a nasty place. Only God could have pity on us."

June 1st It's the beginning of the month. It's the year that slides. And we see friends die and others be born. (...) It's three thirty in the morning. I can't sleep. That Vitor guy, the ugliest man in the favela, has arrived. The boogeyman's representative. So ugly, and he has two women. They both live together in the same shack. When he came to reside in the favela, he came showing off his bravado. He used to say:

"I was vaccinated with Lampeão's¹⁸⁶ blood"

¹⁸⁶ Reference to the famous *cangaceiro* who, with his gang, controlled several northeastern cities, looting businesses and attacking farms at the beginning of the 20th century. (E.N.) *Cangaço* was a social phenomenon of Brazil's northeastern backlands, especially between the late nineteenth century and the first decades of the twentieth. The *cangaceiros* were armed groups who roamed the region's arid interior, often engaging in robberies, acts of vengeance, and kidnappings, but also confronting powerful landowners, corrupt authorities, and local political bosses. Therefore, Lampeão is an ambiguous figure. To some, he was a cruel criminal. To others, a social rebel — a kind of Northeastern Brazilian Robin Hood who fought against the injustices and humiliations imposed on the people of the backlands. (T.N.)

January 1st, 1958, he told me he was going to smash my face. But I taught him that A is A and B is B. He's made of iron, but I'm made of steel. I don't have physical strength, but my words cut deeper than a sword. And the wounds are unhealable. He stopped annoying me because I called the Radio Motor Patrol for him, and he was detained for 4 hours. When he left, he said he was going to kill me. Then Adalberto told him:

"It's the worst thing you'll ever do. Because if you don't kill her, she'll be the one who kills you." I have a skill that I won't describe here, because this will defend me. Those who live in the favela should try to isolate themselves, live alone. Vitor is playing the radio. I think: today is Sunday and we could sleep until 8. But here there's no mutual consideration.

I have nothing but good things to say about my late mother. She was a very good woman. She wanted me to study to become a teacher. But it was life's circumstances that kept her from making that dream come true. But she shaped my character, teaching me to love the humble and the weak. That's why I feel sorry for the favelados. Although there are people here worthy of disdain, people with a vicious spirit. Last night D. Amélia and her companion had a fight. She told him he was with her just for the money she gives him. Only D. Amélia's voice could be heard, and she was clearly enjoying the contention. She had several children. Gave them all away. She has two grown sons she doesn't want at home. She neglects her children and prefers men.

The man enters through the door. The son is the root of the heart.

It's four o'clock. I've already made lunch — today it was lunch. There was rice, beans and cabbage and sausage. When I make four dishes, I feel like somebody. When I see my children eating rice and beans, the kind of food that's out of reach for favelados, I'm on cloud nine. As if I was watching a dazzling spectacle. I washed the clothes and the shack. Now I'm going to read and write. I see young people playing soccer. And they run around the field full of energy. I think: if they drank pure milk and ate meat...

June 2nd It dawned cold. I lit the fire and told João to go buy bread and coffee. The bread, Chico, from the Grocery Store, cut a piece.

I swore at Chico, called him a scumbag, a dog, I wished I was a lightning bolt to split him into a thousand pieces. There wasn't enough bread, and the kids didn't take packed lunches.

...In the morning I'm always nervous. Afraid I won't have enough money to buy food. But today is Monday and there's a lot of paper on the street. (...) Sr. Manuel showed up saying he wants to marry me. But I don't want to, because I'm already mature. And besides, a man won't like a woman who can't live without reading. And who gets up to write. And who lies down with a pencil and paper under her pillow. That's why I prefer to live only for my ideal. He gave me 50 cruzeiros and I paid the seamstress. A dress she made for Vera. D. Alice came to complain that Sr. Alexandre was insulting her because of 65 cruzeiros. I thought: ah! money! That causes death, that makes hatred take root.

June 3rd ...When I was at the tram stop, Vera started crying. She wanted pastéis¹⁸⁷. I only had 10 cruzeiros, 2 to pay for the tram and 8 to buy ground beef. D. Geralda gave me 4 cruzeiros to buy pastéis, she was eating and singing. And I thought: my dilemma is always food! I took the tram. Vera started crying because she didn't want to stand up and there was no place to sit.

...When I'm short on money, I try not to think about my children who will ask for bread, bread, coffee. I divert my thoughts to the sky. I think: are there inhabitants up there? Are they better than us? Does their dominance surpass ours? Are the nations there as varied as here on earth? Or is it a single nation? Are there favelas there? And if there are favelas there, will I live in the favela when I die?

...When I started writing I heard raised voices. It's been so long since there's been a fight in the favela. (...) It was Odete and her husband who are separated. They were fighting because he brought another woman in the car he works in. They were at the house of Sr. Francisco, Alcino's brother. They went out into the street. I went to see the fight. They attacked the woman who was with Alcino. Four women and a boy came at her with such violence and threw the woman to the ground. Marli left. She said she was going to get a rock to throw at the woman's head. I put the woman in the car and Alcino and told them to leave. I thought about calling the Police. But by the time the Police arrived, they'd have killed the woman. Alcino slapped his mother-in-law, who's the worst agitator. If I hadn't stepped in to help Alcino, he would've been at a disadvantage. The women in the favela are horrible in a fight. What they could solve with words, they turn into conflict. They're like crows in a dispute.

...Odete was outraged with me for defending Alcino. I said:

"You have four kids to raise."

"I don't care. What I wanted was to kill her."

When I was pushing the woman into the car, she said to me:

"Only you are good, ma'am."

I had the impression that I was taking a piece of bone out of the dogs' mouths. And Odete, seeing her husband leaving with the other woman in the car, became furious. They came swearing at me, calling me nosy. I think that violence doesn't solve anything. (...) Assemblies of favelados are with sticks, knives, stones and violence.

...The favela is the room of surprises. This is the fifth woman that Alcino has brought here to the favela. And when his wife sees it, she fights.

...The favela is heated today. During the day Leila and her companion Arnaldo fought. Arnaldo is black. When he came to the favela he was a boy. What

¹⁸⁷ *Pastel* is a food made from a dough based on flour, which is either fried or baked and filled with either sweet or savory stuffing. It is one of the most commonly found foods sold by street vendors and in popular commercial centers in Brazil. (T.N.)

a boy! He was good, polite, sweet, obedient. He was the pride of his father and of those who knew him.

"This one's going to be a Negro, yes sir!"

You see, in Africa, Negroes are classified like this:

"Negro *tú*.¹⁸⁸"

"Negro *turututú*."

"Is Negro, yes Sir!"

Negro *tú* is the so-so Negro. Negro *turututú* is the one who's no good. And the Negro yes *Sir* is the one from high society. But Arnaldo turned into a Negro *turututú* after he grew up. He became rude, pornographic, obscene, and an alcoholic. I don't know how a person can fall apart like that. He's D. Domingas' compadre¹⁸⁹.

What a compadre!

D. Domingas is a good black woman, just like bread. Calm and helpful. When Leila became homeless, she went to live with D. Domingas.

...D. Domingas was the one who washed Leila's clothes, Leila forced her to sleep on the floor and to give her the bed. She became the lady of the house. I said:

"Do something, Domingas!"

"She's a sorceress, she might put a spell on me."

"But spells don't exist."

"Yes, they do. I saw her do it."

It's because Leila was saying she could fix lives. And I saw several rich ladies show up here. There was that D. Guiomar lady, Edviges Gonçalves, the woman who goes by several names and has several addresses because she buys on installment and doesn't pay and gives a changed name wherever she shops. When she goes out on the street, she looks like Marie Antoinette. And D. Guiomar took part in enslaving D. Domingas. (...) D. Domingas receives a pension from her late husband. And she was forced to give money to Leila, who is Arnaldo's companion. Being D. Domingas's compadre, he should have defended his comadre¹⁹⁰. But he exploited her. They split the money between the two of them. And he even acted out his love scenes near his godson.

...D. Domingas left home. She went to Carapicuíba, to live with D. Iracema. Her son Nilton stayed behind. I did everything I could to get the boy out. But Leila said to him:

¹⁸⁸ This classification mentioned by Carolina does not correspond to any academically or ethnographically recognized African categorization — at least not with those specific terms. (T.N.)

¹⁸⁹ *Compadre* has two main meanings in Portuguese: it can refer to the godfather of a baptism, in relation to the godson's parents, or to the godson's father in relation to the godfather. In addition, it can have a figurative meaning, indicating a close friend or companion. (T.N.)

¹⁹⁰ *Comadre* is the feminine form of *compadre*; it refers to the woman who is the godmother at a child's baptism, or the mother of the godson in relation to the godparents. It can also be used to refer to a close friend. (T.N.)

"I'm a sorceress. If you leave, I'll turn you into an elephant."

I used to encounter Nilton:

"Good morning, Nilton. Don't you want to go with your mother?"

"I'm not going because Leila told me that she's a sorceress and if I leave, she'll turn me into an elephant and an elephant is a very, very ugly animal. You know, D. Carolina, what if she turns me into a pig? I'll have to eat slop, and someone will want to throw me in a pigsty to fatten me up. They'll castrate me. And if she makes me turn into a horse, someone will make me pull a cart and even whip me."

...When Nilton started to go hungry, he went to his mother. I thought: Hunger also serves as a judge.

One day I was arguing with Leila. She and Arnaldo set fire to my shack. The neighbors put it out.

June 5th ...But I've already observed our politicians. To observe them I went to the Assembly. The branch of Purgatory, because the main office is the headquarters of Social Services, in the Government Palace. It was there that I saw the gnashing of teeth. I saw the poor leaving in tears. And the tears of the poor move the poets. Not the parlor poets. But the poets of the trash, the idealists of the favelas, a spectator who watches and observes the tragedies that the politicians stage in relation to the people.

June 6th ...José Carlos hasn't stuck around the house for days. When he does come home to sleep, it's ten-thirty at night. This morning, he got a beating. I warned him that if he gets home at 10 p.m. again, I won't open the door. (...) I bought a loaf of bread at 2 o'clock. At 5 o'clock, I went to cut off a piece, and it was already hard (...) Today's bread has made a pair with the hearts of politicians. Hard, in the face of public outcry.

...Today there was a fight here in the favela. They fought over a dog. The fight was with some *baianos*¹⁹¹ who only talked about *peixeiras*¹⁹².

June 7th The children had breakfast and went to class. They're cheerful because they had breakfast today. Only those who go hungry know the true value of food.

Vera and I went to pick up paper. I stopped at the Meatpacking Plant to get some sausage. I counted 9 women in line. I have this habit of observing everything, counting everything, noting the facts.

¹⁹¹ The term *baianos* here refers to people from the northeast in general. The author also uses the word *nortista* [northerner] with the same meaning. (E.N.) But in fact, a *baiano* is someone who is from Bahia, a state located in the south of the Northeast Region of Brazil. (T.N.)

¹⁹² The term *peixeira* refers to a large, sharp kitchen knife traditionally used for cleaning and cutting fish in Brazil. Beyond its culinary use, the *peixeira* is also culturally known as a common weapon in street fights and popular literature. (T.N.)

I found a lot of paper on the streets. I earned 20 cruzeiros. I went to the bar to have a cup of coffee with milk. One for me and one for Vera. I spent 11 cruzeiros. I was picking up paper until 11:30. I earned 50 cruzeiros.

...When I was a little girl, my dream was to be a man to defend Brazil because I read the History of Brazil and learned that there was war. I only read male names as defenders of the homeland. So, I said to my mother:

“Ma’am, why can’t you turn me into a man?”

She said:

“If you pass under the rainbow you’ll become a man.”

When the rainbow appeared, I’d run towards it. But the rainbow was always distancing itself. Just like politicians distant from the people. I’d get tired and sit down. Then I’d start to cry. But the people mustn’t get tired. They mustn’t cry. They must fight to improve Brazil so that our children don’t suffer what we’re suffering. I’d go back and say to my mother:

“The rainbow runs away from me.”

...We’re poor, we came to the riverbanks. The riverbanks are the place of trash and marginalized. People from the favela are seen as coming from the wrong side of town. You no longer see crows flying along the riverbanks, near the trash. Unemployed men have replaced the crows.

When I went to pick up paper I encountered a black man. He was so torn and filthy it was pitiful. In his tattered clothes, he could have passed for the director of the union of the miserable. His gaze was an anguished gaze, as if he was looking at the world with disdain. Unworthy of a human being. He was eating some sweets that the factory had thrown into the mud. He wiped off the mud and ate the sweets. He wasn’t drunk, but he staggered as he walked. Tottered. He was dizzy from hunger!

...I encountered him again, near the warehouse and told him:

“You wait here, sir, I’ll sell this paper, and I’ll give you five cruzeiros so you can have a cup of coffee with milk. It’s good to have a cup of coffee in the morning.”

“I don’t want it. You pick up these papers with so much difficulty to support your children, and you must receive crumbs and still want to share it with me. This work you do is fit for a horse, ma’am. I already know what I’m going to do with my life. In a few days I won’t need anything else in this world. I couldn’t live on the farms. The farmers exploited me a lot. I can’t work in the city because everything here needs to be bought, and I can’t find a job because I’m already old. I know I’m going to die because hunger is the worst of infirmities.”

...The man stopped talking abruptly. I followed with my sack of paper on my back.

...There are people who go dancing on Saturdays. I don’t dance. I think it’s silly to spin around here and there. I already spin around enough trying to get money to eat.

I looked for Vera, but I couldn't find her. I shouted, but she didn't show up. I went to the Portuguesa de Desportos¹⁹³. The June festivities¹⁹⁴ are already starting. She wasn't there. I went to the tram stop three times. I was already thinking about going to the Juvenile Court, I was going to spend the money I had set aside for bread. When I arrived at the favela to get the documents so I could go to the city, Vera was looking for me. She told me she was looking for balloons. And that she was tired of running.

June 8th ...Today I made lunch. When there's meat... I feel more excited. But when it's polenta, I already know I'm going to have problems with the children. Beans, rice and pastéis. The boys have been asking for pastéis for a while now. João is on cloud nine. Pastéis are a big deal here at home.

When I say home, I think I'm offending the brick houses. Today the favelados are appreciating the brawlers. They're two brothers. Vicente and João Coque. There, in front of the grocery store, two baianos are fighting, and they're brothers. You wouldn't think they came from the same womb.

...The masonry neighbors look at the favelados with repulsion. I notice their hateful looks because they don't want the favela here. That the favela has distorted the neighborhood. That they're disgusted by poverty. They forget that in death everyone becomes poor.

What I know is that the curse of the favelados works. When we moved to the favela, we'd ask our masonry neighbors for water. The person who used to give us water was D. Ida Cardoso. Three times she gave us water. She told us that she'd only give us water on weekdays. On Sundays she wanted to sleep in later. But the favelados are not dumb. But they were vaccinated with donkey blood. One day they went to get water and couldn't find the tap in the garden, where the favelados got water. A line formed at D. Ida's door. And everyone called out:

"I wanted water to make the baby's bottle. My God, what are we going to do without water?"

We went to other houses, knocked on the door. No one answered. No one showed up to assist us, so they wouldn't hear this:

"Ma'am, can you give us some water?"

I used to carry water from Guaporé Street. From the paper warehouse. Others would bring water from the Service, in water jugs.

¹⁹³ The Associação Portuguesa de Desportos, popularly known as Portuguesa or Lusa, is a Brazilian multi-sport club based in São Paulo. It was founded on August 14, 1920, by members of the Portuguese community in the city, and adopted red and green as its colors, in reference to the flag of Portugal. (T.N.)

¹⁹⁴ June festivities (*Festa Junina*) is a Brazilian popular celebration that takes place in June, in honor of Catholic saints such as Saint Anthony, Saint John, and Saint Peter. It is marked by traditional dances like the *quadrilha*, corn-based foods, bonfires, colorful flags, and rural-style clothing. The festival has European origins, but in Brazil it has been strongly influenced by Northeastern and Indigenous cultures, becoming one of the most vibrant expressions of Brazilian popular culture. (T.N.)

One Tuesday afternoon. D. Ida's mother-in-law was sitting down and said:
 "There could be a flood and destroy the favela and kill these poor bastards. There are times when I revolt against God for having put poor people in the world, who only serve to annoy others."

D. Mulatta's Tina, when she learned that D. Ida's mother-in-law was asking God to send a flood to kill the poor favelados, said:

"She'll be the one who drowns!"

In the flood of 1949, Pedro Cardoso, D. Ida's son, died. When I heard that Pedrinho¹⁹⁵ had drowned, I thought about the disappointment his grandmother felt who asked for water, water, lots of water to kill the favelados, and the water came and killed her grandson. She needs to comprehend that God is sober. He's the advocate of the humble. The poor are God's creatures. And money is a metal created and valued by man. (...) If God had warned D. Ida that she'd lose her son forever because she didn't give us water, I believe she'd still be giving us water today. Pedro paid in sacrifice for his grandmother's pride. And for his mother's cruelty. This is how God rebukes.

June 9th ...I left. When I was picking up paper in front of Bela Vista, I had a feeling I was going to be annoyed. I got sad. When I was passing by Pedro Vicente Street, a man gave Vera a rubber balloon. She was glad and said he was going to heaven.

...When Vera was born, I was left alone here in the favela. No woman came to wash my clothes, look after my children. My children slept dirty. I stayed in bed thinking about my children, afraid that they'd go play on the riverbank. After giving birth, a woman doesn't have the strength to lift an arm. After giving birth, I was in an uncomfortable position. Until God gave me the strength to settle myself.

...I was already lying down when I heard the voices of the children announcing that there was a movie showing on the street. I couldn't believe what I was hearing. I decided to go see it. It was the Health Department. They came to show a movie for the favelados to see how the snail transmits the anemia disease¹⁹⁶. So as not to use the river water. That the larvae develop in the water. (...) Even the water... which instead of assisting us, contaminates us. Not even the air we breathe, it isn't pure, because they throw trash here in the favela.

They ordered the favelados to build urinals.

June 11th ...It's been six months since I last paid the water bill. 25 cruzeiros a month. And speaking of water, what I don't like, and dread is going to fetch water. When women gather at the tap, while they wait their turn to fill the can, they talk about everything and everyone. If a woman is gaining weight, they say

¹⁹⁵ Nickname for Pedro. The diminutive suffix "inho", very common in Portuguese, can have different meanings depending on the context, but in general, it is used affectionately for children or younger people. (T.N.)

¹⁹⁶ Reference to schistosomiasis, a parasitic disease that causes diarrhea and enlargement of the liver and spleen. (E.N.)

she's pregnant. If she's losing weight, they say she has tuberculosis. Here we have D. Binidita who is 82 years old. She started gaining weight...

"It's a child! D. Benidita is pregnant."

"Don't tell me! At that age?"

"This is the end of the world!"

"How far along?"

Six, seven, the date that came to mind. And whenever someone brought baby clothes to D. Binidita, she'd swear and curse. She'd say:

"I'm the mother of the one who's no longer around. How can I have a child? I'm already retired."

When I heard the rumors, I thought: only Saint Elizabeth, mother of Saint John the Baptist, had children at this age.

Every day there's something new here in the favela. When the Portuguesa de Desportos was inaugurated, the Portuguese people who reside nearby went. And D. Isaltina forgot some clothes in the backyard. The next day she couldn't find them. D. Sebastiana told D. Isaltina that the thief was Leila. D. Isaltina called the Radio Motor Patrol. And she questioned Leila with such energy that she ended up discovering the clothes in the excrement pit. They took a stick and removed the clothes. And the police forced Leila to wash them. A City Hall car, that came to bring water, threw water and Leila washed them. She said:

"I wasn't the one who took the clothes. I'm a tramp, but I'm not a thief."

The people of the favela always found time to witness these shows. (...) The judge caught a mentally retarded young woman¹⁹⁷. They said she'd run away with a Japanese man. Today she showed up and said it was a lie.

I went to D. Julita. She gave me coffee, soap and bread. At 1140 Estado Avenue, I got a lot of paper. I received 98 cruzeiros. I was able to buy oil, meat and sugar. I got some bananas, I made a dessert. José Carlos is calmer after he passed the worms, 21 worms.

June 12th I rose from bed at 3 in the morning because once we lose sleep, we start to think about the misery that surrounds us. (...) I rose from bed to write. As I write, I begin to think that I reside in a castle the color of gold that gleams in the sunlight. Whose windows are made of silver and its lights of diamonds. That my view sweeps across the garden and I contemplate flowers of every quality. (...) It's necessary to create this fantasy environment, to forget that I'm in the favela.

I made coffee and went to carry water. I looked at the sky, the Morning star was already in the sky. How horrible it is to step in the mud.

The moments when I'm truly happy are when I'm residing in my imaginary castles.

¹⁹⁷ The original term "débil mental", like the former English equivalent "mentally retarded," was widely used in past decades as a clinical and social descriptor. However, both expressions are now considered outdated and offensive. (T.N.)

...Today, that Valdemar guy attacked Sr. Alexandre with a hoe. The women intervened. I'm amazed that Sr. Alexandre fears Valdemar. Because the tough women of the favela beat Valdemar up with brooms and slippers. But when someone fears him, he prevails.

June 13th ...I got the kids dressed and they went to school. I went to pick up paper. At the Meatpacking Plant I saw a girl eating sausages from the trash.

"You can get a job and straighten out your life."

She asked me if picking up paper makes money. I said yes. She told me she wants a job so she can look pretty. She's 15 years old. It's a time when we think the world is wonderful. It's a time when the rose blooms. Then it falls petal by petal and thorns appear. Some get tired of life, they commit suicide. Others start stealing. (...) I looked at the girl's face. She's got cracks at the corners¹⁹⁸ of her mouth.

...The prices rise like the waves of the sea. Each one stronger. Who fights the waves? Only the sharks. But the most ferocious shark is the rational one. It's the terrestrial one. It's the wholesaler.

Lentils cost 100 cruzeiros per kilo. A fact that made me immensely happy. I danced, sang and jumped. And I thanked the king of judges, that is God. It was in January when the water invaded the warehouses and spoiled the groceries. Serves you right. Instead of selling cheap, they keep waiting for prices to rise: I saw men throwing bags of rice into the river. Cod, cheese, sweets. I was envious of the fish who don't work and are doing well.

Today I'm reading. And I read about the crime of the Congressman of Recife, Nei Maranhão¹⁹⁹. (...) I read the newspaper aloud so the women in the favela could hear it. They were outraged and started to swear at the murderer. And to curse him. I've observed that the curses of the favelados work.

...I praise the good ones and criticize the bad ones. I must reserve gentle words for the workers, for the beggars, who are slaves of misery.

June 14th ...It's raining. I can't go pick up paper. On the day it rains, I'm a beggar. I'm already all rags and dirty. I already wear the uniform of the indigents. And today is Saturday. The favelados are considered beggars. I'll take advantage of the opportunity. Vera won't go out with me because it's raining. (...) I fixed an old umbrella that I found in the trash and went out. I went to the Meatpacking Plant, got some bones. They'll do. I'll make some soup. Since the belly doesn't stay empty, I tried living on air. I started fainting. So, I decided to work, because I don't want to give up on life.

¹⁹⁸ *Boqueira* in Portuguese refers to lesions in the corners of the mouth, known in medicine as angular cheilitis, usually caused by fungal or bacterial infection, vitamin deficiency or dryness. In popular contexts, it can also be associated with the evil eye or envy, and is treated with prayers, charms and blessings. (T.N.)

¹⁹⁹ Reference to the incident that occurred at the Santa Rita pier (Pernambuco), involving congressman Ney Maranhão, who, during an argument, ended up killing a man. (E.N.)

I want to see how I'm going to die. No one should entertain the idea of suicide. But nowadays, those who live until the moment of death are heroes. Because those who aren't strong end up losing heart.

...I saw a lady complain that she only got bones at the Meatpacking Plant and that the bones were clean.

"And I like meat so much."

I got nervous listening to the woman lamenting because it's hard to come into the world and not even be able to eat. From what I observe, God is the king of the wise. He placed men and animals into the world. But it's Nature that feeds animals, because if animals were fed the same as humans, they'd suffer a lot. I think this because when I have nothing to eat, I envy the animals.

...While I was waiting in line to get cookies, I could hear the women lamenting. Another woman complained that she passed by a house and asked for alms. The owner of the house told her to wait (...) The woman continued saying that the owner of the house appeared with a package and gave it to her. She didn't want to open the package in front of her friends, for fear that they'd ask for it. She began to think. Could it be a piece of cheese? Could it be meat? When she got home, the first thing she did was undo the package because curiosity is a woman's friend. When she undid the package, she saw that they were dead rats.

There are people who mock those who beg.

At the cookie factory, the man said he wasn't going to give out any more cookies. But the women remained quiet. And the line kept getting longer. When someone came to buy, he explained:

"Please, sir, excuse the hideous appearance these people make at the factory gate. But unfortunately for me, every Saturday is like this hell."

I was impatient because I wanted to hear what the factory owner was saying. And I wanted to hear what the women were saying. What a sad dilemma for those who witness it. The poor women wanting to get it. And the rich man didn't want to give. He only hands out cookie crumbs. And they leave glad as if they were Queen Elizabeth of England when she received the thirteen million in jewels that President Kubstchek sent her as a birthday present.

The factory owner, seeing that they weren't leaving, ordered them to give the cookies to us. The employee gave them to us and said:

"Whoever gets theirs must leave."

They claim that they aren't in a position to give alms because the price of wheat flour has gone up a lot. But the beggars are already used to getting cookies every Saturday.

I didn't get any cookies, and I went to the street market to pick up greenery. I encountered José Bento's D. Maria, and we started talking about the cost of living.

June 15th ...I went to buy meat, bread and soap. I stopped at the newsstand. I read that a woman and her three children committed suicide

because life had become too difficult for them. (...) The woman who committed suicide didn't have the soul of a favelado, someone who, when hungry, resorts to the trash, picks up greenery at the street markets, begs for alms and goes on living like that (...) Poor woman! Who knows if she's been thinking about eliminating herself for a long time, because mothers feel very sorry for their children. But it's a shame for a nation. For someone to take their own life because they've gone hungry. And the worst thing for a mother is to hear this symphony:

"Mommy, I want bread! Mommy, I'm hungry!"

I think: did she seek out the Brazilian Legion²⁰⁰ or Social Services? She should have gone to the palaces to talk to the big shots.

...The news in the newspaper made me nervous. I spent the day swearing at the politicians, because when I also have nothing to give my children, I almost go crazy.

...Here in the favela there's a soccer team — The Rubro Negro. The shirts are black and red. The founder is Almir Castilho. The team isn't known to the public, but it's already known to the police. Two years ago, the team went to play in Penha and got into a fight with the opposing team and the fight turned into a conflict. With the intervention of the police, the brawlers surrendered. And there was one dead and several injured. There were no arrests. But an investigation was started. Each one had to pay two thousand cruzeiros to the lawyer.

...Today there was a fight. On A Street reside 10 baianos in a shack measuring 3 by 2 and a half meters. Five are brothers. And the other five are sisters. They're burly, with hostile looks. Men who would have been valuable to Lampeão. All ten are pernambucanos²⁰¹. And the ten of them fought with a paraibano²⁰². (...) When the pernambucanos advanced on the paraibano, the women embraced the paraibano and took him inside the shack and closed the door. The pernambucanos kept saying that they'd kill and chop up the paraibano. They wanted to invade the shack. They were furious like dogs when someone takes their bitch away.

...She had six children: 3 with Manolo, and three with others. She had a boy who could have been 4 years old. But one day they got drunk, and they quarreled and fought inside the house. The fight was tremendous. The shack was oscillating. And the pans were falling with a loud noise. In the chaos, the boy fell to the floor and they stepped on him. A few days later, they realized that the boy's body was completely broken. They took him to the University Hospital. They put the boy in a cast. But the bones didn't set. The boy died.

Now she has two girls. One is two years old, and the other is a newborn. Her current companion drinks and they fight. And sometimes they roll on the floor. When I see these scenes, I keep thinking about the boy who died.

²⁰⁰ Legião Brasileira de Assistência (LBA) [The Brazilian Assistance Legion] was a public organization that provided social assistance services in Brazil. It was founded in 1942 by Darcy Vargas, the first lady at the time. (T.N.)

²⁰¹ Born or resident of Pernambuco, a state in northeastern Brazil. (T.N.)

²⁰² Born or resident of Paraíba, a state in northeastern Brazil. (T.N.)

...There was a soldier who would show up here. He'd try to please me. And I'd run away from him. I made the mistake of telling Leila that I thought the soldier was very handsome, but I didn't want anything to do with him because he drinks pinga. And one day he came to talk to me, smelling of pinga. One night he showed up and asked me:

"So, D. Carolina, have you been saying that I drink pinga, ma'am?"

I immediately remembered Leila, because I had only said it to her. I replied:

"I think you're handsome, sir, but I'm afraid that you'll drink pinga."

...I noticed that the soldier didn't appreciate my observations.

"Do you know that German soldiers aren't allowed to drink, sir?"

The soldier looked at me and said:

"Thank God, I'm Brazilian!"

June 16th ...José Carlos is feeling better. I gave him a garlic cleanse and mint tea. I mocked the woman's medicine, but I was forced to give it to him because currently we manage as best we can. Due to the cost of living, we have to go back to primitiveness. Washing in tubs, cooking with firewood.

...I wrote plays and presented them to circus directors. They'd answer me:

"It's a shame you're black."

They forget that I love my black skin and my rustic hair. I even think Negro people's hair is more well-mannered than white people's hair. Because a black person's hair stays where it's placed. It's obedient. And a white person's hair, just by moving their head, moves out of place. It's unruly. If reincarnation exists, I want to always come back black.

...One day, a white man told me:

"If black people had come into the world after white people, then white people could rightly protest. But neither white people nor black people know their origins."

The whites are the ones who say they're superior. But what superiority does the white present? If the Negro drinks pinga, the white also drinks. The infirmity that affects the Negro also affects the white. If white people feel hungry, black people feel it too. Nature doesn't select anyone.

June 17th I spent the night like this: I'd wake up and write. Then I'd fall asleep again. At 5 in the morning Vera started vomiting. I gave her a sedative, and she fell asleep. When the rain stopped, I took the opportunity to go out. I picked up one sack of paper. (...) I only received 12 cruzeiros. I picked some tomatoes and some garlic and came home running because Vera is sick. When I arrived, she was sleeping. The noise I made woke her up. She said she was hungry. I went to buy milk and made porridge for her. She ate it and vomited a worm. Then she got up and walked a little and lay back down again.

...I went to Sr. Manuel to sell some scrap metal to get some money. I'm nervous, afraid that Vera will get worse, because I don't have enough money to pay for the doctor. (...) Today I'm praying and asking God for Vera to get better.

June 18th Today it dawned raining. Vera vomited two worms yesterday. She has a fever. There won't be classes today, in honor of the Prince of Japan²⁰³.

June 19th ...Vera is still sick. She told me that it was the garlic cleanse I gave her that made her sick. But here in the favela several children are suffering from worms.

José Carlos doesn't want to go to school because it's cold and he doesn't have shoes. But today is exam day, so he went. I was afraid, because the cold is freezing. But what can I do?

I went out and picked up paper. I went to D. Julita's, she was at the street market. I stopped at the shoe store to get the paper. The sack was heavy. I was supposed to carry the paper on two trips. But I carried it all at once because I wanted to get home, because Vera was sick and alone.

June 20th ...I gave milk to Vera. What I know is that milk is an extra expense and is damaging my tiny meager budget. I lay Vera down and left. I was so nervous! I think if I was on a battlefield, no one would be left alive. I thought about the clothes to wash. About Vera. What if her illness gets worse? I can't count on her father. He doesn't know Vera. And Vera doesn't know him either.

Everything in my life is otherworldly. Father doesn't know son, son doesn't know father.

...There was no paper on the streets. And I wanted to buy a pair of shoes for Vera. (...) I kept picking up paper. I earned 41 cruzeiros. I kept thinking about Vera, who would shout and cry, because when she has nothing to wear on her feet, she laments that she doesn't like being poor. I think: if misery outrages even children...

June 21st ...I dressed José Carlos to go to school. When I was on the street, I started to get nervous. Every day is the same struggle. Walking around like a wandering Jew in search of money, and the money you earn isn't enough. I passed by the Meatpacking Plant and got some bones. When I left, Vera advised me that I should bring the shoes. I left João playing with her, because there are no classes for the second grade today. I walked through several streets and there was no paper. When I earned 30 cruzeiros, I thought: that's enough to pay for Vera's shoes. But it was Saturday, and I needed to get money for Sunday. And Vera was already idealizing the Sunday menu. On Tiradentes Avenue I got some tinplates and went to sell them at Sr. Salvador Zanutti's warehouse, on Voluntarios da Patria Street. I was at odds with him. But he didn't do me any

²⁰³ This refers to Prince Mikasa, younger brother of the then Emperor Hirohito, who visited the country on the occasion of the 50th anniversary of Japanese immigration in Brazil. (E.N.)

harm. He even lent me money when I was sick. When I got sick, I even felt like committing suicide due to lack of resources.

...Sr. Salvador asked me why I disappeared from there. I was bashful because of his kind welcome (...) He gave me 31 cruzeiros. I was cheerful. I ran out. I was going to buy shoes for Vera. I remembered that I had left the sack in the warehouse. But the traffic was blocked. I managed to cross to get the sack. He said to me:

“You ran out and forgot your sack.”

I picked up some more paper and received 10 cruzeiros. I ended up with 71 cruzeiros. I used 30 for shoes, I was left with 41. And it wouldn't be enough to buy coffee, bread, sugar and rice and shortening. I thought about the bones. I was going to make a soup. I have some rice, some noodles. I mix everything together and make a soup. And if Vera wants to eat, she'll eat, if she doesn't want to, then she can just deal with it. These days aren't for being picky or feeling disgusted. I got home to see Vera. She was playing. I thought: She's already better.

She was scratching herself and her skin was irritated. I think it was the garlic tea I gave her. I swore never to give her medicine recommended by hospital washerwomen again. I showed her the shoes, she was cheerful. She smiled and said to me: that she's pleased with me and that she won't buy a white mother. That I'm not a liar. That I said I was going to buy the shoes, and I did. That I keep my word.

...I was so tired. I wanted to go out and make some more money. But tiredness got the better of me. I heard the children shouting that someone was giving out cards. I ran like an arrow. The tiredness disappeared. I encountered João who was already coming and waving a card in his hand. Everyone was smiling as if they'd won a prize. I read the card. It was to go and get *a prize and a surprise for your child at 771 Javaés Street*.

June 22nd I rose from bed at 5 o'clock, getting the children ready to go to the party on Javaés Street (...) I gave Vera some food. João didn't want my food. He said:

“I'm going to eat there at the party. The food there must be better than yours, ma'am.”

He doesn't like parties. But if he knows there's going to be food, he's the first to insist and makes sure to carry a bag. (...) I stopped by D. Julita to tell her that we were going to a party. I thought: it must be a banquet because when Saint Louis King of France invited people to eat, he prepared a banquet. I took the tram. I didn't have enough money. I got there at 2 o'clock. The line was huge. There could have been about 3 thousand people. When they came to invite us, the favelados were glad. Those who didn't get a card cried and said they were unlucky. I realized that people from the favela like to receive alms. They put some boards on the sidewalk and covered them with newspapers and put the bread on top. I heard a woman say:

“It isn't bad to be poor.”

Everyone wore humble clothing. Some wore shoes, others were barefoot. A tall, fat black man appeared, as if he was descended from an elephant. He spoke for everyone to hear.

“I’m not a congressman. I’m simply a friend of the humble people.”

I began to write what I observed in that agglomeration. Sr. Zuza saw me writing. Because I’m tall and I was all dressed in red. I went to talk to him. I asked him:

“Who are you, sir?”

“Oh my! I’m Zuza! You never heard of Zuza, ma’am? Well, Zuza is me!”

“What’s the purpose of this party, sir?”

“I’m throwing this party for the people.”

“I’m going to put you in the newspaper, sir.”

“You can put me wherever you want...”

I didn't like this Zuza guy. There's something missing in that man for him to be a complete man. Noticing the impatience of the people, he said:

“Hold on! Are you guys starving to death or something?”

I saw a pregnant woman faint. Zuza gave some bread to the women and told them to raise the bread in the air so they could be photographed. CMTC²⁰⁴ cars and buses had difficulty traveling along the street due to children crossing the street from one side to the other. At any moment I expected someone to get run over. Some complained:

“If I knew it was just bread, I wouldn't have come.”

Sr. Zuza ordered two country musicians to play, and a clown appeared. What a boring party.

It was Sunday and the people were astonished when they saw the indigents overcrowding the Bom Retiro bus. We were lucky. We traveled with a fare collector who accepted the amount we gave. Some gave 1 cruzeiro, others only gave a pass. There was a woman with children who came from Santos²⁰⁵ and she only got a loaf of bread and a bag of candy and a school ruler that had *A Gift from State Representative Paulo Teixeira de Camargo* written on it.

There were women who spent twenty cruzeiros on transportation. And they didn't get anything. Where the line was, it was cold because it was in the shade. I left the line and went to the other side. Because I unconsciously flattered Sr. Zuza, he gave me several loaves of bread. I counted to six. Then I stopped and asked God for him not to give me any more bread. I heard several women cursing him. We were lucky coming back. It was the same driver. I was coming back with five children, and I, six. So, I was forced to implore the driver to let us come back for three cruzeiros. It was the only money I had. Vera's feet got swollen from walking so much. When I arrived at the favela, I saw women cursing

²⁰⁴ Municipal Public Transport Company. (E.N.)

²⁰⁵ Santos is a city on the coast of São Paulo. (T.N.)

Zuza. The women who were with children didn't get bread, because they wouldn't enter among the people who said:

"Let's get some bread so we don't waste the trip."

I encountered Sr. Alexandre fighting with Vicente over a meter stick he lent him.

It was 6 o'clock when a car appeared. It was a man who had gotten married and came to give us the leftover sandwiches. I got some. Then the favelados invaded the car. The men left and said they were going to throw the sandwiches in the trash because people from the favela are stupid and quadrupeds who are in need of horseshoes.

June 23rd ...I stopped by the butcher's to buy half a kilo of meat for steak. The prices were 24 and 28. I was nervous about the difference in prices. The butcher explained to me that the fillet is more expensive. I thought about the misfortune of the cow, man's slave. Who spends its existence in the fields, feeding on vegetation, it likes salt, but man doesn't give it any because it's expensive. After death it's divided. Priced and selected. And it dies when the man wants. In life it gives money to the man. And in death, it enriches man. Finally, the world is as the white man wants it. I'm not white, I have nothing to do with all this disorganization.

...When I arrived at the favela the boys were playing. I asked them if anyone had fought with them. They told me that only the baiana. A neighbor who has 3 children. And that Leila had a fight with Arnaldo and wanted to throw her newborn daughter into the Tietê River. And they fought until they reached Porto Street. And Leila threw the child on the ground. The child is two months old. (...) The women wanted to call the police to take the girl to Juvenile Court. I was tired, I lay down. I didn't even have the courage to change my clothes.

June 24th When I arrived at the favela, I encountered Vera who was on the street. She already knows how to tell everything she witnessed. She told me that the police had come to inform that Paredão's mother had died.

She was very nice. It's just that she drank a lot.

...I was making lunch when Vera came to tell me that there was a fight in the favela. I went to see. It was Maria Mathias who was putting on her hysterical show. A show of the critical age. Only women and doctors will understand what I said.

...Every year, the favelados make bonfires. But instead of getting firewood, they steal from each other. They go into the backyards and take the wood from other favelados. (...) I had a rafter, they took it to burn. I don't know why favelados are so harmful. In addition to them not having any qualities, bad elements also appear and mix with them. The ones who come to disturb are Chico, Bom-Bril and Valdemar. Valdemar gets up in the morning and comes to the favela.

Why doesn't this man go to work? He doesn't like me. (...) I liked his mother immensely. But D. Aparecida told me that it was us, the favelados, who distorted

her son. But some of the men in the favela go to work. The others, when they don't work, stay in the favela. Nobody calls Valdemar here. It's just that he was born with an inferior spirit. (...) If only we could always praise people in our writing! If I write that Valdemar is a good element, when someone meets him, they won't confirm what I wrote.

...I sat around the bonfire. Joaquim and his wife Pitita fought. Poor Joaquim. He showed tolerance so as not to break up the household.

June 25th I made coffee and dressed them for school. I put beans on the stove. I dressed Vera and we left. João was playing. When he saw me, he ran. And José Carlos was startled when he heard my voice. I saw a van from the State Government. The Health Service that came to collect the feces. The newspaper said that there were 160 positive cases here in the favela. Will they give out medicine? Most of the favelados won't be able to afford it. I didn't get the exam done. I went to pick up paper. (...) I only earned 25 cruzeiros. It's just that now there's a man who picks up paper in my area. But I don't fight over that. Because in a few days, he'll give up. The man is already saying that what he earns isn't even enough for pinga. That it's better to beg for alms.

...I passed by the factory (...) and picked some tomatoes. When the manager sees it, he rebukes us. But poor people should pretend not to hear. When I arrived at the favela, I made a salad for the children.

I heard the children saying that someone was fighting. I went to see. It was Nair and Meiry. Nair is white. Meiry is black. Meiry has been promising for a while that she'll hit Nair. Meiry is feared because she carries a Gillette²⁰⁶. And she went to hit Nair and got a beating. Nair tore her clothes, leaving her naked.

What a loud, hearty laugh! What a truly delightful show for the favelados who deeply appreciate everything that is pornographic! The children smile and clap their hands as if they were applauding. Then the children divide themselves into groups and keep commenting:

"I saw it."

"I didn't see it."

"I wanted to see it."

Currently, children are no longer shocked when they see a naked woman. They're used to it. Children think that women's bodies are the same. The difference is the color. My children come to me and ask me why a woman's body has this or that. I pretend not to comprehend these uncomfortable questions. They say:

"Mommy is silly. She doesn't comprehend anything."

²⁰⁶ In Brazil, gillette [gilete] is also used as a generic name for a razor. Thus, Carolina uses it with a general meaning of razor, not necessarily the Gillette brand. As she differentiates it from a straight razor, we chose to leave Gillette. (T.N.)

June 26th ...I heard rumors that the inspectors came to demand that the favelados vacate the State land where they built shacks without authorization. Several people who had shacks here in the favela moved to the State land, because there's no mud there when it rains. They said they're going to build a playground. What I find weird is that there were masonry structures on the land. And it was expropriated. And now the likes of Joe Schmoes are building shacks.

June 27th Today Leila is drunk. And I keep thinking how a woman with two daughters of tender age can get drunk to the point of losing consciousness. Two men came to bring her in their arms. What if she rolls over on the bed and crushes the newborn?

...What I find interesting is that when someone goes into a bar or emporium, someone immediately appears and offers pinga. Why not offer a kilo of rice, beans, sweets etc.?

...There are people here in the favela who say that I think I'm all that just because I don't drink pinga. I'm alone. I have three children. If I become addicted to alcohol, my children won't respect me. By writing this, I'm making a foolish mistake. I don't have to answer to anyone. In conclusion, I don't drink because I don't like it, and that's that. I'd rather spend my money on books than on alcohol. If you think I'm acting correctly, I ask you to say:

"Well done, Carolina!"

June 28th ...Tonight there will be a race here in the favela. The race is promoted by Rubro Negro. Like the São Silvestre²⁰⁷ race. They bought pinga to make quentão²⁰⁸. Quentão for the adults and sweet potatoes for the children. They made a bonfire. They put 4 lights in the square. I'm waiting for the race to see who will win. The prize for first place is a medal, and a bottle of wine and sweets for the second. And for the last place, rotten eggs and a candle. The route is from the favela to the Pari church. The only one who is drunk is Valdemar. There's decency in the favela.

...There are many children in the favela. The children are always greater in number. One couple has 8 children, another has 6, and so on.

...Sr. Alfredo threw a dance. He's playing a record player. Only the northerners dance because the paulistas²⁰⁹ are bored of listening and dancing to

²⁰⁷ The São Silvestre International Race, created in 1925, is a street race held annually in the city of São Paulo on December 31, São Silvestre [Saint Sylvester] Day. The race, the most famous and traditional in Brazil and South America, currently has a 15 km route through the center of São Paulo. (T.N.)

²⁰⁸ *Quentão* is a hot drink traditionally served during the June festivities (Festas Juninas) in Brazil. It can be prepared with red wine or *cachaça* and is related to the cold nights during the period in which these festivities take place. (T.N.)

²⁰⁹ Born or resident of São Paulo (T.N.)

the *Pisa na fulô*²¹⁰. I took advantage of the fact that people were dancing to fetch some water. I tidied up the kitchen and went to the bonfire.

When it was 10 minutes to nine, the race began. While I waited for the runners to return, I walked around. D. Ida Cardoso made a bonfire. I said that they don't make bonfires in the city center. A lady told me that in the city the bonfire is different. The runners returned. The first place goes to Joaquim. When it was time to award the third-place winner, Armim, who was the judge, encountered difficulties because there were two men who claimed to have come in first place. And the women came in as judges. And they flared up so much that Armim ended up awarding those designated by the ill-tempered women, who always prevail. They served quentão and wine. I drank two cups. I felt cheerful. I danced with Sr. Binidito. And with Armin. When I realized that the alcohol was clouding my senses I went to lie down. Before lying down, I gave João a spanking because he's been acting up.

I forgot to mention that when I was stoking the fire, the women started saying that they had seen Zuza's picture in the newspaper. And they were cheerful. I realized that Sr. Zuza, with the party he threw for the people, instead of attracting friends, attracted enemies. Here's what was written in the newspaper on June 26, 1958:

"ZUZA, THE SPIRITUAL LEADER²¹¹, BEHIND BARS

'Zuza' has been behind bars since yesterday, because he, whose real name is José Onofre and who has a really imposing appearance, maintained an Umbanda²¹² tent in Bom Retiro, the Tenda Pae Miguel Xangô, for extraordinary profits. He is also the director of a chair industry suspected of irregularities at the Vice Squad²¹³. 'Zuza' (photo) was caught red-handed and charged."

²¹⁰ "Pisa na Fulô" is the name of a traditional northeastern song, composed by João do Vale. It is also a typical dance at June Festivities [Festas Juninas], when people shout "pisa na fulô! [step on the flower]"; the couples take quick and happy steps to the beat of the music. (T.N.)

²¹¹ In the original, "pai de santo," also known as Babalorixá or Babaloxá, is a "religious priest" in Afro-Brazilian religions, such as *Candomblé* and *Umbanda*. He is a male spiritual leader who occupies a position of authority, being responsible for conducting rituals and offering advice to his followers. (T.N.)

²¹² Umbanda is a Brazilian religion of African origin that was institutionalized in the early 20th century in Rio de Janeiro, combining elements of Spiritism, Catholicism and indigenous peoples, with a focus on charity and harmony between the physical and spiritual planes. Umbanda is a system of beliefs that seeks spiritual evolution and individual and collective well-being. (T.N.)

²¹³ The *delegacia de costumes* was a police unit responsible for monitoring behaviors deemed "immoral" by state norms — such as prostitution, gambling, bars, nightclubs, and other activities categorized at the time as violations of "public morals." We chose to translate the term as vice squad because, in the U.S. context, this unit performs a comparable function: it handles offenses related to "vice" (prostitution, illegal gambling, public morality regulations). Although the legal systems are not identical, the term vice squad provides the closest institutional and semantic idea. (T.N.)

I told Zuza that he was going to be in the newspaper. I heard a man saying that Zuza was a scoundrel. But it was the curses of the mothers who spent money and got nothing that clung like birdlime.

June 29th ...At church I got two kilos of noodles, candy and crackers. I bought 3 sandwiches for the children. When I was returning to the favela I encountered Sr. Aldo. When I arrived at the favela they were organizing a race just for women. There is a dance on "A" Street. After the favela became overcrowded with northerners, there's more scheming. More controversy and more distractions. The favela got hot like pepper. I stayed out until nine o'clock to pay attention to the movements of the favela. To see how people act at night. I was about to leave when Florenciana and Binidito appeared. Florenciana, the scrounger. She was complaining that her daughter Vilma hadn't gotten anything. And she had participated in the race, she needed a medal. The one who came in first place was Iracema. Florenciana is black. But she's so different from black people because she's very ambitious. Everything she does is for profit. I believe that if she owned a slaughterhouse, she'd eat the horns and hooves of the oxen.

...What discontentment in the women's race. All the women wanted to make the rankings. I just watch. I don't interfere because I don't like controversy. (...) D. Rosa, who rents out shacks here in the favela, bleeds people dry. She came to tell Sr. Francisco to get her four thousand cruzeiros, as she has the installments of the lands.

"And what about the money I already gave, can't it be included in the sale of the shack?"

"No. It can't. This money will be used to pay the rent."

This was D. Rosa's response to Sr. Francisco. Poor Sr. Francisco. He's sick in the Social Security²¹⁴ and pays 700.00 per month in rent and 100.00 in electricity. He provides for 4 people.

I'm going to lie down. I think it's already 1 in the morning. When I was going to lie down, I heard some rumors that on A Street, the baianos were fighting. I went to see. It's just that Sérgio had thrown a dance. And the northerners had thrown another one. And they were dancing with the door closed. And Chó's wife went to dance at the northerners' dance. But she only danced with the pretty ones. And a pernambucano invited her to dance with him. She didn't want to dance. She looked at the pernambucano thoroughly and didn't want to dance with him. When the Pernambucano saw that he was being overlooked, he became furious. He snatched the peixeira from his belt and came at Chó's wife. The only

²¹⁴ In the original, "Caixa de Aposentadoria" referred to a form of social security created at the beginning of the 20th century and regulated in the following decades. These funds functioned as corporate social protection systems, often organized by company or professional sector, before the unification of Brazilian social security in 1966, with the creation of the National Institute of Social Security (INPS). These Funds offered benefits such as retirement, pensions, sickness benefits and even medical assistance to their policyholders. (T.N.)

thing I see running fast are mice and rabbits. And lightning. But when Chó's wife saw the peixeira coming towards her, she overcame the lightning. The people snatched the peixeira from him. The pernambucano ran away, sniffing and shouting:

"Today I'll kill, today the blood will run in the favela."

He came running to B Street and pulled a stick from Sr. Antonio Venancio's fence and went back to A Street. He arrived at Chó's house and shouted:

"Get out here! Get out here, you cheap whore!"

There was utter chaos. The northerners were talking and I didn't understand anything. If they're like that in the North, the North must be horrible.

And in that chaos, Chó's wife disappeared like smoke.

Another thing I observed today — Saint Peter's night. What I observed in the favela, and it's not right is this: there's a soldier known as Taubaté. He's the favorite of some women here in the favela. He spends his nights here. The soldier is turbulent. It would be good if the lieutenant removed this soldier from the favela. To him, everything calls for a bullet. He's already wounded two people from the favela.

...On B street, at the house of the late Sr. Sebastião Gonçalves, they made a bonfire. I couldn't sleep because I can't drink alcohol. And I drank quentão. R.P. 44²¹⁵ appeared. I followed the guards. As I've already explained, the northerners talked so much that no one comprehended them. (...) The guards left. And I left A Street and went to B Street. I sat down by the bonfire. Everyone was talking. The conversation didn't interest me, but I stayed. They were talking about the fights. About the soccer game in Switzerland²¹⁶. And about the man's intention to go to the moon. Some said that man would go. Others said that he wouldn't. And when I heard that he would, he wouldn't, I was already thinking about a fight, because here in the favela everything starts out well and ends in fights.

I waited for the Portuguesa de Desportos to set off the fireworks, because if I lay down earlier, I'd have to wake up to the fireworks. A lady who was stoking the fire told me that Black Angelina hit her eight-year-old son Argemiro and doesn't want him to pass by A Street to fetch water.

June 30th I made coffee and went to fetch water. I heard a scream and went to see what it was. It was Odete fighting with her companion. She said:

"D. Carolina, go call the police!"

I advised her to hold still:

"Odete, you're pregnant!"

They were all tangled up fighting. I've been in the favela for 11 years and I'm disgusted to witness these scenes. Odete was half-naked with her breasts exposed.

²¹⁵ Radio Motor Patrol (E.N.)

²¹⁶ In fact, the 1958 World Cup, which Brazil eventually won, was held in Sweden. Switzerland hosted the 1954 World Cup. (E.N.)

They fight without knowing why they're fighting. The neighbors told me that Odete threw boiling water in her companion's face.

...Today several men didn't go to work. It's a Monday thing. It seems like they're already tired of working.

July 1st ...I realize that if this Diary is published it'll upset a lot of people. There are people who, when they see me passing by, leave the window or close the doors. These gestures don't offend me. I even like it because I don't have to stop to talk. (...) When I passed by the factory I saw a lot of tomatoes. I was going to pick them up when I saw the manager. I didn't get any closer because he doesn't like people picking them up. When they unload the trucks, the tomatoes fall to the ground, and when the trucks drive off, they crush them. But that's how humanity is. They'd rather see things go to waste than let their peers make use of them. When he left, I went to get some tomatoes. Then I went to pick up more papers. I encountered Sansão. The mailman. He hadn't cut his hair yet. His eyes were red. I thought: had he been crying? Either he feels like smoking or he's hungry! Such common things here in Brazil. I stared at his faded uniform. Sr. Kubstchek, who appreciates pomp, should give other uniforms to the mailmen. He looks at me with my sack of paper. I realized he trusts me. People without support, like the mailman, when they find someone who feels heartbroken for them, their spirits are lifted.

I don't like Kubstchek. The man who has a weird name that people know how to say but don't know how to write.

...The baiano, D. Zefa's husband, is my neighbor and he came to complain that José Carlos bothers him. What I know is that with so many baianos in the favela, the veteran favelados are moving away. They want to feel superior through force. To get rid of them, the favelados make a sacrifice and buy a piece of land and set off. I told him:

"Your children also bother me. They open my drawers and take whatever they find."

"I didn't know that."

And he wouldn't have known because I don't complain about children. Because I like children.

...Here resides a northerner who is a seamstress. I liked her a lot. I favored her in any way I could. One day my son José Carlos was playing near her house, and she threw water at him. The other day a truck came to dump rotten pineapple here in the favela and I asked her why she had thrown water on my son.

"I threw it cold. But if he bothers me again, I want to throw hot water with caustic soda on him so he can't see anymore and doesn't bother anyone else."

My sympathy for D. Chiquinha faded. (...) The next day D. Chiquinha came to ask if I wanted to fight with her so that she'd go get the peixeira. I didn't pay attention to her.

July 3rd I was writing when I heard my neighbor Antonio Nascimento scolding my son José Carlos. He goes around saying he's going to hit the boy. If it was a fair rebuke, but he's just being petty. Where have you ever seen a 48-year-old man challenge a 9-year-old child to a fight? But Antonio Nascimento was born with his ideas upside down.

...Dirce's daughter died. They were twins. Currently, she's been having twin births. Last year, the twins died. The boy one day, and the girl the next. And now another one perished.

When someone dies here in the favela, the scoundrels go out into the streets begging for alms to bury the deceased. They pocket the money and spend it on drinks.

The favelados are commenting on the players' return.

July 4th ...When I was passing by Eduardo Chaves Street, a lady called me and gave me some aluminum pans, papers and a kilo of roast meat with potatoes. I believe she gave me the meat because of Vera, who told her that she'd like to take her crib to the Market and live there. Because there are many good things to eat there. That she likes meat and wants to marry the butcher. I've already noticed that my daughter is outraged. She can't stand living in the favela.

...One day a black woman, who said her name was Vitoria, appeared here in the favela. She came with a boy named Cezar. The black woman told me that she was D. Mara's maid, who dances at the Oasis Nightclub on 7 de Abril Street. For me to lend her a poetry notebook and go look for her on São João Avenue. The black woman told me she was studying music at the Conservatory of Drama and Music. The one who mentioned my shack to the black woman was Florenciana. She gave me this address: 190 São João Avenue, 82nd floor, apartment 23. What worried me was that the building had 82 floors. I haven't read that São Paulo has such a tall building. Then I thought: I don't leave the storage room, how could I know about what goes on in the living room? With Florenciana's insistence, I lent it.

When I went to the city to look for the number 190, I couldn't find it. I went to Oasis Nightclub to look for D. Mara to find out how I could locate her nasty maid. I was informed that D. Mara frequents the nightclub and that she arrives at 1 in the morning. I left a letter for D. Mara and received no response. But the day I find that Vitória girl, she's going to get a beating.

...I soaped the clothes. Then I went to finish washing them in the lagoon. The State Health Service said that the lagoon water transmits snail diseases. They came to reveal to us what we ignored. But it doesn't solve the water shortage.

...D. Alice is sad because she rented D. Rosa's shack. And she wants to sell the shack. She wants 4,000.00. And her husband has the money. And D. Rosa doesn't greet him. (...) I've never seen a person so ambitious. If it was just ambition, but envy is her shadow. When I got my red skirt, she was furious. She said:

"I'm the only one who doesn't get anything!"

Now she's building another shack and is renting out the other one where she resided. That's where Sr. Francisco resides.

When my children were younger, I'd leave them locked up and go out to pick up paper. One day I came home and found João crying. He said to me:

"You know what, Mommy, D. Rosa threw shit in my face."

I lit the fire, heated water and washed the children. I was horrified by D. Rosa's cruelty. She knows it's not allowed to rent out shacks here in the favela. But she does. She's the worst landlady I've ever seen in my life. Why is it that the poor have no pity for the other poor?

July 5th ...Friar Luiz visited us today with his chapel car. He told us that he's going to teach catechism to the children so that they can make their First Communion. And on Saturdays he'll come to teach us biblical passages.

July 6th I woke up at 4:30 a.m. with Neide's cough. I realized that her cough wasn't going to let me sleep. I got up and gave her some syrup because I felt sorry for her. She's an orphan on her father's side. When her father was sick, her mother left them. There are three daughters. (...) Neide's mother is soulless. She didn't even prove useful when it came to caring for her ill husband and raising her daughters, who were left in the care of their grandparents.

...I heated the rice and the fish and gave them to the children. Then I went to pick up firewood. It seems I came into this world destined to pick up. The only thing I don't pick up is happiness.

...I hung out the clothes to bleach. Next to me was the northerner's wife who was sleeping with Chó's wife. She was nervous and talked so much. It seems she has an electric tongue. She sounded like Carlos Lacerda when he talked about Getúlio. She said that she was the one who washed Chó's wife's clothes. And her husband was the one who gave her money to pay for it.

...It's 5:30. Friar Luiz is arriving to show the movie here in the favela. They've already put up the screen and the favelados are there.

The people living in masonry houses who reside near the favela say that they don't know how people of culture pay attention to the people from the favela.

The children of the favela shouted when the movie began, representing passages from the Bible. The birth of Christ. The chapel car arrived with Friar Luiz. A vicar who is helpful to the favelados. (...) When a picture was shown, the Friar explained. When the Three Magi were screened, the Friar explained that the name Magi is because they read people's fortunes in the stars. And if anyone knew the name of the Three Magi. That one of them was very well known and his name was Balthazar.

“And the other Pelé,²¹⁷” a kid replied.

Everyone laughed. The truck with the players arrived just as the priest was praying. I decided to join the choir. My children got home from the movie, and I went to give them dinner. Vera was glad and was telling about José Carlos' mischief. João lost the 11 cruzeiros I gave him to go to the Rialto²¹⁸. He had the money in his wallet, and he went with the kids from the favela. And some of them already know how to pick pockets.

July 7th ...I went to D. Juana's, she gave me bread. I passed by the factory to see if they had tomatoes. There was a lot of firewood. I was going to get some pieces when I heard a black man telling me not to touch the firewood because he was going to hit me. I told him to hit me, that I wasn't afraid. He was putting the firewood in the truck. He looked at me with disdain and said:

“Maloqueira²¹⁹!”

“Exactly because I'm from a maloca that you shouldn't mess with me. I'm used to everything. Stealing, fighting and drinking. I spend 15 days at home and 15 days in prison. I've already been sentenced in Santos.” He made a move to attack me, and I told him:

“I'm from the Canindé favela. I know how to cut with a Gillette and a razor and I'm learning how to use a peixeira. A guy from the northeast is giving me lessons. If you're going to hit me, come on.”

I started feeling my pockets.

“Where's my razor? You're only keeping one ear today, sir. When I drink pinga I get a little crazy. In the favela it's like that, everything that comes by we beat up and steal the money and anything that's in their pockets.”

The black man stayed silent. I left. When someone insults us, all we have to do is say that we're from the favela and that's it. They leave us alone. I realized that we, the ones from the favela, are feared. I challenged the black man because I knew he wouldn't come. I don't like fights.

...When I was coming back, I encountered Nelson from Vila Guilherme. He said something I didn't like. I pretended I didn't comprehend what he was saying.

“But you're so intelligent and you don't comprehend why I'm after you?”

When I arrived at the favela, my children weren't there. I shouted. No one showed up. I went to Sr. Eduardo's and bought half a liter of oil and 16.00 worth of sausage. I found the money that João had received when he sold the scrap iron. 46 plus 20 equals 66. When I was coming back, I was looking at the men from the favela. Most of them don't work on Mondays. (...) I went to Sr. Manuel's to sell scrap metal that I found on the streets and to see if I'd see my children. When I was arriving at Sr. Manoel's, I saw João returning. He told me that he had

²¹⁷ The joke is justified: Baltazar was the nickname of the Corinthians center forward, and Pelé, still at the beginning of his career at Santos, was already standing out as a great player. (E.N.)

²¹⁸ Movie Theater (T.N.)

²¹⁹ A person who lives in a *maloca*, here used as a synonym for *favelado*. (T.N.)

picked up some cans and earned 4.00. I asked him about Vera. He told me that he had left her at home. And that she was with José Carlos.

When I was returning, I heard Vera's voice. She was saying:

“José Carlos, look, it's mommy!”

She came running towards me. She said that she and José Carlos had gone to beg for alms. He had the sack on his back. I was walking ahead and told him that what he really should be doing was his homework. I needed to go to the city.

While I was getting dressed, I could hear Durvalino arguing with a drunk I had never seen around here. The women started to appear. They never miss on this kind of scene. They spend hours and hours contemplating. They don't remember anything, if they left a pan on the stove. The fight is as important to them as the bullfights in Madrid are to the Spanish. I saw Durvalino attacking the drunk and trying to strangle him. The drunk didn't have the strength to react. Armin and others removed Durvalino's hands from the drunk's neck and took him to the other side of the river. And Durvalino kept commenting on his deed.

...I went to replace my voter registration card. When I arrived at Seminario Street, I went to get my picture taken at Foto Lara. 60.00. While I waited for the photos I talked to the people there. They were all pleasant. I received the photos and went to the line. I talked with a lady whose husband is an employee at the City Hall. And she wanted to know who I was going to vote for. I told her that I was going to vote for Dr. Adhemar. (...) I left the court and took the tram. When I got off at the final stop I went to the butcher's to buy ground beef. I stopped at COAP²²⁰ and bought half a kilo of rice. I asked the newspaper vendor if she had a voter registration card. I thought about my children, who must be hungry. (...) Vera started to ask for food. I heated it up and gave it to her. João had dinner and so did José Carlos. They told me that D. Aparecida's brother-in-law had arrived at the medical assistance²²¹. That he had been run over. That he was in a cast.

When I go to the city, I have the impression that I'm in paradise. I think it's sublime to see those women and children so well dressed. So different from the favela. The houses with their flowerpots and varied colors. Those landscapes will delight the eyes of visitors of São Paulo, who overlook that the most famous city in South America is ill. With its ulcers. The favelas.

July 8th I was feeling indisposed, so I lay down early. I woke up to the racket in the street. I couldn't comprehend what they were saying because everyone was talking at the same time and there were so many voices all at once. Voices of all kinds. I wanted to get up and ask them to let the people sleep. But I

²²⁰ Supply and Prices Commission, a government agency that distributed products at below-market prices. (E.N.)

²²¹ In 1950s Brazil, the term *assistência* referred broadly to public or charitable services that provided medical help to poor or injured people. Saying someone “went to the medical assistance” usually meant they were taken to a public hospital or clinic, even if the place was not formally called a hospital. (T.N.)

realized that I'd waste time. They were already drunk. Leila put on her show. And her screams kept the neighbors awake. At four o'clock I started writing. When I wake up, it's hard for me to fall asleep again. I keep thinking about my hectic life and thinking about the words of Friar Luiz who tells us to be humble. I think: if Friar Luiz was married and had children and earned the minimum wage, then I'd like to see if Friar Luiz would be humble. He says that God only values those who suffer with resignation. If the Friar saw his children eating spoiled foodstuffs, eaten by crows and rats, he'd revolt, because revolt arises from hardship.

...I sent João to buy 10.00 worth of cheese. He encountered Adalberto and told him to come and talk to me. I got some boards and I'm going to make a small room for me to write and store my books. I went out and went to pick up paper. There isn't much paper on the streets, because another poor soul is also picking up paper. He sells the paper and buys pinga and drinks it. Then he sits down and cries in silence. I was so sleepy that I couldn't walk. D. Anita gave me sweets, and I only earned 23.00. When I arrived at the favela, João was reading comics. I heated up the food and gave it to them. The night noise I heard: the women were commenting that the men had drunk 14 liters of pinga. And Leila insulted a young man, and he beat her up. He threw her to the ground and kicked her in the face. The act is savage. But when Leila drinks, she irritates people. She even got a beating from Chiclé, a good black guy who resides here in the favela. He didn't want to beat her up. But she kept belittling him too much. He hit her so much that he even pulled out two of her teeth. And that's why his nickname here in the favela is *Dentist*. Leila's face was so swollen that she had to take penicillin. (...) Today is the day of the crybabies. Here resides a northerner who gets on everyone's nerves when she drinks. The northerner's son got a girlfriend. A woman who could be his grandmother. The future wife came to reside with her mother. When the old woman drinks, she starts to annoy everyone, and they argue. And the old woman wouldn't give them any peace. He ran away with the woman. And the old woman is crying. She wants her son back.

...It's five o'clock. José Carlos has arrived. I'm going to change him so I can go to Casa Gouveia to buy him a pair of shoes. At Casa Gouveia he chose the shoes. 159.00. Sr. Gouveia left it for 150.00. He was glad. And he looks at the people passing by to see if they notice his new shoes.

When I arrived at the favela I encountered Sr. Francisco. He lent me his cart, and I went to get the boards. I took Vera inside the cart. José Carlos and Ninho. It was easy to go. The cart glided along the asphalt as if it was automatic. I placed the boards in different ways. Sometimes it was in the front and sometimes in the back. I realized that I needed to bring it in two trips. I do what needs to be done without thinking it's a sacrifice. Where Araguaia Street meets Canindé Street there's a lot of mud and I had a hard time because I was barefoot, and my feet were slipping in the mud. There was no way to keep my footing. I was slipping. A man appeared and pushed the cart for me. He told me to straighten the boards. I thanked him and continued on. At the tram stop, the boards slipped off the cart. And José Carlos, seeing my struggle, said to me:

“Why didn't you get married, ma'am? Now you'd have a man to help.”

...I thanked God when I arrived at the favela. A lady was waiting for me. She told me that João had hurt her daughter. She told me that my son tried to assault her 2-year-old daughter and that she was going to report it to the Judge. If he did this, I'm the one who will have him institutionalized²²². I cried.

...I put José Carlos to bed and left with João. I went to the Juvenile Court to find out if there was a possibility of institutionalizing him. I need to get him off the streets because now if anything bad happens, they'll say it was him. (...) At the Court, the judge who was on duty told me to come back on the 10th because the 9th was a holiday. I left the Court and took the tram because it was cheaper. At the tram stop, João planted himself in front of the pastelaria²²³ and I sat down to rest a bit. When I arrived at the favela it was midnight. I was nervous.

July 9th I had agitated dreams. I was so nervous that, if I had wings, I'd fly to the desert or the backlands. Sometimes I revolt against myself for having been fooled by men and ending up with these children.

...When I was getting ready to go out, D. Alice came to tell me that two of the Judge's boys²²⁴ were wandering around here in the favela. I went to see. They were wearing yellow clothes. Barefoot and shirtless. Just that jacket over their skin. They were disoriented. I asked if they wanted coffee. They said no.

I entered and got ready to go out to the street. José Carlos accompanied the boys. Then he came to ask me if I could get some clothes for the boys.

“Go call them!”

He went and came back with the boys. One was a light-skinned mulatto. An ugly face. A big nose. The other was a beautiful white boy. They told me about the horrors of the Juvenile Court. That they suffer from hunger, cold, and are beaten incessantly. They asked if I could get them some shirts. I gave them the shirts and pants. I asked their names. The mulatto is Antonio and the white one is Nelson. I asked them if they could read. They said yes. I gave coffee to them. They said they reside in Vila Maria and that they have a mother. They advised my children to be good to me. That children are better off with their mothers. That the best thing in the world is a mother. They took the clothes I gave them. Nelson's pants had so many patches that it could weigh 3 kilos. When they left, they looked at my shack's number and asked me not to institutionalize João because the food

²²² During the 1950s and 1960s, Brazil did not yet have the Statute of the Child and Adolescent (ECA), which was only established in 1990. At the time, the prevailing framework was the Juvenile Code, marked by a tutelary and repressive approach. Children and adolescents in situations of poverty, abandonment, or in conflict with the law were often treated as threats to public order, and the Juvenile Court classified them as “minors in an irregular situation.” Institutionalization was used as a mechanism of social control, under the justification of protection and reeducation, but it was often associated with authoritarian and punitive institutional practices. (T.N.)

²²³ Place that sells *pastéis*. (T.N.)

²²⁴ Here Carolina is probably referring to the children who were already under the responsibility of the Juvenile Court. (T.N.)

was deficient. That they were forced to wash the dishes. That if a child throws away the rest of the food in the trash, they force the child to pick it up and eat it.

My children were horrified by the narrative of the fugitives. I decided not to institutionalize João because he has an appetite. What I observed is that they wanted to get rid of the yellow clothes.

The boys asked my name and left smiling at me. I think: why do the boys who run away from the Juvenile Court defame the organization? I realized that in the Court, the children degrade morality. Judges don't have the ability to shape children's character. What do they lack? Interest in the unfortunate or State funding?

...In 1952 I was trying to join Vera Cruz, and I went to the Juvenile Court to speak with Judge Nascimento about whether it was possible to institutionalize my children. He told me that if my children went to the Shelter, they'd come out as thieves.

I was horrified to hear a Judge say this.

...When the much-missed Itaboca Street existed, I say much-missed because I see so many men lamenting the extinction of the red-light district. When I used to go there and saw the most disgusting women and asked:

"Where were you raised?"

"In the Children's Shelter."

"Do you know how to read?"

"No! Why? Are you a priest?"

I'd stop the interrogation. They didn't know how to read or take care of a house. The only thing they know thoroughly and can teach and grant diplomas in, is pornography.

Poor orphans of the Judge!

I went to pick up paper. I was feeling indisposed. People on the street notice when I'm sad. I earned 36.00. I came back. I didn't talk with anyone. I'm at a loss about life. I'm starting to find my life insipid and too long. Today the sun didn't come out. The day is as sad as my soul. I left João locked up studying. I told him that the man who makes mistakes is immune to public opinion. What I observe is that those who live here in the favela can't expect anything good from this environment. It's the adults who contribute to the delinquency of minors. We have the scandal teachers: Leila, Meiry, Zefa, Pitita and Deolinda.

...When I arrived at the favela, I encountered a northerner who was carrying a peixeira looking for my son. When he saw me, he didn't say anything. But I talked to him.

I heard the women from the warehouse saying that Sr. João from Porto Street had passed away and had been waiting two days for funds to be buried. I was going to see him. But I started to feel indisposed and decided to lie down for a while. It's been about two years since I last lay down during the day. I think of Sr. João, who had been ill for quite some time. Paralysis. He said he wanted to die because he didn't appreciate being supported by his wife. That life without illness is already hard to lead. His wife, D. Angelina, was the one who worked for

both of them. She had help from the Vincentians, but they stirred up so much trouble that the Vincentians stopped helping her. Not fair.

I slept a little. Then I started writing. D. Alice gave me a bowl of soup. The day that I leave the favela I'm going to light a candle for Saint Sebastian. I hear Deolinda fighting with her husband.

They were living together and the Vincentians advised them to get married. He drinks a lot, and she drinks twice as much. She said that her stomach can't handle coffee in the morning. That if she drinks, she'll vomit. In the morning, she drinks pinga and spends the rest of the day sucking her thumb. It's disgusting to see a 50-year-old woman sucking her thumb. She went to call the Radio Motor Patrol because they both have busted heads. The mother-in-law also drinks. And they form the most scandalous trio of C Street.

I kept the boys' clothes from the Juvenile Court as proof. I was horrified by the smell of sweat. And I thought it showed neglect.

July 10th I rose from bed at 5:30 to fetch water. I don't like being among women because it's at the tap that they talk about everyone and everything. I'm so indisposed that I wish I could lie down for a while! But I have nothing for the children to eat. The only way is to go out. I left João studying. I only earned 10.00 and found metals. I found a brace and a student asked me for it. I gave it to him. He gave me 3 cruzeiros for a coffee. (...) I passed by the street market. I bought sweet potatoes and fish. When I arrived at the favela it was 12 o'clock. I heated up food for João and started to tidy up the shack. Then I went to sell some cans and earned 40 cruzeiros. I returned to the favela and made dinner.

Deolinda and her husband, who went to the Radio Motor Patrol, haven't come back yet. Could they have been arrested.

The afternoon slowly falls. The evangelicals are already arriving, with their musical instruments to praise God. Here in the favela there's a shack on B Street where evangelicals come to pray three times a week. One part of the shack is covered with tinfoil and the other with tiles. There are days when they're praying and the bums from the favela throw stones at the shack and break the tiles. The ones that fall on the tinfoil make a noise. Even when insulted, they don't lose heart. They advise the favelados not to steal, not to drink and to love their neighbor as themselves. The evangelicals don't allow women who wear pants or low-cut dresses to enter. The favelados mock their advice.

I went to fetch a can of water, and a lady was lamenting:

"If I was young, I wouldn't reside in this favela for even a day. But I'm already old. And old people don't govern themselves."

Here in this favela, we see things that make our hair stand on end. The favela is a weird city, and the mayor here is the Devil. And the drunks who are hidden during the day appear at night to disturb.

I notice that all the people who reside in the favela don't appreciate the place.

July 11th I rose from bed at 5:30. I was already tired of writing, and I was sleepy. But here in the favela one can't sleep, because the shacks are humid, and Neide coughs a lot, and wakes me up. I went to fetch water, and the line was already huge. What a horrible thing it is to stand at the tap. There's always a fight or someone wanting to know about other people's lives. In the morning, around the tap there's a lot of shit. And I'm the one who cleans it. Because the others don't care.

...When I arrived at the favela I was indisposed and had pain in my legs. My infirmity is both physical and moral.

July 12th ...I went to the Meatpacking Plant and got some bones. I'm feeling indisposed. I bought two loaves of sweet bread for João and Vera. I picked some tomatoes. I encountered a black man who was polite and elegant when speaking. He told me he resides in Jaçanã. I was going to ask him his name, but I was bashful. He gave two cruzeiros to João and I bought kerosene. I got home, I went to Sr. Manoel to sell iron. The warehouse was already closed. I got home and lay down. I was cold and unwell. The people of the favela already know that I'm sick. But no one shows up to help me. I don't let João go out. He spends the day reading. He talks to me, and I reveal the inconvenient things that exist in the world. Since my son already knows what the world is like, the childish language between us is over.

José Carlos went to the street market. I used the bones to make soup. Vera didn't want any. Friar Luiz is putting the screen to show the movie. I won't be able to go because I'm sick. João asked me if we could go. I told him that while we reside here in the favela he won't play with anyone else. Before, I'd speak, and he'd revolt. Now I speak and he listens. I intended to talk to my son about the serious things in life only when he came of age.

But those who reside in the favela have no course of life. They have no childhood, youth and maturity.

My son, who is 11 years old, already wants women. I explained to him that he needs to get his school diploma. And continue studying, as primary school²²⁵ isn't enough.

²²⁵ Until 1971, the first four years of the current Elementary School constituted the primary school, followed by the secondary school, also lasting four years. (E.N.) Prior to Brazil's 1971 Educational Reform, formal education was structured into three main levels. The first was the *Curso Primário* (Primary Education), the first four years of schooling — equivalent to current grades 1 through 4 of *Ensino Fundamental I* — focused on literacy and numeracy. This was followed by the *Curso Ginásial* (Lower Secondary Education), comprising the subsequent four years — equivalent to grades 5 through 8 of *Ensino Fundamental II* — where students received instruction in core academic subjects. The final stage was the *Curso Colegial* (Upper Secondary Education), lasting three years and corresponding to the current *Ensino Médio*, aimed at preparing students for university entrance. (T.N.)

July 13th ...Friar Luiz's nurses are arriving to heal the wounds of the favelados. They're teaching the children to pray. (...) I wanted to know how Friar Luiz discovered that the favelados had wounds.

I heated up dinner for the children. I hear Meiry inviting Nair to go to the dance on A Street. Vera is coughing. I get up to give her a pill. I have a fever. I can't get up. I'm waiting for José Carlos to arrive. When he arrived, he gave me the box where I keep the medicine and I took a painkiller and the pain started to disappear, and I fell asleep. I woke up at 2 a.m. with Arnaldo and Leila fighting.

July 14th I spent the day lying down because I had a fever and pain in my legs. I had no money, but I had left some scrap metal at Sr. Manoel's, and I sent José Carlos to weigh them and receive the money. He earned 22 cruzeiros. I bought 5 worth of bread and 5 of sugar and pills. I only got up to prepare the meals. I spent the day lying down. José Carlos heard Florenciana saying that I look crazy. That I write and don't earn anything.

July 15th Today is the birthday of my daughter Vera Eunice. I can't have a party because that would be like trying to grab the sun with my hands. There will be no lunch today. Only dinner.

...I'm more restored. Yesterday I implored Father Donizete²²⁶ for me to get better. Thank God that currently the saints are protecting me. Because there's never any money left to go to the doctor.

...I went to pick up paper, I took the children. Now I want to have João under my eyes. I went to D. Julita. She's in Santo André. I got home and made lunch. I went to Sr. Manoel's to sell iron. I earned 25 cruzeiros. I bought bread. When I arrived at the favela, there was a Portuguese guy selling cow's offal. I bought half a kilo of tripe²²⁷. But I don't like to do business with Portuguese people. They're ill-mannered. They're obscene, pornographic and stupid. When they look for a black woman, they do it thinking about exploiting her. They think they're more intelligent than others. The Portuguese man told Fernanda that he'd give her a piece of liver if she accepted him. She didn't want to. There are black women who don't like white men. She left without buying anything. He missed a sale because he was cheeky.

July 16th ...There was no paper on the streets. I passed by the Meatpacking Plant. They had thrown a lot of sausages in the trash. I picked out the ones that weren't spoiled. (...) I don't want to get weak and I can't buy it. And I have the appetite of a Lion. So, I resort to the trash.

²²⁶ Reference to Father Donizetti, who, with a reputation for miracles, attracted many believers to the city of Tambaú in São Paulo, where he lived. (E.N.)

²²⁷ *Tripe* here refers to the edible lining of a cow's stomach. In this context, it specifically means rumen tripe, the first chamber of the bovine stomach, which is commonly used in traditional dishes such as *dobradinha* in Brazil. (T.N.)

July 17th Leila and Arnaldo fought all night. They didn't let us sleep. I rose from bed at 5:30 and carried water. There's always trouble at the tap:

"You got in front of me!"

"I didn't!"

And so it goes. One day, D. Silvia's husband was at the tap and there was an argument between him and a northerner, Sr. Manoel, Zé Maria's father. While they were exchanging insults, I was witnessing it. The northerner took out his peixeira. Antonio de Andrade is 65 years old. But when he saw the peixeira shine, he jumped like Ademar Ferreira in the triple jump²²⁸.

...I went out to pick up paper. I earned 60 cruzeiros. I stopped to talk to D. Anita. She's worried about the news of war... That war is ungrateful to young people. That the condition of the soldiers²²⁹ is poignant. That heroes are soccer players. The soldiers are venerated by women. It's just that the soldiers are our sons.

I heard that General Teixeira Lot²³⁰ won't send troops to the Middle East. If so, I believe we should consider and venerate our general who has already demonstrated his diligence for the people and the country.

July 18th ...I went out to pick up paper. I heard the women lamenting with tears in their eyes that they could no longer bear the cost of living. (...) I took João to avoid trouble. I passed by the newsstand on Tiradentes Avenue and stopped to talk to some gentlemen and the newspaper vendor.

I arrived at the favela at 12:30. Durvalino passed by with a piece of meat in his hand. He stopped to play with Neide and started talking about Bobo. That he's no good and will be a terrible husband. He gave a piece of meat to D. Aparecida.

July 19th ...I went to the cookie. The owner said he didn't give out cookies anymore. I came back picking up everything I could find. It's raining and I didn't want to pick up paper. When I arrived at the favela, Vera told me that the baiana had sworn at her. A 32-year-old woman fighting with a 5-year-old child! A neighbor who saw the baiana swearing at Vera confirmed it. As soon as the disgusting woman saw me, she started insulting me. She showed José Carlos a peixeira and said she intended to cut him up.

²²⁸ The athlete from São Paulo, Ademar Ferreira da Silva, won a gold medal at the 1952 and 1956 Olympics and set the world record for the triple jump three times. (E.N.)

²²⁹ In Portuguese, *Pracinha* was the popular term used to designate Brazilian soldiers who fought in World War II. In the 1950s, it still symbolized bravery, although many veterans faced abandonment and social hardship. (T.N.)

²³⁰ General Teixeira Lott was Brazil's Minister of War in 1958, when the Middle East was experiencing serious conflicts caused by the fall of the king of Iraq. Foreign troops were sent to the region. (E.N.)

I went to Sr. Manoel to sell some iron. I earned 55 cruzeiros. I took very little material, and I thought it was a lot of money. I asked Sr. Manoel if he had made a mistake with the change.

...I went to the street market, bought 1 kilo of beans and 1 kidney. The rest I picked up. When a Portuguese guy threw some lettuce heads on the ground, and I picked them up, the Portuguese guy shouted:

“Here comes Bastião’s clientele!”

...Today I won’t wash the clothes because I don’t have money to buy soap. I’m going to read and write.

Leila took an axe and chopped up the bottom of the basin. The basin belongs to Ivone Horacio, who gave me the 5 penknife wounds in 1952.

The lawsuit was canceled because she didn’t appear in court. Ivone asked for the basin, Leila didn’t want to return it. She chopped the bottom. I was horrified and felt sorry.

...Two northerners fought. They were trading insults. Vitor Franquistém, the bully, got a beating from Valdemar Espadela. Everyone liked it because Vitor wants to be the Lampeão of the Favela. It was 2 blows. Now the women are saying that they’ll contribute and buy a wool shirt to give to Valdemar as a gift to celebrate his great achievement.

July 20th ...I was writing when I heard Sr. Binidito’s voice. I told him to come in. He came with a gentleman from the Divino Mestre Spiritist Center, located on Oriente Street, who came to give us cards so we could get warm clothes for the children on the 23rd. I was so glad that I got out of bed quickly. And I explained to the gentleman what I write.

...I was about to start writing again when Adalberto arrived. He came to build a fence for me. To prevent the entry of northerners who, for whatever reason, come to annoy us. The people who worked on the fence were Adalberto, Luiz, a recent guest in the favela, and D. Rosa’s José. They bought pinga and I made caipirinha²³¹. And I made lunch for them. It was 1 o’clock when I was about to start writing again. Sr. Alexandre started hitting his wife. D. Rosa intervened. He was kicking his children. When he was going to strangle D. Nena, D. Rosa asked for help. Then the soldier Edison Fernandes went to ask Sr. Alexandre not to hit his wife. He didn’t obey and threatened the soldier with a peixeira. Edison Fernandes slapped him a few times. Alexandre flew away like a balloon blown by the wind.

Soldier Edison sent me to call the Radio Motor Patrol. I rushed over. I called them and ran back. When I arrived at the favela the fight was heated. Alexandre was swearing at the children who were arriving to watch and lunged

²³¹ *Caipirinha* is a Brazilian cocktail made with *cachaça*, sugar, lemon and ice. Known and consumed nationally and internationally, *caipirinha* is one of the most famous alcoholic drinks in Brazilian cuisine. Due to its importance and popularity, *caipirinha* was listed as Brazilian Cultural Heritage in 2003 and, in 2019, it was considered Intangible Heritage of Rio de Janeiro. (T.N.)

at my son João. And he was insulting soldier Edison, wanting to hit him in the face and saying to him:

“Take my wife, then! A woman, after she’s married, is supposed to endure her husband and I won’t tolerate soldiers into my house. Are you interested in my wife?”

As soon as the favelados saw me, they shouted:

“Where’s the police?”

“I already called.”

In 5 minutes, the Radio Motor Patrol appeared. Vera and I got in the car. Vera started to smile, thinking it was delightful riding in the car. When the people from the masonry saw me on the Radio Motor Patrol they shouted:

“Crime in the favela!”

And they ran towards the favela. I saw my compadre José Nogueira among the people.

...José Carlos returned from the cinema, and I told him about Alexandre’s show. He told me that Alexandre was at the tram stop. I couldn’t believe it. Could it be possible that the police would release such a turbulent man who doesn’t respect children?

As I had been warned, I wasn’t startled when I heard Alexandre’s voice arguing with soldier Edison’s mother. I intervened because she’s pregnant. I went out to look for Dummy, so he’d get Alexandre out of the house. But Binidito had already pushed Alexandre out. He went into his shack and closed the door. He was so drunk he couldn’t stand up.

We lay down. I was agitated and nervous because I wanted to spend the day writing. I had trouble sleeping. I was tired from running so much to call the Radio Motor Patrol. I woke up at 4 in the morning to the voice of Alexandre, who was mistreating his wife and swearing at soldier Edison. He was saying:

“That dirty Negro man hit me. But he’ll pay! I’ll get revenge!”

Seeing that Alexandre wouldn’t stop talking, I went to the Police Station. The soldier on duty said:

“Favelas are deadly!”

He told me that if Alexandre continued to disturb people, for me to come back at 6 o’clock. I went back to the favela, he was on the street throwing insults. I decided to make coffee. I opened the window and threw some water on Alexandre.

“You called the Radio Motor Patrol on me. Stinking Negro woman! But you’ll pay!”

July 21st ...I went to pick up paper. I was horrified by the scene Alexandre performed in the early hours. I picked up a lot of scrap metal and very little paper. When I was near the newsstand I tripped and fell. Due to the fact that I was very dirty, a man shouted:

“It’s hunger!”

And they gave me alms. But I fell because I was sleepy.

I thought about Alexandre because he doesn't need to think about work. Because he forces his wife to beg for alms. He has a daughter: Dica. The girl is 9 years old. She begs for alms in the morning and goes to school in the afternoon. The girl knows the letters and numbers. But she doesn't know how to form words. When she writes, she uses any letter that comes to mind. She mixes numbers with letters. She writes like this:

ACR85CZbO4Up7MnO10E20.

And she's been at school for two years now.

...While I was on the street, Alexandre mistreated soldier Edison's mother. When I arrived, he started insulting me:

"Dirty Negro woman. Nasty. Tramp. Trash."

I have no patience, I swore at him, I threw a glass at his face. He closed the window. He opened it again, I threw a house cleaning brush at him. He closed the window. Then he opened it and started to criticize soldier Edison. Soldier Edison went to talk to him. When he saw the soldier, he was startled and said:

"You'll pay for that slap you gave me."

Soldier Edison said to him:

"Then let's settle this now."

The children gathered to witness the scene that I disapprove of. An inappropriate show. While the soldier was arguing with Alexandre, I went to pick up rocks. Soldier Edison slapped him in the face. And the children booed.

...Alexandre became afraid of the soldier, he went inside and closed the door. He turned off the light and didn't disturb us during the night.

July 22nd ...I went to work and warned the neighbors:

"If Alexandre annoys someone, let me know!"

I left thinking about my inauspicious life. It's been two weeks since I washed the clothes because I don't have any soap. The beds are so dirty that it's disgusting.

...I wasn't outraged by the unknown man's observation referring to my dirtiness. I think I should carry a sign on my back:

If I'm dirty it's because I don't have soap.

I arrived at the Meatpacking Plant. The boys went in and each one got a sausage. When I was picking up the paper, the Spanish guy who cleans the place appeared and started yelling at me. Today I'm nervous and I won't tolerate being yelled at by a foreigner.

...There's a Spanish woman who goes to the Meatpacking Plant to pick up meat from the trash and when she sees the Spanish man she says:

"Este non é de mi terra. Isto é português!"²³²

²³² In this sentence, Carolina tried to reproduce the Spanish spoken by the woman. Something like "This guy isn't from my land. He's from Portugal!" (T.N.)

And there's a Portuguese woman who says:
 "This beast isn't from Portugal!"
 And to wrap up I say:
 "Thank God, he isn't Brazilian!"

July 23rd I rose from bed at 7 o'clock. I was feeling indisposed. Thank God Alexandre calmed down.

...I heated up food for the children and started to get ready to go to the Divino Mestre Center, to get clothes for the children. When people saw the women from the favela on the streets, they asked if we were going to the Office to make statements.

"There was a conflict," I replied.
 And the women smiled.

At the Divino Mestre Center, Sr. Pinheiro welcomed us with a smile. There was no prejudice or class distinction. I got two knitted sweaters. One for Vera and another for José Carlos. When we were on our way to the Divino Mestre Spiritist Center, João got a pullover. Sr. Pinheiro's words revived me.

July 24th How horrible it is to wake up in the morning and have nothing to eat. I even thought about committing suicide. If I commit suicide, it's because of the lack of food in my stomach. And by some misfortune, I woke up hungry.

The boys got some stale bread, but it was filled with cockroach legs. I threw it away and we had coffee. I put the only beans I had to cook. I picked up the sack and left. I took the children. I went to D. Guilhermina, on Carlos de Campos Street. And I asked her for some rice. She gave me rice and noodles. And I stayed talking to her husband. He gave me some bottles to sell. And I picked up some iron.

After managing to get some things for the children to eat. I revived myself. I calmed my spirit. I went to Sr. Manoel to sell the bottles. I earned 22 cruzeiros. I bought 10 worth of bread and a cup of coffee.

...I arrived at the favela, made lunch and went to wash clothes. 3 weeks without washing clothes due to lack of soap. The neighbors were horrified when they saw the amount of clothes I washed. D. Geralda, wife of Sr. Portuguesa's João, came looking for Fernanda, saying that her basin of clothes had been stolen. And she went to search Fernanda's mother's house. Fernanda accompanied her to her house, and they found the basin in the kitchen. She apologized to Fernanda and gave her a bottle of pinga. When she received the bottle of pinga, she was so glad. She smiled as she contemplated the bottle. She came praising D. Geralda.

"What a good woman!"

Fernanda's resentment disappeared because the pinga acted as an intermediary.

July 25th ...I thought it was a beautiful and cheerful day. I went on picking up paper.

July 26th ...I was dizzy from hunger due to getting up so early. I made more coffee. Then I went to wash my clothes in the lagoon, thinking about the State Health Department that published a report in the newspaper saying that here in the Canindé favela there are 160 positive cases of snail disease. But they didn't give the favelados any medicine. The woman who showed us the movie with demonstrations of the snail disease told us that the disease is very difficult to cure. I didn't get the medical exam because I can't afford the medicine.

...I sent João to Sr. Manoel's to sell iron. And I went to pick up paper. There were a lot of sausages in the Meatpacking Plant's trash. I picked the best ones to make soup. (...) I walked through the streets picking up iron. When I got to the tram stop, I encountered José Carlos who was going to the street market to pick up greenery.

...Adalberto came to look for clothes. I didn't answer him because he's getting too full of himself. Yesterday he talked pornography near Vera. And he's annoying me.

...Sr. Manoel arrived. He gave me 80 cruzeiros, I didn't want to take it. I looked for the children to bathe. They were cheerful when they saw Sr. Manoel. I told Sr. Manoel that I was going to spend the night writing. He said goodbye and said to me:

“See you some other day!”

Our eyes met and I told him:

“Don't come back here anymore. I'm already old. I don't want men. I just want my children.”

He left. He's very good and polite. And handsome. Any woman would like to have a handsome man like him. Pleasant when speaking.

...Friar Luiz showed up and gave a catechism class to the children. They held a procession. I didn't attend.

July 27th ...I heated up food for the children and started writing. I looked for a place where I could write in peace. But here in the favela there are no such places. In the sun I felt hot. In the shade I felt cold. I was walking around with the notebooks in my hand when I heard raised voices. I went to see what it was and realized it was a fight. I saw the Joe Schmoes running. Fighting is a show they don't miss. I'm so used to seeing fights that I'm not even impressed anymore. It's just that they had set the inside of Sr. Mario Pelasi's automobile on fire. It burned his soccer boots, socks and the car mats. The boys saw the smoke in the car and went to tell him. He was playing soccer.

July 28th ...I left João and took only Vera and José Carlos. I was so sad! I felt like committing suicide. Nowadays, anyone who is born and endures life until death should be considered a hero. (...) The favorite verse was this one:

*I hear people's speech
Adhemar is a wealthy civilian
He has no right to enrich
Who is national, who is Brazilian?*

Well: let's leave Dr. Adhemar alone because he has an easy life. He doesn't go hungry. He doesn't eat from trash cans like the poor. When I was going to Dr. Adhemar's residence I encountered a gentleman who gave me this card: Edison Marreira Branco.

He was so well dressed that he drew everyone's attention. He told me that he intended to enter politics. I asked him:

"What are your political aspirations?"

"I want to become rich like Adhemar."

I was horrified. No one shows patriotic love anymore.

When I passed by the Meatpacking Plant, I encountered José Bento's D. Maria who said to me:

"If we don't pick up a little, we'll end up going crazy. Only God can have pity on us, the poor."

I taught her how to pick up garlic. And I picked up some coal. I said goodbye to D. Maria and went on. I encountered D. Nenê, the principal of the Municipal School, my son João José's teacher. I told her that I'm very nervous and that there are times when I think about committing suicide. She told me to calm down. I told her that there are days when I have nothing for my children to eat.

July 30th ...I earned 15 cruzeiros and stopped at the shoemaker to see if Vera's shoes were ready, because she complains when she's barefoot. It was ready and she put on her shoes and started to smile. I watched my daughter smile, because I don't know how to smile anymore.

...I encountered Rosalina who was arguing with Helio. He doesn't want people to say that he and Olga beg for alms. Rosalina used to say that she was alone and supported 3 children. It's just that she doesn't know that her son Celso goes around saying he wants to run away from home because he's disgusted by her. He thinks his mother is very barbaric and avaricious. He says he wishes he was my son. So, I tell him:

"If you were my son, you'd be black. And you being Rosalina's son, you're white."

He answered me:

"But if I was your son, I wouldn't go hungry. Mommy gets stale bread and forces us to eat it until it's over."

I kept thinking about the misadventure of children who, from a young age, lament their condition in the world. They say that Princess Margaret of England takes no pleasure in being a princess²³³. These are the dilemmas of life.

July 31st I lit the fire and went to fetch water. I sent José Carlos to get 6 worth of sugar. Luiz, who made the fence for me, came in and sat down. I told him I was going out and when I go out, I like to leave my children alone.

I ran out and went to pick up paper. There was little paper on the streets. I'm already getting annoyed with picking up paper, because when I arrive at the warehouse there's Cicilia, who works there, and she's very rude. She insults me and I pretend not to hear. She says I stink. On the 27th, Cicilia didn't let José Carlos go to the urinal. Cicilia is so rude that her presence drives the owner away from the warehouse.

Today I'm not nervous. I'm sad. Because I think about things one way and they happen another way. Antonio Nascimento, who resided here in the favela, moved. He and his companion. They were in a bad situation here in the favela. Nobody appreciated them here in the favela. Because he abandoned his 4 children, and she abandoned her 3 children. 7 children suffering because of their parents. What did she gain by leaving her husband and children? She left a man with shoes and picked up a barefoot one.

August 1st ...The ambulance was arriving. It was coming to examine the Portuguese man who sells sweets. On July 28th I went to visit him. He wanted an ambulance. They implied that he doesn't pay the IAPTC²³⁴ and they wouldn't come. When I arrived in the favela I went to visit him. He was moaning and there were two Portuguese ladies visiting him. I asked him if he was feeling better. He said no. The Portuguese lady asked me:

"What do you do?"

"I pick up paper, iron, and in my free time I write."

She told me in the most sensible voice I had ever heard:

"Ma'am, go take care of your own life!"

August 2nd I dressed the children, and they went to school. I went out to hustle for some money. I passed by the Meatpacking Plant, picked up some bones. The women scavenge through trash looking for meat to eat. And they say it's for the dogs.

Even I say it's for the dogs...

²³³ Princess Margaret, the Queen's younger sister, scandalized British society with her love affairs and breaches of protocol. She married a commoner, from whom she soon divorced. (E.N.)

²³⁴ Retirement and Pension Institute for Cargo Transport Employees, now extinguished. (E.N.)

August 3rd ...Today the children will only eat stale bread and beans with flour. I'm so sleepy that I can't stand up. I'm cold. And thank God we're not hungry. Today God is helping me. I'm undecided, I don't know what to do. I'm pacing back and forth, because I can't stand to stay in the shack as bare as it is. A house without a fire on the stove feels so sad! The pans boiling on the stove also serve as adornment. They decorate a home.

I went to D. Nenê. She was in the kitchen. What a wonderful spectacle! She was making chicken, meat and spaghetti. She was going to grate half a block of cheese to put in the spaghetti!

She gave me polenta with chicken. And it's been about 10 years since I last knew what that was like.

...In D. Nenê's house the smell of food was so pleasant that tears emerged in my eyes, and I felt sorry for my children. They would have liked those delicacies.

When I arrived at the favela, Leila and Arnaldo were putting on their shows. And the kids were appreciating it.

I was writing when Vera came to tell me that they were giving out cards and that there were a lot of people on the street. I ran to see. Several people accompanied a tall, blond man who was leading a 10-year-old boy by the hand. He was wearing light gray pants and an indigo blue jacket. He walked past me and gave me a hug. I was perplexed by that hug without any introduction. It was the first time I had seen the man.

Coca-Cola's sister-in-law said to me:

"This is our congressman. Dr. Contrini."

When she said congressman, I thought: it's election time, that's why they're so friendly.

...Sr. Contrini came to tell us that he's a candidate in the elections. We from the favela aren't favored by you, sir. We don't know you.

August 6th I made coffee for João and José Carlos, who turns 10 today. And I can only say happy birthday to him, because I don't even know if we'll eat today.

August 7th I rose from bed at 4 o'clock. I didn't sleep because I lay down hungry. And those who lie down hungry don't sleep.

...I saw the inspector walking around and talking. I went to see what it was about. He was looking for Sr. Tiburcio. He builds shacks to sell. He begs for alms on Direita Street. He doesn't need it and doesn't reside in the favela. He's already built seven shacks and sold them. Tiburcio has a defective physique and soul as well.

When João got home from school I gave him lunch. Then we went to the city. We went on foot because I didn't have any money to pay for transportation. I took a bag, and I went picking up scrap metal I found on the streets. We passed by Cantareira Street. Vera looked at the cheeses and swallowed her saliva.

...D. Alice told me that northerner Policarpo, who resides here in the favela, brought a black woman to reside in his house. He told his wife that she was his cousin. And his wife is very nice and accepted the cousin into her home with pleasure. And the cousin stayed at home for several days. Policarpo's wife would go out, and he stayed with his cousin. And one day, when D. Maria got home, she found Policarpo and his cousin copulating. She didn't like it, and they fought. And Policarpo left home with his cousin and went to Descalvado. He took the furniture and left only the bed.

August 8th I left home at 8 o'clock. I stopped at the newsstand to read the main news. The Police still haven't arrested Promessinha. The senseless criminal because his age doesn't allow him to know the rules of good living. Promessinha is from the Vila Prudente favela. He proves what I say: that favelas don't shape character. Favela is the storage room. And the authorities ignore what's in the storage room.

...I went to wash the clothes. At the lagoon were Nalia, Fernanda and Iracema, who were discussing religion with a lady who said that the true religion is that of the evangelicals.

Fernanda says that the Bible doesn't tell anyone to get married. It tells them to grow and multiply. I told Fernanda that Policarpo is an evangelical and has several women. Then Fernanda said that Policarpo isn't a believer.

"He's a deceiver!"

I found the wordplay funny and smiled. I burst out laughing. And one thing I don't discuss is religion.

I finished the clothes and left the discussion at its peak. (...) Today the Ambulance was here twice, because Aparecida had a miscarriage.

Quita came to my shack to complain that José Carlos had thrown shit at Marli's face, and that I should teach my son better manners.

August 9th I rose from bed furious. Wanting to break and destroy everything. Because I only had beans and salt. And tomorrow is Sunday.

...I went to the shoe store to get the papers. A shoemaker asked me if my book was communist. I replied that it was realistic. He told me that it wasn't advisable to write about reality.

...Here in the favela there's a commotion. It's just that the congressman Francisco Franco gave materials to finish the headquarters of Rubro Negro. He gave the roof tiles and the shirts, and the people of the favela talk daily about this congressman. They're going to throw a party to honor him.

August 10th Daddy's Day. A dull day.

August 11th ...I was paying the shoemaker and talking to a black man who was reading a newspaper. He was outraged by a civil guard²³⁵ who beat up a black man and tied him to a tree. The civil guard is white. And there are certain white people who turn black people into scapegoats. Who knows if the civil guard ignores that slavery has already been abolished and we're still under the whip regime?

I was startled when I heard my children scream. I recognized Vera's voice. I went to see what was happening. It was Joãozinho, Deolinda's son, who was holding a whip in his hand and throwing stones at the children. I ran and snatched the whip from his hand. I smelled alcohol. I thought: he's drunk because he's never done this. A 9-year-old boy. The stepfather drinks, the mother drinks and the grandmother drinks. And he's the one who goes to buy the pinga. And he drinks on the way back.

When he arrives, his mother asks astonished:

"Is that all? What thieves these merchants are!"

August 12th I rose from bed at 6:30 and went to fetch water. I was in a huge line. And worst of all, backbiting was the main topic of conversation. There was a black woman who looked like she had been vaccinated with the needle of a record player. She was talking about her son-in-law who used to fight with her daughter. And D. Clara listened because she was the only one who paid attention to her.

It's currently difficult to fetch water, because the people of the favela are multiplying. And there's only one tap.

August 13th ...They came to complain that Zefa had fought with a northerner, and they argued. The foul language came out in full force. I just feel sorry for the children who hear expletives. Zefa is a mulatta. She's pretty. It's a shame she doesn't know how to read. But she drinks a lot. She had two daughters, and she used to drink a lot. She used to forget to feed the children, and they died.

...I sent João to take a note to the Irmãos Melo Circus asking if they'd accept me to sing. Then I went to wash the clothes. I was getting ready to go to the circus when I heard rumors that Anselmo had shot João Coque. I was writing, waiting for the rice to finish cooking. I put the notebook away and started walking around, looking for João. I found him sitting on the Portuguesa field, holding his legs with one hand and the ball in the other. I asked him if he had already called the police. He said yes.

He complained that his leg was numb. He tried to put on his shoes and had difficulties. I gave him my flip-flops. The onlookers gathered around. There

²³⁵ Civil Guard: a uniformed, civilian police force that existed in several Brazilian states until 1969. It was responsible for urban patrol, public order, and traffic control, distinct from the militarized state police forces, which were later merged with the Civil Guards to form today's Military Police. (T.N.)

were no comments. The people were only swearing at Anselmo. I'll tell you who Anselmo is. Then I'll tell you who João is.

Anselmo showed up here in 1950 with a pregnant woman. When the woman gave birth to a boy, he began to mistreat her. She was on a diet, and he beat her up and threw her out of the house. She cried so much that her milk dried up. (...) Now he's picking on João because he's dating Iracema. And Iracema's shack is close to Anselmo's shack. And João talks to his fiancée near Anselmo's house, who doesn't want that. He gave João the order to go date by the river.

...João was at home drinking coffee when Anselmo called him to talk. João told him that he had just come home from work and couldn't answer him. He was going inside when Anselmo shot him. He didn't see Anselmo pull out the gun. Anselmo was aiming for his chest. But the bullet hit his leg.

Anselmo ran away.

...The people say they're going to get together to beat Anselmo up. (...) João went to get a bandage at the Central and returned. I asked him if he had taken anesthesia. He told me that he had only taken a tetanus injection. And so, that's another case for the Police Station.

August 14th ...Ditinho, Nena's son, is a veteran of the favela. But he's got nothing going for him. He never learned to read. Never learned a trade. All he learned was how to drink pinga. Nena had a shack on Porto Street. Well built. But Tiburcio tricked poor Nena. He switched the shacks. He gave her a poorly built one and kept hers. Then he sold it for fifteen thousand cruzeiros.

...I went to the Warehouse, I got 15 cruzeiros. I stopped by the shoemaker to ask him to fix Vera's shoes. I walked through the streets. I was nervous because I had little money and tomorrow is a holiday. A lady who was returning from the street market told me to go and get some papers on Porto Seguro Street, in the building on the corner, 4th floor, 44.

I got in the elevator, Vera and I. But I was so scared that the minutes I spent in the elevator seemed like centuries. When I reached the fourth floor I breathed a sigh of relief. I had the impression that I was leaving a grave. I rang the bell. The lady of the house and the maid appeared. She gave me a sack of papers. Her two sons led me to the elevator. The elevator, instead of going down, went up two more floors. But I was accompanied, so I wasn't concerned. I kept thinking: we say we're not afraid of anything, sometimes we're afraid of something harmless.

On the sixth floor, the man who penetrated the elevator looked at me with repulsion. I'm already familiar with these glances. I'm not saddened by this.

He wanted to know what I was doing in the elevator. I explained to him that the boys' mother had given me some newspapers. This was the reason for my presence in the elevator. I asked him if he was a doctor or a congressman. He told me he was a senator.

The man was well dressed. I was barefoot. I was in no condition to be riding the elevator.

I asked the newspaper vendor to help me put the sack on my back, and told him that the day I was clean, I'd give him a hug. He smiled and said to me:

"Well, then I guess I'll die without ever getting your hug, because you're never clean."

He helped me put the papers on my head. I went to the factory, then I went to Sr. Rodolfo. I earned another 20 cruzeiros. Then I got tired. I came back home. I was so tired I couldn't stand up. I had the impression that I was going to die. I was thinking: if I don't die, I'll never work like this again. I was struggling to breathe. I earned 100 cruzeiros.

...I went to lie down. The fleas wouldn't leave me alone. I'm tired of this life I lead.

August 15th ...I was going to pick up manure to take to Ivani's house, when I saw a truck on A Street stopped at Anselmo's door. Florenciana and D. Lurdes came to let João Coque know that Anselmo was going to move out. So, he could call the police. He can't walk because he was shot in the leg. I went.

Within five minutes the news went around that I had called the police to stop Anselmo from moving. I arrived before the Police and the favelados, as soon as they saw me, asked:

"Where's the Police, Carolina?"

If I had saved all the money I've spent calling the Radio Motor Patrol, I could buy one kilo of meat!

...The people were waiting for Anselmo to appear so they could beat him up. They gathered men and women for the brawl.

...I heard that Anselmo jumped the fence and left through the back. I said that I wanted to be a man, because then I could break things and hit people. Then a man answered:

"I wanted to be a woman, but only during the day."

And everyone smiled.

...Lalau and his mother-in-law fought. She hit him with the broom handle. She was running and chasing him. They were drunk.

August 16th I stopped by the shoe store. Sr. Jacó was nervous. He said that if communism came, he'd live better, because the factory's production isn't covering the expenses.

In the past, it was the workers who wanted communism. Now, it's the bosses. The cost of living makes the workers lose their sympathy for democracy.

The sack of paper was very heavy, and a worker helped me lift it. These days I've carried so much paper that my left shoulder is hurt.

When I was passing by Tiradentes Avenue, some workers who were leaving the factory said to me:

"Carolina, since you like to write, instigate the people to adopt another regime."

A worker asked me:

“Is it true that you eat what you find in the trash?”

“The cost of living forces us not to be disgusted with anything. We have to imitate the animals.”

August 17th ...When I went to have lunch, I got nervous because there was no mixture²³⁶. I started to get nervous. I saw a newspaper with a picture of Congresswoman Conceição da Costa Neves, I tore it up and threw it in the fire. During election time she says she fights for us.

August 18th ...I don't like to miss Mondays. I leave early because I find a lot of things in the trash. I went out with Vera. I feel so sorry for my daughter!

I went to D. Julita's and got some paper. I earned 55 cruzeiros. What can you buy with 55 cruzeiros?

I got nervous. When I got home, I lay down because I picked up about thirty kilos of scrap metal and cans. And I carried them on my head. After I rested, I went to Rosalina to ask for the cart to take the scrap metal to the warehouse. She lent it to me, and I loaded the cart. I was cold. I was greeted with joy by Sr. Manoel. We weighed the material, and I received 191 cruzeiros.

I stopped at Guiné Bakery and bought guaraná²³⁷ and bananas. I put Vera in the cart. When I arrived at the favela, I was worn out. João said to me:

“Since you have money, ma'am, you could take me to have my tooth pulled, because it hurts.”

I told him to get dressed and wash his feet.

I was about to go out dirty. Then I thought: I'd better get changed. I got changed. I left in a hurry. When I was passing by Felisberto de Carvalho Street I heard that there was a fight. I went to see it. It was Meiry, Pitita, Valdemar and Armin. The Portuguese man, the tripe seller, had already finished selling the offal and was going home. He knows Meiry and stopped to talk. Valdemar appeared and asked him for the bike so he could go for a ride. The Portuguese man replied:

“You want a bike, buy it.”

And so, the exchange of insults began. Valdemar is used to hitting the favelados, he slapped the Portuguese man. The Portuguese man punched Valdemar and threw him to the ground. Armin sided with Valdemar and threw a brick at the Portuguese man's face, causing him to fall and his wallet to fall out of his pocket. When the faveladas saw the wallet, they went crazy. And they all rushed at the same time to grab the wallet. When I got close to Tiburcio's Ana, I

²³⁶ “Mistura” (mixture) is a word that refers to the side dish of rice and beans. This usage is very common in the Southeast and Northeast regions of Brazil, and has its origins in popular eating habits, in which rice and beans are the base, and the “mixture” is what enriches the meal — usually a type of meat or eggs, which are the most expensive part or the hardest to obtain. (T.N.)

²³⁷ Guaraná (soda) is a sweet, carbonated soft drink made from the extract of the guaraná fruit, native to the Amazon region. Popular throughout Brazil, it has a fruity, slightly tangy flavor and is often served cold as a refreshing beverage. (T.N.)

asked her what had happened, and she began to explain. And Isabel smiled and said:

“It looked like it was raining money!”

I ran and passed by Valdemar and Armim who were smiling as if they had performed a noble act. From afar I saw the Portuguese man who was covered in blood. And Valdemar said:

“It was nothing, D. Carolina.”

I said to Armim:

“Give me the Portuguese man's money.”

He answered me:

“I don't know anything about that!”

When I got close to the Portuguese man, Meiry was handing him the wallet. And the Portuguese man said:

“There's money missing.”

There was a white girl near Meiry who was calling her:

“Let's go, Meiry.”

The Portuguese man gave Meiry some meat. It was a heart.

...I took João to the dentist. I saw a sign at 2 Itaqui Street. Dentist. Dr. Paulo de Oliveira Porto.

I rang the bell and went in. A lady came to attend to me. I sat down to wait. But I was distressed about my children who were left alone. Dr. Paulo came to see me, and I told him that he's the closest dentist to the favela and that I wanted him to extract one of my son João's teeth. João sat down in the chair.

“How much is it, doctor?”

“One hundred cruzeiros!”

I thought the price was unreasonable. But he was already sitting in the chair.

I opened my purse and sat down. And I started counting the five-cruzeiro bills. I set aside twenty five-cruzeiro bills.

August 19th I didn't sleep. I rose from bed nervous. I went to carry water.

Soldier Flausino told me that C. was the father's mistress. That she had said she would go with the father and earn 50 cruzeiros.

I told them about it at the tap and the women said they had suspected it.

Day by day, the lives of the favelados get worse because of the lines for water.

...Vera was cheerful because I bought her a pair of espadrilles. In the morning she had cried because her shoes had holes in them.

August 20th I went out to pick up paper. I didn't talk to anyone. I encountered the City Hall inspector who jokes with Vera, saying that she's his girlfriend. And he gave her 1 cruzeiro and asked her for a hug.

A thorn penetrated my foot, and I stopped to take it out. Then I tied a cloth around my foot. I picked up some tomatoes and came home. Now I'm restored. It feels like they've swapped parts of my body. Only my soul is sad.

...I arrived at the final stop of Canindé. I stopped at COAP to buy rice. The cheapest one, which is already old and tastes like dirt.

August 21st ...I made coffee and sent the children to wash up to go to school. Then I went out to pick up paper. I stopped by the Meatpacking Plant and Vera went to ask for sausage. I only earned 55 cruzeiros. Then I went back and kept thinking about my life. Brazil is predominantly white. In many ways, they need black people and black people need them. (...) When I was getting ready to make dinner, I heard Juana's voice asking me for garlic. I gave her 5 heads. Then I went to make dinner and there was no salt. She gave me some.

August 22nd I rose from bed at 5 o'clock and went to carry water. The line was already huge. I only had 4 cruzeiros and one bottle. I went to Sr. Eduardo, he kept the bottle and the 4 cruzeiros and gave me a loaf of bread. I thought it was small, but there wasn't much money.

...I made coffee and got the kids ready for school. I went to pick up paper. I picked up oakum to sell. I stopped by a house on Tiradentes Avenue and took 50 kilos of paper that a lady gave me to sell for her. I carried it on my head and sold it. It was worth 100 cruzeiros. She was cheerful.

...There are days when I envy the lives of birds. I've been so nervous that I'm afraid I'm going crazy.

August 23rd ...There's no class today because it's the day of the teachers' meeting with the parents. I intend to go. I went out and took my three children. They look very distinguished today. They aren't fighting. Even I am calmer. I notice a transformation in myself.

I stopped by the Meatpacking Plant to get the bones. At first, they used to give us sausage. Now they give us bones. I'm horrified to see the patience of the poor woman who is happy with anything.

The children are glad because they get sausages. I continued and went to the warehouse. I found some cans, I hid them in the bushes. As I crossed the train tracks, I looked to see if a train was coming and saw D. Armanda. I asked her if her son Aldo had left a notebook for me.

...There was so much paper on the streets that I earned 100 cruzeiros. I bought sandwiches for my children. They like to walk with me because I buy them something to eat. A mother is always thinking that her children are hungry.

...I washed the dishes and swept the shack. Then I went to lie down. I wrote a little. I felt sleepy, I slept. I woke up several times during the night, with the fleas that penetrate our homes, without invitation.

August 24th ...I went to wash clothes. There wasn't much soap. D. Dolores gave me some pieces. I started to feel dizzy because I was hungry.

...I went to Chica's. She told me that Policarpo came to fight with the wife because she reported him to the Judge.

...Dorça told me that the fishmonger that Armim and Valdemar had already robbed, threw a sack in Valdemar's face, and while he was trying to get rid of the sack, he snatched the club from his hands and hit him with a few blows, and they ran away.

João and José Carlos went to the cinema at the church of Pari. Today I feel indisposed. I washed the clothes carelessly because I don't know if I'll wake up sick tomorrow.

I don't know which bastard enters the shack to steal. Because my hatchet is missing.

August 25th I went to fetch water and made coffee. I didn't buy bread. I had no money. I was going to take the children, I saw a girl who was going to class, I asked her if there was going to be class. She said yes. I dressed José Carlos, and João went as he was. I promised to bring him a packed lunch. And I went out with Vera. There was no paper on the streets because another man appeared to pick it up. I found scrap iron and metals.

August 26th ...I arrived at the favela and heated up the food. I was feeling indisposed. I had lunch and lay down. I fell asleep. What a wonderful sleep! No dreams, no nightmares.

I woke up to the voice of the baiana who was swearing at my children and throwing stones at the children. Here in the favela, no one pays attention to her because she fights over children. I went to talk to D. Alice. That I'm very sad. She told me that Pitita was fighting with a man and told him that his mother is worse than the chicken. (...) The man reported it, and the police came looking for her. And she ran away.

August 27th ...D. Irene gave me some newspapers. I sold them and earned 30 cruzeiros. I sold some newspapers for a teacher. I earned 40 cruzeiros. She gave me 20. I earned 5 more. I was left with 55. I stopped by the Factory (...) to pick up some tomatoes. I got home and asked to borrow Rosalina's cart and went to get wood to make the pigsty. I took Vera and José Carlos. Then I wandered around. After I work and earn money for my children, I rest. It's a fair rest.

August 28th I went to carry water. What a line! When I see the line of cans, I lose the will to live. I left the cans in line and went to make coffee. I woke João up. He abluted himself and went to buy bread. I washed the dishes and disinfected José Carlos. I changed him and gave him coffee. They went to school. I went to fetch water. There were quarrels over some women trying to cut in line.

August 30th ...I stopped by the Meatpacking Plant, I got some bones. I arrived at the warehouse, I earned 10 cruzeiros. Then I walked around Porto Seguro Street. I encountered this tall, handsome, blond guy. The kind of man women like to hug. He works in Transport. He looks like Nelson Edy²³⁸. He stopped to greet me.

I went to Sr. Eduardo's to buy kerosene, oil, and ink to write. When I asked for the inkwell, a man who was nearby asked me if I knew how to read. I told him yes. He took the pencil and wrote:

Are you married? If not, do you want to sleep with me?

I read it and handed it to him, without saying anything.

August 31st ...They say there will be a dance because of Leila's baby girl's baptism. They're singing and drinking.

September 1st ...I went to the street market, I bought an orange. I got home, Vera was in the backyard. I gave her a thrashing.

September 2nd I lit the fire and heated food for the children because I had no money to buy bread. I got the children changed for school. And I went out with Vera. I almost went crazy. Because there was little paper on the street. Now even the garbage men are moving in on what the paper collectors can get. They're selfish. On Paulino Guimarães Street there's a scrap metal warehouse. Every day they put the trash on the street, and the trash has a lot of iron. I used to pick up scrap metal to sell. Now, the garbage truck, before starting the route, comes down Paulino Guimarães Street and picks up the trash and loads it into the truck. Disgusting. Selfish. They already have jobs, they have hospitals, pharmacies, doctors. And they still sell everything they find in the trash to the scrapyard. They could leave the scrap metal to me.

...I spent the afternoon getting cans. Then I went to Bela Vista to get a crate. When I passed by the Meatpacking Plant, the bone truck was parked. I asked the driver for some bones. He gave me the one that I chose. It had a lot of fat.

...I made the soup and started writing. The night fell. João had dinner and lay down. I put Vera in the crib. José Carlos was on the street, afraid of being spanked, because he's a pig. He got mud all over his shirt. I made a pigsty and I'm going to put him in there to live with the pig. They'll get along just fine.

²³⁸ Nelson Eddy (1901-1978), an American singer and film actor, formed with Jeanette MacDonald a popular duo in operettas and musical comedies. (E.N.)

Pitoca walked down the street inviting people to go see the movies. She called João. I told her he was already asleep. I went to see the movies. It was a Church cartoon.

At the Play Boy²³⁹ that Adhemar built here for the kids, at night it's grown men who play there. Dummy made so much noise that it distorted the show. The favelados kept stepping on the electric wire that powered the machine. And the machine kept turning off. The favelados themselves say that favelados have no manners. I thought: I'm going to write.

When I was coming back, I encountered Paulo who lives with D. Aurora. She has a light-skinned daughter. She says that the daughter is Paulo's daughter. But the features don't match.

...I slept. And I had a wonderful dream. I dreamed that I was an angel. My dress was loose. Long pink sleeves. I was going from earth to heaven. And I'd grab the stars with my hand to contemplate them. Talk to the stars. They organized a spectacle to honor me. They danced around me and formed a luminous line.

When I woke up, I thought: I'm so poor. I can't attend a spectacle, so God sends me these dazzling dreams for my aching soul. To the God who protects me, I send my gratitude.

September 3rd Yesterday we ate poorly. And today it's worse.

September 8th ...Today I'm cheerful. I'm laughing for no reason. I'm singing. When I sing, I compose some verses. I sing until I get bored of the song. Today I wrote this song²⁴⁰:

*Someone sent you a macumba²⁴¹,
And I already know who did it,
It was Mariazinha,
The one you once loved
She said she loved you
But you didn't believe it.*

²³⁹ The author refers to the Playground installed by the city government in the Canindé favela. (E.N.)

²⁴⁰ This passage is from a composition by Carolina Maria de Jesus, later recorded under the title "Macumba" for the album *Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus Cantando Suas Composições*. It is the 10th track out of 12 on the album, which was recorded at RCA Victor in 1961. (T.N.)

²⁴¹ The term "macumba" is polysemous and is sometimes used generically, and often pejoratively, to refer to Afro-Brazilian religions such as *Candomblé* and *Umbanda*. In such prejudicial usage, it is associated with spells, witchcraft, and practices regarded as harmful by some religious groups. (T.N.)

September 9th There was no class because the president of Italy²⁴² is arriving in São Paulo. I didn't go out because it's raining. (...) I spent the day writing. And in the afternoon, I made a bean and rice soup.

September 14th ...Today is Moses' Passover. The God of the Jews. Who freed the Jews until today. Black people are persecuted because their skin is the color of night. And the Jews because they're intelligent. When Moses saw the Jews barefoot and ragged, he prayed asking God to give them comfort and riches. That's why almost all Jews are rich.

But us, black people, didn't have a prophet to pray for us.

September 18th Today I'm cheerful. I'm trying to learn to live with a calm spirit. I think it's because these days, I've had food to eat.

... When I saw the Factory employees (...) I looked at the signs they wear on their backs and wrote these verses:

*Some men in São Paulo
Walk around like they're on display,
With signs on their backs
Where they work it's what they say.*

September 19th ...At the Meatpacking Plant they no longer put the trash on the street because of the women who used to pick up rotten meat to eat.

September 20th ...I went to the emporium, I had 44 cruzeiros. I bought a kilo of sugar, a kilo of beans and two eggs. I was left with two cruzeiros. A lady, who was purchasing, spent 43 cruzeiros. And Sr. Eduardo said:

"You two almost tied in expenses."

I said:

"She's white. She has the right to spend more."

She said to me:

"Color has no influence."

So, we started talking about prejudice. She told me that in the United States they don't want Negroes in school.

I keep thinking: North Americans are considered the most civilized in the world and they still haven't been convinced that overlooking the blacks is the same as overlooking the sun. Man can't fight against the products of Nature. God created all races at the same time. If He created Negroes after the whites, then the whites could revolt.

²⁴² Giovanni Gronchi, president of Italy from 1955 to 1962. (E.N.)

September 23rd ...I went to D. Julita's. She gave me food. She's nervous because Sr. João is sick. He said that he doesn't hate those who have wronged him. That when he became poor, he saw a lot of nobility in poverty.

I've noticed that among the rich there's always divergence over money matters. I can't clarify these issues because I'm as poor as a rat.

September 25th ...I couldn't sleep because I was exhausted. I even thought I was going to die. I have the impression that I'm in a desert. There are times when I hate the reporter Audálio Dantas²⁴³. If he hadn't held back my book, I'd have sent the manuscripts to the United States and I'd have been settled.

I got up twice to kill the mosquitoes.

...When I was talking to Chica, Policarpo's companion called me. I didn't go. She proceeded into her house and came back with a subpoena and handed it to me. For me to go to the Investigation Office tomorrow, the 26th, and take João.

It's just that on July 8, 1958, she told me that my 11-year-old son João had tried to assault her daughter. I didn't see it because I was working. And she didn't present a witness.

September 26th ...I prepared lunch for my children. They came home from school, had lunch and I got changed and went to the Office. I took the children. (...) At the Office, they decided to rent an automobile to drive us to Asdrubal do Nascimento Street.

...There were seven of us in the car. I felt heartbroken to see a young woman who was accompanying us. She told me that it's been a year since her mother passed away. That her father gives her looks that terrify her. And that she's afraid to stay with him at home.

...We arrived at Asdrubal do Nascimento Street. (...) I went to speak to a lady who wanted to know what was happening with João.

She asked João if he knew what it was like to do something dirty. He said he did.

And if he had done something dirty to the girl. He said no.

The employee who was questioning him stopped writing and read some papers. (...) She continued her interrogation. She used foul language with the boy. And the obscene questions, wanting the boy to describe and report sexual pleasures.

I thought the interrogation was horrible. Vera and José Carlos stayed close to hear what the woman was saying. When the employee was speaking, I had the impression that I was in the favela.

²⁴³ Journalist Audálio Dantas, at the time a reporter for *Folha da Manhã* and *O Cruzeiro* magazine, was the one who discovered the author's manuscripts and forwarded them for publication. (E.N.)

September 30th ...I'm waiting for the Court officer, Sr. Feliciano Godoy. He gave me some subpoenas to distribute here in the favela. Isabel didn't go because those who drink don't obey. She made peace with her Negro man.

For her, today is a day of love.

October 3rd I rose from bed at 5 o'clock because I wanted to vote. (...) On the streets, you only see ballots on the ground. I keep thinking about the waste that elections entail in Brazil. I found it harder to vote than to get my voter registration card. And there was a line. Vera started crying, saying she was hungry. The chairman of the polling station told me that children couldn't be brought into the polling station. I replied that I had no one to leave her with.

October 4th I rose from bed feeling indisposed because I didn't sleep. The neighbor is a die-hard Adhemar supporter and spent the night with the radio on.

...I stopped by the Meatpacking Plant to pick up bones. Thanks to the elections, there was a lot of paper on the streets. The radios are broadcasting the election results. The ballot boxes favored Sr. Carvalho Pinto²⁴⁴.

October 7th A boy died here in the favela. He was two months old. If he had lived, he would have gone hungry.

October 12th ...There was a fight here in the favela because the man who is in charge of the electricity wants 30 cruzeiros per hookup²⁴⁵. The water bill only comes to 1,100 and he wants to charge 25 for each shack.

...I've been in the world for so long that I'm getting sick of living. Also, with the hunger I'm going through, who can live happily?

October 16th ...You all know by now that I carry water every day. Now I'll modify the beginning of the daytime narrative, that is, what happened to me during the day.

October 17th I did my duties and went out with Vera. I went to D. Julita to get the bed she gave me. She's happier because her husband is getting better. While I was talking to D. Julita inside the house, two boys carried the bed.

I ran and caught up with the boys and got the bed. (...) I took the bed and went to sell it to a Jew who buys used furniture. He examined the bed and said: "Me give 20."

²⁴⁴ Carlos Alberto de Carvalho Pinto (1910-1987) was effectively elected governor of São Paulo in 1958. He would also be Minister of Finance and senator. (E.N.)

²⁴⁵ In Brazil, *bico* is a popular term used in Brazilian favelas to refer to an improvised power outlet or light source. Since electricity supply in these areas was often precarious or unauthorized, residents frequently resorted to tapping into a main line with illegal connections. Each branch or light point installed from this improvised network was called a *bico*, here translated as *hookup*. (T.N.)

"Too little! The bed is worth more!"

"Me give 25."

"Too little! The bed is worth more!"

"Me give 30."

"Too little! The bed is worth more!"

"Me give 35."

"Too little! The bed is worth more!"

"Me give 40. No can do more."

I was already starting to get nervous about our discussion. He gave me 40 and I left and stopped at the gate to observe Vera who wanted more money. And she said:

"If you don't gimme any more money, I'll take the bed."

The Jew slapped Vera in the face, and she started to cry. He said to me:

"You give her a cruzeiro, ma'am, because I don't have any change."

...After I had dinner, I felt indisposed and went to lie down. I dreamed.

In the dream I was cheerful.

October 22nd ...Orlando came to charge for the water — 25 cruzeiros. He told me that he wouldn't tolerate delays. I gave the children dinner, they went to lie down and I went to write. I couldn't write peacefully with the love scenes unfolding near my shack.

I thought they were going to break down the wall!

I was horrified because the woman who was with Lalau is married. I thought: what a dirty, nasty woman! Man for man, a thousand times her husband.

I believe that one man is enough for a woman. A woman who has married needs to be normal.

This story of women changing men as if they were changing clothes is very ugly. Now, a free woman who has no commitments can imitate the deck of cards and pass from hand to hand.

October 23rd ...Orlando used to do odd jobs. Now that he's in charge of the electricity and water, he's stopped working. In the mornings, he sits at the tap and gives his opinion. I think: he loses, because the tongue of the women in the favela is bitter. It isn't made of bones, but it breaks bones.

Even Lacerda loses to the women from the favela!

October 24th ...I made coffee and sent José Carlos to buy 7 cruzeiros worth of bread. I gave him a 5 cruzeiro bill and 2 aluminum coins, the money that's currently in circulation in the country. I got nervous when I contemplated the aluminum money. Money should have more value than goods. And yet goods have more value than money.

*I'm disgusted, it's crummy
The money of aluminum*

*The worthless money
the money of Juscelino.*

...I rested, made lentil soup with rice and meat. I sent João to buy half a kilo of sugar, the fool bought rice.

He spends the day reading comics and doesn't pay attention to anything. He keeps thinking he's the invisible man, Mandrake and other craps.

October 25th ...The favela is in a festive mood today. There will be a procession. The priests sent an image of Our Lady. For whoever wants, the image remains for 15 days in each shack. Today they're praying the rosary in the square. The procession goes all the way to the tram stop.

In Chica's shack they're dancing.

October 28th ...I. separated from her husband and is living with Zefa. Her husband found her with her cousin. Now I. has come to commercialize her body, in the presence of her husband. I think: a woman who separates from her husband shouldn't prostitute herself. She must look for a job. Prostitution is a woman's moral defeat. It's like a building that collapses. But there are women who don't want to belong to just one man. They want to belong to men. It's just one lady, dancing the quadrilha with several men. She leaves the arms of one and goes to the arms of another.

D. Black Maria brought her daughter for me to disinfect her. She has cracked corners.

October 29th I rose from bed at 6 o'clock. I got nervous because I didn't sleep. I spent the night fixing the roof because of the leaks. I fixed it on one side, it dripped on the other.

When it rains, I almost go crazy because I can't go out and pick up paper to get money.

...I feel very cold. I usually wear three jackets. And there are people who see me on the street and say:

"How fat you've gotten!"

Gone are the days when we got fat.

The wife of Zé Baiano, Ramiro's cousin, told me and asked me not to tell anyone that José kicked her out of the house. That they haven't spoken for 20 days.

I told her to make amends, that José is very nice.

October 30th ...I went out with Vera. I noticed something abnormal because the Police were on the streets. I went to talk to a municipal employee. He complained that he had paid 5 cruzeiros for the bus.

I went on. Watching the people of São Paulo walking through the streets with a sad physiognomy. I didn't see anyone smiling. Today can be called the day of sadness.

I started to do the math on how much I had spent on the tram when I took my kids to the city. 3 kids and me, 24 cruzeiros round trip. I thought about rice at 30 per kilo.

A lady called me to give me some papers. I told her that due to the increase in the fares, the police were on the streets. She got sad. I realized that the news of the increase saddens everyone. She said to me:

"They spend money on elections and then raise everything. Auro²⁴⁶ lost, so the meat price went up. Adhemar lost, so the bus fares went up. A little bit from each one, and they'll recover what they spent. The people are the ones who pay for the election expenses!"

October 31st I went to carry water. How nice! There was no line. Because it's raining. I saw the women of the favela agitated and talking. I asked what was going on. They said that Orlando Lopes, the current owner of electricity, had beaten Zefa up. And that she reported it and he was arrested. I asked Geraldino if it was true. He confirmed it.

...Nena said that Orlando really hit Zefa hard. I went to pick up paper. Vera went to the Meatpacking Plant to ask for sausage. I earned 106 cruzeiros. Vera got 6 cruzeiros because she went into a bar to ask for water and they thought she was asking for alms.

...The People are saying that Dr. Adhemar raised the fares to get revenge on the people because they passed him over at the polls.

When I got home, the children were already home. I heated up the food. There wasn't much. And they were still hungry.

...There's a police officer on the trams in service. And on the buses too. The people don't know how to revolt. They should go to the Ibirapuera Palace²⁴⁷ and the Assembly and beat up these half-baked politicians who don't know how to run the country.

I'm sad because I have nothing to eat.

I don't know what we're going to do. If we work, we go hungry, if we don't work, we go hungry.

Several people are saying that we need to kill Dr. Adhemar. That he's harming the country. Anyone who travels by bus four times contributes 600.00²⁴⁸ to the C.M.T.C. This way, no one else can.

...In the morning, when I was going out, Orlando and Joaquim Paraiba were returning from prison.

²⁴⁶ Auro Soares de Moura Andrade (1915-1982): congressman and senator for São Paulo. (E.N.)

²⁴⁷ At the time, the office of the mayor of São Paulo. (E.N.)

²⁴⁸ The calculation refers to the monthly cost of bus fares. (E.N.)

November 1st ...I found a bag of cornmeal in the trash and brought it to give to the pig. I'm so used to trash cans that I can't walk past them without seeing what's inside.

Today I'm going to pick up paper because I know I won't find anything. There's an old man who goes ahead of me.

Yesterday I read that fable about the frog and the ox²⁴⁹. I have the impression that I'm a frog. I want to grow until I'm the size of the ox.

...I realized that people still think that we should revolt against the prices of foodstuffs and not just attack the C.M.T.C. Anyone who reads what Dr. Adhemar said in the newspapers, saying that it was with a heavy heart that he signed the increase, will say:

"Adhemar is mistaken. He has no heart."

"If the cost of living continues to rise until 1960, we'll have a revolution!"

November 2nd I went to wash clothes and stayed in the river until half past seven. Dorça went to wash clothes, and we talked about the shameful things that happen here in the favela. We talked about Zefa who gets a beating every day. I talked about women who don't work and always have money. We talked about Lalau's relationship with M. And M. says that the one he's dating is Nena. Nena is silly.

I washed the colored clothes and went to make coffee. I thought I had coffee. I didn't.

...The thing I dread is going into the small room where I sleep, because it's very cramped. To sweep the room, I have to dismantle the bed. I sweep the room every 15 days.

...Lunch was ready, and the children didn't come to have lunch. João disappeared. I noticed he went to the movies. I ate a little for lunch. I picked up a book to read. Then I felt cold. I went to sit in the sun. I found the sun very hot, so I went to sit in the shade. (...) I talked to a man. I told him that there is a rumor going around that the favela is going to end because they're going to build an avenue. He said that it isn't happening now. That the city government has no money.

...João came back from the cinema. I gave him a beating, and he ran away.

November 3rd ...I picked up some iron. I left some in the warehouse and brought some. When I passed by the newsstand I read this slogan from the students:

Juscelino skins!
Ademar steals!

²⁴⁹ According to the fable, a frog sees an ox and is amazed by its size; wanting to be just as big, the frog tries to puff herself up while asking her children if she's as big as the ox yet. She puffs up more and more — until she bursts. (E.N.)

*Jânio kills!
The Council supports!
And the people pay!*

...I stopped at the train tracks to get some cans because I had left them near the post and asked the guard to guard them. The guard asked how much I was going to receive for the cans. I told him it was 300.00. That I was already fed up with odd jobs. He said that this would be better than nothing. I told him that the oil cans were 70.00 and now they're 60.00. He said:

"Instead of going up, it goes down."

He said that life is too expensive. That even women are expensive. That when he wants to f..., women want so much money that he ends up giving up.

I pretended I didn't hear, because I don't talk pornography. I left without thanking him.

I bathed the children. They went to lie down. And I went to wash the dishes. Then I went to write. I felt tired and sleepy. I went to lie down. I killed some fleas that were moving on the bed and lay down. And I didn't see anything else.

I slept for about three hours straight. I woke up to the voice of Joaquim Paraiba, who was complaining that he had found a girlfriend who doesn't want to date in the dark. She only dates him during the day and at night where there's light.

I think:

"He doesn't have good intentions towards his girlfriend."

November 4th ...I went to pick up paper. (...) When I was coming back, I stopped at a newsstand. I saw a man calling the police officers stupid. In the photo, a police officer was beating up an old man. The newspaper said he was a DOPS²⁵⁰ police officer. I decided to take the tram and go home. (...) We went on talking about Dr. Adhemar, the only name that's in evidence because of the increase in transportation fares. The man told me that our politicians are carnivalesque.

I think Dr. Adhemar is outraged. And he decided to be harsh with the people to show he has the power to punish us.

I think that superior spirits don't take revenge.

...I got home tired and with pain in my body. I encountered Vera on the street. That blessed João, my mannequin of a son, doesn't pay attention to anything. The shack was open, and shoes were scattered across the floor. He hadn't put the beans on the stove. (...) It was half past six when João showed up. I told him to light the fire. Then I gave him a beating. With a stick and a strap. And tore up his damn comics. The kind of reading I hate.

²⁵⁰ Department of Political and Social Order, responsible for repressing political demonstrations. (E.N.)

November 5th ...I stopped by the emporium and sold a bottle to Sr. Eduardo for 3 cruzeiros to pay for the bus. When I got to the bus stop, I encountered D. Adelaide's Toninho. He works at Saraiva Bookshop. I told him:

"That's right, Toninho, the publishers in Brazil don't print what I write because I'm poor and don't have the money to pay. So, I'm going to send my book to the United States." He gave me several publishers' addresses that I should look into.

...I was walking down the street picking up the pieces of scrap metal I found. I stopped by D. Julita and asked for food. She heated up some food for me. D. Julita gave me soup, coffee and bread. I ate at D. Julita's. It was three o'clock. I felt indisposed. The furniture was spinning around me. It's just that my organism isn't used to comforts.

...I prepared soup for the children. They fell asleep before the soup was cooked. When it was ready, I woke them up to eat. We had dinner and went to bed. I dreamed about D. Julita. Who had told me to work for her and that she'd pay me 4 thousand cruzeiros a month. I told her that I was going to institutionalize the children. And I'd only take Vera.

I woke up. I didn't fall asleep again.

I started to feel hungry. And those who are hungry don't sleep.

When Jesus said to the women of Jerusalem: "Weep not for me. Weep for yourselves" — his words prophesied the government of Sr. Juscelino. A lot of hardship for the Brazilian people. A lot of hardship for the poor people, who have to eat whatever they find in the trash or go to bed hungry.

Have you ever seen a dog when it wants to catch its tail with its mouth and it keeps spinning around without catching it?

It's just like Juscelino's government!

November 6th ...When I arrived at D. Julita's it was half past eight. She gave me coffee. Vera started saying that she'd like to reside in a house like D. Julita's. She made lunch. And I ate lunch. Vera was eating and saying:

"What delicious food!"

D. Julita's food makes me dizzy.

...After work, she gave me soap, cheese, shortening and rice. That long-grain rice. The rice of wealthy people.

November 8th ...I went shopping at the Japanese store. I bought a kilo and a half of beans, 2 kilos of rice, and half a kilo of sugar, 1 bar of soap. I asked her to add it up. 100 cruzeiros. The sugar went up. The buzzword now is "went up." It went up!

This reminds me of this quatrain that Roque wrote and gave me to include in my poetic repertoire and for me to say that it's mine:

*Politicians when they're a candidate
Promise that they'll give a raise*

*And the people can clearly detect
That it only brings more neglect.*

...I went to get the old wardrobe. When I arrived to get the wardrobe, a young woman who resides there helped me take down the wardrobe and gave me a mattress.

I couldn't secure the wardrobe in the cart. João was starting to get nervous. He said:

“Damn the day I came to get this wardrobe!”

The owner of the shoe store helped me put the wardrobe on the cart. It fell because the cart slipped. There were some men from Light²⁵¹ working. One of them appeared and gave me a rope. I started to tie it. But I couldn't. People started to flock to see me. João got nervous with the glances. I looked at the Light employees and thought: there are no men in Brazil! If there were, they'd fix this for me. I should have been born in Hell!

I put the mattress inside the wardrobe. It got worse. The men from Light watched my struggle. And I thought: they're good for watching. I thought: I didn't come into this world to wait for help from anyone. I've overcome so many things on my own, I'll overcome this! I'll arrange this wardrobe. I wasn't thinking about the men from Light. I was sweating and could smell the sweat. I was startled when I heard a voice in my ear:

“Leave it to me, I'll settle it for you, ma'am.”

I thought: now it's going to happen. I looked at the man and thought he was handsome. He took the mattress out of the wardrobe and put it on the cart. Then he put the wardrobe on top so it wouldn't slip. He took the rope and tied it. João was glad and said:

“Thanks to men!”

...I was swearing at Sr. Manoel when he arrived. He said good night to me. I said to him:

“I was swearing at you. Did you hear?”

“I didn't hear.”

“I was telling my children that I wanted to be black.”

“And you're not black?”

“I am. But I wish I was one of those scandalous Negro women to hit you and tear your clothes.”

...When he doesn't come here for a few days, I start swearing at him. I say: when he arrives, I want to beat him up and throw water on him. When he arrives, I'm left speechless.

²⁵¹ Light: a Canadian company that provided electricity and public transportation in São Paulo and Rio de Janeiro throughout the 20th century. Founded in 1899 as The São Paulo Tramway, Light and Power Company, it was popularly known as “Light”. (T.N.)

He told me he wants to marry me. I look at him and think: this man isn't for me. He looks like an actor who is about to go on stage. I like men who can hammer nails, who fix things around the house.

But when I'm lying down with him, I think he's good enough for me.

...I made rice and put water on to heat so I could bathe. I thought about the words of Policarpo's wife who said that when she passes by me, I'm smelling like cod. I told her that I work a lot, that I had carried more than 100 kilos of paper. And it was hot. And the human body is useless.

Anyone who works like me must stink!

November 9th ...I prepared a meal for the children and went to wash clothes. The people at the river were Dorça and a northerner who said that her daughter-in-law was in labor. For three days. And she couldn't find a hospital. They called the Radio Motor Patrol to hospitalize her and there was still no solution. The old woman said:

"São Paulo is no good. If it was in the North, all you had to do was call a woman, and that would be it."

"But you're not in the North, ma'am. You need to get the woman to a hospital."

The husband sells at the street market. But he doesn't want to spend money on his wife because he wants to go to the North and is saving money.

November 12th I was going to go out, but I'm so downhearted! I washed the dishes, swept the shack, made the beds. I was horrified by so many fleas. When I went to fetch water, I told D. Angelina that I had dreamed that I had bought a very beautiful piece of land. But I didn't want to go reside there because it was on the coast and I was afraid of my children falling into the sea.

She told me that it's only in dreams that we can buy land. In the dream I saw palm trees leaning towards the sea. How beautiful! The most beautiful thing is dreaming.

I found D. Angelina's words funny, as she told me the truth. The Brazilian people are only happy when they're sleeping.

November 14th I rose from bed at 5 o'clock and went to fetch water. There were only men at the tap. No one was speaking. They filled their containers and left. I thought: if it was women...

November 15th The day dawned bright for everyone. Because today there's no smoke from the factories to make the sky gray.

November 17th ...I. and C. are starting to prostitute themselves. With 16-year-olds. It's a commotion. More than 20 men after them.

There's a young man who lives on Porto Street. He's yellow and thin. He looks like a walking skeleton. His mother forces him to stay in bed, because he's

sick and gets tired easily. He goes out with his mother only to beg for alms, because his appearance moves people.

That yellow son of hers is her breadwinner.

But even he is after I. and C. So many 15- and 16-year-olds have appeared here in the favela that I'm going to report it to the authorities.

...I saw the girls from the Candy Factory, so clean. I. and C. could work. They're not yet 18 years old. They're unfortunate people who start their lives in the mud.

...Today I'm sad. God should give the poet a cheerful soul.

...Pitita ran away, and her husband followed. The children watched these scenes with delight. Pitita was half-naked. And the parts that a woman must conceal were visible. She ran, stopped and picked up a stone. She threw it at Joaquim. He dodged it and the stone hit the wall, above Teresinha's head. I thought: this one cheated death!

Francisca started by saying that Joaquim was no good. That he's only good for knocking women up. (...) Leila shouted that Pitita was fighting with Joaquim because he's sleeping with I.

I. is being fought over in the favela. She abandoned her husband. (...) Leila in a fight is like gasoline on a fire. She instigates and takes the spider's place with her web.

...When Pitita fights, everyone comes out to see. It's a pornographic show. (...) The children started saying that Pitita had lifted her dress. I came into the house. I was already lying down and I heard Pitita's voice.

The afternoon in the favela was bitter. And so, the children learned what men do... with women.

Those things they don't forget. I feel sorry for these children who live in the filthiest Storage Room in the world.

November 20th ...I looked at the sky. It looks like it's going to rain. I got up, had coffee and went to sweep the shack. I saw the women looking towards the river. I went to see what was happening. I had some onions that Binidito's Juana gave me because I gave her some tomatoes. I told Vera to put the tomatoes away and I went to ask the women what was happening at the river.

"It's a child who can't get out of the river."

I went to see it. I thought: if it's a child, I'll cross the Tietê to get them out, and if I have to swim, I'll get in the water.

I ran to see what it was. It was a floating basket of cheese. I went back and started writing.

November 21st ...I saw several people at Leila's shack. I went to see what was going on. I asked D. Camila what had happened.

"It's the girl who died."

"What did the girl die of?"

"I don't know."

...Sleep came. I lay down. I woke up to brawls near my window. It was Ida and Analia. The fight started at Leila's. They don't even respect the deceased. Joaquim intervened, asking them to respect the body. They went to fight in the street.

...This morning, I told Portuguese Man Sr. Joaquim that D. Mariquinha's daughter didn't know how to read. He said:

"How to f... they learn. And they learn without a teacher."

I laughed and said:

"Those Portuguese men aren't any good!"

From my window I see Leila's daughter in her coffin. The problem is that there's no respect at the wake. It almost looks like a party.

...The moonlight is wonderful. The night is tepid. That's why the favelados are agitated. Some play the accordion, others sing. They've already prayed a rosary for Leila's daughter.

The coffin is white. I'm going to lie down. It's too noisy, but I'm going to lie down.

Here everything is a reason for mayhem.

November 22nd I rose from bed at 5 o'clock and went to carry water. I looked at Leila's shack. I saw José do Pinho among the tramps. I thought: such a handsome young man...

Everyone in the backyard was complaining that Leila's daughter's wake was bitter. That they walked all night and didn't let anyone sleep.

...The car arrived to take Leila's daughter away. She started to cry. As soon as the child left, Leila went to drink.

What I'm amazed at are the souls of the favela. They drink because they're cheerful. And they drink because they're sad.

Drinking here is a palliative. In times of trouble and in times of joy.

November 23rd ...I prepared some scrap metal to sell at the scrapyard warehouse. I made two trips. I earned 178 cruzeiros. I called *Folhas*²⁵² to send some reporters to the favela to expel some gypsies who are camping here. They throw excrement in the street. People who reside near the gypsies are complaining that they talk all night long. And they don't let anyone sleep. They're violent and the favelados are afraid of them. But I've warned them that I don't suffer fools gladly.

Due to the girls being naked, the bums sit near the shack, observing them. The problem is that if someone attacks them, the gypsies revolt. But their nudity turns people on. It's like I'm foreseeing a brawl between of gypsies and favelados. I'd take our bums a thousand times over the gypsies.

²⁵² Reference to the Folha group of newspapers, at the time formed by Folha da Noite, Folha da Manhã and Folha da Tarde. (E.N.)

November 26th ...I went to fetch water. I looked at the place where the gypsies camped. They only stayed for three days. But it was enough to annoy us. They're disgusting. The place where they camped is dirty and exudes a bad smell. An unfamiliar odor.

November 27th ...I'm glad that my children are literate. They comprehend everything. José Carlos told me that he'll be a distinguished man and that I'll call him Sr. José.

He already has ambitions: he wants to reside in a masonry house.

...I went to collect the cardboards. I earned 55 cruzeiros. When I was returning to the favela, I encountered a lady who was complaining because she had been evicted by the City Hall.

How horrible it is to hear a poor person lamenting. The voice of the poor has no poetry.

To cheer her up, I told her that I had read in the Bible that God said He'd fix the world. She became cheerful and asked me:

"When will this happen, D. Carolina? How wonderful! And I already wanted to commit suicide!"

I told her to be patient and wait for Jesus Christ to come to the world to judge the good and the bad.

"Oh! Then I'll wait."

She smiled.

...I said goodbye to the woman, who was already more cheerful. I stopped to fix the sack that was slipping off my head. I contemplated the landscape. I saw the purple flowers. The color of hardship that is in the hearts of starving Brazilians.

November 28th I went to carry water. There was no one there. Just me and T.'s daughter, the woman who gets pregnant and no one knows who the father of her children is. She says that her children are their father's children.

November 29th ...It was 11 o'clock when I went to lie down. I heard raised voices. There were 2 women fighting. I heard Lalau's voice. It's just that he's already out of jail. It's been 3 days since he was arrested because of Paulo's duck. I don't think Lalau will ever want the duck of his neighbors again.

November 30th... I saw a boy fiddling with his foot. I went to see what was wrong. It was a thorn. I took a pin out of my dress and took the thorn out of the boy's foot. He went to show the thorn to his father.

The boy looked at me. What a look! I thought: I've made another little friend.

December 5th ...Leila told me that D.'s daughter is in jail because her husband caught her in adultery with a baiano who has two gold teeth.

...Today I'm inaugurating a radio. I had the radio on until 12. I listened to the tango programs. Orlando turned on the lights. Now I have to pay 75 cruzeiros a month, because he charges 25 for each hookup.

December 6th I rose from bed at 4 in the morning. I turned on the radio to listen to the dawn of tango.

...I was horrified when I heard the children commenting that Sr. Joaquim's son went to school drunk. It's just that the boy is 12 years old.

I'm very sad today.

December 8th ...In the morning the priest came to say mass. Yesterday he came with the chapel car and told the favelados that they need to have children. I think: why should the poor be the ones to have children — if the children of the poor have to be workers?

In my weak opinion, the ones who should have children are the rich, who can give their children homes made of masonry. And they can eat whatever they desire.

When the chapel car comes to the favela, several debates about religion arise. The women say that the priest told them that they can have children and when they need bread they can go and get it from the church.

For the Sr. vicar, the children of poor people are raised on nothing but bread. They don't wear clothes or shoes.

December 11th ...I started complaining to D. Maria das Coelhas that what I earn isn't enough to take care of my children. They have no clothes or shoes. And I don't stop for a minute. I pick up everything that can be sold and misery remains firmly by my side.

She told me that she was already disgusted with life. I heard her lamentations in silence. And I told her:

"We're already destined to die of hunger!"

December 13th ...The northerner started complaining that her children were going back to the countryside because they couldn't find work here in São Paulo. They're going to pick cotton. I felt sorry for the northerner. I've already picked cotton. I felt sorry for the northerner.

December 14th ...In the morning there was mass. The priest told us not to drink, because a man who drinks doesn't know what he's doing. That we should drink lemonade and water. Several people came to attend the mass. He said that he's pleased to be among us.

But if the priest resided among us, he'd express it differently.

December 16th ...When I was talking to Sr. Venancio I witnessed a repulsive scene. The woman of that mulatto who lives across the street from Sr. A. was dating João Northerner. The one with two gold teeth.

December 18th ...I was writing. She asked me:

"D. Carolina, am I in this book? Let me see!"

"No. The person who will read this is Sr. Audálio Dantas, who will publish it."

"And why am I in there?"

"You're here because on the day that Armim fought with you and started hitting you, you ran out naked into the street."

She didn't like it and said to me:

"What do you gain from this?"

...I decided to go inside the house. I looked at the sky with its dark clouds that were about to turn into rain.

December 19th I woke up with a stomachache and vomiting. I was sick and had nothing to eat. I sent João to the scrapyards to sell some oakum and some iron.

He earned 23 cruzeiros. It wasn't even enough to make soup.

(...) What an ordeal to get sick here in the favela! I thought: today is my last day on earth.

...I realized that I had gotten better. I sat on the bed and started picking fleas. The idea of death was already fading away. And I started making plans for the future.

Today I didn't go out to pick up paper. Let God's will be done.

December 20th ...The old people say that at the end of the world life would become insipid. I believe that's just a story, because Nature still continues to give us everything.

We have the stars that shine. We have the sun that warms us. The rain that falls from above to give us our daily bread.

...I was getting ready to lie down when Duca, who asked me to report Sr. Manoel, because he had bought a television and the television was draining all the power and leaving the favela without electricity, appeared. Misunderstanding. The television wasn't on. One thing I'll never do is defame Sr. Manoel. He's the most distinguished man in the favela. He's been here for 9 years. He leaves home and goes to work. He doesn't miss work. He has never fought with anyone. He has never been arrested. He's the highest-paid man in the favela. He works for Count Francisco Matarazzo²⁵³.

²⁵³ Italian immigrant Francisco Matarazzo was one of the pioneers of industrialization in the country [Brazil] and creator of one of the largest manufacturing complexes in Latin America. (E.N.)

December 24th ...Today I'm feeling lucky. There's a lot of paper on the street. (...) At 5 o'clock I started getting dressed to go to the Divino Mestre Spiritist Center to receive the Christmas donations. I got the children ready and left. (...) I heard voices:

"They're giving out cards!"

I ran to see. I saw the favelados surrounding a car. And people running to get cards. Only the driver was in the car. And people were asking:

"Give me one. Give me one!"

The driver said:

"You're dirtying the car!"

I asked him:

"What are you distributing?"

"I came here to bring a man. I don't even know what these people are asking for."

"It's just that at Christmas time, when an automobile comes here, they think they're here to give presents."

"I'll never come here again at Christmas," said the driver, looking at us with repulsion.

There were so many people around the automobile that I couldn't write down the license plate.

...At the Spiritist Center the line was already huge when we arrived. (...) The 10 children of a northerner were asking for bread. D. Black Maria gave her 15 cruzeiros. She went to buy bread.

Sr. Pinheiro, the honorable president of the Spiritist Center, went out to talk to the indigents. (...) A man passed by, stopped and looked at us. And said noticeably:

"Are these people from this world?"

I thought it was funny and replied:

"We're ugly and poorly dressed, but we're from this world."

I glanced over those people to see to see if they showed a human appearance or the appearance of ghosts. The man went on smiling. And I kept analyzing. When we penetrated the Center to receive the prizes, my number was 90. The others and I received gifts and other goods: clothes, mate tea²⁵⁴, potatoes, rice and beans. Sr. Pinheiro invited me to go to the Center.

It was 9:30 when we arrived at the tram stop and went to see a Nativity scene that they had made in the vacant garage. There was a sign that read: Free entry. But in the Nativity scene there was a tray with bills ranging from 1 to 100. When I left, I praised the Nativity scene. It's the only thing I can do.

²⁵⁴ Mate tea (or yerba mate) is a traditional South American infusion made from the dried leaves of the *Ilex paraguariensis* plant. It is particularly popular in countries like Brazil, Argentina, Paraguay, and Uruguay. (T.N.)

When I arrived at the favela, I found the door open. The moonlight is wonderful.

December 25th ...João came in saying he had a stomachache. I realized it was because he had eaten some spoiled watermelon. Today they dumped a truckload of watermelons near the river.

I don't know why these thoughtless merchants come dump their spoiled products here near the favela, for the children to see and eat.

...In my opinion, the wholesalers of São Paulo are having fun with the people just like Caesar did when he tortured the Christians. But the Caesar of today surpasses the Caesar of the past. The others were persecuted for their faith. And we, for hunger!

At that time, those who didn't want to die stopped loving Christ.

But we can't stop eating.

December 26th ... That lady who resides on Paulino Guimarães Street, number 308, gave a doll to Vera. We were passing by when she called Vera and told her to wait. Vera said to me:

"I think I'm going to get a doll."

I replied:

"And I think we're going to get bread"

I felt her anxiety and curiosity to know what she was going to get. The lady came out of the house with the doll.

Vera said to me:

"I told you! I was right!"

And she ran to get the doll. She took the doll and ran back to show me. She thanked the lady and said that the girls in the favela would be envious. And that she'd pray every day for the lady to be happy. That she'd teach the doll to pray. And she'd take her to mass so she could pray for the lady to go to heaven and not have a disease that hurts a lot.

December 27th ...I got tired of writing, I fell asleep. I woke up to a voice calling D. Maria. I remained quiet, because I'm not Maria. The voice said:

"She said she lives at number 9."

I got up in a bad mood and went to answer the door. It was Sr. Dario. A man I had met during the election. I told Sr. Dario to come in. But I was bashful. The night toilet was full.

...Sr. Dario was horrified by the primitiveness in which I live. He looked at everything with astonishment. But he needs to learn that the favela is São Paulo's dumping ground. And that I'm someone they dumped.

December 28th ...I lit the fire and put some water on to heat up and started washing the dishes and sweeping the walls. I found a dead mouse. I've been

looking for it for days. I set the mousetrap. But it was a black cat who killed it. She belongs to Sr. Antonio Shoemaker.

The cat is a wise man. It has no deep love and doesn't let anyone enslave it. And when it leaves, it doesn't return, proving that it has a mind of its own.

If I tell this story about the cat, it's because I was glad that it killed the mouse that was ruining my books.

December 29th I went out with João, Vera and José Carlos. João took the radio to get it fixed. When I was going to Pedro Vicente Street, the warehouse guard called me and told me to go and get some sacks of paper that were near the river.

I thanked him and went to see the sacks. They were sacks of rice that had been in the warehouse and had rotted. Someone ordered them to be thrown out. I was horrified to see the rotten rice. I contemplated the pantry moths circling, the cockroaches and the rats running from one side to the other.

I thought: why is the white man so vicious? He has money, he buys things and puts them in the warehouses. He plays with the people like a cat with a mouse.

December 30th ...When I went to wash the clothes, I encountered some women who were commenting on the courage of Maria, the baiano's companion. They separated and she went to live with another baiano, her neighbor.

Women's tongues are wicks. Always igniting.

December 31st ...I spent the afternoon writing. My children were playing ball near the shacks. The neighbors started complaining. When it's their children who play, I don't say anything. I don't pick on children, because I don't have windowpanes and the ball doesn't damage the board walls.

...José Carlos and João were playing ball. Tonico's ball. The ball fell in Vitor's backyard. And Vitor's wife punctured the boy's ball. And the boys started swearing. She grabbed a revolver and ran after the boys.

What if the revolver went off!

...I'm not going to lie down. I want to listen to the São Silvestre race. I went to the house of a gypsy who resides here. I was heartbroken to see them sleeping on the ground. I told him to come to my shack at night that I'd give him two beds. If he came during the day, the women would pass on the news, because everything is considered news here.

When night fell, he came. He said he wanted to settle down because he wanted to send his children to school. That he was a widower and likes me very much. If I want to live with or marry him.

He hugged me and kissed me. I contemplated his mouth adorned with gold and platinum. We exchanged gifts. I gave him sweets and clothes for his children, and he gave me pepper and perfumes. Our conversation was about art and music.

He told me that if I marry him, he'll take me out of the favela. I told him that I don't adapt to being in caravans. He told me that the wandering existence is poetic.

He told me that gypsy love is as immense as the sea. It's warm as the sun.

That's all I needed. To become a gypsy at my age. There is a spiritual attraction between me and the gypsy. He didn't want to leave my shack. And if I could, I wouldn't let him leave. I invited him to come and listen to the radio. He asked me if I was on my own. I told him that my life was as confusing as a jigsaw puzzle. He likes to read. I gave him books to read.

I went to see what the shack looked like. It looked more pleasant after he had set up the beds. João went to call me, saying that I was taking too long.

The favela is agitated. The favelados are jubilant because they've completed a year of life.

Today a northerner went to the hospital to have a child and the baby was stillborn. She's on IV fluids. Her mother is crying because she's an only child.

There's a dance at Vitor's house.

January 1st, 1959 I rose from bed at 4 o'clock and went to carry water. I went to wash the clothes. I didn't make lunch. There's no rice. In the afternoon I'm going to make beans with pasta. (...) The children haven't eaten anything. I'm going to lie down because I'm sleepy. It was 9 o'clock, João woke me up to open the door. Today I'm sad.

January 4th ...In the old days I used to sing. Now I've stopped singing, because joy has gone away to give way to sadness that ages the heart. Every day, some poor soul shows up here in the favela, latches onto a relative, and they get by. Ireno is a poor soul that has anemia. He's after his wife. But she's not having it. (...) He told me that his mother-in-law instigates his wife against him. He's now at his brother's house. He went to spend a few days at his sister's house. He returned. He told me they were dropping hints to him because of the food.

Ireno said he's already dissatisfied with life. Because a healthy life is already so poignant...

January 5th ...It's raining. I was almost going crazy with the leaks dripping onto the beds, because the roof is covered with cardboard and the cardboard has already rotted. The water is rising and invading the backyards of the favelados.

January 6th I rose from bed at 4 o'clock, turned on the radio and went to carry water. What an ordeal to get into the water in the morning. Just my luck, the one who's always cold! But that's life. Men are leaving for work. They carry their socks and shoes in their hands. The mothers trap the children at home. They're eager to go and play in the water. People with a jocular spirit say that the favela is the nautical city. Others say it's the Venice of São Paulo.

...I was writing when the gypsy's son came to tell me that his father was calling me. I went to see what he wanted. He started to complain that he was finding it difficult to live here in São Paulo. He goes out to look for a job and can't find one.

He said he was going back to Rio because there it's a better place to live. I told him that people earn more money here.

"You earn more in Rio," he said. "There I blessed children, sold meat and earned a lot of money."

I realized that when a gypsy talks to someone, he talks for hours and hours. Until the person offers him money. There's no advantage in being friends with a gypsy.

...When I was leaving, he told me to stay. I left and went to the emporium. I bought rice, coffee and soap. Then I went to Bom Jardim Butchery to buy meat. When I got to the butcher shop, the cashier looked at me with a displeased look.

"Is there lard?"

"No."

"Is there meat?"

"No."

A Japanese man came in and asked:

"Is there lard?"

She waited for me to leave before telling him:

"Yes."

I came back to the favela furious. So, the favelado's money has no value? I thought: today I'm going to write and swear at the wretched cashier of Bom Jardim Butchery.

Nasty woman!

January 7th ...Today I made rice and beans, and I fried eggs. What joy! When I write this, people will think that in Brazil there's nothing to eat. There is. But the prices make it impossible for us to purchase it. We have cod on stands that wait for years and years for buyers. The flies dirty the cod. Then the cod rots and the wholesalers throw it into the trash and throw creolin on it so that the poor don't pick it up and eat it. My children have never eaten cod. They ask:

"Buy it, mommy!"

But how can I buy it? At 180 per kilo. I hope, if God helps me, that before I die, I'll buy some cod for them.

January 8th ...I encountered the driver who came to dump the sawdust here in the favela. He invited me to get into the truck. The blond driver asked me if it was easy to find a woman here in the favela. And if he could come to my shack. The driver told me that he was still in shape. The assistant said that the driver had already retired.

I said goodbye to the driver and went back to the favela. I lit the fire, washed my hands and started making food for my children.

January 10th ...Sr. Manoel came. It was 8 o'clock. He asked me if I still talk to the gypsy. I said yes. That he has land in Osasco and that if the favela ends and I have nowhere to go, I can go to his land. That he admires my energy and if he could, he'd live by my side.

Sr. Manoel got angry and told me that he won't return anymore. That I could stay with the gypsy.

What I admire about the gypsy is his calmness and understanding. Something that Sr. Manoel doesn't possess. (...) Sr. Manoel told me that he won't show up again. We'll see.

January 11th ...I'm not feeling good about my spiritual state. I don't like my restless mind. The gypsy is disturbing me. But I'll master this spell. I've noticed that when he sees me, he gets cheerful. And so do I. I have the impression that I was like one shoe, and now I've finally found my other half to make a pair.

I've heard a lot of things about gypsies. And he doesn't have the bad qualities that people spread about him. It seems like this gypsy wants to be a guest in my heart.

At first, I feared his friendship. And now, if it flourishes, it'll be a pleasure for me. If it regresses, I'll suffer. If I could only connect with him!

He has two children. The boy always accompanies me. If I go to wash clothes, he goes with me, sits next to me. The boys in the favela are envious when they see me pleasing the boy. By pleasing the son, I'll get the father.

The gypsy's name is Raimundo. He was born in the capital of Bahia. But he doesn't use a peixeira. He looks like Castro Alves²⁵⁵. His eyebrows are connected.

January 12th ...I made dinner. And I gave the children dinner. Rosalina appeared. She came to get some beans. I gave them to her.

Sr. Raimundo arrived. He came to call his children. He looked at the children having dinner. I offered him dinner. He didn't want it. He took a sardine and asked if it had pepper. I don't put pepper in the food because of the children.

I thought: if I was alone, I'd give him a hug. What emotion I felt seeing him by my side. I thought: if one day I'm exiled and this man goes with me, he'll soften the punishment.

I told Rosalina to eat sardines. I gave her the beans. Raimundo told me he was going away to his house. And that if the favela ever ends, I should look for him. He made the same invitation to Rosalina. I didn't appreciate it. It wasn't selfishness. It was jealousy. He left and I was left thinking. He doesn't settle. It's

²⁵⁵ Antônio Frederico de Castro Alves (1847 – 1871) was a Brazilian poet, playwright and lawyer, considered the main representative of the third generation of Romantismo in Brazil. (T.N.)

his gypsy blood. I thought: if this man is ever mine, I'll trap him by my side. I want to present to him the world in a different way.

January 14th ...I walked around the streets. I went to D. Julita's. I went to Cruz Azul to receive the money for the cans. I got home before the rain. Sr. Raimundo sent his daughter to call me. I got changed and went to see him. He told me he was going to Volta Redonda²⁵⁶. I believe I'm going to miss him. (...) I said goodbye to him, saying that I needed to write and that I couldn't take long.

January 15th ...I rose from bed at 4 o'clock and went to carry water. I turned on the radio to listen to the tango show.

...Sr. Manoel said he wouldn't come anymore and he showed up. He penetrated the water to get to my shack. He caught a cold.

Today I'm glad. I got money. I counted to 300! Today I'm going to buy meat. Nowadays, when poor people eat meat, they're on cloud nine.

January 16th ...I went to the Post Office to retrieve the notebooks that had returned from the United States. (...) I arrived in the favela. Sad as if my limbs had been mutilated. *The Reader's Digest* returned the originals. The worst slap in the face for a writer is the return of their work.

To dispel the sadness that was bruising my soul, I went to talk to the gypsy. I took the notebooks and the inkwell and went there. I told him that I'd withdrawn the originals from the Post Office and that I wanted to burn the notebooks.

He started recounting his adventures. He said he'd go to Volta Redonda. And he's going to stay at the house of the 14-year-old girl who was with him. If the girl went out to play, he'd look for her, looking at her carefully. I didn't appreciate his glances at the young girl. I thought: what does he want with this young girl?

My children went into the shack. He was lying down on the floor. I asked him if he uses a peixeira.

"No. I prefer a good revolver like this one."

He showed me a .32 revolver. I don't like revolvers. He gave the revolver to João to hold. He said to him:

"You're a man. And a man needs to learn to deal with these things."

He advised him not to tell anyone, that he doesn't want the people of the favela to know that he has a revolver.

"I show it to your mother because she likes me. And when a woman likes a man, she doesn't tell on him. When I was a soldier, I bought this revolver."

"Have you ever been a soldier, sir?"

"Yes. In Bahia. I left the uniform because I earned very little."

²⁵⁶ Volta Redonda is a city in the state of Rio de Janeiro, in the Southeast region of Brazil. (T.N.)

He showed me his picture in uniform. When I was getting up to leave, he'd say:

"It's still early!"

He ordered coffee to be made. The young lady said that there wasn't any sugar. I sent João to get the sugar and butter. He sent his son to buy 6 cruzeiros worth of bread. He said:

"I've never eaten without meat. I've never eaten bread without butter. And here in this shack I ate. This shack made me gain weight."

His son returned with the bread. José Carlos came in and started fighting with his son. He told them not to fight, that we're all brothers. José Carlos protested:

"I'm not his brother!"

"You're brothers through Adam and Eve."

He held José Carlos in his arms, forcing him to lie down next to him on the floor. José Carlos broke free and went out into the street.

I looked at the notebook and began to write. When I looked up, his gaze was fixed on the young girl's face. I didn't like his hysterical look.

...My thoughts began to unravel the gypsy's sordidness. He takes advantage of his beauty. He knows that women are deceived by handsome faces. He lures young girls by saying he'll marry them. He satisfies his desires and then sends them away. (...) Now I comprehend his glances at the young girl. This serves as a warning to me. I'll never leave Vera at anyone's house.

I looked at the gypsy's face. A beautiful face. But I felt disgusted. It was the face of an angel with the soul of a devil. (...) I came to my shack. I was putting the notebooks on the table when I felt someone grab me from behind. It was the gypsy who was hugging me. He kissed me on the mouth. His arms were so tight around me. He said to me:

"I'm going away. I'll leave my clothes. You wash them for me. When I come back, I'll give you a sewing machine. I don't count money. I know you'll think of me, and I know you'll miss me. I know I'll be a guest in your heart. And you'll still have the opportunity to sleep in my arms."

As he hugged me, I thought: this devil should be in jail. I sat on the bed, he sat next to me. I closed the window, and we continued kissing. My affection represented an interest in finding out his activities. He said to me:

"I'll come to sleep here. We'll both sleep in this bed, and my sister will sleep in the small room."

"I don't sleep with anyone near my children."

He looked at me and said:

"You're silly. Children fall asleep right away when they go to bed."

He left. He was worried about the young girl he said was his sister, not wanting to lose sight of her. I realized that he's already used to seducing young girls.

He was always messing with them. He was interested in Dirce. He couldn't get Dirce because she didn't see him up close. Because his beauty is like honey attracting bees.

He promised to come back. I want to introduce him to Lady Law. I went to call José Carlos. The gypsy was at the window. Pitita approached him and said:

"You're very handsome, but you don't seem to like this!"

She lifted up her dress. She wasn't wearing any panties!

The children looked and became serious. The only one who smiled was the gypsy. (...) I made dinner and went to look for Vera. She was there at the emporium with the gypsy, who bought sweets and mortadella for his children and my children. He sent José Carlos to say that he wouldn't be sleeping here. I was glad.

Sr. Manoel arrived. He realized that I was nervous. He left. I went to bed nervous about José Carlos, who was still on the street. I slept until midnight. I woke up and thought about my son who was still on the street. Today I'm dissatisfied. José Carlos arrived. I told him that I wouldn't open the door for him. That he should sleep on the street. He sat down on the steps. Then he started to cry. I decided to open the door for him. It was 2 o'clock. I bathed him, heated up some food for him, and he went to lie down. I didn't fall asleep because I was super nervous. I've made up my mind: when the gypsy returns, I'll introduce him to Lady Law. They say that gypsies can't settle. But Lady Law will make him land behind bars for a while. He'll have time to think and rethink what he said to me:

"You're silly!"

He promised to bring me a gift. And I promise to give him one: the dungeon.

January 17th I rose from bed at 4 o'clock when I heard my neighbor's radio playing. I started writing. I turned on the radio to hear the dawn of tango. I woke up thinking about the gypsy, who is worse than the Negro man. I don't advise anyone to make friends with people like them.

I lit the fire, washed the dishes and went to carry water. (...) I encountered Sr. Adelino and asked him about the gypsy.

"He fought with my brother-in-law. He said he was a baiano and my brother-in-law replied: 'I'm the baiano!'"

...I went to D. Julita's. She gave me food, I heated it up and ate it. I finished eating, I felt sad. The food there is very strong. Soup, meat and other delicacies. When poor people eat strong food, they get dizzy.

D. Julita told me that I was sad because of the gypsy.

January 20th I spent the day in bed. I vomited bile and felt a little better. I went to carry water. João was glad. He asked me if I was better. (...) I felt dizzy, I lay down again.

...My children are concerned that I might die. They always make sure I'm not alone. When one goes, another comes to watch. They say:

"I want to stay close to you, ma'am, because when death comes, I'll club her."

They're so well-behaved. They keep whispering:

"If she dies, we'll go to the Judge²⁵⁷"

José Carlos asked me if we could see death coming. Vera told me to sing.

...José Carlos went to the street market to pick something up. He picked up corn, tomatoes and eggplants. I had lunch and felt more restored. When I moan, the children cry in fear of the Judge. José Carlos said to me:

"You know, mommy, when death comes, I'll ask her to let us grow up first and then she can take you, ma'am."

...To reassure them I said I wasn't going to die anymore. They were glad and went to play. Sr. Manoel arrived. He came to see if I was better. I was glad he came by.

February 3rd I have to say that I haven't written anything in the last few days because I've been sick. I'll recap what's happened to me these days. (...) Fernanda came and asked me if I knew where the gypsy was. It's the same thing as her asking me where the house of the wind is.

She said he's very handsome and that she'd go there to buy pepper just to see him.

During the days that I was sick, Sr. Manoel never left me without money.

...Sr. Manoel told me that the gypsy does well to seduce 14-year-old girls. They pay him too much attention.

These days I wrote some poems:

*Don't you think you'll land
my affection again
my hate will expand
take root and give grain.*

February 15th Today I'm more cheerful. I'm laughing. Amused by the fuss that occurred here in the favela. Tonight, Leila started insulting the baiano Sr. Valdomiro. She swore until 2 o'clock. He decided to beat her up. He went to her shack and broke down the door. When Leila tried to jump, she got her foot stuck in the windowsill.

...Today that Orlando Lopes guy came to charge me for electricity. He wants to charge me for ironing, 25 cruzeiros. I told him that I don't iron clothes. He told me that he knows that I have an iron. That he'll connect the lead wire to the light, and if I connect the iron, the light burns out and it won't turn on anymore. He said he connected the light for me and didn't charge a deposit.

"But the deposit has been abolished since 1948."

²⁵⁷ Juvenile Court (E.N.)

He said that he can charge a deposit because Light gave him full powers. That he can charge whatever he wants from the favelados.

February 16th ...When I was heading home, I saw several people looking in the same direction. I thought: it's a fight! I ran to see what was going on. It was Arnaldo and the baiano. Arnaldo was being beaten like a child. I intervened and tried to separate them. Jaguar Binidito's Juana came to assist me. Several men watched and no one interfered. The baiano gave Arnaldo two blows.

...Armim appeared and said he was going to kill the baiano. I tried to stop him by holding his arm. He pushed me. I let him go, but I was shouting:

"Don't go, the baiano will kill you!"

I decided to call the police. I ran. I think I ran faster than Manoel Faria²⁵⁸. I arrived at the 12th Police Station shouting:

Fight in the favela! They're fighting with scythes!

...I was disgusted to return to the favela. But I had to go back, because I had left my children.

When I was going to Hell, the women were saying:

"The police have already come."

When I arrived at the favela, the people were looking at me. D. Sebastiana was swearing. She was drunk. She was saying that she'd behead the baiano. I told her not to go, that she was going to die. She started swearing at me:

"Nasty Negro woman! You're not a lawyer, you're not a reporter, and you stick your nose into everything!"

The people were shouting. The baiano ran away.

...Antonio, alias Handsome, appeared. He asked me if I had a pair of pants I could lend him, because he had gotten them wet when he ran after the baiano. (...) I started looking for pants for Handsome. I gave him the pants and left. I went to Arnaldo's shack to ask if he had returned from the Central, because he and Armim had gone in the ambulance.

February 23rd On the street, people asked what had happened in the favela. I explained. (...) I was impatient because I didn't know the whereabouts of the baiano. I wanted him to turn himself in to the police. When I arrived at the favela, the talk was abuzz. People were saying that Armim had died.

...I went to the North Station. The baiano appeared. He asked me about his wife, I told him that she was with me. That he could go to the favela and that no one would hurt him. He told me that he hadn't eaten. I gave him 25 cruzeiros. He asked if Armim had died.

"No. He's in Pirituba²⁵⁹."

He said ruefully:

²⁵⁸ The Portuguese athlete Manoel de Faria won twice the São Silvestre International Race, held on the streets of São Paulo on the last day of the year. (E.N.)

²⁵⁹ Pirituba is a district in the subprefecture of Pirituba-Jaraguá in the city of São Paulo, Brazil. It is located on the northwestern side of the city. (T.N.)

“Ah! I'm no good. You can see that I don't do the job properly. This business of only hurting and not killing right away only serves to make enemies. I don't know the man I struck with a scythe. I don't want to stay there, because he'll want to kill me and the police will want to arrest me.”

“But you have to give a statement to the police. If you're arrested and I'm nearby, I'll speak on your behalf.”

April 29th Today I'm more restored. What saddens me is the suicide of Sr. Tomás. Poor guy. He committed suicide because he was tired of suffering with the cost of living.

When I find something in the trash that I can eat, I eat it. I don't have the courage to commit suicide. And I can't die of hunger.

I stopped writing the Diary because I became disillusioned. And because of lack of time.

May 1st I rose from bed at 4 o'clock. I washed the dishes and went to carry water. There was no line. I don't have a radio, I'm not going to listen to the parade. (...) Today is Labor Day²⁶⁰.

May 2nd ...Yesterday I bought sugar and bananas. My children ate bananas with sugar, because there was no shortening to make food. I thought about Sr. Tomás, who committed suicide. But if the poor in Brazil decided to commit suicide because they've gone hungry, not a single one would be left alive.

May 3rd Today is Sunday. I'm going to spend the day at home. I have nothing to eat. Today I'm nervous, disoriented and sad. There's a Portuguese guy who wants to live with me. But I don't need a man. I've already implored him not to come annoy me.

...Today the Friar came to say mass in the favela. He named the favela Neighborhood of Rosario. Several people came to hear the mass. In the sermon, the priest asks the people not to steal.

...Sr. Manoel arrived and we started talking. I spoke about a one-and-a-half-year-old girl who, whenever she sees someone moving their mouth, asks:

“What are you eating?”

She's Jaguar Binidito's last daughter. I noticed that the girl will be intelligent.

May 4th I rose from bed at 6 o'clock, because when Sr. Manoel sleeps here, he doesn't let me get up early.

²⁶⁰ In Brazil, Labor Day is celebrated on May 1st, just like in many other countries around the world. It's a national holiday that honors workers and labor movements, and it often includes political demonstrations, parades, and events that focus on workers' rights and social issues. (T.N.)

...I wasn't born ambitious. I remembered this passage from the Bible: "Lay not up for yourselves treasures, for there will your heart be also²⁶¹."

I've always heard that rich people don't have peace of mind. But poor people don't have it either, because they struggle to find money to eat.

May 5th I wrote until 2 o'clock. Then I went to carry water. I filled the barrel and the cans. I made a tropeiro's trempe²⁶² and set the water to boil to scald the pig. I began thinking about what I was going to prepare: blood sausage, roasted pork loin, and pork rind in the beans. I was glad. I was going to eat meat, in real life. I started singing, I sang.

...I kept thinking: how long has it been since I last ate pork? I went to see if Sr. Manoel was home to kill the pig. He wasn't. I got nervous. (...) Sr. Manoel's brother, the owner of the pig, arrived. He was coming to get his share. I fattened the pig fifty-fifty with him. (...) I encountered Orlando Lopes. I asked him if he'd kill the pig for me. He said yes. I came back cheerful.

Orlando appeared. He went to the pigsty, looked at the pig. As soon as the pig saw him, it snorted. It became agitated. I started to pet it, but it was agitated. Orlando tied a rope to its foot. They took the pig out. Orlando stabbed it. Seeing the blood flowing, I grabbed a basin to collect it and make blood sausage. I contemplated the pig's death rattle, as it refused to give its final breath. Orlando stabbed it again. We waited for it to die. The minutes passed.

They scalded the pig, and when they opened it up, I was glad. The kids invaded the backyard. The women appeared, saying they wanted a piece. Chiclé wanted the tripe.

I'm not going to sell it or give it away. I fattened this pig for my children.

They protested. Maria, Analia's mother, appeared and asked if I'd sell a piece of pork belly.

"I'm not going to sell it. When you fattened up and killed your pig, I didn't annoy you."

She started to say that she only wanted the pork belly. I glanced at the people who were staring at the pork belly like a fox staring at a chicken. I thought: what if they invade the backyard? I decided to take the pork belly inside the house as quickly as possible. I stared at the boards of the shack, which were already rotten. If they invade, goodbye shack.

I swear I was scared of the favelados.

²⁶¹ Carolina condenses Matthew 6:19–21, emphasizing the connection between treasure and the heart while omitting the detailed imagery of decay and theft. The translation follows the King James Version for formal tone but adapts it to reflect her concise, focused style. (T.N.)

²⁶² *Trempe*: improvised outdoor cooking stand, usually made from stones or metal bars to support pots over an open fire. A *tropeiro's trempe* refers to the rustic kind used by *tropeiros* — Brazilian traveling merchants or muleteers in the 18th and 19th centuries. (T.N.)

Vera didn't go to the Parque²⁶³ because she wanted to see the pig being killed.

The children returned from school and asked:

"Mommy, did you kill the pig?"

"I did."

"Ninho said it was 3 stabs and 2 blows."

Mine were smiling. So was I. I gave some pieces to Orlando and Sr. Antonio Shoemaker. I made pork chops for the children. The meat was on the table. I covered it with a cloth. João said:

"It looks like a dead person."

I said:

"I'm going to wash the pig guts, and you can't leave because of the cats."

Vera accompanied me. I went to wash them in the lagoon. José Carlos appeared, and I taught him how to turn the tripes inside out. Vera smiled as she watched the water circulate inside the pig's tripes. José Carlos asked if our bodies were the same as those of pigs. I said that the inside of a pig was the same as that of a man.

"So, the pig was once a man?"

"I don't know."

...I went back home because I was tired. I noticed that Maria was envious. Because I had killed the pig. Vera wanted dinner, so I made rice, and she ate it with meat. João ground the pork belly. I fried it.

...João fell asleep. I kept looking at his dirty feet that were hanging from the bed. I washed my arms and my face, which were greasy. I brushed my teeth and went to lie down. It was 2 o'clock in the morning.

May 6th ...At 9:30, the reporter appeared. I shouted:

"Sir, you said you'd be here at 9:30 and you weren't late!"

I told him that several people wanted to see him because they appreciate his reports. (...) We got into a taxi. Vera was glad because she was in a car. We got off at Largo do Arouche and the reporter started taking photos of me. He took me to the building of the Academia Paulista de Letras²⁶⁴. I sat at the door and put the sack of paper to the left. The doorman appeared and told me to move away from the door. (...) The doorman took the sack that I use for picking up paper, the sack that has an inestimable value to me, because it's through it that I earn my daily bread. The reporter appeared and said that he was the one who told me to

²⁶³ When the author refers to "Parque" (Park) she is most likely referring to the Escola Parque in São Paulo, a school that operated near the Canindé area from 1958 to the early 1960s. This school was part of an educational initiative inspired by Anísio Teixeira, emphasizing community engagement, outdoor activities, and an integrated approach to learning. (T.N.)

²⁶⁴ Academia Paulista de Letras is a literary association founded on November 27, 1909 and is a non-profit institution whose objective is to disseminate Brazilian literature. (T.N.)

sit on the steps. The doorman said that he wasn't allowed to let anyone sit at the door of the building.

...We went to 7 de Abril Street and the reporter bought a doll for Vera. (...) I told the clerks that I wrote a diary that will be published in *O Cruzeiro*²⁶⁵.

May 7th ...I washed all the clothes. I swore never to kill a pig in the favela again. I was so nervous that I remembered my proverb: *There is nothing worse in life than life itself*.

Favela, a branch of Hell, or hell itself.

For dinner, I made beans, rice and meat. Vera is so glad because we have meat! When the children see me, they ask:

"Carolina, give me meat!"

Dogs and cats patrol around my shack. I'm tired. I'm going to lie down. I fell asleep. I woke up to Adalberto, who was inebriated. He knocked on the shack and asked:

"Carolina, give me a piece of pork!"

I'm so mad! And I'm so sleepy! I could hear him singing. Then I fell asleep again. I woke up to something walking over the covers. I turned on the light. It was a cat. I didn't lie down anymore. I kept writing until daybreak. When I heard that man passing by saying:

"Here's sweet bread!"

May 8th ...I made rice and pork loin, because I don't have any beans. I bathed and I was getting dressed to go to the city. As I was leaving, Vera penetrated the shack and said that the Parque wasn't open today.

Before leaving, I remembered that I had to feed the puppy. I looked at it lying down. I gave it a piece of meat and tried to wake it up. It was dead.

It died from eating too much meat.

...I went to the Judge. To receive the money that Vera's father gives me through the Court. (...) The lawyer didn't want to give me the form.

"Without the form, I won't see you!"

And he slammed the door in my face. I went to tell the lawyer that Attorney Walter didn't want to see me without the form. He sent a guard to accompany me and said to me:

"Very good, Carolina! Put everyone in the Diary."

I accompanied the guard, who told Attorney Walter Aymberê that he should see me without the form.

"I won't see you! If you don't bring the form, I'll talk to the head lawyer."

Vera was startled and said:

"What a man! Why do we need a lawyer, mommy?"

²⁶⁵ The magazine *O Cruzeiro*, created in 1928, was for a long time the most important weekly in Brazil, with the collaboration of the country's greatest writers. (E.N.)

I told the guard to leave it. I'll leave. Attorney Walter is already in my diary. He's very rude.

... I went to the Treasury to receive the money. When it was my turn, I didn't find the money. Vera wanted to buy a dress. I told her that her father hadn't brought the money. She was sad and said:

"Mommy, my father is no good!"

May 10th I didn't sleep because the neighbor played the radio all night. And L. made a hell of a fuss. She was sleeping with Valdemar when Arnaldo arrived. It was 2 o'clock. Arnaldo said:

"Go away, Valdemar! The Negro woman is mine!"

Valdemar replied:

"The Negro woman is ours! I got here first."

May 12th ...I went to D. Julita's, and she gave me coffee and rice. When I was returning, I encountered D. Maria, the one who picks up paper at the pudding factory. She told me that someone had stolen a sack of paper from her. I felt sorry for her. I encountered the Captain. I asked him why he had left his home. He said to me in a sad voice:

"You know, Carolina, I had no intention of leaving my home. But my wife's ingratitude forced me to make this decision."

And he told me the reason. I said to him:

"She didn't make a good deal by exchanging you for someone else."

He said to me:

"If I stayed in my home, one day or another I'd have to kill that prick."

I think that the man, who interfered in the Captain's home to destroy it, is no good.

May 28th ...Life is like a book. Only after reading it do we know what it contains. And we, only when we reach the end of life, do we truly understand how our life unfolded. Mine, up until now, has been black. Black is my skin. Black is the place where I live.

May 29th ...Adalberto got into the wrong room. Instead of going into his own, he went into Aparecida's small room. And the favelados wanted to get him out of there, because if Big Black arrived, he'd beat him up. I went to take him out of there because he obeys me. He decided to leave. When I went to lay him down, he said:

"You know, Carolina, I'm an unhappy man. After Marina died, no one ever wanted me again."

I laughed, because I realized he had spoken and formed a quatrain. I stopped laughing, because the sadness in his voice moved me. Marina was a Negro woman who lived with him. She used to drink a lot. And she died of tuberculosis at the age of 21.

June 1st Today I didn't go to work because Vera and José Carlos were sick. I went to sell some scrap metal and some oakum. I only earned 31 cruzeiros.

June 2nd Today I won't go out because the children are still sick. At four in the morning, Vera started coughing. I got up and made some cornmeal porridge for her.

June 3rd In the morning, I only carried a cauldron of water. I made coffee. I sent João to buy an inkwell and two pen nibs. José Carlos is feeling better and is going to school. I left Vera. I'm going out because I only have a little bit of beans left, salt and half a kilo of sugar.

June 4th ...Sr. Manoel arrived. Now I'm treating him well, because I realized that I like him. I spent several days without seeing him and I missed him. Missing him is a sign of affection.

D. Adelaide came to bring my woolen blouse and was amazed to see Sr. Manoel inside the house. He's quiet. He speaks softly and is very well dressed. She was looking at me and then at him. He, with his shiny shoes. And I, dirty, looking like a street thug. She was horrified that I sleep with him. She looked at me with repulsion when I said he was going to give me a sewing machine and a radio.

"Are you single?"

"I am."

"For you, ma'am, he's fine, because he's single and so are you."

...I realized that her intention was to diminish me in his eyes. But she arrived too late, because our friendship is like a root that holds a plant in the ground. It's already firm.

I slept with him. And the night was delightful.

June 5th ...When I got home, I made oatmeal soup. Vera cried. She didn't want to eat oatmeal. She said:

"I don't like it."

I gave her a beating, and she ate it.

...We went to lie down. At 10 p.m., the show in the favela began. Aparecida, the new neighbor, drank a lot and started fighting with Leila. Leila's men wanted to invade her shack. She went to call the cavalry. Adalberto got up to help Leila. He began to speak. When they heard the thunder of the cavalry's hooves, they fell silent.

Euclides, the black Negro man who lives with Aparecida, is horrible when he drinks. He talks non-stop.

"I shoot. I kill!"

When he stopped talking it was 3 in the morning. The neighbor turned on the radio. I didn't sleep because of the fuss in the favela. Even the children woke up. I heard about the disaster at the Central²⁶⁶ on the radio.

In the morning José Carlos said he wanted to see a train crash.

I said to him:

“Don't think about it. Those poor workers!”

June 8th ...When I arrived and opened the door, I saw a note. I recognized the reporter's handwriting. I asked D. Nena if he had been here. She said yes. (...) The note said that the report would be published on the 10th, in *Cruzeiro*. That the book will be edited. I was moved.

Sr. Manoel arrived. I told him that the report will be published on Wednesday and that the reporter wants to take the book to print.

“They're making money off you and not paying you. They're stringing you along. You shouldn't give them the book.”

I wasn't impressed by Sr. Manoel's irony.

June 9th ...I told Mulatta and Circe that the report will come out tomorrow.

“I'm going to spend 15 cruzeiros to buy *Cruzeiro* and if I don't find the report, you're going to pay!”

I told D. Celestina that the Coca-Cola's wife said that everything I write, she writes as well. D. Celestina said she doesn't know if that woman writes. But me, she knows I do.

...I was teaching my children how to do math when someone knocked on the window. João said:

“Mommy, answer the man with the glasses.”

I went to see. It was Vera's father.

“Come in!”

“Where do you get in here?”

“Go around.”

He went in. And glanced over the shack.

He asked:

“Don't you feel cold here? Doesn't it rain here?”

“It rains, but I manage.”

“You wrote to me that the girl was sick, I came to visit her. Thank you for the letters. I thank you because you protect me and don't reveal my name in your diary.”

He gave money to the children, and they went to buy candy. We were left alone. When the kids came back, Vera said she wanted to be a pianist. He smiled:

“So, you want to be a socialite.”

²⁶⁶ Central Disaster: a railway accident that occurred on June 5, 1959, when two trains of the Central do Brasil Railway collided head-on at the Engenheiro Goulart Station in São Paulo. The collision caused around 50 deaths and more than 100 injuries, revealing serious flaws in the signaling system at the time. (T.N.)

He smiled because his children are musicians. Vera asked for a radio. He said he'd give her one for Christmas. When he left, I got nervous. Then I sang and went to buy bread for the children. They ate it. And we went to lie down. I told Vera's father that I was going to be in *Cruzeiro*.

He gave me 100 cruzeiros. José Carlos thought it wasn't much because he had 1,000-cruzeiro bills.

June 10th Today I won't go out because the shack is very dirty. I'm going to clean it. I swept the floor and the cobwebs. I combed my hair. The children went to school. When the children arrived, they had lunch. João went to take lunch to Vera. I told him to check if the report had come out in *Cruzeiro*. I was afraid that the report hadn't come out and the people I told to buy *Cruzeiro* would say that I was pretentious.

When João returned, he said that the report had been published. I searched my pockets looking for money. I had 13 cruzeiros. I was 2 short. Sr. Luis lent them to me. And João went to get it. My heart was fluttering like the springs of a clock. What did they write about me? When João came back with the magazine, I read —

*Portrait of the favela in Carolina's Diary*²⁶⁷

I read the article and smiled. I thought of the reporter, and I intended to thank him. (...) I changed clothes and went to the city to receive Vera's money. In the city I told the newspaper vendors that the report in *O Cruzeiro* was mine. (...) I went to receive the money and told the treasurer that I was in *O Cruzeiro*.

...I was impatient because I had left my children, and in the favela there's currently a troublemaker. I took the bus and when I got to the last stop the newspaper vendor said that the Negro girls from the favela had sworn at me, that I was demoralizing the favela. I went to the Parque to pick up Vera. And I showed her the magazine.

I went to buy half a kilo of meat. When I came back to the favela I stopped at Sr. Eduardo's Emporium. I showed the magazine to the workers of the Meatpacking Plant.

João told me that Orlando Lopes, the current person in charge of the electricity, had sworn at me. He said that I owed him 4 months. I went to talk to Orlando. He told me that I had written in the magazine that he doesn't work.

"Since when did I owe you 4 months' worth of electricity and water?"

"Yes, you did, you disgusting thing! You tramp!"

"I write because I need to show the politicians your terrible qualities. And I'm going to tell the reporter."

²⁶⁷ <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/arq-memoria/> The report, originally titled "Retrato da favela no Diário da Carolina" was published in *O Cruzeiro* magazine on June 20, 1959. Written by journalist Audálio Dantas, the piece featured excerpts from her diaries alongside photographs that depicted daily life in the Canindé favela. (T.N.)

"I'm not afraid of that son of a bitch, that sissy!"

I was so disgusted by that Orlando Lopes guy. (...) I came back to my shack. I made some steaks and the children ate. I had dinner. Then I sang the *Rio Grande do Sul* waltz.

June 11th I got up and went to carry water. Then I went shopping. I got the children changed, and they went to school. I didn't want to go out, but I didn't have much money. I had to go out. When I was walking through the streets, people would come up to me and say they had seen me in *O Cruzeiro*.

...I went to the newsstand and bought a magazine. I showed it to the pharmacist. I bought another magazine and took it to José from the Sports Bar. He bought the magazine. I went to the newsstand and bought another one. I showed it to the shoemaker. He smiled. (...) I went to José Martins' emporium and asked him if he wanted to read the magazine.

"Leave it there. We'll read it later."

...I gave the children dinner and sat down on the bed to write. There was a knock on the door. I told João to see who it was and said:

"Come in, Negro woman!"

"She's not a Negro woman, mommy. She's a white woman and she's holding *O Cruzeiro* in her hand."

She came in. A very pretty blonde. She told me that she had read the report in *O Cruzeiro* and wanted to take me to the *Diário* to get help for me.

...In the newsroom, I was moved. (...) Sr. Antonio was on the third floor, in Attorney Assis Chateaubriand's²⁶⁸ office. He gave me magazines to read. Then she went to get me a meal. Steak, potatoes and salad. I'm eating what I dreamed of! I'm in the beautiful room. Reality is much more beautiful than the dream.

Then we went to the newsroom, and they took photos of me. (...) They promised me that I'd be in *Diário da Noite* tomorrow. I'm so happy! It seems like my life was dirty and now they're washing it.

June 13th I went out. I went to pick up some paper. I heard several people say:

"She's the one in *O Cruzeiro*!"

"But she's so dirty!"

...I talked to the workers. I broke down the cardboard boxes and bagged other papers. I earned 100 cruzeiros. The girls in the warehouse started singing: Carolina, hum, hum, hum...

Leon said:

"She was in *O Cruzeiro*. Now she's making more cruzeiros."

"Did they pay you?"

²⁶⁸ In 1924, Assis Chateaubriand founded the *Diários Associados* newspaper chain, which eventually brought together more than 34 newspapers throughout the country, as well as several radio stations, television stations and magazines. He was the founder of the São Paulo Museum of Art (MASP). (E.N.)

"They're going to give me a house."

"Dream on!"

...I kept thinking about a black man who is my neighbor. Sr. Euclides. He said to me:

"D. Carolina, I really like you, ma'am. Do you want to write a lot of books, ma'am?"

"Of course I do!"

"But you don't have anyone that gives you anything. You have to work, ma'am."

"I need to work, and I write in my free time."

"I see that your life is very demanding."

"I'm already used to it."

"If you want to stay with me, I'll beg for alms and I'll provide for you. Women like money. And I'll get money for you. I don't have anyone who likes me... I'm crippled. I like you a lot, ma'am. You're inside my head, ma'am. You're inside my heart."

When he was going to hug me, I pulled away.

June 16th ...Today we have nothing to eat. I wanted to invite my children to commit suicide. I gave up. I looked at my children and felt sorry for them. They're full of life. Those who live need to eat. I got nervous, thinking: has God forgotten me? Has He fallen out with me?

June 18th ...Aparecida's shack is the meeting point for drunks. They drank and then fought. Lalau said that I had written about several people in the newspaper, but about him I hadn't written.

"If you write about me in the newspaper, I'll break you, you tramp! This Negro woman needs to get out of the favela."

Aparecida came to say that João told her to shove it up her...

I said:

"You guys are the teachers. When you drink, you say horrible things."

June 19th ...Sr. Manoel appeared. He said that he bought the magazine to see my picture. He wanted to know if the reporter had given me anything.

"No, but he will."

"I don't believe it. I'll only believe it when I see it."

I told him that a writer only gets paid after the book is in circulation.

June 22nd ...I went out feeling sad because I had nothing to eat at home. I looked at the sky. Thank God it won't rain. Today is Monday. There are a lot of papers on the streets. At the tram stop, I parted ways with Vera. She said:

"Make some food, because I'll be hungry when I get home."

The phrase food kept echoing inside my brain. It seemed like my thoughts were repeating:

Food! Food! Food!

They say that Brazil was once good. But I'm not from the time when Brazil was good... Today I looked at myself in the mirror. I was horrified. My face is almost the same as my late mother's. And I'm toothless. Skinny. No wonder! I'm afraid of dying from hunger!

June 25th ... I went back to my filthy shack. I looked at my aged shack. The black and rotten boards. I thought: this is just like my life!

When I was getting ready to write, that Orlando guy appeared and said he wanted the money. I gave him 100 cruzeiros.

"I want 250. I want the deposit."

"I won't pay the deposit because it's already been abolished by Light."

"Then I'll cut off the electricity."

And he turned it off.

June 27th ...That Orlando Lopes guy was passing by riding his bike. My children said:

"Look, it's Orlando!"

I said to them:

"I'm not going to look at this disgusting man."

He heard and replied:

"Disgusting is the whore that gave birth to you!"

...I told him I was going to write and couldn't waste time with bums. I closed the door.

June 29th Today I woke up hoarse. It was 4 o'clock when I went to fetch water, because that Orlando Lopes guy said he won't let me fetch water. I boiled water to make coffee. I only have 18 cruzeiros. I'm so sad! If only I could move away from this favela! This is the work of the Devil.

Evil men have lived here before, but this Orlando guy has outdone them. Today I spent the day writing. I counted how many shacks there were in the favela to see how much this Orlando Lopes guy would collect if the favelados paid him the 150 cruzeiros deposit. I counted 119 shacks with electricity.

The sky is wonderful. Light blue with scattered white clouds. Balloons with their varied colors fly through the space. Children get agitated when a balloon starts to break free. How beautiful it is Saint Peter's Day. Why are the June saints honored with fire?

That Orlando Lopes guy passed by my street. He said that everything I say about him, women tell him. They're idiots. I wanted to defend them, because there are thieves of all kinds. But they don't comprehend.

June 30th ...That black man who picks up greenery at the Market came to sell me some shriveled and sprouted potatoes. Looking at them, I saw that no

one was going to buy them. I thought: this poor man must have wandered around uselessly without getting money for his meal. I asked him if he wanted any food.

"I want it!"

He gave me such a tender look as if he was looking at a saint. I heated up some pasta, steak and pork rinds for him.

July 1st ...I'm tired and disgusted with the favela. I told Sr. Manoel that I'm going through so much trouble. Vera's father is rich, he could help me a little. He asks me not to reveal his name in the Diary, I don't. He could acknowledge my silence. What if I was one of those scandalous black women and I arrived at the workshop and put on a show?

"Give money to your daughter!"

July 2nd ... I got up, lit the fire and told João to buy 10 worth of sugar. Someone knocked on the shack. The children said:

"It's Vera's father."

"It's daddy." She smiled at him.

I'm the one who didn't stay with that so-called visitor. He told me he didn't take the money to the Judge because he didn't have time. I showed him Vera's shoes, which have holes and water penetrates.

"How much did you pay for this?"

"240."

"It's expensive."

...He gave me 120 cruzeiros and 20 for each child. He sent the children to buy sweets so that we would be alone. There are times when I feel sorrow about being a woman. I thanked God when he said goodbye.

July 3rd ...There's no lard. Today the lard is gone. And now I have to buy lard.

...I bathed and went to lie down. What a horrible night! That Terezinha lady and her companion didn't let us sleep. I don't know where they got a chicken. And they argued:

"Go, Euclides, pluck the chicken!"

"You go!"

And they kept up that back-and-forth until 2 in the morning.

July 6th Sr. Manoel left. And I stayed lying down. Then I got up and went to carry water. How disgusting. Hearing the women talking. They talked about D., that she dates anyone. That R., B.'s sister, belongs to men.

We talked about J. P. , who wants to make love to his daughter I. (...) He shows it to his daughter and invites her...

"Come, my daughter! Give it to your daddy! Give it... just a little."

I'm tired of hearing this, because unfortunately I'm J. P. 's neighbor (...) He's a man who can't be admitted into a house where there are children.

I said:

"That's why I say that the favela is the pigsty of São Paulo."

I filled my can and set off, thanking God for getting away from the tap. C. said she asked her father for money to buy a pair of shoes, and he said:

"If you give me the... I'll give you 100."

She did. And he gave her only 50. She tore up the money and I. picked up the pieces and glued them together.

That's why I say that the favela is the Devil's Cabinet.

...I made lunch, then I went to write. I'm nervous. The world is so insipid that I feel like dying. I sat in the sun to warm up. With the hardships of life, we're unfortunate people wandering around here in this world. Feeling cold inside and out.

I could feel myself coming back to life. When night fell, I felt cheerful. I sang. João and José Carlos joined in. The inebriated neighbors joined in with their out-of-tune voices.

We sang *Jardineira*²⁶⁹.

July 7th ... D. Black Angelina was saying that she'd sell her shack and move to Guaianazes²⁷⁰. That she can't stand living on A Street anymore. I was glad to hear her say she was going to move.

Even I — the day I move out, I'll burn incense to thank God. I'll fast mentally, thinking only of the good things that please God.

July 11th ...It was 7 p.m. The children were outside. João penetrated the shack quickly as if he was being propelled by the Russian rocket²⁷¹. He said:

"Mommy, José Carlos is going to the Juvenile Court!"

"Why?"

"He threw a stone at the windowpane of the auto parts factory and broke it. And the northerner who looks after the factory said he's going to send him to the Court."

I thought: any mother can afford a windowpane. I got up, put on my coat, took the money and put it in my pocket. I took the magazine with my report and left. I went to look at the windowpane. It was broken. And the stone was thrown with a slingshot. And the hole in the window became oval.

The watchman opened the window and saw João, and asked:

"What are you doing here?"

"It's me, who came to see the hole in the windowpane."

²⁶⁹ *Jardineira* is a classic Brazilian carnival song composed by Benedito Lacerda and Humberto Porto, made famous by Carmen Miranda's 1939 recording. The song, sung from the perspective of someone heartbroken during Carnival, became one of the most iconic tunes of the golden age of Brazilian popular music. (T.N.)

²⁷⁰ Guaianases is one of 96 districts in the city of São Paulo. (T.N.)

²⁷¹ In late 1957, the USSR launched Earth's first artificial satellite, and soon after sent a dog into space, events that marked the beginning of the space race. (E.N.)

The northerner started talking. I asked José Carlos what he had gone there for, that he wanders around aimlessly and gets himself into trouble. I asked the northerner if he had hit him. He said no. José Carlos said he had squeezed his arm.

I believed my son. In general, mothers believe their children.

July 12th ...My struggle today was to make lunch. I don't have any shortening. I let the meat cook and added sausage to fry and reduce the fat to make rice and beans. I seasoned the salad with meat broth. The children liked it.

When Vera eats meat, she gets cheerful and sings.

July 13th ...I bought 30 cruzeiros worth of meat and I got nervous because the 30 I had left wouldn't be enough to buy shortening and rice. I was apprehensive, fearing that my children would fight with the neighbors.

When I arrived, they were sitting in the pigsty, reading comics. I heard D. Adelaide's voice. She was saying to my children:

"Have you stopped fighting?"

I asked Vera what happened and who they fought with. She reported that João and José Carlos had fought. That they dropped the guitar on the floor and put perfume on the fire to light it. They broke the floor brush and opened a packet of green paint that I'm saving. I don't know why, but I'm saving it.

...I put coals on the iron, ironed my green skirt, washed the lace blouse that I found in the trash, bathed and got changed. I got Vera changed and we went to the city. I only had 6 cruzeiros. I thought: if Vera's father didn't bring the money, how was I going to get back?

...I went to receive Vera's money. What a line! It was the women who were going to receive the monthly payments from their husbands and the fathers of their children. I have to say our children, because I belonged to that group too. They say who lies down with dogs, gets up with fleas.

The women were talking about their husbands. That's when men get called all sorts of animals.

"Mine's a rough, nasty horse!"

"And mine's a jackass. That bastard! The other day he traveled on the Central trains, and I asked God for a disaster to happen and for him to die and go to Hell."

I asked a woman who was behind me:

"Who is your lawyer?"

"Attorney Walter Aymberê."

"He's mine too. But I don't like him."

...I received the big money. 250 cruzeiros. Vera smiled and said:

"Now I like my father."

I went to the shoe store and bought a pair of shoes for Vera. When Sr. Manoel, a northerner, tried the shoes on her, she said:

"Shoe, don't wear out, because it takes mommy a long time to buy another one. And I don't like going barefoot."

...I stopped by Sr. Eduardo's emporium and bought a kilo of rice. I only had 7 cruzeiros left. I spent 25 in the city alone. The city is a bat that sucks our blood.

July 15th When I rose from bed, Vera was already awake and asked me:

"Mommy, is today my birthday?"

"Yes. And happy birthday. I wish you happiness."

"Are you going to make me a cake?"

"I don't know. If I get the money..."

I lit the fire and went to carry water. The women complained that there was little water.

...The garbage men had already passed by. I didn't pick up much paper. I went to the factory to pick up oakum. I started to feel dizzy. I decided to go to D. Angelina's house to ask for some coffee. D. Angelina gave it to me. (...) When I left, I told her that I was better.

"It's hunger. You need to eat."

"But what we earn isn't enough."

...I've already lost 8 kilos. I have no flesh, and the little I have disappears. I took the papers and left. When I passed in front of a shop window I saw my reflection: I looked away, because I had the impression I was seeing a ghost.

...I fried fish and made polenta for the children to eat with the fish. When Vera arrived, she saw the polenta in the lunch box and asked:

"And what about the cake? Today is my birthday!"

"It's not cake. It's polenta."

"Polenta I don't like."

She brought milk. I gave her milk with polenta. She ate it crying. Who am I to make a cake?

July 18th ...When I was going to pick up paper, I encountered D. Binidita, the mother of black Nena. I say black Nena because we have a white Nena here in the favela. (...) We started talking about the boy who died on the Light's power lines. She told me it was Vicentão's Laura's son.

"Oh!" I exclaimed. Because I knew the boy and his story of being a rejected son. Here's the story of the ill-fated Miguel Colona:

When Laura went to the maternity ward to have a baby, her baby was born and died. She was sad because she wanted to raise her son. And she cried. Next to her, a young woman had a son. And she cried out of envy for Laura. She was the one who desired her son to be born and die. But her son was alive. Those tears worried Laura, who inquired of her:

"Why are you crying, if your son is alive and he's handsome?"

The woman said she came from the North. A virgin. She arrived in São Paulo and ended up with that child. And the child's father didn't want to marry her. That her parents wanted her to go back to the North. And she was going to go

back to the North, but she didn't want to take the child. If Laura wanted the boy, she'd give him up.

Laura accepted. She was as glad as if she had been given all the gold in the world. When she left the maternity ward, she revealed that her son had died, and that she had been given that one. She was good to him. She bought a television because he insisted. He was 9 years old and in 2nd grade. And now he was tragically claimed by death.

We have only one way to be born and many ways to die.

...Today there's a lot of paper in the trash. There are so many paper collectors on the streets. There are those who pick up and then go lie down drunk. I spoke to a paper collector.

"Why don't you save the money you earn?"

He looked at me with his sad eyes:

"You make me laugh, ma'am! The time when we could save money is long gone. I'm unfortunate. With the life I lead, I can't have aspirations. I can't have a home, because a home begins with two, and then it multiplies."

He looked at me and said:

"Why are we talking about this? Our world is the margins. Do you know where I'm sleeping? Under the bridges. I'm out of my mind. I want to die!"

"How old are you?"

"24. But I'm already sick of life."

I kept thinking: people who write like beautiful things. I only find sadness and laments.

July 22nd I was lying down. It was 5 o'clock when Teresinha and Euclides started talking.

"Adalberto! Get up and go buy some pinga."

Euclides said:

"Aren't you going to write? Aren't you going to pick up paper? Get up so you can write about other people's lives."

I got up, grabbed a broomstick and went to tell him not to annoy me, because I'm tired from working so much. And I gave the shack a few blows. He fell silent and didn't say anything else.

July 26th ...It was 7 p.m. when Sr. Alexandre started fighting with his wife. He said she had let his watch fall to the floor and it broke. He started to raise his voice and beat her up. She cried for help. I wasn't moved, because I'm already used to the shows he puts on. D. Rosa ran to help. Within a minute, the news went around that a man was killing his woman. He hit her on the head with an iron bar. Blood was gushing out. I got nervous. My heart felt like the spring of a moving train. It gave me a headache.

The men jumped over the fence to stop him from hitting the poor woman. They opened the front door, and the women and children rushed in. Alexandre came out in a rage and said:

“Get out of here, folks! What do you think this is, Grand Central Station?”

Everyone ran. There were about 20 of them trying to get through the door. The children, he kicked. Vera was kicked and fell to all fours. Juana's children were kicked. The favelados started laughing.

The scene wasn't meant to be laughed at. It wasn't a comedy. It was a drama.

July 28th ...I went to write. No one annoyed me today. As dusk was beginning to fall, I went to look for Vera. The favelados were gathered in the street appreciating Leila and Pitita's fight with a Negro girl who showed up here. But I'm already weary of fights. There are so many fights in the favela!

The lights in the favela were on. And the door of Leila's shack was closed. I saw several children looking through the crack. I wanted to go see it. But there are certain things that discredit an adult. When José Carlos came in, he said:

“I have something to tell you.”

“What is it?”

“I saw Chico fooling around with P.”

I didn't give him any room for discussion. He continued:

“Chico was fooling around with P. and Vanilda was nearby watching.”

Vanilda is 2 years old!

July 30th ...I stayed up writing until late because I wasn't sleepy. When I went to bed, I fell asleep right away and dreamed that I was in another house. And I had everything. Bags of beans. I looked at the bags and smiled. I said to João:

“Now we can kick misery to the curb.”

And I shouted:

“Go away, misery!”

Vera woke up and asked:

“Who are you telling to leave?”

July 31st ...I bought 20 worth of fatty meat, because I don't have any shortening. I stopped by Sr. Eduardo's emporium to buy 1 kilo of rice. I left the sacks on the sidewalk. Vera put the meat on top of the sack, and the dog took it. I swore at Vera.

“Nasty, lazy girl. Today you're going to eat sh...”

She said:

“It's fine, Mommy. When I find the dog, I'm going to hit it.”

...When I got home, I was so hungry. A cat appeared, meowing. I looked at it and thought: I've never eaten cat, but if this one was stewed in a pan with onions, tomatoes, I swear I'd eat it. Because hunger is the worst thing in the world.

...I told the children that we weren't going to eat today. They got sad.

August 1st I lay down, but I didn't sleep. I was so tired. I heard a noise inside the shack. I got up to see what it was. It was a cat. I laughed, because I don't have anything to eat. I felt sorry for the cat.

August 4th It dawned raining. I made coffee and sent João to buy 15 cruzeiros worth of bread. I lent 15 to Adalberto. I didn't carry any water. I'm already sick of waiting in that damn line.

I left Vera lying down. It was raining a light, cold rain. I found a pair of shoes in the trash and I'm wearing them. (...) When I was going to pick up paper, D. Esmeralda asked me to lend her 20. I gave her 30 cruzeiros, because she has 7 children and her husband is in Juqueri²⁷².

I went out and followed my usual route. I went around picking up paper, scrap metal and oakum.

... I encountered a blind man:

"How many years ago did you lose your sight?"

"10 years."

"Did you think it was bad?"

"No. Because everything God does is good."

"What caused the loss of vision?"

"Weakness."

"And there was no possibility of a cure?"

"No. Only through transplantation. But it's necessary to find someone to give me eyes."

"So, have you seen the sun, the flowers and the sky full of stars, sir?"

"I have. Thank God."

August 6th Today is José Carlos' birthday. He's 9 years old. He was born in 1950. Good times! But he wants to be 10 years old, because he wants to date Clarinda.

I went out. I took Vera. I picked up paper, I found a pair of shoes in the trash. I sold them for 20 cruzeiros. I came back to the favela. I bought half a kilo of meat. I made steak. I had lunch.

August 7th ...I picked up 2 sacks of paper and earned 45 cruzeiros. I was desperate. What am I going to do with 45 cruzeiros? I picked up some oakum and came back. I went to the scrapyards to sell the oakum. I earned 33 cruzeiros. I was undecided, thinking about what I was going to make for us to eat. I was washing the dishes when there was a knock on the door. José Carlos said:

"It's D. Teresinha Becker!"

She gave me 500 cruzeiros. I told her I was going to buy shoes for José Carlos and thanked her. I accompanied her to the automobile. (...) I went to talk

²⁷² Famous psychiatric hospital in São Paulo, located in the Juqueri neighborhood, in the city of Franco da Rocha. (E.N.)

to Chica and showed her the 500 cruzeiros and told her that D. Teresinha is my white mother.

August 8th ...A boy died here in the favela. The burial was at 9 o'clock. The Negroes who were going to accompany the deceased rented a truck and brought guitars, tambourines and pinga. Zirico said:

“When a Japanese man dies, the living sing. So, let's sing too.”

...Nowadays, the worst plague in the favela is the thieves. They steal at night and sleep during the day. If I was a man, I wouldn't let my kids reside in such a shabby place. If God assists me, I'll get out of here and I won't look back.

August 12th ...I changed my clothes and went to receive Vera's money. Sr. Luiz lent me 3 cruzeiros. I found 1 in my pocket, so I had 4 cruzeiros. I wanted to go by bus, I encountered a very nice favelado, I asked to borrow 1 cruzeiro. He gave me 2 cruzeiros. I went by bus.

...I went in the rain, because I don't have an umbrella. In the city I heard people complaining about the lack of beans. That wholesalers are withholding the product from the people. And what about the current prices?

This is no world for the poor to live in.

When I arrived at the Court, Sr. J. A. M. V., Vera's father, hadn't brought the money.

Vera's father always asks me not to put his name in the newspaper. He has a lot of employees and doesn't want his name spread around. But he doesn't contribute for me to conceal his name. He's well off and only gives Vera 250 cruzeiros. He only appears when I'm in the newspapers. He comes to find out how much I earned.

August 13th I woke up at 6 o'clock. I was furious with life. I felt like crying, because I don't have money to buy bread. (...) The children went to school. I went out alone. I left Vera because it's going to rain. I went to pick up oakum, and I went to pick up cardboard. I earned 30 cruzeiros. I was sad, thinking: what am I going to do with 30 cruzeiros? I was hungry. I had a coffee with milk and sweet bread. I went back to the favela. When I arrived, Vera was at the window, watching the Vera Cruz²⁷³ cameras that had come to film Promessinha²⁷⁴. I saw several people watching the scenes. I went to see. When I was getting closer, the bums said:

“Look, it's Elisabeth Taylor.”

²⁷³ The Vera Cruz film company was founded in 1949, in the city of São Bernardo do Campo (São Paulo). A victim of a serious financial crisis, it ceased its activities in 1955. Therefore, the author's information is incorrect. (E.N.)

²⁷⁴ Cidade Ameaçada is a crime drama set in São Paulo, centered on a criminal nicknamed Promessinha, who leads a feared gang and terrorizes the city. The plot follows Promessinha as he tries to leave crime, dreaming of a normal life, but ends up being forced to continue running from the law. (T.N.)

“Go criticize the Devil!”

I went back and heated up some food for the children. Rice and fish. There wasn't much rice and fish. The children ate and were left hungry. I thought:

If only Jesus Christ could multiply these fish!

Sr. Manoel appeared. When I was returning from the paper warehouse, he came accompanying me. He gave me 200 cruzeiros, which I didn't want to accept.

“You don't want me anymore?”

“I have a lot of work to do. I can't worry about men. My ideal is to buy a decent house for my children. I've never been lucky with men. That's why I haven't loved anyone. The men who have passed through my life have only caused complications for me. Children for me to raise.”

He said goodbye and took the 200 cruzeiros and left.

I washed the dishes. Then I went to the scrapyard warehouse to sell oakum and iron. I earned 21 cruzeiros.

...I went to see the filming of the Promessinha documentary. I asked for the names of the movie's directors to put in my diary. (...) The women from the favela asked me:

“Carolina, is it true that they're going to end the favela?”

“No. They're making a movie.”

What's clear is that no one likes the favela, but they need it. I looked at the terror on the faces of the favelados.

“They're filming Promessinha's feats. But Promessinha isn't from our favela.”

When the artists went to lunch, the favelados wanted to invade and take the artists' food. No wonder! Chicken, mini pies, roasted meat, beers. (...) I admired the politeness of the artists from Vera Cruz. It's a national film company. It deserves special deference. They stayed in the favela all day. The favela was overcrowded. And the masonry neighbors kept commenting that intellectuals give preference to the favelados.

The people watching the filming were making so much noise. Handsome came to watch the filming. I asked him if he had been filmed, because he's a singer.

“No, because I'm not popular.”

August 15th ...The women were swearing at the artists:

“These bums came to dirty up our doorstep.” People who passed by on the Dutra highway and saw the firefighters came to see if it was a fire or if someone had drowned. People said:

“They're filming Promessinha!”

But the title of the movie is *Cidade Ameaçada*²⁷⁵.

August 16th ...I spent the afternoon writing. I washed all the clothes. Today I'm cheerful.

There's a party at a northerner's shack. And the favela is overcrowded with northerners. Orlando Lopes is walking around the favela. He wants money. He charges for electricity on the black market. And there are people here in the favela who are going hungry.

August 26th The worst thing in the world is hunger!

December 31st ...I got up at 3:30 and went to carry water. I woke up the kids, they had coffee. We went out. João went picking up paper because he wanted money to go to the movies. What an ordeal to carry 3 sacks of paper. We earned 80 cruzeiros. I gave 30 to João.

...I went grocery shopping, because tomorrow is New Year's Day. I bought rice, soap, kerosene and sugar.

João and Vera lay down. I stayed up writing. Sleep came, and I fell asleep. I woke up to the sound of the Gazeta whistle²⁷⁶ announcing the New Year. I thought about the races and Manoel de Faria. I asked God to let him win the race. I asked Him to bless Brazil.

I hope that 1960 will be better than 1959. We suffered so much in 1959 that we can say:

*Go on, just go!
I don't want you anymore.
Never again!*

January 1st, 1960 I got up at 5 o'clock and went to carry water.

²⁷⁵ This movie, a huge box office failure, served to launch director Roberto Farias, considered a precursor of Cinema Novo, onto the market. (E.N.) Cinema Novo: a Brazilian cinematic movement that emerged in the 1960s, with a strong social and political focus, which sought to break away from commercial cinema, influenced by international movements such as Italian neorealism. Roberto Farias is considered one of its precursors for integrating realistic and urban elements into his films from the late 1950s. (T.N.)

²⁷⁶ Gazeta Whistle: a sound signal broadcast at midnight on December 31st by Gazeta de São Paulo radio station, marking the turn of the year with a high-pitched, continuous whistle. It became a tradition between the 1940s and 1960s, especially among listeners from the working classes, who used the sound as a reference to celebrate the New Year. (T.N.)

6 CONSIDERAÇÕES TRADUTÓRIAS FINAIS

Nesta parte apresentamos algumas considerações finais especificamente relacionadas ao processo tradutório desenvolvido nesta tese. Partindo da análise das escolhas realizadas ao longo da tradução, discuto aqui os encaminhamentos metodológicos adotados, bem como os resultados obtidos a partir da aplicação de um formulário com leitores-beta, que contribuíram para avaliar aspectos de inteligibilidade, recepção e manutenção da voz autoral. Essas reflexões visam sistematizar as principais conclusões alcançadas durante o percurso tradutório, evidenciando como determinadas decisões foram sendo ajustadas, confirmadas ou reformuladas ao longo do trabalho, em diálogo com os objetivos do projeto tradutório e com as demandas do público-alvo.

O formulário, elaborado por meio da plataforma *Google Forms*, teve como propósito avaliar aspectos textuais e tradutórios — como a clareza de metáforas, a compreensão de notas de rodapé e a adequação de expressões culturais ao contexto da língua inglesa. As perguntas se restringiam à leitura e interpretação dos excertos, em um formato análogo ao de *beta reading*, sem qualquer coleta de dados pessoais ou demográficos, garantindo total anonimato dos participantes.

O convite foi direcionado a leitores adultos com domínio da língua inglesa, sendo a participação aberta e voluntária. A divulgação do formulário ocorreu por meio de redes sociais e de canais acadêmicos informais, incluindo grupos de leitura e comunidades universitárias da Georgetown University, onde a pesquisa foi parcialmente desenvolvida. Não houve qualquer restrição quanto à nacionalidade dos participantes, apenas o critério de compreensão do idioma inglês.

No contexto brasileiro, o formulário foi compreendido como uma consulta pontual de opinião pública, nos termos do artigo 2º, inciso XIV, da Resolução CNS nº 510/2016²⁷⁷, uma vez que solicitava aos participantes avaliações específicas sobre excertos, escolhas lexicais e recursos paratextuais da tradução, sem possibilidade de identificação individual. De acordo com o artigo

²⁷⁷ BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view> Acesso em: 12 nov. 2025

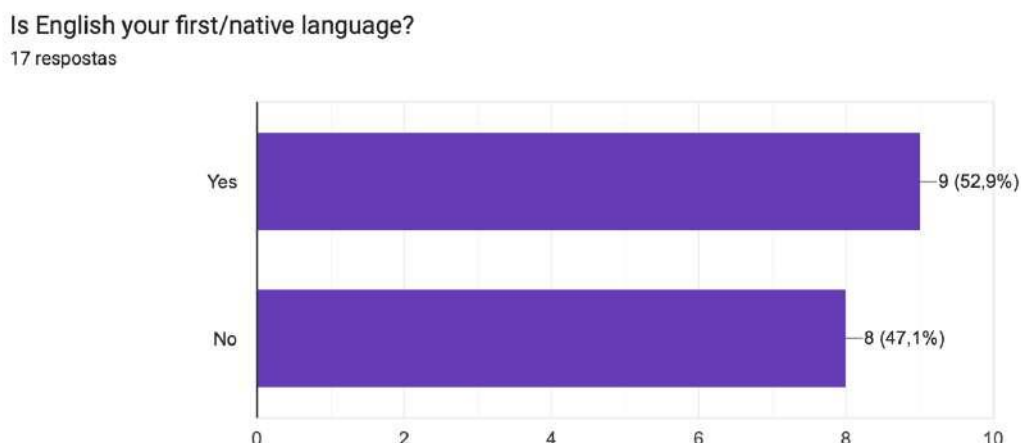
1º, parágrafo único, inciso I, da mesma resolução, pesquisas de opinião pública com participantes não identificados não são registradas nem avaliadas pelo Sistema CEP/CONEP.

De forma convergente, o *Georgetown University Institutional Review Board* (IRB) aponta que, segundo a definição adotada pelo U.S. Department of Health and Human Services (45 CFR 46.102(l)), considera-se *research* apenas a atividade que é “uma investigação sistemática [...] destinada a desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável.”²⁷⁸ À luz dessa definição, o formulário realizado neste trabalho não foi concebido como um estudo sistemático de recepção destinado a produzir conclusões generalizáveis, mas como uma consulta pontual de *beta reading*, restrita à avaliação desta tradução específica. Desse modo, as respostas são analisadas como retornos situados dos leitores participantes, e não como dados representativos do público anglófono ou aplicáveis a outros contextos.

O formulário obteve, no total, 17 respostas. Dentre os respondentes, nove declararam ter o inglês como primeira língua ou língua nativa, enquanto oito responderam negativamente a essa pergunta, conforme demonstrado na figura 3:

²⁷⁸ Original: a systematic investigation [...] designed to develop or contribute to generalizable knowledge. Fonte: <https://www.ecfr.gov/current/title-45/subtitle-A/subchapter-A/part-46/subpart-A/section-46.102> Acesso em: 12 nov. 2025. Ver também: GEORGETOWN UNIVERSITY. *Not Human Subjects Research*. Disponível em: <https://researchservices.georgetown.edu/irb-knowledge-center/not-human-subjects-research>

Figura 3 - Participantes do formulário



Fonte: própria, 2026

Por ter sido concebido como uma consulta pontual de *beta reading*, voltada exclusivamente à avaliação de excertos e de escolhas desta tradução, o formulário não coletou variáveis sociodemográficas, como raça/cor, gênero, faixa etária, escolaridade ou renda. Desse modo, a composição do grupo pode ser descrita apenas com base na informação efetivamente coletada acerca da condição do inglês como primeira língua ou língua nativa. Embora o convite tenha sido direcionado a leitores adultos com domínio do idioma, a idade e o nível de proficiência não foram coletados ou verificados pelo instrumento e, portanto, não são tratados como variáveis desta consulta. Reconhece-se que fatores sociais e identitários poderiam influenciar a recepção de determinadas escolhas, sobretudo daquelas relacionadas a raça, gênero e representação cultural; entretanto, sua investigação exigiria outro desenho metodológico e um enquadramento ético específico. Os resultados apresentados, portanto, não pretendem representar o público anglófono nem sustentar generalizações, mas registrar reações situadas dos 17 leitores-beta, utilizadas como subsídio consultivo para a avaliação de escolhas tradutórias específicas.

Na primeira pergunta do formulário, buscou-se verificar como leitores de língua inglesa nomeariam, espontaneamente, um espaço descrito como “a small, simple room used to store unwanted items or excess belongings”. Optou-se por uma pergunta aberta, sem oferecer alternativas pré-definidas, justamente para

evitar direcionamentos ou influências nas respostas. Como consequência, o próprio Google Forms não sistematizou automaticamente os resultados, sendo necessário realizar a categorização manual das respostas. Observou-se uma predominância significativa do termo “storage room”, mencionado por dez participantes, enquanto outras opções apareceram com menor frequência, como garage (3 ocorrências), closet (2), storage closet (2), além de respostas isoladas como shed, cabinet, storage space e storage. Cabe destacar que o elemento lexical “storage” também esteve presente em diversas dessas alternativas menos frequentes, indicando uma convergência semântica relevante entre os participantes.

Considerando que “storage room” foi igualmente a solução adotada nesta retradução para verter quarto de despejo, os resultados reforçam a pertinência dessa escolha, tanto do ponto de vista da inteligibilidade quanto da manutenção da dimensão metafórica do termo em português, associada à ideia de um espaço destinado ao acúmulo do que é descartado ou socialmente marginalizado.

No que se refere à manutenção dos honoríficos Sr. e D. no texto traduzido, a maioria dos leitores-beta avaliou sua presença como compreensível, sobretudo quando acompanhada de explicação em nota de rodapé. Um aspecto recorrente nas respostas foi a influência do conhecimento prévio de línguas românicas — especialmente o espanhol — que contribuiu para a rápida identificação do valor pragmático de Sr., considerado mais transparente e intuitivo. Já o uso de D. apresentou maior grau de ambiguidade inicial para alguns participantes, que chegaram a interpretá-lo como uma possível inicial de nome próprio ou abreviação menos convencional. Ainda assim, após a leitura contextualizada e o acesso à nota explicativa, a maioria indicou que a compreensão se tornava clara e que o recurso não comprometia a fluidez do texto. Nesse sentido, os dados sugerem que a estratégia de manter os honoríficos em português, associada ao uso pontual de paratextos explicativos, mostrou-se funcional tanto do ponto de vista da inteligibilidade quanto da preservação de marcas socioculturais relevantes, reforçando a pertinência dessa escolha tradutória.

Quanto à decisão de manter os termos “favela” e “favelados” em português na tradução, os dados do formulário indicam uma recepção majoritariamente positiva, embora marcada por diferentes níveis de familiaridade prévia. Parte dos leitores demonstrou reconhecer o termo “favela” como já

relativamente difundido em contextos internacionais, o que favorece sua inteligibilidade mesmo fora de ambientes acadêmicos. No entanto, o termo “favelados” revelou-se menos transparente, sendo compreendido sobretudo quando acompanhado de explicação em nota de rodapé. Algumas respostas também destacaram que a compreensão plena desses termos depende do contexto sociocultural do leitor, bem como do tipo de circulação da tradução — acadêmica ou comercial — reforçando a importância do paratexto e das notas de rodapé como recursos mediadores. De modo geral, os participantes consideraram que a manutenção dos termos em português contribui para preservar a especificidade histórica e social da realidade retratada, desde que apoiada por estratégias explicativas. Esses resultados oferecem indícios da pertinência da escolha tradutória adotada, ao equilibrar estrangeirização e inteligibilidade, permitindo que o leitor tenha acesso a um (novo) conceito culturalmente situado sem recorrer a equivalentes redutores na língua-alvo.

Sobre o uso das notas de rodapé, os resultados do formulário indicam que, de modo geral, os leitores consideraram as explicações claras e eficazes para a compreensão das passagens selecionadas. A maioria dos participantes avaliou que as notas funcionaram como um suporte importante para o entendimento de elementos culturais, históricos e linguísticos que não seriam plenamente apreendidos apenas pelo contexto do texto traduzido. Assim, as notas de rodapé confirmam seu papel não apenas informativo, mas também ético e pedagógico, contribuindo para uma leitura mais situada e consciente da obra.

No que se refere à percepção dos leitores-beta sobre a linguagem utilizada no texto traduzido — especialmente quanto à clareza, ao tom e ao estilo — os comentários ofereceram observações relevantes sobre o ritmo da narrativa, o registro vocabular e as escolhas estilísticas adotadas na proposta tradutória. As respostas indicam, de modo relativamente consistente, que a linguagem foi percebida como clara, direta e objetiva, mas marcada por um ritmo “cortado”, com muitas frases curtas e pouca fluidez sintática. Essa percepção já era esperada, uma vez que o projeto tradutório buscou preservar o estilo característico da escrita de Carolina, cuja construção textual em português também se organiza frequentemente por meio de sentenças breves, sequenciais e fortemente pontuadas. Nesse sentido, a sensação de leitura fragmentada ou acelerada não foi interpretada apenas como dificuldade linguística, mas também

como uma possível escolha estilística que transmite urgência, espontaneidade e intensidade emocional, elementos recorrentes na narrativa diarística da autora.

Outro ponto amplamente mencionado pelos leitores refere-se ao uso de vocabulário considerado pouco frequente ou mesmo arcaizante em inglês, especialmente no caso de escolhas como *abluted* e *indisposed*. Alguns participantes associaram essas opções a um registro excessivamente formal ou distante do que imaginam ser o repertório linguístico de uma autora com baixa escolarização formal, interpretando tais escolhas como uma possível interferência da formação acadêmica da tradutora. No entanto, essa reação é particularmente significativa para os objetivos da proposta tradutória: o estranhamento provocado por termos incomuns em inglês dialoga diretamente com o efeito produzido no texto em português, no qual Carolina também emprega palavras e construções percebidas como “difíceis” ou inesperadas, muitas delas decorrentes de suas leituras de obras clássicas e de seu desejo de alcançar uma expressão literária mais elevada. Assim, o feedback considerado “negativo” quanto à frequência lexical e ao ritmo sintático acaba por confirmar a manutenção, no texto traduzido, de uma experiência de leitura próxima àquela suscitada pelo original, reforçando a coerência do projeto de preservar não apenas o conteúdo, mas também o impacto estilístico e discursivo da escrita caroliniana.

Em relação ao uso da expressão “for the likes of John Doe”, apresentado aos leitores-beta como estratégia inicial para traduzir “zé povinho”, as respostas podem ser organizadas em algumas categorias interpretativas, o que ajuda a avaliar o grau de inteligibilidade e adequação da escolha tradutória. De um lado, há um grupo significativo que compreendeu a expressão como referência ao “homem comum”, “pessoas anônimas” ou ao público em geral, associando John Doe à ideia de *everyman*, de sujeitos sem identidade específica ou pertencentes à massa que observa a cena. Para esses leitores, a expressão funcionou como um marcador de coletividade ou de anonimato social, permitindo entender que o episódio descrito se torna um espetáculo para a multidão presente.

Por outro lado, um segundo grupo demonstrou compreensão parcial, reconhecendo que John Doe indica uma pessoa genérica ou desconhecida, mas apontando que o uso não parecia totalmente adequado ao contexto. Alguns participantes observaram que a expressão, no inglês, está fortemente associada

a registros jurídicos ou burocráticos (como nomes fictícios para indivíduos não identificados). Por fim, um número menor de leitores apresentou interpretações divergentes ou afirmou não ter compreendido a expressão, sugerindo substituições mais transparentes como *unknown*.

Embora a maioria dos leitores tenha apreendido o sentido geral pretendido, relacionando John Doe à ideia de homem comum, público indistinto ou massa observadora, as respostas que destacaram sua forte associação com contextos jurídicos e burocráticos revelaram uma diferença pragmática relevante. A dificuldade não decorria apenas da inexistência de uma correspondência integral para “zé povinho”, mas também do fato de que John Doe privilegia a noção de identidade desconhecida, enquanto o termo empregado por Carolina apresenta uma dimensão coletiva, informal e, em determinadas ocorrências, levemente depreciativa. Desse modo, a contribuição dos leitores-beta levou à reavaliação da solução inicialmente proposta. Cabe ressaltar, contudo, que nenhum dos participantes sugeriu *Joe Schmo* como alternativa e que a expressão tampouco havia aparecido nas pesquisas realizadas anteriormente, uma vez que não era conhecida por nós naquele momento.

Posteriormente, durante a defesa da tese e após o encerramento do questionário, a professora Meg Weeks propôs *Joe Schmo* como possível tradução para “Zé Povinho”. A sugestão motivou uma nova pesquisa lexicográfica e uma comparação mais detida entre os usos pragmáticos de *John Doe* e *Joe Schmo*. Embora essa nova alternativa não tenha sido submetida aos leitores-beta, sua incorporação à versão final dialoga com as respostas do questionário, uma vez que alguns participantes já haviam identificado a associação excessivamente jurídica e burocrática de *John Doe*. A partir dessa revisão posterior à defesa, optamos por reservar John Doe à tradução de “Zé qualquer” no trecho “Foi sepultado como um Zé qualquer”, em que o apagamento da identidade individual é determinante. Para as ocorrências de “Zé Povinho”, adotamos *Joe Schmo* ou *Joe Schmoes*, expressão que designa o homem comum ou ordinário e que pode assumir uma tonalidade informal, humorística ou depreciativa. Assim, “é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho” passou a ser traduzido como “it’s a real show for the likes of Joe Schmo”.

No que se refere à percepção dos leitores-beta sobre o uso diferenciado dos termos *Black* e *Negro* na tradução, a maior parte das respostas indicou que essa distinção foi percebida de forma significativa. De modo geral, *Black* foi interpretado como um termo mais neutro, contemporâneo e descritivo, associado à referência racial cotidiana, enquanto *Negro* foi compreendido como um vocábulo mais antigo, historicamente carregado e, em muitos casos, dotado de conotações negativas, pejorativas ou racialmente marcadas. Alguns leitores também associaram o uso de *Negro* a contextos de maior tensão social, conflito geracional ou estereotipação, evidenciando a percepção de que o termo carrega uma densidade histórica e ideológica distinta.

Essas leituras corroboram a pertinência da estratégia tradutória adotada. Como já discutido na análise, a opção por verter “preto” como *Black* permite manter uma referência racial mais corrente e não intensificada semanticamente, preservando o uso cotidiano presente no texto de partida. Por sua vez, a tradução de “negro” por *Negro* contribui para conservar a marcação histórica e a carga sociocultural mais densa do termo, possibilitando que o leitor em inglês perceba diferenças de valor, registro e conotação entre os dois vocábulos. Assim, o contraste lexical observado pelos leitores-beta sugere que a solução adotada consegue, em medida satisfatória, recriar no texto-alvo a oscilação semântica e pragmática presente no original, sem homogeneizar a complexidade das referências raciais mobilizadas pela autora.

No que se refere a outros aspectos específicos da tradução testados junto aos leitores-beta, observa-se que diferentes escolhas lexicais, metafóricas e culturais foram compreendidas de maneira satisfatória, não tendo sido apontadas como obstáculos relevantes à leitura. Expressões como *masonry neighbors*, a metáfora de *storage room* para “quarto de despejo”, bem como a distinção semântica entre *swear* e *curse*, foram interpretadas de forma adequada dentro do contexto narrativo. Do mesmo modo, o uso do possessivo em construções como D. Geralda's Binidito, apresentado com nota de rodapé explicativa, não gerou dificuldades de entendimento, sendo reconhecido como um recurso de marcação relacional e de oralidade.

Além disso, as referências religiosas presentes no texto, as tentativas de recriação de rimas e a comparação da “casa da sogra” à metáfora Grand Central Station — evocando a ideia de um espaço movimentado, ruidoso e

constantemente atravessado por pessoas — foram igualmente assimiladas pelos leitores, sem necessidade de explicações adicionais. Esses resultados sugerem que determinadas estratégias de manutenção de imagens culturais e de efeitos estilísticos funcionaram de forma eficaz no texto-alvo, contribuindo para a inteligibilidade geral da tradução sem eliminar marcas de especificidade cultural e expressiva.

Por fim, perguntamos sobre o estilo, a clareza e o fluxo de um trecho mais longo apresentado. As respostas indicam uma recepção relativamente convergente em torno de um aspecto central: o ritmo fragmentado do texto. Parte dos participantes caracterizou a leitura como “cortada” ou pouco fluida, atribuindo essa sensação à recorrência de frases curtas, ao uso frequente de pontos finais e à estrutura sintática direta, sem muitas orações subordinadas. Também foram mencionadas algumas dificuldades pontuais relacionadas ao vocabulário e à organização de determinadas sequências frásicas. Por outro lado, um conjunto de respostas destacou justamente esses mesmos elementos como constitutivos de um efeito estilístico específico, percebendo o texto como claro, conciso e marcado por um ritmo próprio, por vezes associado a uma cadência poética ou a uma oralidade intensa e direta.

Nesse sentido, o que poderia ser interpretado como falta de fluidez foi também compreendido como uma escolha expressiva coerente com a proposta tradutória de preservar o estilo sintático da autora. Assim, a recepção dos leitores confirma que o caráter fragmentado do texto não compromete necessariamente a compreensão global, mas contribui para recriar, em inglês, o efeito de urgência, objetividade e tensão narrativa presente no original, que era nosso objetivo principal.

De modo geral, as respostas obtidas por meio do formulário com leitores-beta indicam que a versão proposta alcança um nível satisfatório de inteligibilidade, coerência estilística e funcionalidade comunicativa, mesmo quando preserva marcas de estranhamento, especificidades culturais e escolhas lexicais menos frequentes. As observações feitas pelos participantes contribuíram para confirmar a pertinência de diversas decisões tradutórias — como a manutenção de termos em português, a recriação de contrastes semânticos relevantes e a preservação do ritmo fragmentado e da poética de resíduos, ambos característicos da escrita de Carolina — ao mesmo tempo em

que apontaram pontos de atenção relacionados ao fluxo textual, ao registro vocabular e à recepção de determinadas expressões culturalmente densas.

Nesse sentido, a pesquisa com leitores-beta cumpriu um papel fundamental como etapa reflexiva do processo tradutório, permitindo confrontar hipóteses teóricas com a experiência concreta de leitura. Assim, as conclusões aqui apresentadas não visam a estabelecer soluções definitivas, mas a evidenciar a tradução como prática situada, interpretativa e negociada, em que escolhas são constantemente avaliadas à luz do *skopos* do projeto, das reações dos leitores e do compromisso ético-estético de preservar, tanto quanto possível, a voz e a complexidade da obra caroliniana.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, partimos da compreensão de que traduzir *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, implica não apenas transpor um texto entre línguas, mas lidar com uma obra profundamente marcada por questões sociais, culturais e estilísticas que desafiam modelos tradicionais de tradução. Nesse sentido, esta tese teve como objetivo geral propor uma nova tradução para a língua inglesa da obra, a partir da análise de seus elementos culturais e estilísticos. Consideramos que esse objetivo foi plenamente alcançado, uma vez que a versão apresentada — *Storage Room: The Diary of Carolina Maria de Jesus* — resulta de um processo crítico, fundamentado teoricamente e atento às especificidades linguísticas, culturais e discursivas do texto original.

No que se refere aos objetivos específicos, a tese contemplou, em primeiro lugar, a análise dos aspectos extratextuais da tradução, com base na Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar (2013) e nas discussões sobre retradução. Essa abordagem permitiu compreender a inserção de *Quarto de Despejo* no sistema literário internacional, bem como problematizar as reescritas anteriores da obra, evidenciando seus condicionamentos editoriais, ideológicos e culturais. Em seguida, os aspectos intratextuais foram explorados por meio de uma análise estilística e linguística, ancorada em autores como Juliane House (1977/1981; 1997; 2001; 2009), Mona Baker (2000) e Gabriela Saldanha (2011), o que possibilitou examinar elementos como oralidade, variação linguística, construção da voz narrativa e prosódia semântica, aspectos fundamentais para a compreensão da singularidade da escrita caroliniana e para a tomada de decisões tradutórias.

A proposição do projeto tradutório, por sua vez, foi desenvolvida com base na perspectiva funcionalista de Christiane Nord (2016), permitindo articular o conceito de *skopos* com uma abordagem ética e crítica da tradução. Nesse sentido, a tradução foi concebida para além de um procedimento técnico, sendo entendida como prática cultural e política. Como discutido ao longo do trabalho, não se tratou de adaptar o texto a um inglês padronizado, mas de preservar, de forma inteligível, as marcas de oralidade, marginalidade e resistência presentes na escrita de Carolina, evitando enquadrá-la em modelos linguísticos que não

correspondem à sua experiência. Tal posicionamento dialoga diretamente com a concepção de tradução como gesto ético e situado.

Nesse contexto, as contribuições de Paulo Henriques Britto (2012) foram fundamentais para sustentar a importância de manter, na cultura de chegada, o efeito de estranhamento do texto original, sobretudo em uma obra que já se apresenta como linguisticamente singular em sua própria língua. De modo complementar, as reflexões de Reis (2017) reforçam a compreensão da tradução como uma intervenção inevitável, na qual a tradutora, enquanto sujeito histórico e cultural, imprime suas escolhas, valores e formas de escuta da alteridade. Essa perspectiva foi essencial para reconhecer que cada decisão tradutória implicou selecionar o que preservar, o que explicar e o que tensionar no texto de chegada.

Além disso, a noção de tradução como prática ética e engajada, conforme proposta por Campos (2017), orientou a adoção de estratégias como o uso de notas explicativas, entendidas não como excessos paratextuais, mas como recursos fundamentais para promover uma aproximação mais efetiva entre o leitor anglófono e o contexto sociocultural da obra. Nesse sentido, buscou-se construir uma tradução que não domestica a alteridade, mas que a apresenta de forma acessível e respeitosa.

Outro aspecto relevante para o cumprimento dos objetivos foi a realização do doutorado sanduíche na Georgetown University, sob orientação do professor Vivaldo Andrade dos Santos, que possibilitou não apenas o aprofundamento teórico da pesquisa, mas também a realização de testes de recepção com leitores-beta. As respostas ofereceram retornos situados sobre a inteligibilidade, o impacto estilístico e as escolhas linguísticas da tradução, permitindo confrontar as expectativas do projeto tradutório com as reações dos participantes e observar como determinados elementos, como termos culturais, honoríficos e escolhas lexicais, foram compreendidos no âmbito do grupo consultado.

Embora a discussão do gênero testemunhal e das vozes subalternizadas não tenha constituído um eixo teórico desta tese, cuja delimitação privilegiou as questões de autoria, mediação e tradução, ela se apresenta como um desdobramento relevante para pesquisas futuras. A aproximação de *Quarto de Despejo* ao *testimonio* latino-americano e às reflexões de Gayatri Chakravorty Spivak (2010) permitiria aprofundar a análise das condições de enunciação, mediação e escuta da voz de Carolina Maria de Jesus, considerando os

processos editoriais, tradutórios e críticos que atravessam sua circulação. Essa perspectiva poderia complementar a discussão de autoria aqui desenvolvida ao investigar como uma voz historicamente subalternizada é representada, legitimada e recebida em diferentes contextos, sem reduzir a autora à posição passiva de alguém por quem outros falam.

Por fim, entendemos que esta pesquisa contribui para os Estudos da Tradução ao propor uma retradução crítica que articula teoria e prática, evidenciando a tradução como espaço de negociação entre línguas, culturas e discursos. Ao mesmo tempo, oferece uma contribuição para a circulação internacional da literatura brasileira, ao buscar apresentar a obra de Carolina Maria de Jesus de forma menos estereotipada e mais alinhada à sua complexidade estética, política e social. Assim, a versão aqui proposta não pretende ser definitiva, mas se insere como mais uma reescrita possível, consciente, situada e comprometida, no contínuo processo de tradução e (re)significação da obra no cenário global.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AZENHA JUNIOR, João. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. *Tradterm*, São Paulo, v. 16, p. 37-66, jan./jun. 2010.

BAHIA, Luísa Arantes; DARODA, Larissa Silva Leitão; MAGALDI, Carolina Alves. Carolina Maria de Jesus: três poemas vertidos para o inglês. *Cadernos de Letras UFF*, Niterói, v. 33, n. 65, p. 147-169, jul./dez. 2022.

BAHIA, Luísa Arantes. *Exportando literatura brasileira: Quarto de despejo e Casa de alvenaria em língua inglesa*. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

BAHIA, Luísa Arantes. *Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o Quarto de despejo*. 2019. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras-Tradução Inglês-Português) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

BAHIA, Luísa Arantes; MAGALDI, Carolina Alves. Carolina Maria de Jesus e a música: o samba nas composições de *Quarto de despejo*. *Jangada: Crítica | Literatura | Artes*, Viçosa, v. 11, n. 2, e110223, 2024.

BAKER, Mona. Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator. *Target*, Amsterdam, v. 12, n. 2, p. 241–266, 2000.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57–64.

BENNETT, Lerone. What's in a name? Negro vs. Afro-American vs. Black. *ETC: a review of general semantics*, New York, v. 26, n. 4, p. 399–412, Dec. 1969. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/42574587>. Acesso em: 21 out. 2025.

BENNETT, Lerone. What's in a Name? Negro vs. Afro-American vs. Black. *Ebony Magazine*, Chicago, v. 22, n. 4, p. 46–52, feb. 1967.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999.

BERMAN, Antoine. A retradução como espaço da tradução. Tradução de Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène Catherine Torres. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 261-269, maio/ago. 2017.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BERNARDO, Ana Cláudia dos Santos São. A construção do outro nas edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 56, e5622, p. 1-11, 2019.

BRAULT, Jacques. *Poèmes des quatre côtés*. Montréal: Éditions du Noroît, 1975.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRUERA, Penélope Serafina Chaves. Uma leitura das traduções cubana e argentina de Quarto de Despejo sob a perspectiva da crítica feminista decolonial de tradução. *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v. 17, n. 30, p. 176-195, 2022.

CAMPOS, Paula. Descobrimos uma tradutora: ou por uma tradução responsável e ética. In: CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. p. 119-155.

CAPELETT, Patrícia Cristina. *Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus*. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

CARDEIRA, Esperança. Preto and negro, pardo, mestiço and mulato. In: SILVESTRE, João Paulo; CARDEIRA, Esperança; VILLALVA, Alina (org.). *Colour and Colour Naming: Crosslinguistic Approaches*. Lisboa; Aveiro: CLUL; Universidade de Aveiro, 2016. p. 71-87.

CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017.

CARVALHO, Tracy da Silva. *Trechos de Quarto de despejo: experimentando uma tradução comentada*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras – Inglês) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38898>. Acesso em: 11 ago. 2026.

CASANOVA, Pascale. Translation as unequal exchange. Tradução de Siobhan Brownlie. In: BAKER, Mona (ed.). *Critical readings in translation studies*. London: Routledge, 2010. cap. 16, p. 285-303.

CATFORD, John Cunnison. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. London: Oxford University Press, 1965.

CHEVREL, Yves. Introduction: la retraduction – und kein Ende. *In*: KAHN, Robert; SETH, Catriona (org.). *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010. p. 11-21.

CRUZ, Celso Donizete. *O trabalho do tradutor: em busca de uma teoria para a prática*. Tese (Doutorado em Letras – Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DANTAS, Audálio. Nossa irmã Carolina. *In*: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960. p. 5-12.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2025

ETKIND, Efim. La stylistique comparée, base de l'art de traduire. *Diogenes*, Paris, n. 57, p. 43-56, jan./mar. 1967.

EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice de. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. *In*: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: volume 1: Osasco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 141–148.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. *Translatio*, Porto Alegre, n. 5, p. 2–21, 2013.

FALEIROS, Álvaro; MATTOS, Thiago. *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert*. 1. ed. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.

FANG, Ping. Bu cunzai “lixiang de fanben”: wenxue fanyi gongzuozhe de sikao [Não existe “modelo ideal”: reflexões de um tradutor literário]. *In*: XU, Jun (org.). *Fanyi sikao lu* [Reflexões sobre tradução]. Wuhan: Hubei Jiaoyu Chubanshe, 1998. p. 124–132.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FEITOSA, Lilian Passos Wichert. *Brazilian women writers in English: translation of culture and gender in works by Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus and Ana Maria Machado*. 2008. 511f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – University of Massachusetts Amherst, Amherst, 2008.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Cartografando uma literatura menor: a poética dos resíduos de Carolina Maria de Jesus. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 2, n. 1, p. 201-223, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/f2aa2c79-509f-4dd1-b86e-921892c43a89>. Acesso em: 31 mar. 2025.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. *Itinerários - Revista de Literatura*, Araraquara, n. 27, p. 125–146, jul./dez. 2008.

FERNANDEZ, Raffaella; SOARES, Poliana. Marcas da (in)traduzibilidade do pretuguês de Carolina Maria de Jesus. In: REBECHI, Rozane; REUILLARD, Patrícia; SILVA, Márcia; BEVILACQUA, Cleci (org.). *Do sul para o mundo: outras perspectivas dos estudos de tradução*. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2024. p. 311-341.

FINLAY, Ian F. *Translating*. London: The English Universities Press, 1971.

FLÔR, Verônica de Souza Santos. “*Esta claro que ele estando na sala de jantar não vae ver o que presta no quarto de despêjo*”: edição de manuscritos referentes a Quarto de despejo: diário de uma favelada. Tomo 1. 2023. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

FOUCAULT, Michel. Qu’est-ce qu’un auteur? *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Paris, v. 63, n. 3, p. 73–104, 1969.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298. (Ditos e escritos, III).

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et détour. *Meta*, Montréal, v. 39, n. 3, p. 413-417, 1994.

GAMBIER, Yves. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, Enrico; SCHNYDER, Peter (org.). *Autour de la retraduction: perspectives littéraires européennes*. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Noten und Abhandlungen zu besserem Verständnis des West-östlichen Divans*. 1819.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GULLIN, Christina. *Översättarens röst*. Lund: Lund University Press, 1998.

HERMANS, Theo. Translation studies and a new paradigm. In: HERMANS, Theo (ed.). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985. p. 7-15.

HERMANS, Theo. *Translation's other*: an inaugural lecture delivered at University College London on Tuesday 19 March 1996. London: University College London, 1996a. 27 p. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/198>. Acesso em: 11 ago. 2026.

HERMANS, Theo. The translator's voice in translated narrative. *Target*, Amsterdam, v. 8, n. 1, p. 23–48, 1996b.

HOLMES, James. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation studies reader*. 2nd ed. New York: Routledge, 2004. p. 172-185.

HOUSE, Juliane. *A model for translation quality assessment*. 2nd ed. Tübingen: TBL-Verlag Narr, 1981.

HOUSE, Juliane. *Translation Quality Assessment: a model revisited*. Tübingen: TBL-Verlag Narr, 1997.

HOUSE, Juliane. Translation quality assessment: linguistic description versus social evaluation. *Meta*, Montréal, v. 46, n. 2, p. 243-257, 2001.

HOUSE, Juliane. *Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014b.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 2. ed. Rio de Janeiro: Edibolso, 1976.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria*: diário de uma ex-favelada. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria*: diário de uma ex-favelada – volume 1: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria*: diário de uma ex-favelada – volume 2: Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

JESUS, Carolina Maria de. *Child of the dark*: the diary of Carolina Maria de Jesus. Tradução de David St. Clair. New York: New American Library, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. *Child of the dark*: the diary of Carolina Maria de Jesus. Tradução de David St. Clair. Posfácio de Robert M. Levine. New York: New American Library, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. *I'm going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*. Tradução de Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. 3. ed. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. Minha vida. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2. ed. Sacramento: Editora Bertolucci, 2015. p. 198-219.

JESUS, Carolina Maria de. *La stanza dei rifiuti: e altre opere*. Tradução de Rita Ciotta Neves. 1ª. ed. Roma: Alpes, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. *Cuarto de desechos: diario de una favelada & cuarto de ladrillos*. Tradução do Laboratório de Traducción De Unila. 1.ª ed. Valparaíso: Ediciones Libros del Cardo, 2023.

JESUS, Carolina Maria de. *Cuarto de desechos y otras obras*. Tradução do Laboratório de Traducción De Unila. 1.ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Mandacaru Editorial, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*. Tradução de Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1999.

JESUS, Carolina Maria de. *Onde estás felicidade?* Organização de Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014a.

KEENE, John. Translating poetry, translating blackness. *Harriet* (blog da Poetry Foundation), 28 abr. 2016. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/featured-blogger/74906/translating-poetry-translating-blackness>. Acesso em: 30 out. 2025.

KOSKINEN, Kaisa; PALOPOSKI, Outi. Retranslation. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (ed.). *Handbook of Translation Studies*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 294–298.

KRASZEWSKI, Charles S. *Four translation strategies determined by the particular needs of the receptor*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1998.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha; DARODA, Larissa Silva Leitão; BAHIA, Luísa Arantes. Preto ou negro? Uma análise lexical na obra de Carolina Maria de Jesus. No prelo.

LADMIRAL, Jean-René. Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles... In: MONTI, Enrico; SCHNYDER, Peter (org.). *Autour*

de la retraduction: perspectives littéraires européennes. Paris: Orizons, 2012, p. 29-49.

LAJOLO, Marisa. A leitora no quarto dos fundos. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020. p. 205-215.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London: Routledge, 1992.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVINE, Robert M. Afterword: “a fish out of water”. In: JESUS, Carolina Maria de. *I’m going to have a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus*. Tradução de Melvin S. Arrington Jr. e Robert M. Levine. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997. p. 151-175.

LEVINE, Robert M. The cautionary tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Pittsburgh, v. 29, n. 1, p. 55–83, 1994.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *The life and death of Carolina Maria de Jesus*. 1st ed. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

LEVINE, Robert M. Afterword. In: JESUS, Carolina Maria de. *Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*. Tradução de David St. Clair. New York: Signet, 2003. p. 177-187.

LI, Yanjie. A general review of existing retranslation study. *Theory and Practice in Language Studies*, [S. l.], v. 3, n. 10, p. 1908-1912, out. 2013.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. A tradução no Brasil e a retradução de clássicos: algumas considerações. *Tradterm*, São Paulo, v. 39, p. 151-173, 2021.

MAY, Rachel. *The translator in the text: on reading Russian literature in English*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. 2. ed. Sacramento: Editora Bertolucci, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020. p. 217-231.

MERRIAM-WEBSTER. Negro. *Merriam-Webster.com Dictionary*, 2025. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/Negro>. Acesso em: 23 out. 2025.

MIRANDA, Fernanda. Dição e devir em Carolina Maria de Jesus. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020. p. 245-252.

NASCIMENTO, Gabriel. O pretuguês de Carolina Maria de Jesus e o português de Regina Dalcastagne: carta aberta à escritora Conceição Evaristo. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 9332-9341, 2023.

NASCIMENTO, Raquel Alves dos Santos. *Do exotismo à denúncia social*: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, na Alemanha. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Raquel Alves dos Santos. *Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus na Alemanha*: mesma tradução, diferentes leituras - uma análise a partir dos paratextos das diversas edições sob a ótica da linguística de corpus. 2022. 407 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11447786. Acesso em: 23 out. 2025.

NATIONAL ASSOCIATION OF BLACK JOURNALISTS (NABJ). *NABJ style guide*. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://nabjonline.org/news-media-center/styleguide/>. Acesso em: 23 out. 2025.

NAWROSKI, Alcione; CHRZAN, Klaudia. Enegrecendo a fala das mulheres: as contribuições de Lélia González para o português brasileiro. *Educação*, Santa Maria, v. 49, e43, p. 1–22, 2024.

NEVES, Rita Ciotta. Introduzione: perché Carolina? In: JESUS, Carolina Maria de. *La stanza dei rifiuti*: e altre opere. 1ª. ed. Roma: Alpes, 2021. p. IX-XVIII.

NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden: E. J. Brill, 1969.

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução*: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

OLIVEIRA, Felipe Garcia de. Prieto (ES) | Preto (PT). *LexiconWords*. Évora: CHAM-NOVA FCSH, Universidade de Évora. 2017. Disponível em: <https://www.resistance.uevora.pt/lexiconwords/prieto-%28es%29-or-preto-%28pt%29/>. Acesso em: 24 out. 2025.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. A construção das éticas de tradução de textos literários a partir da experiência: a interação entre a academia e a sociedade. *Gragoatá*, Niterói, v. 16, n. 31, p. 97-106, 2 sem. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33051>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PENTEADO, Gilmar J. *Estética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em Quarto de despejo (diário de uma favelada)*. 2018. 356 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

PREARO-LIMA, Rafael; MEIRA, Franciele de Souza. Análise discursiva de “negro” e “preto” em dicionários de língua portuguesa. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [S. l.], v. 40, n. 3, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/66560>. Acesso em: 24 out. 2025.

REIS, Luciana. Entendendo a travessia: por uma tradução escreviente. In: CARRASCOSA, Denise (org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. p. 77-117.

SACRAMENTO, Marcos. “Preto” ou “negro”? O vídeo viral que levantou um debate semântico. *Geledés*, 1 ago. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semantico-por-sacramento/>. Acesso em: 24 out. 2025.

SALDANHA, Gabriela. Style of translation: the use of foreign words in translations by Margaret Jull Costa and Peter Bush. In: KRUGER, Alet; WALLMACH, Kim; MUNDAY, Jeremy (ed.). *Corpus-based translation studies: research and applications*. London: Continuum, 2011a. p. 237–258.

SALDANHA, Gabriela. Translator style: methodological considerations. *The Translator*, Manchester, v. 17, n. 1, p. 25-50, 2011b.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da; ULIANA, Elton; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Demystifying the stigma in the writings of Carolina Maria de Jesus: translation strategies in translating “Favela”. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 25, n. 1, p. 9-29, 2022.

SILVA, Eliane Conceição da; PERPÉTUA, Elzira Divina. Mulher e linguagem em Carolina Maria de Jesus. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulher-e-linguagem-em-carolina-de-jesus/>. Acesso em: 31 maio 2025.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. A descoberta do insólito: Carolina Maria de Jesus e a imprensa brasileira (1960-77). *Afro-Hispanic Review*, v. 29, n. 2, p. 109–126, Fall 2010. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41349344>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SMITH, Tom W. Changing racial labels: from “colored” to “negro” to “black” to “African American”. *Public Opinion Quarterly*, Chicago, v. 56, n. 4, p. 496–514, winter 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2749154>. Acesso em: 23 out. 2025.

SOARES, Poliana. *Carolina Maria de Jesus: uma análise social e cultural da tradução*. 2023. Tese (Doutorado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2023.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. A tradução francesa da linguagem compósita de Carolina Maria de Jesus. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 28, p. 121-139, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/21757968.2011v2n28p121/20386>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STERVID, Beatriz Terreri. Do texto ao contexto: uma análise comparativa das abordagens descritiva e funcional dos estudos da tradução. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 23, n. 39, p. 1-24, 2020.

STRADIOTO-CASOLATO, Ana Magda. Nãotradução: uma poiética tradutória perturbadora. *Tradterm*, São Paulo, v. 41, p. 5–29, 2022.

VAN POUCKE, Piet. The effect of previous translations on retranslation: a case study of Russian-Dutch literary translation. *TranscUlturAl*, Edmonton, v. 12, n. 1, p. 10–25, 2020.

VAN POUCKE, Piet; SANZ GALLEGU, Guillermo. Retranslation in context. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 10–22, jan./abr. 2019.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London; New York: Routledge, 1995.

VIEIRA, Else Ribeira Pires. A postmodern transnational aesthetics in Brazil. In: SNELL-HORNBY, Mary; PÖCHHACKER, Franz; KAINDL, Klaus (ed.). *Translation studies: an interdisciplinary*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 65–72.

WEISER, Frans. Rewriting Carolina Maria de Jesus: editing as translating in Quarto de despejo. *Portuguese Literary and Cultural Studies*, North Dartmouth, MA, n. 23/24, p. 331-342, 2013.

WIGGINS, Keya. *African Americans' perceptions of the "N-word" in the context of racial identity attitudes*. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Indiana State University, Terre Haute, 2011.

ANEXO A – Autorização



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

SOMOS SISTEMAS DE ENSINO S.A., sociedade anônima, com sede na cidade de São José dos Campos, Estado de São Paulo, na Rodovia Presidente Dutra, km 135, bloco 03, Eugênio de Mello, CEP 12247-004, inscrita no CNPJ/ME sob o nº 49.323.314/0001-14, doravante designada **LICENCIANTE**;

Concede a **LUÍSA ARANTES BAHIA** inscrita no cpf sob o nº [REDACTED], com residência em [REDACTED], daqui em diante denominada simplesmente **LICENCIADA**,

Autorização em caráter não exclusivo para realizar tradução comentada do livro “Quarto de Despejo”. Quarto de despejo: diário de uma favelada / Carolina Maria de Jesus; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10. ed. – São Paulo : Ática, 2014 para de tese de doutorado, com fins didáticos e não comerciais.

Para esta utilização, a **LICENCIADA** não deverá realizar pagamentos para a **LICENCIANTE**, visto que trata-se de uma autorização não-onerosa.

Obriga-se a **LICENCIADA** a respeitar os direitos morais da autora do material objeto desta autorização, mencionando em local apropriado seu nome e a fonte.

É vedado à **LICENCIADA** proceder unilateralmente, quaisquer acréscimos, supressões ou alterações na obra original.

Fica expressamente vedada a utilização do direito ora autorizado com finalidades lucrativas ou para quaisquer outras finalidades fora do âmbito acadêmico.

Qualquer outra forma de utilização e/ou formato divergentes dos especificados acima são exclusivos da **LICENCIANTE**.

São Paulo, 09 de agosto de 2022.

SOMOS SISTEMAS DE ENSINO S.A.

Avenida Paulista, 901 – 6º andar São Paulo SP 01311-901

www.somoseducacao.com.br



3 páginas - Dados e horários baseados em Brasília, Brasil
Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)
Certificado de assinaturas gerado em 10 de agosto de 2022, 08:58:53



Quarto de Despejo - Autorizacao sem ônus - Luísa Arantes Bahia
pdf

Código do documento [REDACTED]



Assinaturas



Roberta Siqueira Ribeiro Bento

Assinou



Giovanna Matias Marques

Acusou recebimento

Giovanna Matias Marques

Eventos do documento

09 Aug 2022, 14:02:25

Documento [REDACTED] criado por GIOVANNA MATIAS MARQUES

[REDACTED] Email: [REDACTED] DATE_ATOM:
2022-08-09T14:02:25-03:00

09 Aug 2022, 14:03:26

Assinaturas iniciadas por GIOVANNA MATIAS MARQUES [REDACTED] Email:
[REDACTED] - DATE_ATOM: 2022-08-09T14:03:26-03:00

10 Aug 2022, 08:50:25

ROBERTA SIQUEIRA RIBEIRO BENTO Assinou [REDACTED] - Email:

[REDACTED] - IP: [REDACTED]

Geolocalização: [REDACTED] - Documento de identificação informado: [REDACTED] - DATE_ATOM:
2022-08-10T08:50:25-03:00

10 Aug 2022, 08:58:43

GIOVANNA MATIAS MARQUES Acusou recebimento [REDACTED] - Email:

[REDACTED] - IP: [REDACTED] porta:

[REDACTED] - Geolocalização: [REDACTED] - Documento de identificação informado: [REDACTED]

DATE_ATOM: 2022-08-10T08:58:43-03:00

Hash do documento original

[REDACTED]



APÊNDICE A – Formulário

Quarto de Despejo - Reading form

Carolina Maria de Jesus' Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (1960), translated into English as *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*, occupies a central place in twentieth-century Brazilian literature and social thought. The diary offers an unmediated portrayal of life in the Canindé favela in São Paulo, capturing the daily struggles of hunger, poverty, and exclusion experienced by the urban poor. As a Black woman and single mother who made her living collecting paper and scrap metal, Carolina constructs a narrative that intertwines personal experience with a broader social critique of inequality and marginalization. Her writing not only documents material deprivation but also articulates an acute awareness of the moral, political, and linguistic hierarchies that define Brazilian society.

Purpose of the Study: The purpose of this study is to evaluate readers' responses to excerpts from *Quarto de Despejo* translated into English as part of my PhD retranslation project. Your feedback will help make the text more accessible and comprehensible to readers who are not familiar with Brazilian culture and context.

Procedures: If you agree to participate, you will be asked to read selected excerpts from the English translation and answer questions about your impressions and understanding. **All responses are collected anonymously**, and no identifying information (such as name, email, or IP address) will be collected. Your comments will be used solely for academic research purposes.

Voluntary Participation: Participation is **entirely voluntary**. You may choose not to participate or withdraw at any time before submitting the form, without any consequences.

Confidentiality: All information will remain **strictly anonymous**, and you agree not to share, reproduce, or disclose any information contained in this form without the prior authorization of the researcher.

The form will remain open until January 5.

Contact Information: If you have any questions or concerns about this study, you may contact the researcher at: **Luísa Arantes Bahia** – luisaarantes2@gmail.com **Affiliation:** Universidade Federal de Juiz de Fora, Brazil

* Indica uma pergunta obrigatória

1. By clicking "I agree" below, you acknowledge that: *

You have read and understood this information;

You voluntarily agree to participate in this study;

You authorize the use of your comments for academic research purposes related to my PhD project.

Marque todas que se aplicam.

☐ I agree

2. Is English your first/native language? *

Marque todas que se aplicam.

☐ Yes

☐ No

3. How would you call in English a small, simple room used to store unwanted items or excess belongings? (Like the one in the photo)



4. In Portuguese, forms of address such as “D.” (for *Dona*) and “Sr.” (for *Senhor*) are used before proper names. Was their use in the text clear and understandable to you?

The fishmonger Sr. Antonio Lira came and gave me some fish. I'll make lunch. The women

went away, leaving me in peace for today. They already put on the show. My front door is currently a theater. All the children throw stones, but my children are the scapegoats. They allude that I'm not married. But I'm happier than them. They have husbands. But they're forced to ask for alms. They're supported by charities.

[...]

I went to ask D. Alice for some lard. She gave me lard and rice. It was 9 p.m. when we ate.

footnote: *Senhor* is used in Brazilian Portuguese both as a formal address equivalent to “Mr.” and as a respectful marker before a full name. In translation, we decided to leave the word in Portuguese, abbreviated as “Sr.,” to preserve the social nuance and cultural context, which can indicate age, respect, or social hierarchy. (T.N.)

Dona (D.) is a Portuguese honorific used before a woman's first name to express respect, often implying familiarity or status. We chose to keep D. in Portuguese to convey the subtle social and interpersonal nuances present in the original text. (T.N.)

5. Are the terms *favela* and *favelados* clear and understandable even though they are kept in Portuguese?

When I arrive in the *favela*[1] I'll find news. Perhaps D. Rosa or the indolent Maria dos Anjos fought with my children. I found Vera Eunice sleeping and the boys were playing in the street.

[1] The term *favela* is kept in Portuguese because there is no exact English equivalent. Unlike slum, which generally refers to a deteriorating urban neighborhood with widespread poverty, a *favela* typically originates when people occupy vacant land on the outskirts of a city and build improvised housing from collected or recycled materials. (T.N.)

I sat on the sidewalk to write. A man passed by and asked me:

"What are you writing?"

"All the messes practiced by the *favelados* [2], the would-be humans."

[2] Person whose home is located in a *favela*. (T.N.)

6. To what extent are the footnotes clear and comprehensible to you as a reader?

[...] I didn't have a penny to buy bread. So I washed 3 bottles[1] and exchanged them with Arnaldo. He kept the bottles and gave me bread. I went to receive the money from the papers. I received 65 cruzeiros[2]. I spent 20 on meat. 1 kilo of pork belly[3] and 1 kilo of sugar and six cruzeiros worth of cheese. And the money ran out.

JULY 16th I woke up. I obeyed Vera Eunice. I went to get water. I made coffee. I let the children know that we had no bread. That they should drink plain coffee and eat meat with flour[4]. I was indisposed, so I decided that I needed to bless[5] myself. I opened my mouth twice, I saw that I had the evil eye. The indisposition disappeared, I left and I went to Sr. Manoel to take some cans to sell.

[1] Bottles here is the chosen translation for "litro", commonly referred to the one-liter returnable glass bottles used for sodas and beer in Brazil. These bottles were reused multiple times, and customers received a small discount on their next purchase when returning the empty bottle. (T.N.)

[2] The *cruzeiro*, the official currency of Brazil from 1942 to 1986 (with some subsequent reforms), was in circulation during the period when Carolina Maria de Jesus wrote her diary. Between 1958 and 1960, Brazil experienced rising inflation, and the value of the cruzeiro against the US dollar fluctuated significantly. In 1958, 1 US dollar was worth approximately 65 cruzeiros; by 1960, the exchange rate had climbed to around 200 cruzeiros per dollar, reflecting a sharp decline in the purchasing power of the Brazilian currency during that time. (T.N.)

[3] *Toucinho* is a traditional Brazilian cut of pork taken from the pig's belly. It typically includes both fat and some meat, and is often used to season dishes like beans or greens. In English, the closest equivalent is *pork belly*, though *toucinho* may be salted or cured depending on regional preparation. (T.N.)

[4] Carolina is probably referring here to manioc flour, which is more traditional in the North, Northeast, and Southeast regions of Brazil. It can be toasted, raw, fine, or coarse, and is often used to "thicken" or "stretch" a dish. (T.N.)

[5] Benzer (to bless) is the act of blessing someone or something, with the aim of warding off evil. (T.N.)

7. Please describe how you perceive the language used in the text (for example, its clarity, tone, or style):

I spent the day indisposed. I realized that I had a cold. At night my chest hurt. I started to cough. I decided not to go out at night to pick up paper. I looked for my son João José. He was on Felisberto de Carvalho Street, close to the grocery store. The bus threw a boy onto the sidewalk and the crowd flocked. He was at the core. I gave him some slaps and within five minutes he got home.

[...]

I abluted the children, settled them in bed, and abluted myself and settled myself in bed. I waited until 11 p.m., for a certain someone. He didn't come. I took a painkiller and lay down again. When I woke up, our brightest star was gliding in the sky. My daughter Vera Eunice said: "Go get some water, mommy!"

8. To what extent is the abbreviation "TB" in the text clear and understandable to you?

D. Mariana was lamenting that her husband was taking so long to return. I put the clothes to bleach and came to make lunch. When I got home, I encountered D. Francisca fighting with my son João José. A forty-year-old woman arguing with a six-year-old child. I put the boy inside and closed the gate. She kept talking. To make her shut up you have to tell her:

"Shut up, TB woman!"

I don't like to allude to physical woes because nobody is to blame for contracting contagious diseases. But when we realize that we cannot tolerate the teasing of the illiterate, we resort to infirmities.

9. What do you understand by the expression "for the likes of John Doe" in this context:

When fights break out, the *favelados* drop whatever they're doing to witness the brawls. So, when a woman runs out naked, it's a real show for the likes of John Doe.

10. Is it clear the difference between the words swear and curse, specially if they appear together?

[...] I went to wring out my clothes. D. Aparecida asked me: "Ma'am, are you pregnant?"
 "No ma'am" I replied kindly.

And I swear^[1] at her silently. If I'm pregnant it's none of her business. I can't stand these *favela* women. They want to know everything! Their tongue is like chicken feet. Spread everything. There's a rumor going around that I'm pregnant! And I didn't know!

They were outraged and started to swear at the murderer. And to curse him. I have observed that the curses of the *favelados* work.

[1] In Portuguese, *xingar* and *jogar praga* could both be rendered as curse. To preserve the distinction, we translated *xingar* as swear ("to use rude or offensive words") and reserved curse for *jogar praga* in its superstitious sense ("to put a curse on someone") (T.N.)

11. To what extent is this metaphor clear and easy to interpret?

MAY 15th There are nights when they improvise a drumming and don't let anyone sleep. The masonry neighbors[1] have already tried with a petition to remove the *favelados*. But they couldn't. The neighbors of the brick houses say: "The politicians protect the *favelados*."

[1] The expression used by Carolina Maria de Jesus, "masonry neighbours" or "brick house neighbors", refers to residents who live outside the favela, in houses built with bricks and cement — permanent and legalized structures, in contrast to the improvised shacks of the favela. (T.N.)

12. The title of the book is *Storage Room*. What associations or meanings does the expression "*storage room*" evoke for you as a reader?
-

13. After reading this passage to what extent is this metaphor clear and easy to interpret?

...At 8.30 p.m. I was already in the *favela* breathing the odor of excrement mixed with rotten mud. When I'm in the city, I have the impression that I'm in the living room with its crystal chandeliers, its velvet rugs, satin cushions. And when I'm in the *favela* I have the impression that I'm an out-of-use object, worthy of being in a storage room.

14. Is the use of the possessive and the corresponding footnote clear and understandable?

They just want to live in peace. And raise their children. She was also going to wash clothes. She told me that every day D. Geralda's Binidito [1], was arrested. That Radio Motor Patrol got tired of coming to get him. They got him a job in jail.

[1] In Portuguese, it is common to use constructions like "o Binidito da D. Geralda" to refer to someone in a way that helps the reader remember or identify them. The exact relationship (son, husband, etc.) is not specified, therefore the sentence cannot be "opened" to include it. In English, we chose to use the possessive 's ("D. Geralda's Binidito") to convey association without assuming the relationship, even though it is not a common construction.

15. Are the religious references in the text clear and easy to understand?

[...]

"ZUZA, THE SPIRITUAL LEADER[1], BEHIND BARS

'Zuza' has been behind bars since yesterday, because he, whose real name is José Onofre, and has a really imposing appearance, maintained an Umbanda[2] tent in Bom Retiro, the Tenda Pae Miguel Xangô, for extraordinary profits. He is also the director of a chair industry suspected of irregularities at the Vice Squad. 'Zuza' (photo), was red-handed and charged."

[1] In the original "pai de santo", also known as Babalorixá or Babaloxá, who is a "religious priest" in Afro-Brazilian religions, such as *Candomblé* and *Umbanda*. He is a male spiritual leader who occupies a position of authority, being responsible for conducting rituals and offering advice to his followers. (T.N.)

[2] Umbanda is a Brazilian religion of African origin that was institutionalized in the early 20th century in Rio de Janeiro, combining elements of Spiritism, Catholicism and indigenous peoples, with a focus on charity and harmony between the physical and spiritual planes. Umbanda is a system of beliefs that seeks spiritual evolution and individual and collective well-being. (T.N.)

[...] José Carlos said: "Don't be sad mommy! Our Lady of Aparecida[3] will have pity on you, ma'am. When I grow up I'll buy you a brick house, ma'am."

[3] Our Lady of Aparecida, in Brazil Nossa Senhora Aparecida, is the title given to the Virgin Mary as the patron saint of Brazil. According to Catholic tradition, her statue was miraculously found by fishermen in the Paraíba River in 1717. The devotion to Our Lady of Aparecida grew over the centuries, and she became a powerful symbol of faith, protection, and national identity, especially among marginalized communities. (T.N.)

D. Maria was an evangelical[4] and used to say that evangelicals are already in heaven before they die. The burial is at 3 p.m.. The evangelicals are singing a hymn. The voices are in tune.

[4] The term "crente" was translated as "evangelical." In Brazilian Portuguese, "crente" colloquially refers not to "believers" in general, but specifically to members of Protestant and Pentecostal churches. The English equivalent "evangelical" was therefore chosen to convey this cultural and religious nuance, as well as the social connotations the term carries in the Brazilian context. (T.N.)

16. Some passages include poetic language and rhyme. Were these elements clear to you as a reader in the poem below?

I hear people's speech

Adhemar is a wealth civilian

He has no right to enrich

Who is national, who is Brazilian?

17. What do you understand by "Grand Central Station" in this context:

The men jumped over the fence to stop him from hitting the poor woman. They opened the front door and the women and children rushed in. Alexandre came out in a rage and said:

"Get out, folks! You think this place is like Grand Central Station?"

18. What differences, if any, did you perceive between the terms *Black* and *Negro* as they appear in the text? What meanings or connotations do these words evoke for you?

He said good night to me. I said to him:

"I was swearing at you. Did you hear?"

"I didn't hear."

"I was telling my children that I wanted to be black."

"And you're not black?"

"I am. But I wished I was one of those scandalous Negroes women to hit you and tear your clothes."

19. Here we have a long quote. How do you feel about the style, clarity, and flow of the text?

May 18th ...In the *favela* everything goes around in a minute. And the news has already gone around that D. Maria José passed away. Several people came to see her. The Vincentian who took care of her came. He came to visit her every Sunday. He isn't disgusted by *favelados*. He takes care of the miserable *favelados* with affection. This was the responsibility of the so-called Social Service.

...The coffin has arrived. Color purple. Color of the bitterness that surrounds the hearts of the *favelados*.

D. Maria was an evangelical and used to say that evangelicals are already in heaven before they die. The burial is at 3 p.m.. The evangelicals are singing a hymn. The voices are in tune. I have the impression that angels are singing. I don't see anyone drunk. Maybe it's out of respect for the extinct. But I doubt it. I think it's because they don't have money.

The car arrived to conduct D. Maria José's lifeless body to the house she truly owns, which is her grave. D. Maria José was a good woman. They say the living should forgive the dead. Because we all have our moments of weakness. The hearse arrived. They're waiting for the time to leave for the burial.

[...]

...I was ecstatically contemplating the indigo sky. And I comprehended that I love my Brazil. My gaze landed on the grove at the beginning of Pedro Vicente Street. The leaves were moving. I thought: they're applauding my gesture of love for my homeland. (...) I pushed the cart and went to get more papers. Vera was smiling. And I thought of Casemiro de Abreu^[1], who said: "Laugh, child. Life is beautiful". Maybe life was good at that time. Because now is the appropriate time to say: "Cry, child. Life is bitter".

[1] Casimiro de Abreu (1839–1860) was a Brazilian poet of the Romantismo period, known for his work marked by nostalgia, nationalism and idealization of childhood. He died young, at the age of 21, of tuberculosis. (T.N.)

...I've been so concerned that I haven't contemplated the city gardens yet. It's the season of white flowers, it's the predominant color. It's the month of Mary and the altars must be adorned with white flowers. We must thank God, or Nature, who has given us the stars to adorn the sky, and the flowers to adorn the meadows and the wetlands and the woods.

[...]

Yesterday I ate the noodles from the trash, afraid I might die, because back in 1953 I used to sell iron at Zinho. There was a cute Black boy. He used to sell iron at Zinho. He was young and said that it was the old people who should pick up paper. One day I was going to sell iron when I stopped on Bom Jardim Avenue. At the Dump, as the place is called. The garbage men had thrown meat in the trash. And he was choosing some pieces: He said to me: "Take it, Carolina. It's still good to eat."

He gave me a few pieces. I accepted so as not to hurt his feelings. I tried to convince him not to eat that meat. For him to eat the hard bread that had been chewed by the rats. He told me no. That he hadn't eaten for two days. He lit the fire and roasted the meat. He was so hungry that he couldn't let the meat roast. He heated it up and ate it. In order to avoid witnessing that scene, I left thinking: pretend I didn't witness this scene. This can't be real in a fertile country like mine. I revolted against the so-called Social Service that claims to have been created to readjust the maladjusted, but takes no notice of the unfortunate existence of the marginalized. I sold iron at Zinho and went back to São Paulo's backyard, the *favela*.

The next day they found the black boy dead. His toes had opened. The space was twenty centimeters. He grew as if he were made of rubber. His toes looked like a fan. He had no documents. He was buried like a John Doe. No one tried to find out his name. The marginalized have no name.

... Every four years, new politicians take office and they don't solve hunger, which has its headquarters in the *favelas* and branches in the workers' homes.

... When I went to get water I saw an unfortunate woman lying near the tap because she went to bed without having dinner yesterday. She's malnourished. The doctors we have in politics know this.

[...]

... The sky is beautiful, worthy of contemplation because the clouds wander and form stunning landscapes. The gentle breezes drift by, carrying the fragrance of flowers. And our brightest star, ever punctual, to rise and retreat. The birds roam the space showing contentment. At night the twinkling stars emerge to adorn the blue sky.

There are many beautiful things in the world that cannot be described. Only one thing makes us sad: the prices when we go shopping. It overshadows all the beauty that exists.

20. Do you have any overall impressions or suggestions regarding the translation as a whole? Your feedback is optional but very welcome.
-

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários